

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**

CÁSSIA SCHEINBEIN

**LÍNGUAS EM EXTINÇÃO:
O HAKITIA EM BELÉM DO PARÁ**

BELO HORIZONTE

2006

CÁSSIA SCHEINBEIN

**LÍNGUAS EM EXTINÇÃO
O HAKITIA EM BELÉM DO PARÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de Concentração: Linha B – Estudo da Variação e Mudança Lingüística.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen

**BELO HORIZONTE
2006**

Dissertação intitulada “Línguas em extinção: o hakitia em Belém do Pará”, de autoria da
mestranda Cássia Scheinbein, aprovada em _____ pela banca examinadora
constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Maria Antonieta A. M. Cohen – FALE/UFMG - Orientadora

Dedico esta dissertação a meu pai Moisés, que
partiu no ano passado.

AGRADECIMENTOS

Para iniciar esta parte, devo agradecer ao Prof. Dr. Carlos Gohn que foi o meu primeiro contacto na área de Letras. Ele me apresentou à minha futura orientadora e a partir daí tudo começou. De uma prova de inglês, e conversas sobre línguas, especialmente o hebraico, surgiu a semente do que eu apresento neste trabalho.

Agradecimento maior fica para a minha orientadora Profa. Dra. Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen ou Tilah, que me acompanhou desde o início de carreira acadêmica até o presente momento, me introduzindo num tema fascinante, sempre me orientando, apoiando, estimulando, e se colocando à disposição para aquilo que fosse necessário. À parte da questão profissional, não devemos nos esquecer dos momentos de trocas de conversas descompromissadas e agradáveis durante o processo formal.

Aos meus pais, agradeço por me darem a oportunidade de fazer tudo aquilo que sempre quis, sem objeções. Com certeza, eles sabiam que eu estava no caminho certo. Estudar nunca é demais e amplia os horizontes.

No que se refere a Belém, devo agradecer à Rivka Katri, de Belo Horizonte, que me encaminhou à sua irmã Sara e seu esposo, que por sua vez me introduziram na comunidade sefardita local.

Agradeço aos meus informantes: Moisés, Bonina, Bendayan, Messody, Beliza, Thyago, Inácio, e aqueles que me deram informações e material sobre o hakitia. Obrigada ao Paulo de Oliveira, de Belém, que me deu informações prévias sobre a comunidade.

Agradeço aos que me receberam de braços abertos em seus lares e instituições, em Belém, uma comunidade receptiva e acolhedora.

Obrigada aos professores do curso e a todos que direta ou indiretamente tiveram alguma participação na minha formação.

Obrigada à CAPES, pela concessão da bolsa de estudos durante o segundo ano da pesquisa.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo descrever o processo de extinção do hakitia, uma língua românica e judaica, na comunidade sefardita de Belém do Pará, Brasil. A pesquisa visou identificar em que estágio de extinção essa língua se encontra, quais de seus elementos ainda resistem, e assim compreender o que acontece com uma língua minoritária, em fase de restrição de uso frente ao português brasileiro.

Faz-se uma contextualização histórica do hakitia, voltando-se a sua origem na Espanha, com a expulsão dos judeus em 1492, e suas várias rotas de exílio, dentre elas, o Marrocos no norte da África, e, a partir daí até a Amazônia.

A pesquisa tem como base metodológica pressupostos gerais da sociolinguística laboviana; no que se refere ao contato lingüístico apóia-se em Thomason & Kaufman (1991). Os dados trabalhados são fornecidos por um *corpus* constituído para esta pesquisa, que compreende a transcrição de sete entrevistas com informantes de três faixas etárias de ambos os gêneros, da cidade de Belém.

O trabalho mostra que o que ainda resiste do hakitia em Belém do Pará insere-se na estruturação das sentenças portuguesas. Foram classificados elementos lingüísticos, dentro do sistema verbal e nominal e também extra-lingüísticos, como o uso do hakitia como fator de identidade e língua de ocultação, dentre outros. As frases comuns e os provérbios são também registrados, mas relativamente poucos se comparados aos arrolados na literatura.

Palavras-chave: hakitia, sefardita, contato lingüístico, extinção, Belém do Pará.

ABSTRACT

The main goal of this work is to describe how the process of extinction of Hakitia, as a Jewish and Romance language, is taking place in the Sephardic community of Belém in the state of Pará, Brazil. The research aimed to identify what is the stage of extinction in which the language finds itself, which of its elements still resist, and also to understand what happens to a minority language in restriction of use in face of Brazilian Portuguese.

A historical contextualization that goes back to the 15th Century expulsion of Jews from Spain in 1492 is made. The expelled Jews followed various routes of exile, including Morocco, in the north of Africa, from where the Brazilian Amazon was reached.

The research is based on the general Labovian sociolinguistics methodological presuppositions and those present in Thomason & Kaufman (1991), as far as linguistic contact is concerned. The data are extracted from a corpus built up for the present research, which consists of seven interviews with informants of three age groups from both genders in Belém.

The present work shows that what still resists in Hakitia is embedded into Portuguese sentences, that is, in the verbal system, in noun phrases or in other linguistic features, as well as in extra-linguistic factors, such as speaker's attitude towards the language, among others. Some expressions and proverbs still resist, in certain measure, but less than is usually registered in the specialized literature.

Key words: Hakitia, Sephardi, linguistic contact, extinction, Belém of Pará.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Mudança de língua induzida pelo contato.....	63
Quadro 2: Verbos utilizados em hakitia.....	118
Quadro 3: Lista dos adjetivos.....	124
Quadro 4: Lista dos substantivos.....	124

LISTA DE MAPAS

MAPA 1: Judeus na Península Ibérica, séculos XIII a XV.....	28
MAPA 2: Espanha em 1492.....	30
MAPA 3: Movimentação demográfica, séculos XIII a XVI.....	32
MAPA 4: Comunidades judaicas no Marrocos.....	37
MAPA 5: Rede escolar da Aliança Israelita Universal, 1862-1910.....	42
MAPA 6: Mapa do Estado do Pará.....	55
MAPA 7: Mapa do Estado do Amazonas.....	56
MAPA 8: Línguas e dialetos da Península Ibérica.....	76

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Faixa 1 (15 a 39 anos).....	84
TABELA 2: Faixa 2 (40 a 60 anos).....	85
TABELA 3: Faixa 3 (maiores de 61 anos).....	85
TABELA 4: Língua de ocultação.....	93
TABELA 5: Como o hakitia é considerado pelos informantes.....	96
TABELA 6: O hakitia como fator de identidade.....	100
TABELA 7: Atitude positiva em relação ao hakitia.....	102
TABELA 8: Uso do hakitia com pessoas de fora da comunidade judaica.....	105
TABELA 9: Mescla do hakitia com o português e / ou espanhol.....	107
TABELA 10: Utilização de eufemismos.....	111
TABELA 11: Conhecimento da modalidade escrita.....	113

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

adj. - adjetivo

adv. – advérbio

A.I.T. - Aliança Israelita Universal

ch. - sentido chulo

dim. - diminutivo

exp. - expressão

heb. - hebraico

I - informante

I S - informante S

ints.- intensificador

interj. - interjeição

P - pesquisador

pj. - sentido pejorativo

pl.- plural

pr. indef. – pronome indefinido

ps. - pessoa

RASHI - rabino Salomão Yitzchaki

rcs.- reconstituído (*)

s.f. - substantivo feminino

s.g - singular

s.m. - substantivo masculino

v. - verbo

V - verdadeiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1 – APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA	19
1.1 O hakitia – uma língua em extinção.....	25
CAPÍTULO 2 – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	28
2.1 Os judeus na Espanha.....	28
2.2 Os judeus no Marrocos.....	37
2.3 O êxodo judeu-marroquino.....	39
2.4 A presença judaica na Amazônia.....	43
2.4.1 Antecedentes históricos no Brasil.....	43
2.4.2 As correntes migratórias.....	44
2.4.3 As gerações de judeus na Amazônia.....	48
a) Primeira geração – os pioneiros.....	49
b) Segunda geração – o <i>boom</i> do ciclo da borracha (1850 a 1910).....	50
c) Terceira geração – o êxodo do interior para Belém e Manaus.....	51
d) Quarta geração – época dos doutores e profissionais.....	52
2.5 A Amazônia: o Estado do Pará.....	54
2.5.1 Belém.....	57
CAPÍTULO 3 – PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	61
3.1 Teorias relevantes.....	61
3.1.1 Considerações sobre diglossia, bilingüismo, bilingüidade.....	69
3.1.2 Línguas judaicas.....	72

3.2 A hipótese da existência de uma língua judaica na Hispânia Medieval.....	75
3.3 Metodologia da coleta de dados.....	82
3.3.1 Considerações gerais.....	82
3.3.2 Seleção dos informantes.....	84
3.3.3 Lista dos informantes.....	86
3.3.4 Entrevistas.....	87
3.3.5 Transcrição das gravações.....	88
3.3.5.1 Critérios de transcrição.....	89
3.3.6 Transliteração do hakitia.....	90
3.3.6.1 Critérios de transliteração.....	90
CAPÍTULO 4 – DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	92
4.1 Fatores extralingüísticos.....	92
4.1.1 Língua de ocultação.....	92
4.1.2 Perspectiva dos informantes.....	96
4.1.3 Fator de identidade.....	99
4.1.4 Atitude lingüística.....	102
4.1.5 Uso do hakitia com outras pessoas.....	105
4.2. Fatores lingüísticos.....	106
4.2.1 Mescla do hakitia com português e/ou espanhol.....	107
4.2.2 Uso expressivo da língua.....	109
4.2.2.1 Maldições/benções.....	110
4.2.2.2 Xingamentos.....	110
4.2.2.3 Eufemismos.....	111
4.2.3 Modalidade escrita.....	112

4.2.4 Sistema verbal.....	117
4.2.5 Sistema nominal.....	123
4.2.5.1 Sobrenomes.....	123
4.2.5.2 Adjetivos e substantivos.....	124
4.2.6 Hebraísmos.....	125
4.2.6.1 Palavras.....	125
4.2.6.2 Termos compostos de duas palavras.....	125
4.2.6.3 Verbos.....	125
4.2.7 Adaptações fônicas/morfológicas resultantes do contato.....	126
CAPÍTULO 5 – CONCLUSÃO.....	128
REFERÊNCIAS.....	134
 ANEXOS	
ANEXO 1 – Glossário de hakitia.....	140
ANEXO 2 – Provérbios e Frases comuns.....	146
ANEXO 3 – Roteiro para entrevistas.....	149
ANEXO 4 - Transcrição das sete entrevistas.....	153
ANEXO 5 – Documentação complementar.....	332
• Cópia de carta em hakitia.....	332
Primeira versão – ortográfica.....	332
Segunda versão - transcrição.....	333
• Final da segunda versão e exemplos de conversações.....	334
• Tradução de uma canção em aramaico da festa de <i>Pessach</i>	335

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo descrever como está se processando a extinção do hakitia, judeu-espanhol ocidental ou variante marroquina do judeu-espanhol, na comunidade judaica de Belém do Pará, onde ainda há remanescentes dessa língua. A pesquisa visou identificar em que estágio de extinção essa língua se encontra, quais de seus elementos ainda resistem, e compreender o que acontece com uma língua minoritária, em fase de restrição de uso de mais baixo prestígio frente a uma língua dominante – o português brasileiro.

Como hipótese desta dissertação, considerou-se que os elementos que resistem à extinção numa língua são os xingamentos, as expressões ou refrões, as palavras de cunho afetivo, utilizadas em situações informais, corriqueiras, em família ou entre amigos e também usados como língua de ocultação.

O trabalho envolveu uma pesquisa de campo na cidade de Belém, pelo motivo desta cidade possuir um número representativo de judeus sefarditas. Além de entrevistas com representantes das 3 faixas de idade selecionadas, de ambos os sexos, houve a participação da pesquisadora nos eventos da comunidade.

A dissertação será estruturada em 5 capítulos.

O capítulo 1 constará da apresentação do problema. O hakitia ou judeu-espanhol ocidental é apresentado como a língua dos judeus sefarditas que vieram do Marrocos para o norte do Brasil, mais especificamente para Belém do Pará. Neste capítulo, o judeu-espanhol, língua românica e judaica que nasce com a diáspora daqueles judeus expulsos da Hispânia Medieval pelos reis católicos Fernando e Isabel em 1492, será descrito em suas modalidades:

oral e escrita. Por sua vez, a modalidade oral divide-se em ocidental, objeto desta dissertação, e em oriental. Serão apresentadas as diferentes denominações da língua, característica esta de línguas em vias de extinção, que não pertencem a um território definido. Há uma apresentação de vários autores e os temas específicos do judeu-espanhol por eles tratados: gramática, provérbios, poesias, história, línguas não territorializadas, ladino e o hakitia propriamente, na comunidade de Belo Horizonte. A questão da rehispanização será também abordada. O capítulo trará ainda uma subseção: o hakitia - uma língua em extinção, composta de definições de autores como Labov, Graur, Martinet, Edwards, Terracini, Meillet, sobre a morte ou extinção de língua.

O capítulo 2 será dividido em cinco subseções: a primeira apresentará a contextualização histórica dos judeus na Espanha, bem como do surgimento do judeu-espanhol e a sua expansão para vários países. Posteriormente, na segunda subseção, será dada uma descrição da vida dos judeus no Marrocos, onde houve o encontro dos judeus expulsos da Espanha com os judeus autóctones. Os mapas apresentados contribuirão para a visualização dos lugares onde viveram e se dirigiram os judeus espanhóis. Dando continuidade à história, haverá a 3ª subseção que tratará do êxodo judeu-marroquino até chegar na 4ª subseção, ou seja, na presença judaica na Amazônia, que virá precedida dos antecedentes históricos no Brasil, necessários para apresentar o contexto da época. Uma instituição de relevante importância será mencionada neste capítulo, já que ela contribuiu muito na educação dos judeus, e especialmente as escolas de Tânger e Tetuan que ajudaram na preparação dos futuros líderes judeus da Amazônia. A presença judaica na Amazônia terá como itens: as cinco correntes migratórias de judeus para a Amazônia, a partir de 1810; as gerações de judeus na Amazônia, em que são apresentadas a primeira, a dos pioneiros; a segunda em pleno “boom” do ciclo da borracha; a terceira caracterizada pelo êxodo do interior para Belém e Manaus, e a quarta, caracterizada pela época dos doutores e

profissionais; a Amazônia: o Estado do Pará, onde serão fornecidas informações pertinentes a este estado e a sua capital Belém, cidade enfocada neste trabalho. Além das informações básicas, serão descritas as entidades judaicas presentes na cidade, os dois grupos de judeus: os ashkenazitas e os sefarditas, estes representando a maioria. Para finalizar, haverá uma visão pessoal da pesquisadora com relação à comunidade.

O capítulo 3 será constituído dos pressupostos teórico-metodológicos. Estes pressupostos adotados serão baseados em Labov, no que se refere à pesquisa sociolingüística e em Thomason & Kaufman, no contato lingüístico, já que o hakitia em Belém do Pará é um produto do contato da língua com o português brasileiro. Para tratar da mudança de língua induzida pelo contato, será feita uma revisão dos conceitos diglossia, bilingüismo, bilingüidade, pois estes variam conforme o autor. Uma subseção será direcionada para as línguas judaicas, e em especial para a discussão das duas possibilidades para o hakitia: a existência dessa língua judaica na Hispânia Medieval ou uma criação pós-expulsão dos judeus da Espanha. Na metodologia da coleta de dados, serão explicitados os critérios para a seleção dos informantes, a realização das entrevistas, assim como aqueles relacionados à transcrição e à transliteração do hakitia.

O capítulo 4 será dedicado à descrição e discussão dos dados. Nele serão abordados os fatores extralingüísticos e os lingüísticos. Os extralingüísticos serão constituídos dos seguintes temas: língua de ocultação, visão dos informantes, fator de identidade, atitude lingüística, uso do hakitia com outras pessoas. Os lingüísticos abordarão: a mescla do hakitia com português e/ou espanhol, os eufemismos, a modalidade escrita, os sistemas verbal e nominal, os sobrenomes, os adjetivos e substantivos, os hebraísmos e as adaptações fônicas/morfológicas.

O capítulo 5 apresentará as conclusões obtidas através desta pesquisa.

Em seguida, virão as referências bibliográficas.

A parte dedicada aos anexos constará do anexo 1, um glossário de hakitia elaborado a partir do material coletado para esta dissertação. Similarmente, o anexo 2 será constituído de provérbios e frases comuns recolhidas da fala dos informantes do presente trabalho. O anexo 3 será o roteiro para entrevistas. O anexo 4 será composto da transcrição das gravações das sete entrevistas realizadas em Belém do Pará. O anexo 5 será constituído da documentação complementar. Esse anexo constará da cópia de uma carta em hakitia em duas versões: a primeira – ortográfica e a segunda – transcrição, de exemplos de conversações e da tradução de uma canção em aramaico da festa de *Pessach*.

CAPÍTULO 1

APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

A presente dissertação ocupa-se dos remanescentes do hakitia ou judeu-espanhol ocidental - língua dos judeus sefarditas que vieram do Marrocos, para o norte do Brasil, mais especificamente para Belém do Pará.

O judeu-espanhol é uma língua românica e judaica, que nasce do espanhol com a diáspora dos judeus da Hispânia Medieval. É a língua desses judeus expulsos pelos reis católicos Fernando e Isabel em 1492. Essa língua é também denominada: judezmo, djudezmo, djidy (jidiyo), djudy (judiyo), espanyol, spanyol, espanyolit, judeo-espanyol, judeu-espanhol, ladino, e outros.

O judeu-espanhol apresenta duas modalidades: oral e escrita. A modalidade oral apresenta dois grupos: a variante oriental, falada pelos judeus que seguiram exílio para Portugal, Holanda, França, Inglaterra, Alemanha, Império Otomano, que atualmente compreende países como: Grécia, Turquia, Iugoslávia, Bulgária, Romênia, Israel, e a variante ocidental - o hakitia, dos judeus marroquinos. A modalidade escrita é o ladino.

A questão do nome ladino é dupla:

a) dentre os estudiosos do judeu-espanhol há os que, como Séphiha (1982), distinguem o ladino ou judeu-espanhol calco como a língua escrita religiosa, utilizada pelos judeus da Espanha medieval, na tradução palavra-por-palavra dos textos religiosos, do hebraico para o espanhol. Por ser uma língua de tradução, o autor enfatiza que o ladino não deve ser confundido com o judeu-espanhol oral, que recebe todas as denominações apresentadas acima.

b) há também os romanistas que denominam ladino a um dialeto do reto-românico, como os lingüistas italianos: Renzi e Tagliavini, por exemplo. Há os romanistas que designam ladino ao judeu-espanhol, sem fazer distinção entre a língua calca e o judeu-espanhol propriamente.

Dentre as modalidades de judeu-espanhol existentes, a que será objeto da presente dissertação é a variante marroquina, acima mencionada – o hakitia, cujos remanescentes são ainda existentes em algumas comunidades sefarditas espalhadas pelo mundo. No Brasil, há remanescentes dessa língua nos estados do Amazonas, Pará, Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo. A comunidade que nos interessa mais de perto é a de Belém do Pará, que apresenta número expressivo de sefarditas, no Brasil.

Bendelac (1995), em seu Dicionário do Judeu-espanhol dos Sefarditas do Norte do Marrocos¹, constata a coexistência “anárquica” de várias denominações para esta língua: “o hakitia”, “a hakitía”, “a hakitiya”, “a haketiya”, “a haketía”, “a jaketía”, “a jaquetía” e “a haquetía”, assim como o há para a denominação geral do judeu-espanhol. O nome a ser adotado nesta pesquisa será - o hakitia.²

O uso de tantas denominações nos chama a atenção, pois essa mesma situação ocorre para línguas que estão em vias de extinção e que não pertencem a um território definido. O judeu-espanhol oriental e a língua dos ciganos são exemplos de línguas que sofrem este mesmo processo, com uma enorme variedade de nomes.

Segundo Bentes (1981, p.68), “a hakitia é reconhecida pela Real Academia de Letras da Espanha como um dialeto judeu-hispano-marroquino, integrado por vocábulos hebreus, espanhóis e árabes, tendo umas poucas palavras em ladino, aramaico e caldeu”.

¹ Retirado do site <http://www.sefarad.org/publication/lm/057/html/page9.html> La Haquetia.

² Hakitia ora é mencionado no feminino ora no masculino, dependendo do autor. Adota-se como masculino nesta dissertação – o hakitia, da mesma maneira como se trata o espanhol, o francês, o hebraico, etc.

O autor (op. cit., p.71) atribui duas origens à etimologia da palavra hakitia. A primeira sugere que “Hakitía viria de Hakito, abreviatura de Izhakito, diminutivo de Izhak, muito usado pelos judeus de origem espanhola, e significaria: - idioma dos Haquitos, fazendo-se desta palavra uma espécie de apelativo comum a todos aqueles judeus”. Bentes considera esta etimologia cômoda e pueril, para ser aceita como evidente.

A segunda, mais aceita por BENTES (op. cit., p.71) sugere que:

A palavra hakitia poderia ter sido formada de raiz árabe e terminação castelhana; o que é tanto mais provável quanto que na mesma Hakitía figura não raras vezes a voz Hekaia ou Hekaiata e o plural Hekaiat com a significação do dito agudo, ocorrência feliz, ação ou pilhéria digna de chamar a atenção; e derivada do verbo Haka, conversar, falar, dizer, narrar; cujo passivo, como se sabe, é palavra consagrada no princípio de qualquer narrativa.

Em 1919, Manuel Ortega (*apud* BENHARROCH B., 2004) menciona a palavra “haquetía” em “Los hebreos de Marruecos”. O termo haquetía se consagrou com a obra de José Benoliel - “Dialecto judeo-hispano-marroquí o haquetía”, publicado no boletim da Real Academia de Língua Espanhola entre 1926 e 1952.

A língua dos sefarditas falada no Marrocos – o hakitia, é um exemplo de situação lingüística resultante do contato dos falantes de dialetos da Espanha medieval com o árabe do norte da África e o hebraico. É uma língua minoritária, socialmente estigmatizada, com número pouco expressivo de falantes, de certa forma não territorializada, por não ser língua oficial de nenhum país, seus usuários emigraram, não tem normatização, não teve literatura e textos escritos, embora contos e estórias tenham sido compilados e publicados em outras línguas.

O hakitia é considerado pela maioria dos estudiosos como uma língua oral, falada no recesso dos lares, na intimidade das conversações, nos mercados, nos pátios das sinagogas. Segundo esses, era usado na fala diária, servia para discutir, ofender, arrepender-se, ou seja, os contextos de uso em que se manifesta uma forte carga afetiva, são realçados pelos autores. Esta língua ágrafa do norte da África, divide-se em dois subdialetos: o subdialeto de Tânger e

arredores e o subdialeto de Tetuan e arredores. É uma língua muito rica em expressões que variam da mais irônica, cômica à mais exaltadamente religiosa, dos conjuros às maldições. É rica de refrões, ditos jocosos, de provérbios que falam de abandono, de ingratidão, de vinganças, mortes, de maldição. Por outro lado, está presente nas canções, nos romances. A língua é muito usada em momentos de forte carga emocional, como nas situações de xingamentos, na expressão de sentimentos variados sejam positivos ou negativos.

Há pouco material escrito em hakitia. Benoliel (1977), Bentes (*op.cit.*) e Sabbá Guimarães (1998) descrevem a sua gramática. O hakitia e o seu mecanismo gramatical têm a sua origem no castelhano.

Como todas as línguas faladas, a sobrevivência do hakitia depende da fidelidade de seus falantes e da sobrevivência das comunidades que o criaram e o usaram. Ocorreu uma rehispanização massiva do hakitia, a partir das últimas décadas do século XIX e por volta do século XX, com a ocupação de partes do Marrocos pela Espanha. Estas comunidades foram expostas a um contato mais intenso com a Espanha e à influência do espanhol peninsular moderno. Para Bendelac, o idioma chegou a assemelhar-se ao espanhol, em sua forma exterior e em seus sons, até chegar ao ponto de seus falantes perderem a consciência de falar um idioma diferente. Estes por sua vez, viviam com a convicção de que falavam espanhol, sem se darem conta de tudo o que ficava do hakitia em sua fala natural. A quantidade variava conforme os indivíduos, seu ambiente social e seu nível de educação. Um fator importante para o enfraquecimento do hakitia foi o uso do francês, com a criação das escolas da Aliança Israelita Universal por todo o Marrocos, com a primeira aberta em Tetuan em 1862. Com a disseminação das escolas francesas, o francês passa a exercer uma influência marcante sobre a língua oral e principalmente escrita, em periódicos e livros.

A rehispanização e o abandono progressivo do hakitia não aconteceu ao mesmo tempo em todas as comunidades, nem no mesmo ritmo. Os povoados mais isolados da

penetração européia conservaram-no melhor e por mais tempo. Em uma mesma comunidade, a modificação do uso lingüístico se fez segundo a geração, a situação socioeconômica e o nível de instrução de seus membros. As gerações mais recentes e as camadas sociais mais abastadas ou instruídas abandonaram o hakitia mais rapidamente, assim como o árabe, quando seus filhos educavam-se em escolas francesas, espanholas, italianas, alemãs.

A dispersão da população judaica marroquina pelo mundo nos anos 50/60 fez com que as famílias se separassem e as comunidades se fragmentassem, desaparecendo assim o terreno cultural e o modo de vida que eram a fonte de que se alimentava a língua.

Aflalo (1999) apresenta o hakitia como uma língua que é uma mescla de espanhol, castelhano antigo e andaluz, de árabe e hebraico, salpicada de algumas palavras inglesas e portuguesas devidamente adaptadas. Segundo a autora, “o Haketía era e é a única forma possível de expressar determinados sentimentos, estados de ânimo que não encontrou em outras culturas”.

O judeu-espanhol marroquino foi escolhido como tema desta dissertação, por ser uma língua em extinção, que tem pouca divulgação nos meios acadêmicos e oferece a possibilidade de ricos conhecimentos. Os centros que dedicam-se ao seu estudo são: Nova York, Los Angeles, Israel, Turquia, França, Bélgica, Espanha e Brasil.

No Brasil, existem alguns estudos. Há o trabalho de Bentes (1981) que descreve detalhadamente o hakitia e sua gramática. Um dos trabalhos existentes sobre o judeu-espanhol, a tese de Sabbá Guimarães (*op.cit.*), pioneiro no meio acadêmico, trata do judeu-espanhol em geral. Também ressalta a importância do hakitia, fornecendo informações relevantes e descrevendo sua gramática, baseada em Benoliel (1977).

Scliar-Cabral (1991) trabalhou com a “Tradução poética do ladino”. Guimarães (1997) pesquisou “A importância dos provérbios no judeu-espanhol”. O trabalho de Cohen, Menache, Guimarães (1998) baseou-se nos remanescentes do judeu-espanhol na comunidade

de Belo Horizonte, onde procurou-se conhecer a vitalidade dessa língua entre 18 informantes. Não houve distinção entre aqueles informantes que comprovadamente são descendentes dos antigos judeus expulsos da Espanha dos que se consideram “sefarditas” pelos costumes e práticas rituais. Guimarães (2000) trabalhou com “Reanálise de estruturas locativas no Judeu-espanhol oriental” em sua dissertação. Cohen (2002) tratou da “Reanálise do –s final e o ‘drift’ românico: o caso do ladino”. Duchowny (2003) fez um percurso histórico do judeu-espanhol, descrevendo a história da língua dos judeus espanhóis antes de 1492 até o século XX. Cohen (2003) trabalhou com as línguas não territorializadas: o haketía, o judeu-espanhol oriental e a língua dos “calons”. A autora apresentou os aspectos da interação de algumas línguas minoritárias com o português no espaço geográfico de Minas Gerais. Em Scheinbein (2003), trabalhou-se com “Mudança lingüística na família românica: dados do judeu-espanhol calco ou ladino”. A pesquisa visou à coleta de dados do ladino, a língua das traduções literais do hebraico para o espanhol antigo, com vistas à comparação estrutural das duas línguas hebraico/ladino e a posterior identificação de fenômenos de mudança lingüística que sejam resultado de mescla entre as duas línguas. Os dados foram coletados na Bíblia de Ferrara, redigida em caracteres latinos, editada em 1553, na versão de Lazar (1992). Scheinbein (2003, 2004) trata de língua em extinção: o Hakitia. Esse trabalho enfocou a vertente ocidental do judeu-espanhol, a variante marroquina, na pequena comunidade de sefarditas de Belo Horizonte. Constatou-se que os descendentes dos sefarditas marroquinos não falam essa língua fluentemente, mas apresentam grande interesse pela mesma, seja se informando através de livros específicos ou pela “comunicação” muito restrita, nos seus lares, entre parentes e amigos. Os informantes se utilizam de palavras, expressões e palavrões no cotidiano.

Além dos trabalhos mencionados, Scheinbein (2001), como resultado de pesquisa de iniciação científica realizada na comunidade de descendentes marroquinos judeus em Belo Horizonte, constatou, através de inquéritos sociolingüísticos baseados em Harris (1994) com

modificações, aplicados a seis informantes, que os xingamentos, as expressões e o uso de palavras de cunho afetivo são os elementos que ainda persistem, que, resistem, portanto, à extinção. Considerei esse aspecto relevante para dar continuidade à pesquisa do tema, e para isto, apresento nesta dissertação, uma outra visão, da comunidade de Belém do Pará, onde existem mais descendentes falantes do hakitia. É uma comunidade com maior potencial de informantes, que podem contribuir significativamente para o fornecimento de material e consequente para o conhecimento dessa língua.

1.1 O hakitia – uma língua em extinção

O hakitia está em vias de extinção. A morte de língua, termo mais comumente usado, afeta principalmente as minorias ou línguas étnicas - línguas de pouco prestígio faladas por apenas uma pequena parte da comunidade da população, em oposição à outra língua dominante ou línguas da mesma comunidade ou país.

Na metade do século XIX, havia a idéia da língua ser considerada um organismo natural, que nasce, cresce, se desenvolve, envelhece e morre, segundo determinadas leis cujo controle escapa à vontade humana. No entanto, essa concepção de língua como um organismo vivo não se manteve na historiografia lingüística.

Conforme Graur (*apud* HARRIS, op. cit., p.251):

Nenhuma língua morre bruscamente, exceto em raros exemplos de extinção dos membros da comunidade falante. Não ocorre ao mesmo tempo para todos os falantes. É um processo gradual que dura vários anos. É acompanhado por um longo período de bilingüismo instável, que serve como um estágio intermediário antes da morte ou extinção da língua original.

A morte ou extinção de língua é causada por uma “cadeia de eventos” (DENISON, 1977), onde diferentes combinações de fatores podem ocasionar ou apressar o

processo. Para esse autor, é claro que não são as línguas que vivem e morrem, mas aqueles que as falam. São as comunidades falantes que vivem e morrem. Segundo o autor, “a causa direta da ‘morte de língua’ é vista como social e psicológica: os pais deixam de transmitir a língua para os seus descendentes”.

Para Martinet (*apud* NINYOLES, 1972), as línguas nem vivem nem morrem: são ou não são usadas. O seu futuro depende da vontade dos homens.

Edwards (*apud* HARRIS, *op. cit.*, p.265) assim descreve o processo:

As línguas por si próprias, obviamente seguem ordens não orgânicas, mas seus falantes sim. As línguas não vivem ou morrem. Elas claramente têm uma vida dividida que é dada, não pelas leis da natureza, mas pela sociedade e cultura humana. Se as línguas enfraquecem ou ‘morrem’ é simplesmente por causa das circunstâncias dos seus falantes terem alterado. O cenário mais comum aqui é o que está envolvendo contato de língua e conflito: uma língua suplanta a outra.

Terracini (1951, p.14) tem uma perspectiva diferente para a morte de língua:

Então, morrer uma língua, isso é, mudar uma língua, significa o momento no qual uma forma particular de civilização se retrai mais ou menos violentamente frente a formas novas. Considerada desde este ponto-de-vista, a vida de uma língua tem seus limites, assim como qualquer período de história os tem, embora esses limites são muito moveiços e nada fáceis de captar.

Meillet (*apud* TERRACINI, *op.cit.*, p.15) propõe: “Uma língua morre quando o falante tem o sentimento de havê-la trocado por outra”. Para este autor, esta proposição talvez pareça mais clara se se analisar o caso de morte de uma “língua microscópica” (*sic*), uma agonia mais que uma morte.

Uma língua se extingue de várias maneiras, uma delas quando desaparece por parte dos falantes o interesse de continuar a falá-la, cultivá-la, de passá-la para as novas gerações, pela assimilação³, pela imigração para regiões onde a falta absoluta de contato leva ao esquecimento pelo silêncio, pela falta de oportunidade de praticar a língua etc.

Segundo o sociolinguísta Labov (1994), o estudo da “morte de língua” é uma fonte importante para a compreensão da estrutura da linguagem e da mudança lingüística. O

³A assimilação judaica ocorre quando as pessoas vão se adaptando ao meio onde vivem e vão deixando de praticar ou se identificar com a sua cultura e religião, seja pela falta de vivência judaica, de conhecimento, de respostas as suas dúvidas, por negligência ou por vontade própria.

estudo das línguas em extinção nos conta sobre a estrutura lingüística em geral, ao demonstrar como as línguas se mantêm ou como não conseguem se manter.

No capítulo 2, apresentaremos a contextualização histórica do surgimento do judeu-espanhol e sua expansão para vários países, dentre eles, Portugal e Marrocos, a partir da Espanha. Em seguida, esboçaremos os antecedentes históricos anteriores à chegada dos sefarditas marroquinos na região norte do Brasil, que é o foco desta dissertação. Como parte dessa contextualização histórica, serão abordadas também as outras correntes de imigrantes judeus, as atividades profissionais dos recém chegados sefarditas, até o momento atual, assim como todos os assuntos relevantes a essa próspera cultura do passado.

CAPÍTULO 2

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

2.1 Os judeus na Espanha



MAPA 1 – Judeus na Península Ibérica
 Fonte: Caminhos do Povo Judeu – Berezin & Mezan, 1975:174.

A história dos judeus na Espanha foi marcada por todo tipo de restrições, perseguições, opressões, espólios, expulsões, matanças e conversões forçadas.

Com a assinatura da bula “Exigit sinceræ devotionis affectus” no dia 1º de novembro de 1478, pelo Papa Sisto IV, fundou-se uma nova Inquisição na Espanha.

Conforme Bethencourt (2000, p.17):

Essa bula reproduzia os argumentos régios sobre a difusão das crenças e dos ritos mosaicos entre os judeus convertidos ao cristianismo em Castela e Aragão, atribuía

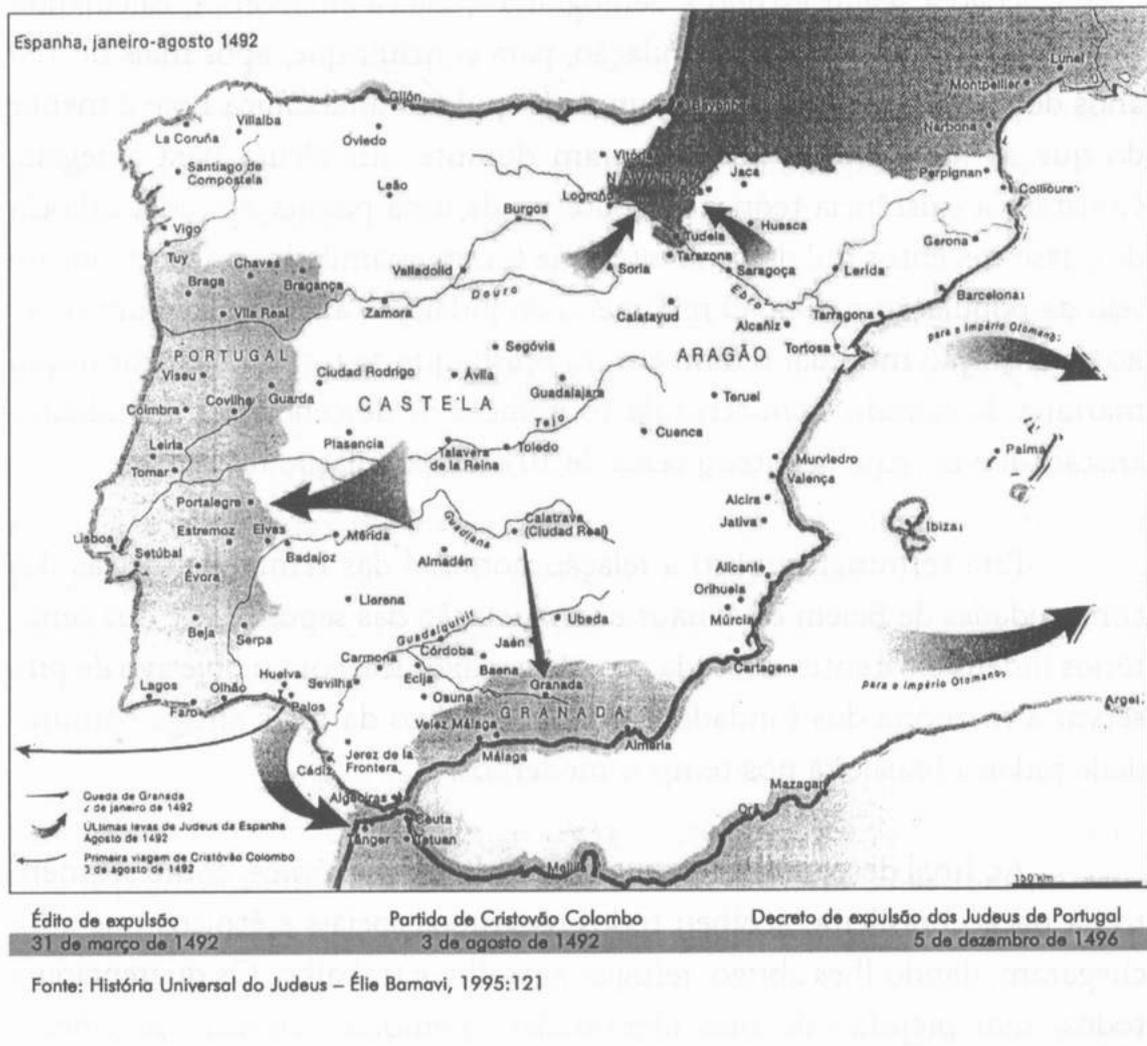
o desenvolvimento dessa heresia à tolerância dos bispos e autorizava os reis a nomear três inquisidores (entre os prelados, religiosos ou clérigos seculares com mais de quarenta anos, bacharéis ou mestres em teologia, licenciados ou doutores em direito canônico) para cada uma das cidades ou dioceses dos reinos.

Até então, a nomeação dos inquisidores estava a cargo do papa. Além de nomear, os reis católicos tinham a permissão de revogar e substituir os inquisidores.

No ano de 1480, o sanguinário Tribunal da Inquisição, o Santo Ofício, começou a exercer as suas funções nos reinos de Castela e Aragão, agora unidos pelo casamento dos reis Fernando e Isabel. Esse Tribunal tinha como função descobrir e punir com torturas e a fogueira os cristão-novos que teimavam em judaizar ocultamente. Estes cristãos-novos foram aqueles judeus obrigados a se converter ao catolicismo, que ocultamente se mantinham na fé judaica. Eram também conhecidos como “marranos” ou “cripto-judeus”. Essa instituição tinha por finalidade identificar e punir os indivíduos que traziam a heresia para dentro da Igreja Católica e contaminavam os seus correligionários. Nesse grupo de indivíduos se enquadravam, além dos judaizantes, os praticantes de feitiçaria, de crimes de natureza sexual (bigamia e sodomia), protestantes (luteranos), os islamitas.

Como nos informa Izecksohn (1967), os reis haviam chegado à convicção de que o motivo pelo qual a maioria dos cristãos-novos espanhóis persistia na prática oculta do judaísmo, ocorria devido ao fato de continuarem a conviver com judeus não convertidos, que se esforçavam em manter acesa a chama da religião antiga em seus ex-irmãos. Os reis e inquisidores acreditavam que, com a expulsão dos judeus, os “conversos” não teriam contato com a fé antiga e assim se integrariam definitivamente na religião católica.

Em 31 de Março de 1492, os judeus habitantes da Península Ibérica que não aceitaram converter-se ao Catolicismo, sob pena de morte e confisco dos bens, foram expulsos da Espanha pelo Rei Fernando e pela Rainha Isabel. O decreto assinado nesta data ordenava a saída dos judeus do reino dentro de quatro meses.



MAPA 2 - Espanha em 1492

A expulsão dos judeus ocorreu no mesmo ano em que Cristóvão Colombo, de possível ascendência judaica, partiu para a descoberta da América, financiada com dinheiro confiscado dos judeus.

Estima-se que entre 100.000 e 175.000 judeus foram forçosamente exilados. Esses exilados, que passaram a ser conhecidos por sefarditas, já que “Sefarad” significa Espanha em hebraico, que tinham o conhecimento dos dialetos hispânicos basicamente do fim do século 15 e do princípio do século 16, seguiram três rotas principais de exílio: (Cf. mapa 3)

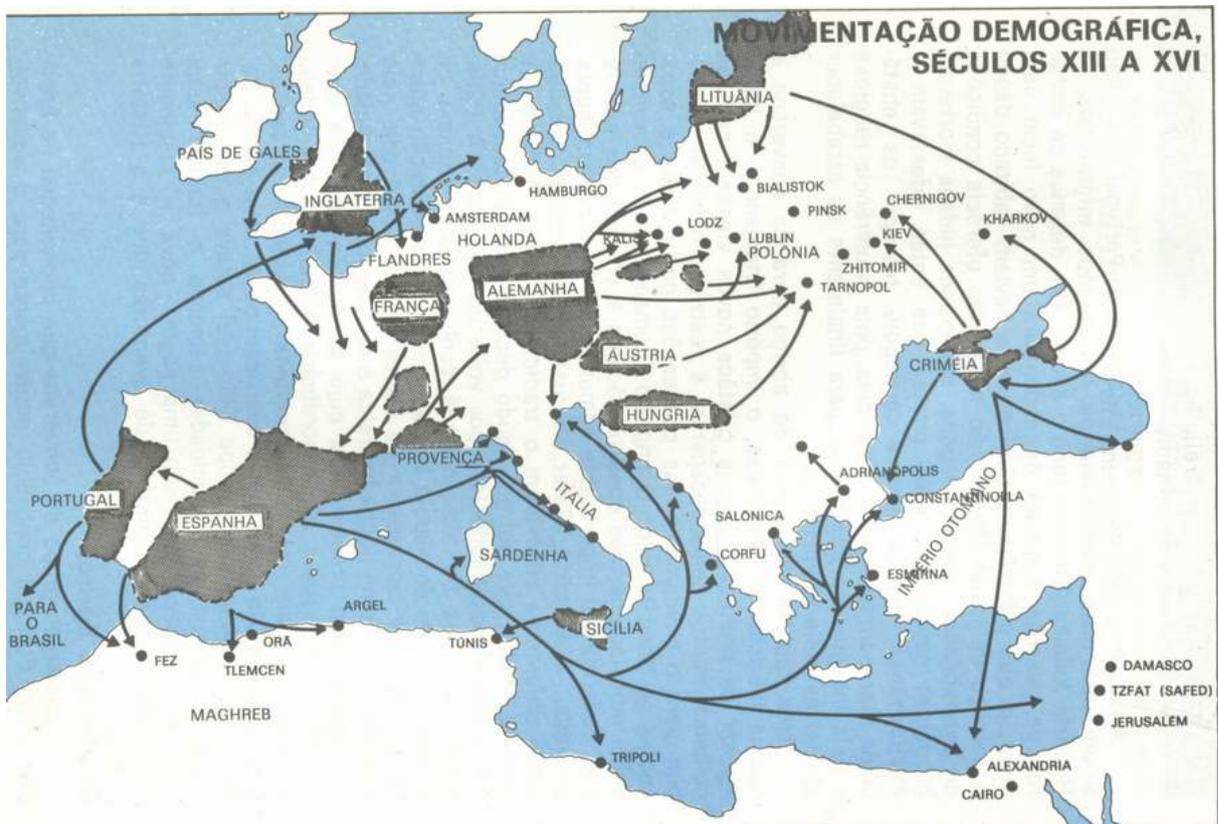
a) A maioria dos judeus expulsos da Espanha em 1492 imigrou para o Império Otomano. A sua história e o desenvolvimento de sua língua é muito diferente dos

sefarditas ocidentais. Estima-se que 125.000 exilados assentaram em várias regiões do Império Otomano. Esses assentamentos eram localizados nas regiões da Península Balcânica que compreende os países atuais: Grécia, Turquia, Iugoslávia, Bulgária, Romênia, e Israel. Esses judeus são conhecidos como sefarditas orientais. As comunidades sefarditas orientais gradualmente perderam todo o contato com a Espanha e Portugal e conseqüentemente não sofreram influências lingüísticas da Península Ibérica, após a expulsão. Assim, o espanhol dos sefarditas orientais nos Balcãs preservou muitas das características do castelhano falado e escrito no fim do século 15 e do início do século 16 na Espanha. Conforme descreve Harris, os judeus do Império Otomano se viram cercados de uma cultura menos avançada que a deles e não sentiram necessidade de aprender as línguas locais. Estes gozavam de alto prestígio especialmente nas áreas de comércio, medicina e artesanato. Muitos judeus não-sefarditas, bem como não-judeus, aprenderam a língua dos sefarditas. Ao mudarem de região para região, os judeus dos Balcãs absorveram palavras locais e expressões, bem como sofreram influências morfológicas e sintáticas em sua fala. Durante os anos, o espanhol desses judeus adquiriu um número considerável de palavras balcânicas emprestadas e elementos estrangeiros, especialmente turco, grego e eslavo, que expressavam novos conceitos e objetos das regiões balcânicas. Elementos italianos e franceses também foram adicionados a sua fala, isto como resultado da introdução das escolas francesa e italiana nos Balcãs, em meados de 1800.

b) Um certo número de judeus expulsos refugiou-se em Portugal, mas ou foram submetidos a um batismo forçado ou foram expulsos de lá em 1497. Com outros judeus portugueses, esse grupo foi principalmente para a Holanda, França,

Inglaterra, Alemanha, e outros países europeus ocidentais. Esses sefarditas ocidentais mantinham contato com a Espanha e Portugal e foram expostos à literatura, às línguas e outras influências da Península Ibérica. Assim, continuaram a falar a língua portuguesa como a desenvolvida em Portugal. Devido ao fato dos países europeus ocidentais terem um alto nível de cultura, os sefarditas ocidentais foram levados a adotar a língua local como o holandês, o francês, o inglês e o alemão.

c) Norte da África, especialmente no norte do Marrocos, construindo consideráveis comunidades sefarditas em cidades como Tânger, Oran, Fez, Tetuan, e Meknes. A língua que se formou aí, o hakitia, mesclou o espanhol com o hebraico e o árabe.



MAPA 3

Fonte: Caminhos do Povo Judeu – Berezin & Mezan, 1975:202.

No fim do século XV, estima-se que a Espanha contava com cinco milhões de habitantes, dentre os quais havia um milhão de judeus e cristãos-novos, a quinta parte.

Conforme Izecksohn (*op.cit.*), como a população de Portugal era igual a um quinto da espanhola, ela se constituía de um milhão de habitantes ou pouco mais, onde aproximadamente duzentos mil eram de religião judaica. Um recenseamento efetuado 50 anos mais tarde por ordem de D. João III, indicou um total de 1.326.000 habitantes, incluindo os mais de duzentos mil judeus espanhóis que entraram no país em 1492.

O autor (*op.cit.*) informa que uma comissão de judeus espanhóis chefiada por Isaac Aboab chegou em Lisboa em abril de 1492, para implorar ao rei D. João II a permissão para que os judeus espanhóis pudessem estabelecer-se em Portugal. D. João II, interessado em aumentar o tesouro real, impôs condições: cada família que pretendesse fixar residência definitiva em Portugal deveria pagar a taxa de cem cruzados de ouro (um cruzado correspondia a uma libra esterlina – *sic*). Aos que não desejassem ou pudessem enfrentar tal exigência, era-lhes concedida uma licença para entrar no país e nele residirem por oito meses, desde que cada chefe de família pagasse a quantia de oito cruzados de ouro por essa autorização temporária. Após esse prazo, os judeus deveriam abandonar o país, em barcos fornecidos pelo monarca, mas esses mesmos assumindo as despesas de viagem. Os judeus que não se submeteram às exigências entraram clandestinamente em Portugal ou foram para outros locais.

Durou pouco o tempo de felicidade espiritual dos exilados judeus. O rei D. João II queria impedir a saída da grande massa de judeus. Um dos motivos era que esses pretendiam dirigir-se ao Marrocos, nação inimiga, cujo poderio iriam aumentar. O rei, não honrando os seus compromissos, forneceu um número ínfimo de navios, que dariam transporte apenas a poucos banidos. Os navios tinham como destino os portos portugueses no norte da África, verdadeiros pontos de degredo, de onde passariam para as terras marroquinas. Os banidos

foram vítimas de abusos por parte da marinhagem grosseira. No desembarque, foram alvos de vexames no meio da soldadesca que lotava os presídios. Mulheres e filhas foram desonradas, os poucos bens, roubados. Tudo isso e as notícias sobre atrocidades praticadas pelos mouros causavam pânico entre os judeus espanhóis que esperavam por navios prometidos pelo rei português.

Os exilados não insistiam em sair de Portugal, mas temiam por não saber os intuitos do rei, que tinha o objetivo de converter os judeus ao cristianismo. Os primeiros visados eram os judeus que tinham sido escravizados por terem entrado ilegalmente no país e aqueles que tinham voltado de Tânger e de Arzilla. Foram obrigados a converter-se, caso contrário, teriam os seus filhos tomados. Isso não representava uma violação do compromisso do rei com os judeus, porque os atingidos estavam fora da lei. Muitos cederam, continuaram com seus filhos e readquiriram a liberdade. Outros sofreram essa agonia, para continuarem no judaísmo.

D. João II faleceu em 1495. O seu primo, D. Manoel – o duque de Beja, assumiu a coroa.

Em três períodos na vida de D. Manoel, o primeiro e o terceiro foram caracterizados por tolerância e compreensão. O segundo, por questão de ambição e política, foi marcado por crueldade e foi decisivo para o futuro dos judeus em Portugal.

D. Manoel queria se casar com a viúva do príncipe D. Afonso, filho de D. João, que falecera antes de seu pai. Por ela ser a filha mais velha dos reis católicos, possibilitaria a D. Manoel herdar o trono espanhol, unindo assim as duas monarquias, no caso da morte de D. João, que estava doente.

Para a realização desse casamento, foram feitas exigências. A princesa pretendia que todos os criptojudeus condenados pela Inquisição da Espanha, que haviam fugido para Portugal, fossem devolvidos para aquele país. Os reis católicos não podiam admitir que no

reino vizinho ao seu houvesse um regime de tolerância para com os judeus. A filha não podia reinar num país onde a religião judaica era permitida oficialmente. Portanto, dariam sua filha em casamento a D. Manoel, se este obrigasse todos os judeus a se converterem, e expulsasse os obstinados.

O rei português aceitou as exigências, apesar da maioria de seus conselheiros ser contrária à sua atitude, pois achavam que seria faltar à palavra empenhada por D. João II em 1492, e desfazer os compromissos assumidos. Também argumentavam que as conversões forçadas não teriam qualquer valor jurídico perante a Igreja, nem prático, já que se verificava na Espanha que a maioria dos conversos praticava ocultamente o judaísmo. Além disso, os judeus que não se sujeitassem e resolvessem emigrar, dariam prejuízo a Portugal e vantagens ao Marrocos, para onde iriam com seus haveres, suas indústrias e sua atividade.

Em dezembro de 1496, o rei ordenou a saída do reino de todos os judeus que não se convertessem. Deu um prazo de dez meses.

Os que preferiram emigrar eram em grande número, pois o sultão do Marrocos tinha dado ordens para que os cristãos-novos que fugiam da Espanha fossem bem tratados, e o mesmo aconteceria com os judeus que saíssem de Portugal.

Em abril de 1497, foram dadas ordens para que se tirassem os filhos menores de quatorze anos aos judeus que se negassem a renunciar à sua crença. Esses filhos seriam internados em patronatos onde receberiam aulas de religião católica. Essa ordem atingia não apenas as famílias dos cativos, fora da lei e do contrato. Ela abrangia todos os judeus, os que haviam pago a taxa de entrada, os que haviam adquirido o direito à residência permanente e os próprios judeus portugueses, que, por séculos, não haviam sofrido restrições quanto a seu credo. O rei queria obrigar os judeus à conversão, a todo custo.

Izecksohn (*op.cit.*) ainda relata que D. Manoel só voltou à tolerância, quando viu os seus projetos ruírem, assim que as Cortes votaram como herdeira do trono da Espanha, a

segunda filha dos reis católicos – a princesa Joana, e não a filha mais velha com quem era casado.

No fim do ano de 1497, não existia nenhum judeu declarado em Portugal. Todos haviam sido convertidos em cristãos-novos.

Segundo Ralzman (1937), os anos de 1498, 1506 e 1536 caracterizaram-se pela violência das perseguições aos semitas. O ano de 1536 marca o estabelecimento do Tribunal da Inquisição em Portugal, por autorização de D. João III.

Conforme o autor, a ação inquisitorial no Brasil foi limitada, embora houvesse grande número de judeus e outro inocentes martirizados e condenados pelos autos de fé. Essa não teve a eficácia e a minuciosidade que os inquisidores pretenderam. A vastidão da colônia, a atenção que devia se prestar continuamente aos índios, a luta interna entre os jesuítas e o Santo Ofício foram fatores poderosos para quebrar e enfraquecer os planos da Inquisição no Brasil.

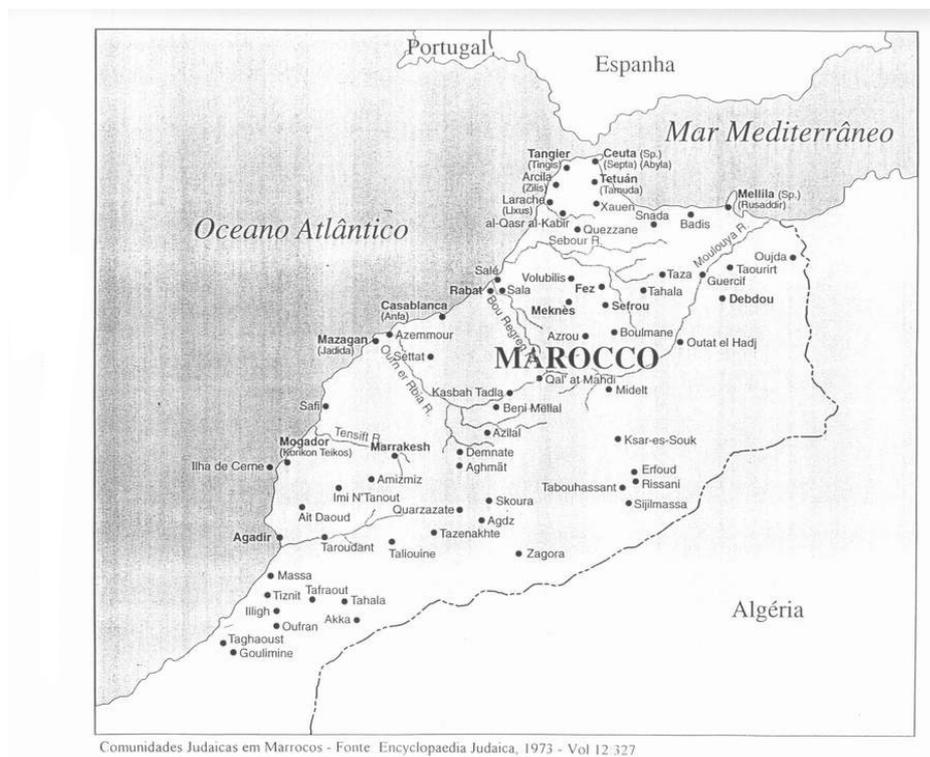
A expulsão dos judeus da Espanha e de Portugal e a sua dispersão pelo mundo criou uma nova realidade em cada país que os recebeu. Havia judeus nos países que receberam os portugueses e os espanhóis. Apesar do encontro com a cultura dos judeus autóctones, os judeus provenientes da Península Ibérica procuraram manter a sua particularidade, através da preservação de sua língua, seus costumes e suas tradições. A chegada na África do Norte na Tunísia, Argélia e Marrocos culminou no encontro cultural entre as duas comunidades judaicas, com influência recíproca em várias áreas da vida em comum.

Os exilados absorveram e assimilaram expressões da cultura dos judeus locais. Em Fez, a utilização de termos judeu-árabes em determinadas situações significa, além da mescla lingüística, uma necessidade prática, fenômeno comum em sociedades em que duas ou mais línguas coexistem.

O judeu espanhol pertence a um judaísmo que sobreviveu a várias conversões forçadas, conviveu cerca de oitocentos anos com cristãos e muçulmanos e sofreu influência dessas duas religiões e culturas. É atento e respeitoso aos preceitos religiosos judaicos e às tradições familiares. Tem espírito aberto às ocorrências do meio que o cerca. Um traço marcante é o vínculo ao seu país natal e à sua cultura, o que explica de certa maneira, o esforço dos exilados em preservar, desenvolver a língua espanhola e as suas tradições ancestrais, nos países onde se estabeleceram.

2.2 Os judeus no Marrocos

O mapa seguinte mostra a distribuição dos judeus nas diversas cidades marroquinas.



MAPA 4 - Comunidades judaicas no Marrocos

Bemerguy (1998) menciona que o Marrocos já havia sido refúgio para os judeus, em decorrência de perseguições religiosas na Espanha, feita pelos reis visigodos nos séculos VI e VII. Nos séculos XV e XVI, deu-se o maior contingente migratório para este país, isto em função dos problemas gerados pela Inquisição na Península Ibérica.

Os judeus vindos da Ibéria ficaram confinados em guetos denominados **melachs**, de Tetuan, Fez, Marrakesh e outras vilas e cidades, onde também sofreram constrangimentos, humilhações, confisco de bens e até foram vítimas de massacres.

A escolha do Marrocos deu-se em função da sua proximidade com a Península Ibérica. Os expulsos aí ficaram por 300 anos, falando espanhol, português e hakitia. Reconstruíram as suas comunidades em Tetuan, Tânger, Fez, Rabat, Salé, Marrakesh, Arcila, Larache, Ceuta e Melila. Saíram da **guezera** (sentença maldita) da Ibéria para o **guechinam** (inferno) do Marrocos.

No Marrocos houve o encontro dos judeus espanhóis e portugueses, expulsos e refugiados, conhecidos como **megorashim**, com os irmãos nativos – os **tochabim**. Ayoun (1996, *apud* BENCHIMOL, 1998, p.30) diz:

Os expulsos – **megorachim** trazem consigo a língua castelhana, sua ciência, suas instituições comunitárias, usos e costumes, seu espírito empreendedor, que fazem deles em relação aos **tochabim** – judeus nativos, moradores e autóctones – um grupo social dominante: a elite cultural e a burguesia dos notáveis que desempenharão um grande papel nos domínios do comércio, das finanças e da diplomacia.

Segundo Liberman (1989, *apud* BEMERGUY, 1998), os judeus exerceram várias profissões: foram fazendeiros, plantadores de tabaco, arroz, pequenos comerciantes, mascates. Trabalharam na indústria de cera de abelha, comercializaram borracha, lã, penas de avestruz, peles, especiarias, mel e artigos exóticos. Consta que os muçulmanos cederam aos judeus a comercialização do vinho, das pedras preciosas e a sua lapidação. Até 1912, a maior parte do comércio e o monopólio sobre certos portos eram controlados por uma forte sociedade de judeus mercadores.

A situação econômica acima não era a mesma para todos os judeus marroquinos, já que esta variava conforme a região e a maioria da população sofria privações.

Os *megorashim* não foram bem recebidos pelos judeus nativos – os *tochabim*, porque os recém-chegados assumiram a liderança nas **juderias** e **melachs** e progrediram em seus negócios e profissões, ao contrário dos judeus nativos, que empobrecidos por séculos de dominação dos mouros e berberes, sem oportunidades de educação e profissionalização, temiam os espanhóis devido à rivalidade comercial e à sua superioridade técnica.

Os *megorashim* chamavam seus irmãos judeus nativos de **forasteiros** (estrangeiros em relação à comunidade judia de origem espanhola). As rivalidades e divergências entre os dois grupos de judeus deu-se no campo social, comercial e religioso. Os judeus espanhóis e portugueses de Tânger e Tetuan se achavam superiores pela sua posição social, por seu status econômico e profissional. Essa rivalidade e divergências são também levadas para a nova diáspora, o norte do Brasil, no início do século XIX, como veremos mais adiante.

2.3 O êxodo judeu-marroquino

Fatores políticos, econômicos, sociais, religiosos e educacionais foram os motivos que desencadearam a onda migratória dos judeus sefarditas e dos chamados **forasteiros** marroquinos para a Amazônia.

A vida dos judeus no Marrocos atingiu um grande nível de pobreza nos **melachs**, em cidades como Tetuan, Tânger, Fez, Marrakesh, Salé, Arcila e outras. Poucas famílias judias sefarditas de Tetuan e Tânger (portos do Mediterrâneo e do Atlântico), em frente a

Gibraltar, desfrutavam de melhor posição social e econômica. A maioria vivia confinada nos **melachs** e insalubres **juderias**, sujeitas a doenças e epidemias. Laredo (1935, *apud* BENCHIMOL, 1998) menciona que o estado de pobreza dos judeus era tão grande que existiam 22 sociedades judias de beneficência e de socorro. As condições sanitárias das cidades marroquinas eram péssimas e piores nos **melachs**. Diversas epidemias ocorreram em várias ocasiões, dentre elas, de cólera. A fome agravava as enfermidades.

O apedrejamento de judeus, tanto em vida como na morte, era prática comum de perseguição e de hostilidade entre os árabes. As sinagogas eram freqüentemente apedrejadas pela população quando havia conflitos, revoluções, mudança de sultões, bombardeios, invasões, e outros eventos que enfureciam as multidões, de maioria árabe-muçulmana, que desprezavam e tinham ciúmes daqueles líderes judeus que alcançavam certa posição econômica e social, em alguns governos. Na substituição de algum sultão ou pachá amigo por um inimigo, sempre ocorriam saques e perseguições.

Nas aljamas, juderias e guetos da Ibéria e da Europa era constante a pressão para que os judeus “filhos da maldição, deicidas, párias, e excluídos” fossem catequizados ou convertidos forçosamente. Dessa maneira, criaram “um novo tipo de meio-judeu e meio-cristão”, ou seja, os marranos, cristãos-novos e cripto-judeus. No Marrocos, essa pressão também se fazia sentir, para que os judeus aceitassem a crença de Maomé e substituíssem a *Torá*⁴ pelo Alcorão⁵, para torná-los Judid-al-Islam ‘muçulmano por fora e judeu por dentro’. Muitos casos de conversões forçadas ou de martírios ocasionados pelas recusas ocorreram. Um exemplo é o caso de Sol Hachuel, nascida em Tânger no ano de 1820, que se tornou

⁴ *Torá*, ou os cinco livros de Moisés, são pergaminhos manuscritos de um só lado, costurados de forma contínua e enrolados em dois cabos de madeira, designados poeticamente de a “Árvore da Vida”. Esta referência baseia-se num antigo dito hebraico segundo o qual “A *Torá* é a Árvore da Vida para aqueles que a ela se dedicam”. O conjunto que engloba os cinco livros de Moisés, Gênese, (*Bereshit*), Êxodo (*Shemot*), Levítico (*Vaikrá*), os Números (*Bamidbar*) e Deuterônimo (*Devarim*) é chamado *Sefer Torá*.

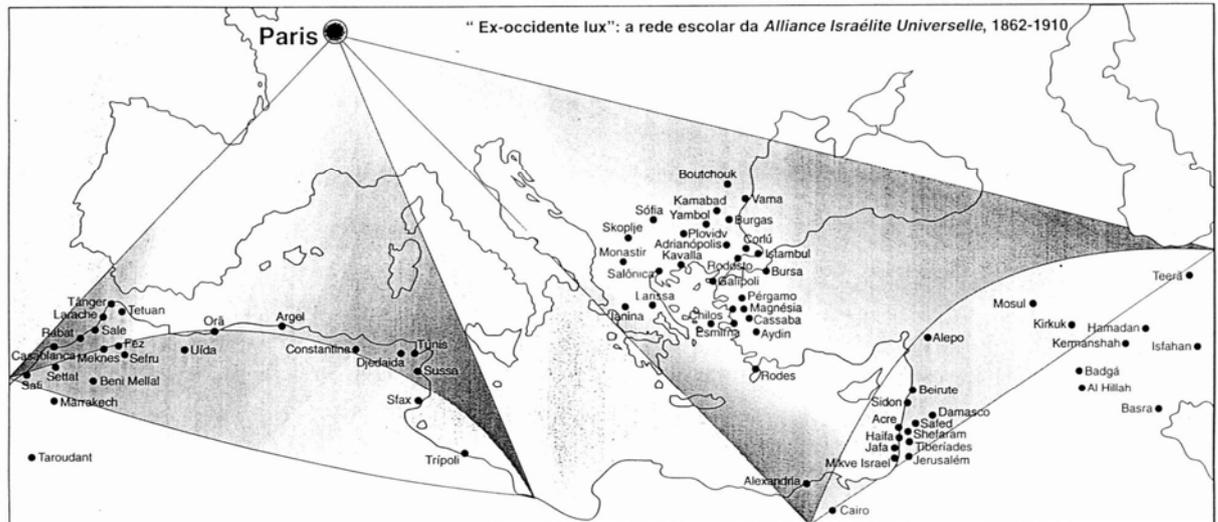
⁵ Alcorão ou Corão é o livro sagrado do Islão. Os muçulmanos acreditam que o Alcorão é a palavra literal de Deus (Alá) revelada ao profeta Muhammad (Maomé) ao longo de um período de 22 anos. A palavra Alcorão deriva do verbo árabe que significa ler ou recitar; Alcorão é, portanto, uma "recitação" ou algo que deve ser recitado.

heroína e *sadiká* ‘santa’ do povo judeu Tangerino, por recusar-se a se converter ao islamismo. Esta moça de 14 anos foi degolada em praça pública, em Fez, no ano de 1834. A sua última oração antes de morrer foi: *Shmá Israel Adonai Elochenu Adonai Echad* (‘Ouve ó Israel, *Adonai* é nosso Deus, *Adonai* é um só’), a profissão de fé judaica.

Uma instituição que foi de fundamental importância e que muito contribuiu para a educação de judeus deste país foi a Aliança Israelita Universal, fundada em Paris, em 1860, por J. Carvalho, I. Cahen, N. Leven, A. Cremieux, A. Astruc e o poeta E. Manuel, apoiada financeiramente pelo Barão Maurice de Hirsch.

A Aliança teve como objetivo solidarizar com os judeus, trabalhar pela sua emancipação e progresso moral, oferecer ajuda e assistência às vítimas do anti-semitismo, encorajar a publicação de livros que promovessem esses objetivos. Sua ação se fazia nos níveis diplomáticos, na assistência a emigrantes, e educação, sobretudo para os judeus orientais vítimas de perseguições.

A École Normale Israélite Orientale criada em Paris em 1867 tinha como função treinar diretores e professores para as suas escolas no exterior. Escolas da A.I.U. foram fundadas em: Tetuan, em 1862, em Tânger, em 1869, seguidas de mais cinco escolas no Marrocos. Em 1870/1885 foram fundadas escolas na Bulgária, Sérvia, Rumânia, Turquia, Síria, Iraque, Egito, Jerusalém, Algéria, Tunísia e outros países do Mediterrâneo. A Escola Israelita Universal forneceu formação em todos os níveis de ensino, línguas (francês, espanhol, inglês e hebraico), ciências, história, geografia, ofícios e profissões. As mulheres aprendiam costura, trabalhos manuais, música, além das matérias citadas.



Fonte: História Universal dos Judeus - Élie Barnavi, 1995:188

MAPA 5 - Rede escolar da Aliança Israelita Universal, 1862-1910.

A importância dada ao ensino do francês, espanhol, inglês e hebraico nas escolas da Aliança, não ajudou na fixação do hakitia, uma vez que este não foi considerado relevante no processo educacional, tendo seu uso restrito aos ambientes familiares e sociais judaicos.

As escolas de Tetuan e Tânger desempenharam papel importante na educação e preparação de judeus, tirando-os da pobreza e ignorância, e estimulando-os a emigrar para outros países com melhores oportunidades. A A. I. U. do Marrocos ajudou na preparação dos futuros líderes judeus da Amazônia que se tornaram importadores e exportadores.

2.4 A presença judaica na Amazônia

2.4.1 Antecedentes históricos no Brasil

Em 28 de janeiro de 1808 foi assinada a Carta Régia da Abertura dos Portos às Nações Amigas. Já em 18 de junho de 1814, o Príncipe Regente D. João assinou um novo decreto, abrindo os portos luso-brasileiros em caráter definitivo a todas as nações amigas, sem exceção.

Em 19 de fevereiro de 1810, foram feitos dois tratados, um de comércio e navegação e outro de aliança e amizade, além de uma convenção sobre o serviço de navios entre Brasil e Grã-Bretanha. O Tratado de Aliança e Amizade determinava que, no futuro, não haveria mais no Brasil o Tribunal da Inquisição (BENTES, 1987). Falbel (1997) assinala que este tratado constitui um marco e um sinalizador para que os judeus do Marrocos e de outros países pudessem vir para a Amazônia.

No ano de 1821, D. João VI, enfrentando as represálias do clero e da igreja, extingue a Santa Inquisição e os Tribunais do Santo Ofício em todo o Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves.

O Imperador D. Pedro I proclamou a Independência do Brasil em 7 de setembro de 1822. A Constituição Imperial de 1824 reconheceu a Igreja Católica como a religião oficial do Estado, permitindo o culto doméstico ou particular de outras religiões em casas “sem forma alguma exterior de templo”. As sinagogas poderiam funcionar em casas de famílias judaicas, como ocorreu no início.

Com a Proclamação da República dos Estados Unidos do Brasil, em 15 de novembro de 1889, o governo provisório baixou o Decreto 119 que aboliu a união legal da Igreja com o Estado, e instituiu o princípio da plena liberdade de culto.

A emigração sefardita marroquina para Belém deu-se por volta de 1810.

O Brasil abriu suas portas para acolher os fugitivos e exilados e se apresentou como um novo lar, uma nova pátria livre das perseguições e temores para aqueles saídos do Marrocos. Os fatores políticos, as leis, atraíram migrantes.

Outros fatores atuaram também como atração para a Amazônia: a intensificação da navegação do exterior, propiciando o maior comércio de importação e exportação, cargas e transportes de passageiros e migrantes; a navegação interior subsidiando e propiciando a interiorização das correntes migratórias judaicas ao longo do Rio Amazonas e seus afluentes; o ciclo da borracha que também atraiu ingleses, franceses, alemães, portugueses e os flagelados e retirantes do nordeste, que fugiam das secas de 1877 e 1888. A combinação dos fatores de expulsão e atração fez com que os judeus saíssem do Marrocos e fossem viver na Amazônia.

2.4.2 As correntes migratórias

Benchimol (1998) divide a presença judaica na Amazônia, a partir de 1810, em cinco correntes:

- os sefarditas expulsos de Portugal, Espanha e Marrocos, que falavam português, espanhol e hakitia;

- os **forasteiros** nativos do Marrocos, que falavam árabe e berbere⁶;
- os serfatitas⁷ de Alsácia e Lorena, de fala francesa e alemã;
- os ashkenazitas da Alemanha, Polônia e dos países da Europa Oriental, que falavam alemão e iídiche;
- os foinquinitas (*foinquinos*, que em hebraico e hakitia significa Fenícia) do Oriente Médio, que falavam “ladino” e árabe.

Segundo Bemerguy (1998), o provável primeiro fluxo migratório dos judeus marroquinos à Província do Grão-Pará antecede ao ano de outorga da Constituição de 1824. Esta constituição permitiu o culto doméstico ou particular de todas as religiões no Brasil. A autora diz haver registro da presença de judeus marroquinos no Pará já no ano de 1820. Em 1842 os judeus já possuíam necrópole israelita na capital da Província. A primeira sinagoga da cidade de Belém – *Shaar Chashamaim*⁸, provavelmente do ano de 1824, além de sua função religiosa, atuava como agregadora do grupo. Era o local onde se encontravam as famílias e onde os recém-chegados podiam travar conhecimentos. As datas de fundação são controversas bem como qual seja a primeira sinagoga de Belém. Benchimol (1998) afirma que a primeira sinagoga foi fundada em 1823 ou 1824 – a *Essel (Eshel) Abracham*⁹, enquanto a Sinagoga *Shaar Chashamaim* provavelmente foi fundada em 1826 ou 1828.

Com o advento da exploração da borracha, a emigração judaica para a região amazônica aumentou bastante e os judeus de origem hispano-portuguesa que haviam fugido para o Marrocos começaram a chegar cada vez em maior número para o Estado do Pará e para o Estado do Amazonas, onde se estabeleceram nas capitais e no interior dos dois estados. Graças a esses imigrantes, surgiram as primeiras sinagogas e os primeiros cemitérios judaicos

⁶ Berbere era a língua dos povos primitivos que habitavam o interior do Marrocos, que os sefarditas chamavam de arbia, porque nem mesmo os judeus fluentes em árabe conseguiam entender o seu linguajar nativo.

⁷ *Serfaty* (heb.) – ‘francês’.

⁸ *Shaar Chashamaim* (heb.) – ‘Porta do Céu’.

⁹ *Eshel Abracham* (heb.) – ‘Bosque, Arvoredo ou Pousada de Abracham’.

na região, pois fiéis que eram à sua fé religiosa, preocupavam-se em conservar e transmitir as suas tradições aos seus descendentes (INGBER, 1969, *apud* BENTES, 1987).

Das cinco correntes apresentadas, os grupos mais numerosos e influentes que aportaram na Amazônia foram os judeus sefarditas e **forasteiros** que emigraram do Marrocos, no período de 1810 a 1910.

Bentes (*op.cit.*) afirma que essa imigração foi de caráter individual, inicialmente, em sua quase totalidade, por jovens entre 13 e 18 anos de idade, com a cultura relativa à sua maioria religiosa em nível bastante adiantado, e os conhecimentos gerais de matemática, ciências e letras, no mínimo do curso primário completo e muitos deles com o curso ginásial concluído. Alguns sobrenomes das pessoas que ali se instalaram foram: Abecassís, Azulay, Benchimol, Bengió, Benoliel, Chocrón, Cohen, Israel, Levy, Pazuello, Serfaty, Serruya.

Essas pessoas, após terem conseguido uma aceitável condição econômica, mandavam buscar suas famílias ou eles mesmos iam constituí-las nas suas cidades de origem, trazendo-as para o Brasil. Posteriormente, já se casavam com as filhas dos seus correligionários vindas com seus pais ou já nascidas na Amazônia, mantendo assim suas tradições e a sua fidelidade religiosa.

Esses imigrantes não foram financiados por nenhuma organização oficial do governo brasileiro. Vieram por conta própria com seus poucos recursos pessoais, ou por empréstimos que posteriormente pagariam, feitos por comerciantes correligionários que se encontravam no Brasil e lhes proporcionavam empregos, ou por comerciantes que lhes adiantavam os recursos para a sua viagem e instalação. Eidorfe Moreira (*apud* BENTES, *op.cit.*) ratifica que a imigração judaica para a Amazônia foi espontânea e voluntária, sem onerar o governo brasileiro nem qualquer entidade particular.

Os judeus que tinham ido para o Pará e aí progredido iam visitar suas famílias e amigos em sua terra natal, exibindo suas excelentes condições econômicas com seu luxuoso

modo de vida. Eles necessitavam de pessoas jovens, cultas e civilizadas, de plena confiança, para auxiliá-los na ampliação de seus negócios, pois no norte do Brasil não encontravam facilmente pessoas capacitadas para esse fim. Os jovens marroquinos também queriam ter um futuro próspero como o daqueles que lhes serviam de exemplo. Este foi um dos principais motivos de estímulo para os jovens marroquinos migrarem para o Brasil e para conseguirem o consentimento de seus pais, que sabiam que os seus filhos poderiam obter progresso e teriam apoio de seus correligionários na Amazônia.

As informações sobre o primeiro fluxo de judeus marroquinos na Amazônia são poucas e há divergências com relação às informações e às datas.

Sobre o movimento migratório dos sefarditas para o Brasil, Benchimol (*apud* BENTES, *op.cit.*) afirma que as primeiras famílias judaicas estabeleceram-se na Amazônia por volta de 1850, quando o *boom* da borracha ainda não havia adquirido *momentum*. Provinham, em sua maioria, do norte da África, especialmente de Tânger, Tetuan, Rabat, Casablanca, do Marrocos francês e espanhol, e Argélia, bem como de Lisboa e de outras cidades portuguesas, e comunidades sefarditas, que haviam se estabelecido nessa parte do Continente Afro-Ibérico após a diáspora.

Visto sob outra perspectiva, diferente da de Bentes, Benchimol (*op.cit.*) informa que a característica principal desse movimento, residiu no fato de que, ao contrário da maioria dos outros imigrantes, foi esta uma imigração familiar, fazendo-se o homem acompanhar da mulher e dos filhos. Isto se deve ao caráter gregário, doméstico da vida judaica, milenarmente presa aos valores religiosos e culturais centralizados em torno da família, da comunidade, que procuram logo criar, como forma para assegurar a sobrevivência de sua própria cultura e tradição.

Esses imigrantes localizaram-se, inicialmente, nas pequenas cidades do interior do Pará e Amazonas, como Cameté, Almeirim, Óbidos, Santarém, Itaituba, Itacoatiara, Tefé,

Humaitá, Porto Velho, além de Belém e Manaus, como empregados em escritórios e estabelecimentos comerciais, ou em atividades mercantis do “aviamento e regatão”¹⁰. Mais tarde, no período áureo do ciclo da borracha, iniciou-se a fase de sua promoção econômica como arrendatários e proprietários dos seringais, no interior, ou como compradores de produtos regionais, nas praças de Belém e Manaus.

Bentes (*op.cit.*) diz que, embora todos os judeus que formaram a comunidade no Pará fossem oriundos de territórios africanos limítrofes, todos com a mesma cultura religiosa sefardita, com os mesmos livros de orações e regulados por um mesmo calendário religioso, seus idiomas e também dialetos familiares, bem como os seus costumes regionais, eram muito diferentes entre si.

No norte da África, o idioma normal, familiar, era o árabe e excepcionalmente o francês. No Império Marroquino existiam três zonas distintas, embora o árabe fosse o idioma nacional oficial. No protetorado francês falava-se a língua francesa, na zona espanhola, o castelhano era oficial, mas familiarmente entre os judeus, a conversação era em hakitia. Na zona neutra de Tânger, abrangendo também Tetuan, falava-se normalmente o espanhol e a conversação familiar era em hakitia.

2.4.3 As gerações de judeus na Amazônia

Benchimol (*op. cit.*) distribui os judeus amazônicos em quatro gerações apresentadas a seguir.

¹⁰ Duas são as acepções do termo regatão: 1) o comércio desenvolvido em embarcações pelo interior da Amazônia, na qual estabelecia-se geralmente o sistema de aviamento, sistema este de crédito baseado na troca de produtos; 2) o indivíduo que nele trabalhava, negociando produtos regionais por produtos manufaturados, com a população ribeirinha. (BEMERGUY, 1998).

a) Primeira geração – os pioneiros

A primeira geração pioneira foi para o interior como jovens aprendizes, empregados, balconistas e vendedores ambulantes, contratados por firmas judias de Belém e Manaus, em busca de oportunidade de ganho e trabalho. Aviados por algum judeu próspero desses dois lugares, foram para o interior em cidades como: Breves, Gurupá, Cametá, Baião, Macapá, Afuá, Alenquer, Óbidos, Santarém, Parintins, Maués, Itacoatiara, Coari, Tefé chegando até Iquitos, no Peru.

Outros pioneiros foram se localizar com suas mulheres e filhos no Rio Tapajós, onde formaram as comunidades de Boim, Aveiros e Itaituba. No Rio Madeira, se estabeleceram em Borba, Manicoré, Humaitá, Porto Velho, Guajará-Mirim e Fortaleza do Abunã. No Rio Purus, ficaram em Lábrea, Boca do Acre até Rio Branco. No Rio Juruá, se estabeleceram no Rio Tarauacá como seringalistas, ou foram virar regatão até Cruzeiro do Sul. Muitos desses pioneiros começaram como empregados, balconistas, gerentes de depósito, donos de flutuantes, guarda-livros e terminaram como seringalistas e Coronéis de Barranco.

O primeiro judeu marroquino no Pará foi o Sr. José Benjó, como informa Ingberg (*apud* BENTES, 1987). Outra referência bem antiga se deve ao Major Eliezer Moyses Levy.

Os judeus foram os primeiros “regatões” da região. Com suas embarcações, levavam mercadorias para vender nos seringais em troca de borracha, castanha, bálsamo de copaíba, sorva, balata, ucuquirana, peles e couros de animais silvestres e outros gêneros regionais de exportação. Como diz BENCHIMOL (*op. cit.*, p.81):

Eles desafiavam o grande poder e o monopólio dos “aviadores” (comércio de venda a crédito para o interior, no vocabulário amazônico) portugueses e dos Coronéis de Barranco Cearenses e Nordestinos, que eram as elites dominantes que fechavam os rios e eram os “donos da praça” para que o seu monopólio de comércio fosse mantido.

A geração dos pioneiros judeus na Amazônia pode ser caracterizada por um trabalho duro, a bordo de pequenas embarcações que serviam as populações ribeirinhas, onde os barcos dos grandes comerciantes e aviadores portugueses não conseguiam entrar. Eles

levavam estivas, tecidos, remédios, bebidas, munições para abastecer os seringueiros e compravam os produtos do extrativismo silvestre, a melhores preços.

Os judeus democratizaram o processo de intercâmbio comercial no interior da Amazônia e quebraram o monopólio dos aviadores portugueses e exportadores ingleses, franceses e alemães que dominavam o comércio e os empórios de Belém e Manaus.

Com a situação mais consolidada, os pioneiros abandonavam o interior do interior e fixavam nas pequenas cidades onde viviam suas esposas e filhos. Assim foram sendo instaladas as comunidades judaicas, as sinagogas nas casas de família, foram fundados os cemitérios judeus.

Esses pioneiros viveram intensamente a febre do “rush da borracha” e participaram dela intensamente, através de uma rede capilar de abastecimento e de criação de mercado, enfrentando a concorrência dos grupos poderosos de Belém e Manaus. Como não tinham chance, meios, oportunidades ou capital para se estabelecerem nas capitais, para enfrentar os grandes, tiveram que buscar o seu lugar no interior.

b) Segunda geração - o *boom* do ciclo da borracha (1850 a 1910)

Esta geração é composta de judeus que pelo sucesso obtido, graças aos altos preços da borracha, conseguiram se estabelecer em Belém e Manaus, onde se tornaram grandes aviadores e comerciantes donos de empórios e armazéns, exportadores de borracha. Estes concorriam com portugueses, ingleses, franceses e alemães. Suas famílias começaram a ter um alto conceito econômico e social.

Nesse período dos anos dourados do ciclo da borracha, a segunda geração de judeus recebeu um reforço de novos imigrantes marroquinos de Tânger e Tetuan, que recebiam mesadas e “cartas de chamada” de seus parentes e correligionários, contando as vantagens da terra e a fortuna ao alcance de muitos, com o alto preço da borracha.

O ano de 1910 marcou o fim do apogeu da borracha. Com o fim do monopólio natural da borracha amazônica, encerra-se a segunda geração de famílias judias, que apesar da decadência, tentaram sobreviver até os anos 30 e 40, como exportadores de borracha, substituindo os ingleses, franceses e alemães que abandonaram Manaus e Belém. Também buscaram trabalhar com outros produtos como castanha, couros, peles e beneficiamento de produtos regionais.

Essa segunda geração de judeus marroquinos teve um fim triste. Famílias inteiras de comerciantes abandonaram suas propriedades em Belém e Manaus. Firms judias foram à falência e desapareceram. Os principais empresários judeus que não faliram, sobreviveram modestamente como comerciantes e lojistas. Muitos migraram para outras cidades do Brasil e do exterior.

c) Terceira geração – o êxodo do interior para Belém e Manaus

A terceira geração de judeus marroquinos pertence ao período de 1920 a 1950. Durante esses 30 anos, a economia amazônica entrou em crise e os descendentes da primeira geração e pioneiros, iniciaram o êxodo para Manaus e Belém, em busca de sobrevivência.

Os judeus paraenses que haviam falido durante a crise da borracha, ou que ficaram muito empobrecidos, tentam reerguer-se em Belém, como empregados e funcionários públicos, vendedores, negociantes e lojistas. Alguns se transformaram em grandes exportadores de borracha, sorva, castanha, couros e peles, cumaru, timbó e produtos regionais (entre 1930 a 1950).

Ente os anos de 50 e 60, uma grande parte de líderes e empresários paraenses abandonou ou fechou os seus estabelecimentos industriais e mercantis e migrou para o Rio de Janeiro e São Paulo.

d) Quarta geração – época dos doutores e profissionais

A economia amazônica atravessou outro período muito difícil entre os anos de 1950 e 1970.

As exportações de borracha tornaram monopólio federal do Banco da Borracha e assim, desestruturou-se toda a economia das empresas judaicas aviadoras e exportadoras desses produtos. A castanha e produtos regionais como o couro de jacaré, o óleo de pau-rosa, a copaíba, a madeira, a juta, que conseguiram manter alguns empresários vivos. Recomeçou o despovoamento e o êxodo rural para as cidades grandes. Vieram os patrões e depois os peões.

Os judeus paraenses e amazonenses, nos anos 50, tiveram que largar e vender seus bens, haveres e terras para educar os seus filhos.

Uma das coisas importantes para os judeus marroquinos, além de terem uma família numerosa, era a boa educação dos filhos. As mães judias tinham como projeto para os seus filhos, educá-los para serem médicos, advogados, engenheiros. O mais velho deveria seguir a profissão do pai comerciante para levar os negócios da família.

Devido ao fato das famílias judias serem numerosas e não poderem dar educação universitária para todos os filhos, elas desenvolveram uma estratégia muito eficiente. Os pais, geralmente a mãe, escolhiam o mais brilhante e inteligente para estudar fora. O filho mais velho devia seguir a profissão do pai. Os outros começavam a trabalhar depois do *Bar-Mitzvá*¹¹, para aumentar a renda familiar. Assim, a família podia mandar um segundo filho para estudar fora de Belém e Manaus, obtendo uma melhor formação profissional. Este filho era ajudado pelos irmãos mais velhos e pelas irmãs, que mandavam os seus salários para completar a mesada dos irmãos que estudavam fora. Quando estes se formavam, tinham como obrigação ajudar os mais novos a estudarem em alguma universidade. Formava-se assim uma cadeia cooperativa humilde de auto-ajuda mútua.

¹¹ *Bar-Mitzvá* significa a maioridade judaica, quando o rapaz completa 13 anos de idade.

Nos anos de 50, os judeus de Manaus e Belém começaram o seu êxodo para Rio e São Paulo. Os que ficavam, abandonavam a profissão dos seus pais. Tornaram-se profissionais: médicos, advogados, economistas, contadores, auditores, administradores, engenheiros, consultores, executivos, professores, pesquisadores e outros.

A quarta geração de judeus amazônicos desempenha atualmente importante função no campo profissional, universitário, empresarial e político. Muitos dos seus membros e descendentes se tornaram senadores, deputados federais, estaduais, vereadores e prefeitos. Foi sobretudo no campo da medicina que eles se destacaram.

A escolha por profissões liberais como meio de vida e como instrumento de ascensão social, pode ser explicada como uma forma pela qual as famílias judaicas buscaram encontrar uma maneira de fugir do estigma da imagem do “perverso judeu” associada ao dinheiro, à usura e ao comércio. A busca de profissões nobres e humanistas, principalmente a de médico, promove o judeu a um novo “status” social e econômico. Esquecer o passado de regatões, seringalistas, aviadores, lojistas e comerciantes tornou-se uma imposição social e gratificação psicológica para esta geração que permanece em Belém, Manaus, ou que se estabeleceu no Rio, São Paulo e outros locais.

Benchimol (*op.cit.*) menciona que esta quarta fase do judaísmo amazônico, centrada nas profissões, empobreceu as comunidades judaicas, principalmente a de Belém. Esta perdeu poder econômico para sustentar os serviços necessários e requeridos pela comunidade. As três sinagogas da cidade, o Centro Israelita do Pará e o Clube Benfica (agora “A Hebraica”) não foram suficientes para gerar receitas e manter coesa a comunidade local.

Os judeus de Belém perderam as contribuições e doações dos seus antigos comerciantes e empresas que emigraram e entraram em decadência, ou que foram fechadas por falta de sucessores. Nem todos os profissionais alcançaram o nível de classe alta ou de classe média superior. A comunidade paraense entrou em crise, com um aumento de

assimilação e ainda uma quebra e descontinuidade dos elos judaicos-familiares das tradições e da solidariedade comunitária.

2.5. A Amazônia: o Estado do Pará

A maior parte da Amazônia é a área de clima equatorial, originalmente coberta pela floresta amazônica, que cobre cerca de 40% do território brasileiro, se estendendo pela região Norte, norte do Centro-Oeste e o oeste do Maranhão, configurando a Amazônia Legal, área de atuação da SUDAM.

Uma característica marcante do quadro natural amazônico é a rede hidrográfica, sendo a Bacia Amazônica a maior do mundo em volume de água e, provavelmente, o rio Amazonas, o mais extenso do planeta. Como o rio principal localiza-se sobre uma planície, constitui uma hidrovia de milhares de quilômetros de extensão e devido a topografia da região, já que, os seus afluentes vem de áreas mais altas, a área possui o maior potencial hidrelétrico do país. O aproveitamento ainda é baixo, sendo este um entrave para o desenvolvimento.

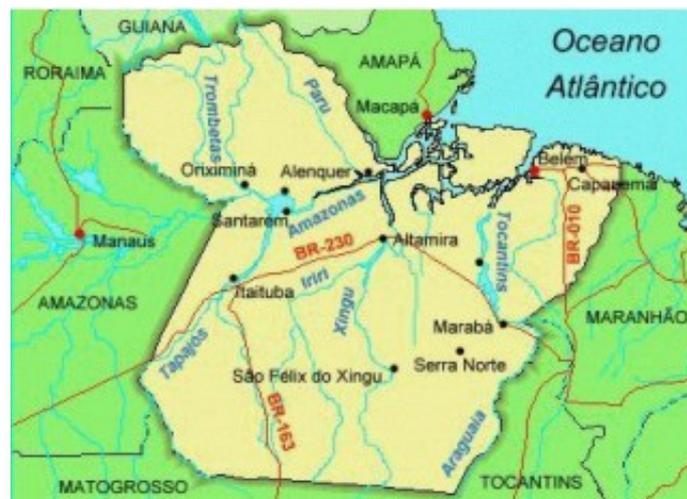
A região amazônica possui uma população muito reduzida, o que aliado a sua grande extensão, determina baixíssimas densidades demográficas. No entanto, nas últimas décadas a região vem tendo, devido as migrações, o maior crescimento populacional do país, tendo sido, na década de 80, de 4,5% ao ano contra a média nacional de 1,8%. Este grande crescimento populacional é fruto em grande parte de migrações rural-rural (expansão da fronteira agrícola), que, no entanto, não impedem a região de ser predominantemente urbana, com cerca de 55% da população vivendo em cidades. Esta aparente contradição pode ser

explicada pela enorme concentração fundiária e os constantes conflitos pela posse da terra, envolvendo posseiros, grileiros, latifundiários e seus jagunços, comunidades indígenas e populações extrativistas (seringueiros e castanheiros). O principal aglomerado urbano é Belém, a Metrópole Regional, seguida da cidade de Manaus, que vem sendo classificada de metrópole em formação ou metrópole incompleta. Outras áreas de crescimento são Rondônia, o sul do Pará e Tocantins.

A pecuária extensiva é uma atividade marcante na Amazônia, havendo grandes projetos ao longo das rodovias, que foram criados com incentivos diretos e indiretos do governo federal, notadamente durante a Ditadura Militar. Mas a produtividade da pecuária na região é muito reduzida. Na verdade a pecuária extensiva é utilizada na especulação fundiária, como forma de valorização e obstáculo para a desapropriação para fins de reforma agrária.

A biodiversidade amazônica é de enorme riqueza, mas pouco se utiliza para pesquisas e desenvolvimento tecnológico no Brasil.

A seguir, apresentaremos os mapas que permitem a visualização das principais cidades e rios da Região Norte, por onde os judeus sefarditas passaram e se instalaram.



Mapa 6 - Mapa do Estado do Pará
 Fonte: <http://www.brasilrepublica.com>



Mapa 7 - Mapa do Estado do Amazonas
 Fonte: <http://www.brasilrepublica.com>

O Estado do Pará, com 1.248.042 km² de extensão, representa 16,66% do território brasileiro e 26% da Amazônia. Cortado pela linha do Equador no seu extremo norte, é dividido em 143 municípios, onde vivem cerca de seis milhões de pessoas.

A economia, tradicionalmente calcada no extrativismo sofreu a primeira grande mudança na década de 70, com a política de incentivos fiscais definida pelo Governo Federal para estimular o desenvolvimento da Amazônia, que resultou na implantação de vários projetos industriais, agrícolas e pecuários. Outra grande mudança no perfil da economia paraense começou a se desenhar em meados da década de 90, mais precisamente em 1995, quando o Governo do Pará, além de adotar mecanismos de incentivo à implantação de novos projetos produtivos, passou a trabalhar a mudança da base produtiva do estado, a partir das suas áreas vocacionais, de modo a garantir um desenvolvimento econômico e social efetivo e permanente. A nova base produtiva do Pará está assim calcada em três grandes áreas: agroindústria, verticalização da produção mineral e turismo.

2.5.1 Belém

Santa Maria de Belém do Grão Pará foi fundada em 1616 por Francisco Caldeira Castelo Branco. A cidade espalha-se pela margem da baía do Guajará e do rio Guamá, distante 120 km do oceano Atlântico e 160 km ao sul da linha do Equador.

Belém floresceu com pau-brasil e drogas do sertão e desabrochou com a exploração da borracha. Sua maior riqueza é a floresta bem próxima, com a sua grande biodiversidade que fascina o mundo.

É a cidade das mangueiras, do açaí, do Círio de Nazaré, marcada por chuvas quase todos os dias.¹²

Belém, com 1.065 km² de território, apresentou no ano de 2005, uma população estimada de 1.405.871 habitantes, conforme os dados do IBGE. Não há dados oficiais sobre a comunidade judaica da cidade, mas conforme Benchimol (1998), Belém teria cerca de 420/430 famílias de “judeus de sinal e orgulho”, ou seja, daqueles que se identificam como judeus, perfazendo aproximadamente de 1.600/1.800 pessoas.

Através da pesquisa de campo realizada em 2005, para a presente dissertação, constatou-se que a comunidade judaica é constituída aproximadamente de 400 famílias, na sua maioria formada por profissionais liberais. Como ocorre de maneira geral no Brasil, há muitos “casamentos mistos”, ou seja, de judeus com pessoas de outros credos.

A comunidade de Belém possui três sinagogas: a *Eshel Abracham* (conhecida como Sinagoga da Rua Campos Sales), a *Shaar Chashamaim* (conhecida como Sinagoga da Rua Arcipreste), ambas tradicionais, e a do *Beit Chabad*, que segue a corrente ortodoxa. Elas estão concentradas em regiões bem próximas umas das outras. Existe uma boa convivência

¹² Cf. Paratur (2005) e Guia Turístico de Belém (ed. 257, agosto 2005, ano 32).

entre os membros das mesmas. A bibliografia relata que, tão logo puderam organizar as suas comunidades e as suas sinagogas, os *megorashim* – os exilados sefarditas de Tânger, Tetuan, Larache, Melila e Ceuta, e os *toshavim* – moradores nativos berberizados e arabizados de Salé, Fez, Marrakesh, Mekne, Rabat e outras vilas e povoados de fala arbia e berbere, procuraram reconstituir o quadro cultural e os valores religiosos de seu grupo de origem.

A rivalidade e a dualidade cultural e religiosa pré-existentes no Marrocos foram transferidas para as novas comunidades fundadas na Amazônia a partir do início do século XIX. Por este motivo, foram criadas duas sinagogas em Belém. A *Eshel Abracham*, uma sinagoga modesta, era a **esnoga** dos pobres e dos **forasteiros** – *toshavim*. A *Shaar Chashamaim*, a sinagoga dos ricos, era freqüentada pela elite religiosa, pelos aviadores, comerciantes prósperos, descendentes dos judeus sefarditas *megorashim*. Ainda conforme Benchimol (*op.cit.*), a primeira sinagoga fundada em 1824, pode ter acolhido as duas correntes. Com a prosperidade da borracha, a segunda sinagoga, mais imponente, se tornou a sinagoga dos sefarditas *megorashim*.

O Centro Israelita do Pará concentra a parte administrativa, que centraliza todas as atividades. Tudo o que precisa ser feito, passa primeiro pelo Centro para depois ser encaminhado a outras entidades. Há um clube mais retirado da cidade – o Benfica.

Benchimol (1998) informa sobre a existência de quatro cemitérios em Belém: Cemitério Judeu da Soledade, Cemitério dos Ingleses, Cemitério Judeu Antigo do Guamá e Cemitério Judeu Novo do Guamá.

Apesar de não ser extremamente religiosa, a comunidade mantém as tradições e os seus costumes. Os eventos sociais reúnem as várias gerações.

Em registro mais pessoal, posso dizer que a comunidade judaica de Belém demonstrou receptividade à pesquisadora e seu projeto em todos os seus segmentos. Todos foram solícitos e gentis. Fui bem recebida, houve um visível interesse em colaborar com a

coleta de dados. Muitos membros da comunidade foram facilitadores da minha integração no grupo me encaminhando aos informantes.

Foram encontrados vários sobrenomes sefarditas em Belém, a saber: Almescany, Assayag, Athias, Azulay, Barcessat, Bemerguy, Bemuyal, Benchimol, Bendayan, Benguigui, Bentes, Benzecry, Gabbay, Israel, Laredo, Levy, Mendes, Nahon, Obadia, Ohana, Pazuello, Serruya, Tobelem, Zagury. Todos esses, por nós verificados, constam de relações já publicadas sobre os sobrenomes sefarditas de Belém e na Amazônia.¹³

Durante minha permanência na comunidade de Belém, pude constatar uma realidade diferente daquela que tinha em mente com relação a comunidades sefarditas em geral. No judaísmo existem, dentre outros, dois grupos mais conhecidos de judeus: os sefarditas (*sefaradim*) e os ashkenazitas (*ashkenazim*). Os judeus que viviam na Espanha, em Portugal eram designados pelo nome de *sefaradim* (heb.). Os que viviam na Alemanha e nos países da Europa Oriental, que falavam o iídiche¹⁴, chamavam-se *ashkenazim* (heb.). Cada uma dessas divisões representa uma corrente cultural específica, ligada à localização geográfica e à língua de uso diário, além de ter um *nussach* (heb.) – ‘texto e ordem de serviço religioso’, e um *minchag* (heb.) – ‘costumes e cerimônias religiosas diferentes’.

Há uma idéia preconcebida de que os sefarditas são mais tradicionais e são um grupo mais fechado, mais unido, mais ligado à religião e menos propenso à assimilação, ou seja, procuram pessoas da mesma religião para se unirem e assim dar continuidade às suas tradições. Portanto, seriam mais conservadores e propensos a casamentos endógenos. Essa imagem não corresponde à realidade dos sefarditas de Belém. Como em todas as comunidades judaicas do país, os divórcios ocorrem com freqüência e os casamentos com pessoas de fora da comunidade estão presentes.

¹³ Os sobrenomes sefarditas são citados por Bentes e Benchimol.

¹⁴ O iídiche (ou iídiche, forma aportuguesada de *iidisch*) originou-se, ao que tudo indica, nas áreas fronteiriças franco-germânicas, às margens do Reno, por volta do séc. X. Aí, judeus vindos principalmente da Itália e de outros países românicos adotaram o idioma local, ou seja, o alto-alemão em sua passagem do período antigo para o médio.

Mesmo em Israel, pude constatar as diferenças existentes entre esses dois grupos. Lá sob o nome sefarditas estão aqueles que têm menos prestígio social em relação aos ashkenazitas, uma vez que estes são considerados como superiores no sentido cultural, intelectual, social, e originários de países mais desenvolvidos nos diversos setores. Muitos desses sefarditas procedem de países menos desenvolvidos, mais pobres e não possuem a formação educacional semelhante à dos de origem européia.

Em Belém essa divisão não prevalece. Embora os dois grupos tenham diferentes sinagogas, eles coexistem em harmonia. No que se refere à situação econômica, há pessoas de alto nível cultural econômico em ambos os grupos.

Uma vez caracterizado o surgimento do hakitia sob uma perspectiva sócio-histórica, abordaremos no próximo capítulo os pressupostos teórico-metodológicos que dão suporte a esta dissertação. As teorias selecionadas são aquelas que consideram a extinção de uma língua como fenômeno vinculado à sócio-história da comunidade que a fala, como já aventado anteriormente no cap.1. Portanto, pressupostos teórico-metodológicos de sociolinguística, em especial das línguas em contato serão norteadores da presente análise.

CAPÍTULO 3

PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

O objetivo desta dissertação é o de descrever como está se processando a extinção do hakitia, judeu-espanhol ocidental ou variante marroquina do judeu-espanhol, na comunidade judaica de Belém do Pará, onde há ainda remanescentes dessa língua. A pesquisa visou identificar em que estágio de extinção essa língua se encontra, quais de seus elementos ainda resistem, e compreender o que acontece com uma língua minoritária, em fase de restrição de uso, de mais baixo prestígio frente a uma língua dominante – o português brasileiro.

3.1 Teorias relevantes

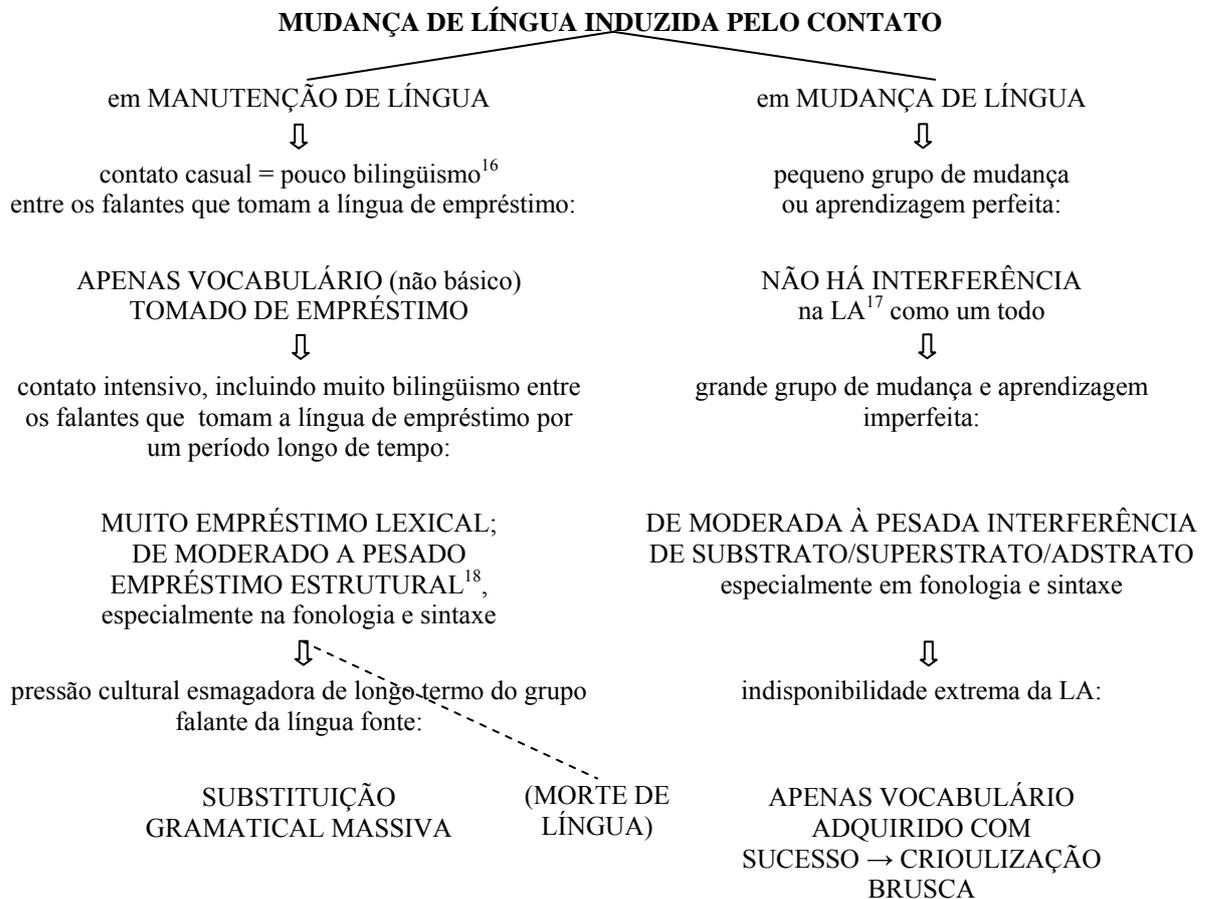
Alguns procedimentos da sociolinguística foram adotados como referencial teórico-metodológico, através do seu representante maior – Labov, seguindo os passos por ele sugeridos para uma entrevista sociolinguística, na escolha da comunidade, na seleção de informantes adequados, nas células sociais, na obtenção dos dados de relevância.

As teorias de Thomason & Kaufman (1991) também serviram de embasamento, no que se refere ao contato linguístico, já que o hakitia em Belém do Pará é um produto do contato da língua com o português brasileiro.

Estes autores iniciam sua teoria da interferência lingüística afirmando que é a história sociolingüística dos falantes, e não a estrutura da sua língua, o determinante primário do resultado lingüístico do contato de língua. A interferência lingüística é condicionada em primeira instância por fatores sociais e não por fatores lingüísticos. A direção e a extensão (dimensão) da interferência são socialmente determinadas. Os autores descrevem e analisam os resultados lingüísticos de situações de contato de língua, correlacionando esses resultados a certos tipos de fatores sociais. Eles propõem o seguinte quadro para demonstrar os resultados lingüísticos do contato de língua.¹⁵

¹⁵ Tradução da autora. O quadro é uma adaptação do de Tomason & Kaufman (1991). Detalhes irrelevantes para a presente discussão foram omitidos.

QUADRO 1



O quadro acima mostra o que ocorre em uma mudança de língua induzida pelo contato, onde duas situações são possíveis de acontecer: uma situação de manutenção da língua (há o empréstimo) ou de mudança da língua (há a interferência de substrato).

Na primeira situação, se ocorre um contato casual com a LA, há pouco bilingüismo entre os falantes que tomam a língua de empréstimo, e estes incorporam as palavras, os primeiros elementos estrangeiros, na sua língua nativa. Quando existe um contato intensivo com a LA, incluindo muito bilingüismo entre os falantes que tomam a língua de

¹⁶ Bilingualism traduzido como 'bilingüismo'. Cf. seção que diferencia os conceitos.

¹⁷ LA = Língua Alvo.

¹⁸ "BORROWING" - 'tomado de empréstimo'.

empréstimo por um período longo de tempo, o grupo toma de empréstimo os traços estruturais – elementos fonológicos e sintáticos especialmente, fonéticos, e mesmo os da morfologia inflexional da LA.

Quando existe uma pressão cultural esmagadora de longo tempo do grupo falante da língua fonte, pode ocorrer uma substituição gramatical massiva na língua dos falantes pressionados, ou a morte de língua.

Na segunda situação, onde o grupo de mudança é pequeno em relação ao grupo falante da LA, há pouca ou nenhuma interferência nessa língua como um todo, pois é provável que a aprendizagem da LA seja perfeita. Há também a situação onde um grupo grande de falantes que muda para a LA, fracassa em aprender perfeitamente essa língua (aprendizagem imperfeita). Os erros na fala da LA cometidos pelos membros do grupo de mudança se difundem para a LA como um todo, ao serem imitados pelos falantes originais daquela língua.

Um caso extremo que pode ocorrer em uma situação de mudança de língua, é o processo de crioulização brusca. Este acontece onde a disponibilidade da LA é tão limitada que os falantes da mudança adquirem apenas o vocabulário dessa, com sucesso, mas pouco ou nada da sua gramática. Seu produto são aquelas línguas crioulas que não se desenvolveram diretamente de pidgins completamente cristalizados.

Para a mudança de língua induzida pelo contato, existem dois tipos básicos de interferência: o “empréstimo” e a “interferência de substrato”.

O “empréstimo” é a incorporação de traços estrangeiros na língua nativa de um grupo, pelos falantes daquela língua. A língua nativa é mantida, mas é alterada pela adição dos traços incorporados. Numa situação de empréstimo, os primeiros elementos estrangeiros que entram são palavras. Tipicamente, mas nem sempre, as palavras tomadas de empréstimo são tratadas como “estemas” na língua recebedora – isto é, elas pegam os afixos usuais para a

apropriada classe de estema. Heath (1985, p. 37, *apud* THOMASON & KAUFMAN) ressalta que “esses estemas podem ser realmente palavras, incluindo afixos, na língua fonte”. Se há forte pressão cultural, de longo termo dos falantes da língua fonte sobre o grupo falante da língua que toma emprestado, então os traços estruturais podem ser tomados de empréstimo – elementos fonológicos, fonéticos, sintáticos, e mesmo (mais raramente) os traços da morfologia inflexional. Embora o empréstimo lexical freqüentemente ocorra sem bilingüismo difundido, o empréstimo estrutural extensivo aparentemente requer um bilingüismo extensivo (embora não universal) entre os falantes que tomam a língua de empréstimo, por um considerável período de tempo.

A interferência de substrato é um subtipo de interferência que resulta da imperfeita aprendizagem do grupo durante um processo de mudança de língua. Isto é, neste tipo de interferência, o grupo de falantes que muda para a “língua alvo” fracassa em aprender perfeitamente essa língua. Os erros na fala da LA, cometidos pelos membros do grupo de mudança, se difundem para a LA como um todo, quando são imitados pelos falantes originais daquela língua. Fatores atitudinais podem ser com freqüência os determinantes cruciais para a versão da LA dos falantes da mudança. Em outros casos, o fator principal é a disponibilidade da LA. Os “erros” são identificados somente do ponto-de-vista da estrutura de LA preexistente.

Diferente do empréstimo, a interferência através da aprendizagem imperfeita não começa com vocabulário. Ela começa com sons, sintaxe, e algumas vezes inclui morfologia. Se o objetivo dos falantes é de desistir de sua língua nativa e falar alguma outra língua, o vocabulário é a primeira parte da LA de que precisarão. Será a primeira parte que aprenderão. Provavelmente manterão as palavras de sua língua nativa apenas para as coisas em que na LA faltam palavras: comidas, itens culturais, nomes para animais locais, plantas. Os fatores

atitudinais podem interferir com essa predição, mas para o substrato, espera-se que se mantenha a predição, em interferência leve para moderada.

Outra diferença importante entre empréstimo e interferência, através da mudança, tem a ver com o tempo requerido para alcançar a modificação estrutural. Em todos os casos de empréstimo, em que os autores encontraram mudanças estruturais extensivas na língua que toma emprestado, houve contato durante centenas de anos.

Um processo de mudança de língua pode levar uma geração apenas. Nesse caso, os traços de interferência, falados pelos falantes da mudança, entrarão rapidamente na LA, embora a adoção desses traços pelos falantes da LA original possa tomar mais tempo.

Os traços de substrato são mais prováveis de entrarem na LA rapidamente do que devagar: se a mudança ocorre em longos séculos, então é provável que a população de mudança seja verdadeiramente bilíngüe na LA. Em tal caso, não há aprendizagem imperfeita, e conseqüentemente nenhuma interferência na LA. As atitudes dos falantes da mudança podem afetar o resultado lingüístico, mesmo com um processo de mudança de longo termo. Em casos de mudança rápida, é muito mais provável que os falantes da mudança fracassarão em aprender alguns dos traços da LA. A maior quantidade de interferência através da mudança, ocorrerá na ausência de completo (perfeito) bilingüismo, embora o grupo de mudança normalmente será parcialmente bilíngüe, durante o período de mudança. Os falantes da LA podem ser completamente monolíngües, ou pelo menos alguns deles podem conhecer a língua nativa do grupo de mudança. Sua língua pode ser mudada consideravelmente através da influência do grupo de mudança.

Com relação à intensidade de contato, essa não é a mesma para situações de mudança e de manutenção lingüística. Em casos de mudança de língua, onde o grupo de mudança é muito pequeno em relação ao grupo falante da LA, haverá pouca ou nenhuma interferência na LA como um todo. Em tais casos, os falantes da mudança, na ausência de

barreiras atitudinais, mais provavelmente terão pronto acesso à LA como a falada por seus falantes nativos. Mesmo se os aprendizes produzirem erros, a sua ocorrência não será tão difundida que os falantes da LA original os adquiram. Exceções podem ser esperadas em casos de interferência de superstrato.

Haverá pouca ou nenhuma interferência, provavelmente, se a mudança ocorrer após o grupo de mudança se tornar completamente bilíngüe e bem integrado na comunidade de fala da LA, porque é provável que a aprendizagem da LA seja perfeita.

A intensidade de contato numa situação de tomada de empréstimo envolve fatores de tempo e de nível de bilingüismo. Se poucos falantes da língua que toma de empréstimo são bilíngües na língua fonte, então normalmente apenas palavras serão tomadas de empréstimo. Se há um bilingüismo extensivo da parte dos falantes da língua que toma de empréstimo, e se esse bilingüismo persiste por um período longo de tempo, há a probabilidade de tomada de empréstimo estrutural substancial. O bilingüismo extensivo não implica que virtualmente cada falante da língua que toma de empréstimo é bilíngüe.

Situações de manutenção e mudança têm como o seu resultado mais extremo, o surgimento de uma língua cujo léxico não é da mesma fonte, como a maior parte da sua gramática. Tais línguas não são geneticamente relacionadas a qualquer das suas línguas fontes, sua origem é não genética. Em situações de mudança de língua, esses extremos casos são aqueles em que a disponibilidade da LA é tão limitada que os falantes da mudança adquirirão com sucesso apenas o vocabulário da LA, mas pouco ou nada da sua gramática. Exemplos incluem aquelas línguas crioulas que não se desenvolveram diretamente de pidgins completamente cristalizados. Para Thomason & Kaufman (*op.cit.*), existem crioulos para os quais um estágio de pidgin definitivo não é atestado, cuja estrutura pode ser creditada hipoteticamente à aquisição mal sucedida, extrema, da LA. Este processo é chamado de “crioulização brusca”. Seus produtos correspondem a “crioulos crioulizados prematuros”

(BICKERTON, 1979, *apud* THOMASON & KAUFMAN, 1991). Nessas línguas, os traços da nova língua não espalham-se para a LA como um todo, mas (por razões sociais) permanecem confinadas a um subgrupo isolado socialmente e/ou geograficamente.

Em uma situação de tomada de empréstimo intensa, subsistemas inteiros ou mesmo a gramática inteira pode ser tomada de empréstimo junto com um grande número de palavras; ou, alternativamente, o fenômeno conhecido como morte de língua pode ocorrer. Na maioria dos casos extremos, apenas porções do vocabulário, incluindo muito do vocabulário *básico*, são mantidos com sucesso. Os casos estudados deste tipo envolvem uma resistência persistente e obstinada para a assimilação cultural total, em face da pressão cultural esmagadora de longo termo dos falantes da língua fonte.

Uma pressão cultural tão intensa, em que todos os falantes pressionados devam aprender a língua dominante da comunidade, usualmente leva a um dos três resultados lingüísticos. Primeiro, a população subordinada pode mudar rapidamente para a língua dominante, abandonando a sua língua nativa. A língua abandonada pelo menos como a falada por aquele grupo, sofre “uma morte repentina”. Segundo, uma mudança pode ocorrer por muitas gerações, em cujo caso a língua da população da mudança pode sofrer o vagaroso processo de atrição, conhecido como morte de língua. Na terceira possibilidade, por razões de língua obstinada e lealdade cultural, o grupo pressionado pode manter o que puder de sua língua nativa, enquanto toma de empréstimo grandes porções da gramática da língua dominante, que eles substituem toda, ou pelo menos porções consideráveis da gramática original. O primeiro destes três resultados possíveis é provavelmente um tanto comum. O segundo também pode ser comum. O terceiro resultado é muito raro.

O hakitia poderia ser incluído no segundo resultado. Essa língua não sofreu morte repentina, pois alguns de seus elementos são ainda preservados e há falantes da mesma em algumas cidades. À medida que as gerações mais velhas vão morrendo e conseqüentemente

vai havendo a falta do contato entre os mais jovens e essas gerações, que ainda preservavam muito da língua, o hakitia vai sendo menos praticado e gradualmente esquecido. Em Belém não há escolas ou centros que se dediquem ao seu ensino, aliado à falta de interesse e necessidade por parte dos descendentes dos marroquinos. Uma vez restrito seu uso, o hakitia, como qualquer outra língua em situação semelhante, vai se extinguindo.

A “morte de língua” é um “processo que envolve a simplificação da forma de uma língua junto à restrição da sua função” (KNAB, 1980, p. 230, *apud* THOMASON & KAUFMAN, 1991). É a perda dos domínios de uso que conduz à perda dos recursos estilísticos e de estruturas gramaticais, quando as novas gerações de falantes fracassam em aprender as formas que os seus mais velhos nunca ou raramente usam.

3.1.1 Considerações sobre diglossia, bilingüismo, bilingüidade

Para tratar da mudança de língua induzida pelo contato, mencionou-se o bilingüismo. A seguir será dada uma revisão sobre o conceito acima, bem como a distinção que alguns autores fazem dos termos diglossia, bilingüismo e bilingüidade.

O termo bilingüismo ou multilingüismo é usado por Dittmar (1976) para a situação lingüística onde duas línguas ou mais coexistem em uma sociedade, ou são mantidas em constante contato por determinados interesses políticos e econômicos.

Ferguson (*apud* DITTMAR, *op.cit.*) descreve o conceito de diglossia como uma situação estável de duas variedades de uma mesma língua em contato, onde a variedade H (*high*) prevalece em todas as esferas públicas, e a variedade L (*low*) é a variante para a esfera informal das famílias e amigos.

Fishman (1976), por sua vez, considera a diglossia como a forma de coexistência de duas ou mais variedades de língua ou línguas onde os valores da classe social e as funções do limite de classe são complementares. Para o autor, a noção de diglossia não está restrita à condição de envolvimento de duas variedades da mesma língua. Diglossia é o termo para denotar qualquer situação onde diferenças nítidas entre sistemas lingüísticos correspondem estritamente à classe social e/ou às funções sociais governadas pela classe, onde essa estrita correlação é explicitamente conhecida e respeitada por pelo menos grande parte da sociedade em questão. Ainda para Fishman, bilingüismo é uma caracterização da versatilidade lingüística individual ao passo que diglossia é uma caracterização da distribuição social de funções para línguas ou variedades diferentes de uma mesma língua.

Conforme Ninyoles (1972), a idéia de bilingüismo se relaciona com um tipo de situação lingüística própria da conduta individual. Para ele, não se pode afirmar da existência de comunidades bilíngües e sim de indivíduos bilíngües. O bilingüismo é um assunto particular: faz referência à biografia individual e aos contornos concretos em que determinados indivíduos vivem. A noção de diglossia se refere a um tipo de organização lingüística a nível sociocultural. A diglossia implica uma diversificação de funções. No bilingüismo, as duas variedades lingüísticas cumprem funções iguais, ou seja, ambas são usadas no âmbito das relações formais e no das relações não formais.

Para Heye (2003), a coexistência de duas línguas em diferentes espaços sociais deve ser analisada segundo a condição particular dos indivíduos que se tornam bilíngües. Esta condição é caracterizada pelo contexto e idade de aquisição; pela variação de uso das línguas – função tópica, e ainda pela manutenção ou abandono das línguas em decorrência de fatores sociais e comportamentais como: família, grupo social, escolaridade e ocupações profissionais. Nesta condição particular, os bilíngües adquirem dois códigos lingüísticos dentro de determinadas comunidades de fala.

Segundo este autor, a condição de bilíngüe se modifica na trajetória de vida dos indivíduos e assume diferentes contornos em relação ao domínio e à variação de uso de ambas as línguas. A coexistência de duas línguas num determinado espaço social deve ser analisada de acordo com os diferentes estágios de bilingüismo, que se definem nos diferentes momentos de vida dos indivíduos bilíngües. Estes estágios são estabelecidos pelas funções de uso das línguas nos contextos: familiar, social, escolar e profissional.

O bilingüismo é então definido por este autor como a situação em que coexistem duas línguas como meio de comunicação num determinado espaço social, ou seja, um estado situacionalmente compartimentalizado de uso de duas línguas, e os diferentes estágios de bilingüismo, pelos quais os indivíduos portadores da condição bilíngüe passam na sua trajetória de vida, são para ele bilingüidade. Os estágios são processos situacionalmente fluidos e definem de forma dinâmica a biocompetência lingüística comunicativa e cultural nas diferentes épocas e situações de vida do falante.

A comunidade lingüística, os papéis e as funções sociais, o “status” relativo dos falantes e das línguas, o tópico, o domínio lingüístico e social são alguns fatores responsáveis pela caracterização de situações bilíngües.

O hakitia, pode-se dizer diante do que foi exposto até aqui, é uma língua de diáspora não territorializada, não oficial, não nacional, tem um vínculo cultural com um grupo étnico, que tem suas tradições, costumes e religião própria. Com o passar do tempo, foi se rehispanizando nos países em que entrou em contato com o espanhol local, até chegar ao Brasil, onde adquiriu uma nova característica. Aqui o hakitia entrou em contato com o português, com o falar dos caboclos locais, com as línguas indígenas, e pelo que se observa atualmente, descaracterizou-se. Poucos dos seus traços anteriores restaram. Com o desaparecimento das gerações antigas, dos que efetivamente falavam o hakitia, este vai tendo o seu uso restrito, sendo apenas parcialmente transmitido às gerações mais novas, por razões

diversas. Aos poucos, os falantes vão perdendo a habilidade de se expressar em hakitia. A situação já não é a mesma da pós-expulsão, no Marrocos, e o uso do hakitia já não é mais tão necessário. A tendência é de que as línguas minoritárias, dentre elas o hakitia, estejam em processo de extinção, uma vez que outras de maior prestígio, reconhecimento político e utilidade prática predominam.

Com base nos históricos de vida dos indivíduos bilíngües, como no caso do hakitia, identifica-se uma situação onde uma das línguas é abandonada, ou tem o seu uso reduzido, em decorrência de situações funcionais, de situações de domínio lingüístico, onde uma língua é dominante, ou seja, o português, e a outra subordinada.

Vê-se claramente a situação acima na comunidade de Belém, onde o uso do hakitia se faz através de uma mescla com o português, contribuindo este com a maior parte da estrutura. Segundo Weinreich (*apud* THOMASON & KAUFMAN, *op. cit.*): a dimensão, a direção e a natureza de interferência de uma língua com outra pode ser explicada mais profundamente em termos do comportamento de fala dos indivíduos bilíngües, que por sua vez é condicionado por relações sociais na comunidade onde vivem.

3.1.2 Línguas judaicas

Como já se disse, o judeu-espanhol é uma língua românica, mas também judaica.

Os judeus viveram em séculos passados em uma situação de isolamento físico, em bairros especiais, com relação aos seus compatriotas de outra religião. Não era apenas físico, mas também implicava um isolamento social, cultural e lingüístico. Assim, desenvolveram formas especiais de falar, seja pelas suas peculiaridades culturais ou por auto-defesa, para poderem comunicar-se sem que fossem entendidos pelos *gôim* ou não-judeus. Díaz-Mas

(1993) informa que assim nasceram o que os eruditos modernos chamam de línguas judaicas, variedades da língua de cultura dominante utilizadas na vida social e familiar das juderias.

Entre 1953 e 1957, o anual “Bibliographie Linguistique” classificou as línguas judaicas, juntamente aos “pidgins e crioulos” e “cigano” (romani), como “línguas mistas”. De 1958-67, as 3 áreas foram colocadas em listas separadas. Na classificação corrente, que data de 1968, as línguas judaicas são privadas do seu status independente e são classificadas sob o nome da língua cognata que supre o componente de base. Portanto, o judeu-espanhol é anexado ao espanhol. É considerado um desenvolvimento do espanhol.

Há questionamentos com relação à hipótese de que algumas línguas judaicas tenham sido iniciadas como formas de fala crioulizadas e se aspectos do processo de pidginização e crioulição, p.ex. relexificação na ausência de reestruturação gramatical, podem também ser um traço distintivo do desenvolvimento das mesmas. As línguas crioulas, como as línguas judaicas foram consideradas erroneamente arcaicas em comparação à língua da cultura relacionada (LOPES DA SILVA, 1957:16; WILSON, 1962:1; VALKHOFF, 1966:53, *apud* WEXLER, 1981), como distorções da língua da cultura relacionada (STEWART, 1962:43; WILSON, 1962:3; HYMES, 1971:3), ou como resultado da fusão de dialetos heterogêneos da língua da cultura relacionada (FAINE, 1939; VALKHOFF, 1966: 141-2). Embora muitas línguas judaicas e todas as crioulas ocorram num ambiente multilingual, o papel do substrato e adstrato na gênese e desenvolvimento dos dois tipos de língua é dissimilar. Por exemplo, a fusão de componentes múltiplos das línguas mutuamente ininteligíveis caracteriza ambos, mas as motivações para a fusão não são compartilhadas. Para as línguas judaicas, destinadas somente à comunicação intracomunal, a fusão é parte do desejo do grupo por uma expressão lingüística independente. O critério da “simplificação”, citado como um índice de prévia crioulição em uma língua (RICKFORD, 1977:194-5, *apud* WEXLER, *op.cit.*), não parece caracterizar a gramática de qualquer língua judaica atestada, se

comparada aos dialetos cognatos não judaicos (M. MIESES, 1915: 104, *apud* WEXLER, *op.cit.*).

Wexler (1981) propõe três razões para o surgimento das chamadas línguas judaicas:

- segregação: os judeus não adquiriram as normas dos dialetos não judaicos coterritoriais por causa da exposição limitada à sociedade não judaica. Como resultado, eles podiam não seguir normas não judaicas de padronização. Suas línguas, cortadas das inovações lingüísticas que afetavam os falantes não judeus, se tornavam arcaicas.
- separatismo religioso: o judaísmo encorajaria o uso do hebraico e do aramaico e apresentaria relativo fechamento para com os termos da língua nativa que denotassem conceitos religiosos não judaicos e línguas litúrgicas não judaicas.
- migrações: com a perseguição, a expulsão, aumentou a probabilidade de os judeus ficarem mais largamente expostos a dialetos heterogêneos e a línguas estrangeiras do que a população não judaica relativamente mais sedentária.

Enquanto alguns destes fatores acima possam certamente ter influenciado no desenvolvimento de uma língua judaica, eles não induzem necessariamente o nascimento de uma variante judaica distintiva. A maioria das línguas judaicas foi criada quando judeus tiveram acesso a normas lingüísticas não judaicas e foram familiarizados com elas. As línguas judaicas têm sido consideradas de alguma maneira “derivadas” das línguas coterritoriais cognatas, com subsequente acréscimo do hebraico-aramaico e outros componentes não nativos. Existem várias razões pelas quais as línguas judaicas têm sido vistas como “derivações” e até distorções de línguas não judaicas. As línguas judaicas usualmente carecem de reconhecimento político (com pouquíssimas exceções). Elas coexistem ao lado de línguas

cognatas politicamente reconhecidas, que desfrutam uma tradição literária estabelecida. Daí terem freqüentemente baixo prestígio entre os falantes nativos e observadores não nativos.

Bentes (*op.cit.*) propõe três causas para a criação, conservação e evolução do hakitia. A primeira e principal seria a conveniência (*sic*) para os judeus ibéricos, de entenderem-se uns com os outros sem perigo de sê-lo por estranhos, mouros ou cristãos, em tempos em que todos os meios de defesa eram poucos para preservar-se de perseguições e atropelos. Isto seria confirmado pela própria “decadência” e gradual desaparecimento do hakitia, à medida que com a crescente civilização e respeito pelos direitos humanos, vai crescendo o sossego e a confiança do judeu hispano-marroquino.

A segunda causa, que nas palavras de Bentes, melhor se relaciona à persistência e progressivo incremento do hakitia, provém do afastamento da terra pátria, alheamento que forçosamente fez obliterar e esquecer, pouco a pouco, grande quantidade de vocábulos castelhanos e surgir a necessidade de repletá-los ou substituí-los sucessivamente por outros de língua árabe ou hebréia.

A terceira causa, oriunda das duas primeiras e da distância cada vez maior em tempo, espaço, educação e costumes entre os judeus expulsos e os espanhóis, seria a “natural aspiração” (*sic*) de possuir um idioma próprio para entender-se, reconhecer-se uns aos outros, e para não confundir-se, nem serem confundidos com seus correligionários de fala arábica.

3.2 A hipótese da existência de uma língua judaica na Hispânia Medieval

Renzi (1982) apresenta um panorama lingüístico da Península Ibérica na Idade Média. Este era mais variado que o atual: ao norte havia o galego, que é relacionado ao português e está amplamente castelhanizado, o leonês, o navarroaragonês; ao sul, em simbiose

Assim sendo, esta teoria assume que o espanhol falado pelos judeus antes de 1492 era o mesmo daquele falado pelos cristãos espanhóis da época. Esta é a visão de Kahane (1973), Perles (1925), Revah (1964 e 1970), Lazar (1972), Sephiha (1973 e 1986) e Malinowski (1979), como explicita Harris. A autora menciona principalmente os cristãos, mas havia outros povos na região que não foram citados por ela.

Harris (*op.cit.*) apresenta também outro ponto-de-vista sobre essa questão, presente em outros trabalhos tais como Wagner (1930), Blondheim (1925), Bernadete (1982) e S. Marcus (1962), que consideram que a língua dos judeus na Espanha já era diferente em certos aspectos do seu léxico, morfologia e fonologia, daquela dos cristãos na Idade Média. Esta teoria foi baseada na existência de vários textos escritos na Espanha antes do tempo da expulsão, e em textos publicados no Império Otomano nos anos de 1500 e 1600 após a expulsão, bem como em certas características lingüísticas encontradas na fala de sefarditas que moraram nos Bálcans e norte da África, após a expulsão. Estes textos foram geralmente escritos em caracteres hebraicos ou em escrita *Rashi*¹⁹.

A autora considera a questão do ponto de vista sociológico/histórico afirmando que é difícil negar a presença de algumas distinções entre a língua dos judeus e a dos cristãos na pré-expulsão da Espanha. Essas diferenças se manifestavam no componente hebraico do dialeto judaico devido à mentalidade, à maneira de viver judaica, na influência árabe resultante do contato judaico com a cultura muçulmana, em alguns arcaísmos, e em formas “eufemísticas” e “corruptas” (*sic*) de itens lexicais resultantes de crenças religiosas e superstições, ou para alcançar efeito humorístico.

A autora diz que os judeus espanhóis usavam dois tipos de castelhano: um para o uso na sinagoga e no lar, e o outro para se comunicar com gentios nos mercados e em seus

¹⁹ *RASHI* é o nome abreviado do rabino Salomão Yitzchaki (= Ben Isaac, 1040-1105), um erudito francês. Os caracteres *Rashi* são uma forma semicursiva da escrita hebraica, usada principalmente para escrever e imprimir comentários rabínicos. É também denominada *mashket* e conhecida como “caracteres rabínicos”.

contatos sociais e comerciais. Por causa do possível perigo em volta, os judeus tinham um mecanismo de defesa em forma de língua de ocultação, que permitia a eles se comunicarem secretamente com seus correligionários. Nessa instância, eles usariam hebraico e expressões árabicas, algumas das quais continuaram a ser usadas como parte de uma língua secreta por séculos no exílio.

Parece que em sua história, os judeus têm geralmente adotado a língua do país no qual vivem como a sua língua materna, enquanto ao mesmo tempo, introduzem uma clara diferenciação lingüística ou variedade judaica Bunis (1974); Mézan (1936) *apud* HARRIS (*op.cit.*). Estas variedades são explicadas pelas diferenças na mentalidade e no meio de vida dos judeus.

Días-Mas (1993) menciona que o espanhol dos judeus não diferia daquele dos demais habitantes da península, exceto em alguns traços dialetais determinados por razões religiosas: o uso de “**el Dio**” em vez de “Dios”, cujo -s- final parecia marca de plural, incompatível com o monoteísmo judaico; nomear o domingo dos cristãos com a palavra de origem árabe **alchad**; o uso do termo **meldar** como sinônimo de “orar”, “ler textos religiosos” e mais tarde simplesmente “ler”; a utilização de palavras hebraico-aramaicas para designar certas realidades da vida religiosa; e a conservação de formas mais próximas ao étimo original em alguns arabismos, por existir em hebraico e árabe um som laringal, grafado pela letra א (*ain*) em hebraico, inexistente em castelhano.

Minervini (2002) considera que as variedades ibero-românicas faladas pelos judeus da Península, até o final do século XV, não parecem ter uma fisionomia própria no aspecto fonológico e morfossintático, frente às variedades co-territoriais faladas pelos cristãos. A referência a “variedades ibero-românicas” e dentre estas, a “variedades hispânicas”, leva à hipótese de que os judeus provenientes de distintas regiões da Península

Ibérica falassem de maneira distinta e, portanto, não existia uma koiné, isto é, uma variedade comum sobrerregional judeu-espanhola falada antes da expulsão do final do século XV.

Segundo a autora, a grande maioria dos judeus hispânicos vivia na Coroa de Castela, no século XV. O que caracterizava essa população era sua extrema dispersão, sua relativa instabilidade, e o predomínio de comunidades rurais. Para ela, as condições acima não são favoráveis ao desenvolvimento de koineização. A formação de uma koiné judeu-espanhola é consequência de novas condições históricas, sociais e culturais. Estas condições são o resultado do desenraizamento de pessoas pertencentes a comunidades lingüisticamente distintas, e de seu reagrupamento em comunidades mistas no Marrocos e nos territórios do Império Otomano.

Minervini (*op.cit.*) relata que as investigações sociolingüísticas demonstram que as comunidades em que dominam redes sociais débeis são mais expostas à mudança lingüística e às inovações sociais. A migração implica o relaxamento ou desintegração dos fortes laços sociais, de maneira que seria de esperar um incremento da mudança lingüística nas comunidades de emigrados. Isto é o que passa no caso dos judeus sefarditas, que com o exílio, experimentam uma reestruturação de suas redes sociais e de seus repertórios lingüísticos.

Para a autora (2002, p.500-501):

A reestruturação dos repertórios lingüísticos em uma situação de contato interdialetal consiste em um primeiro período, na produção de abundantes variantes na fala de todos. Depois, há seleção de certas variantes e o abandono de outras, resultando um novo dialeto no final. A redução de variantes se faz à base dos distintos fatores: demografia, proeminência (consciência dos falantes), simplicidade (regularização dos paradigmas), nivelção (abandono de variantes não freqüentes ou marcadas).

Minervini (*op.cit.*) informa que entre os judeus sefarditas, o processo de nivelção interdialetal tem como base o castelhano, língua que por motivos políticos, econômicos e sócio-culturais vai se impondo desde séculos em todas as regiões do país e ainda em Portugal.

A gradual absorção lingüística e cultural de comunidades judias de outras tradições lingüísticas acompanha este processo.

Bendelac (1990) afirma que o hakitia não existiu antes da expulsão e foi uma criação dos emigrados ao Marrocos. Antes da expulsão, os judeus da Espanha falavam provavelmente um espanhol já diferente dos cristãos, e comum, provavelmente, a todos os judeus espanhóis, com as variações regionais. Este era o mesmo para os que foram a outras partes. Depois, nos diferente países onde se radicaram, esse fundo comum passou por mudanças distintas, e se criaram idiomas distintos, originais.

Para a autora, os judeus sefarditas separados da vida da Espanha e da evolução fonética normal do espanhol da Península, levaram para o Marrocos a língua que falavam nas comunidades da Espanha, ou seja, uma variedade do espanhol do século XV, com seus próprios modismos culturais e judaicos. Enquanto o espanhol da Península evoluía, deixando estruturas, fonemas e vocábulos, que se tornavam arcaicos, os sefarditas do Marrocos o conservavam em sua forma antiga. Com o tempo, e à medida que iam se esquecendo de elementos lexicais espanhóis, ou que enfrentavam uma realidade nova, iam substituindo esses por elementos do hebraico e do árabe dialetal marroquino principalmente. Assim foi se formando um idioma distinto, à base de espanhol antigo, hebraico e árabe local, com alguns empréstimos de outras línguas (berber, português, francês, inglês). Era um idioma em que, mesmo as estruturas e o vocabulário espanhóis adquiriam sentidos e usos diferentes dos da Península. Era original, com entonação e inflexões próprias, uma língua de humor, afetividade, e que refletia com fidelidade o espírito, as crenças, os prejuízos, o modo de pensar e de viver daqueles que a criaram e a usavam.

Bendelac (*op.cit.*) completa dizendo que o hakitia, a língua que se criou no Marrocos, é a mescla e o resultado das transformações históricas e geográficas ocorridas nesse lugar, com criações próprias, originais, ditadas pelas necessidades da vida diária.

Dentre os autores que consideram o hakitia como uma língua existente antes da diáspora da Espanha, podemos destacar Benoliel, Bentes.

Para Benoliel (*apud* BENDELAC, *op.cit.*) o hakitia é de criação muito mais antiga e remota do que se supõe vulgarmente e já era usado pelos judeus da Espanha e de Portugal antes de sua expulsão.

Bentes também afirma que o hakitia é, sem dúvida, de criação muito mais antiga, mais remota do que se supõe. Diz que já era usada pelos judeus da Espanha e de Portugal antes da expulsão. O autor exemplifica com a novela “El Casamiento Engañoso”, onde Cervantes cita um adágio com evidentes traços de fabricação judaica e não poucos indícios de hakitia: “Pensóse D. Simueque que me engañaba con su hija la tuerta, y por el Dió, contrecho soy de un lado”.

Segundo Bentes (1981, p.75):

Se em lugar de Simueque dissermos Simuel que, - o que não prejudica ao sentido e parece mais verossímil, - se repararmos que por el Dió é juramento judeu e hakítico, pois só os judeus se receiam de empregar a palavra Deus, por parecer-lhes encontrar nela um plural, tão contrário a suas crenças relativas à absoluta unidade do criador, logo reconheceremos no citado adágio não só a marca de fábrica judia, como o próprio estilo da hakítia pura”.

Bentes ainda cita Gil Vicente, através do “Auto de Inez Pereira” e “Diálogo sobre a Ressurreição”. Para o autor, existia entre os judeus da Espanha e Portugal, antes de sua expulsão, um dialeto semelhante ao hakitia, mais pobre em expressões árabes, mais “castiço” em relação ao idioma basilar - o castelhano, e menos generalizado em todas as classes sociais.

Harris (*op.cit.*) conclui que ambas as teorias, no que concerne à existência ou não do dialeto judaico na pré-expulsão da Espanha, apresentam evidências para o seu suporte, mas que é necessário maior estudo na área. A dificuldade em se obter manuscritos medievais escritos por judeus espanhóis é um obstáculo. A maioria das cópias das traduções bíblicas e litúrgicas desapareceram. As que não foram levadas pelos judeus em seu exílio, foram

destruídas pela Inquisição. As levadas pelos exilados foram destruídas por fogo, uso excessivo ou negligência.

Ambas as teorias me parecem consistentes, mas adoto a posição de que o hakitia é uma língua que surgiu com a expulsão dos judeus da Espanha. A bibliografia mais completa, a história, as evidências favoreceram a minha tomada de posição.

3.3 Metodologia da coleta de dados

3.3.1 Considerações gerais

Como parte dos objetivos específicos desta dissertação, está o de descrever como está se processando a extinção do hakitia na comunidade judaica de Belém do Pará (cf. Cap.1). Derivada de trabalhos anteriores (SCHEINBEIN, 2003, 2004), formulei a hipótese de que dentre os elementos que resistem à extinção numa língua estão os xingamentos, as expressões ou refrões, as palavras de cunho afetivo, utilizadas em situações informais, corriqueiras, em família ou entre amigos, usados também propositalmente como língua de ocultação.

Partindo das descrições existentes do hakitia nos trabalhos já citados de Benoliel, Bentes, Sabbá Guimarães, Aflalo, Bendelac, a presente pesquisa foi realizada sob a ótica dos estudos lingüísticos contemporâneos, com vistas a um tratamento do real uso da língua em diferentes gerações de ambos os sexos na cidade de Belém do Pará. A escolha desta comunidade não foi aleatória. Foi escolhida por possuir um número representativo de judeus sefarditas. Empreendi a pesquisa de campo no ano de 2005, em que foram levantadas

informações sobre a população dos sefarditas da comunidade, sua história sócio-cultural, os usuários dessa língua, em quais ocasiões e onde essa língua é utilizada, quem a usa e qual é a atitude lingüística desses sefarditas. Essa pesquisa teve a duração de nove dias.

Com o objetivo de descrever como está se processando a extinção do hakitia em Belém do Pará, após contatos prévios com algumas pessoas da comunidade que facilitaram a minha chegada, realizei um inquérito sociolingüístico baseado em Harris (*op.cit.*), com algumas modificações, junto aos informantes dessa língua (cf. anexo 3).

Da mesma maneira como Harris procedeu, não correlacionei sistematicamente traços de língua específicos a fatores sociais como idade, classe, ocupação, embora tenha classificado os informantes segundo a faixa etária e o gênero. Tentei obter um perfil geral da presente situação do hakitia na comunidade.

Na minha permanência em Belém, procurei me integrar à comunidade, aos hábitos locais, com a finalidade de identificar as situações em que os falantes se utilizam do hakitia.

As línguas apresentam a variação espacial ou “horizontal” e a variação social ou “vertical”. O que ocorre no caso de línguas minoritárias e em extinção é a verticalização do dialeto: o que podia ser percebido no espaço é identificado em situações sociais especiais, como de trabalho ou celebrações (Cohen, 2003). Para isto, torna-se necessária a convivência e a integração ao ambiente dos “falantes” dessa língua.

Através desse perfil social foi possível conhecer a vitalidade do hakitia nessa pequena comunidade.

A seguir serão apresentados os sete informantes, os dados coletados e a sua análise.

3.3.2 Seleção dos informantes

De acordo com os objetivos desta dissertação, foi estabelecido que seriam escolhidos informantes judeus de origem marroquina, na cidade de Belém, Estado do Pará, de ambos os gêneros, divididos em três faixas etárias. A amostra constou de sete informantes, dividida nas três faixas etárias a seguir, o que caracteriza três gerações diferentes:

Faixa 1 – 15 a 39 anos

Faixa 2 – 40 a 60 anos

Faixa 3 – maiores de 61 anos

Dentro do estabelecido, procurou-se por pelo menos um informante de cada faixa etária, dos dois gêneros, para possibilitar a obtenção de um quadro geral do hakitia na comunidade.

Decidiu-se a princípio por um número maior de informantes. No entanto, foram esses reduzidos a sete por razões pragmáticas de pesquisa de campo e por termos verificado que a afirmativa de Dorian (1977, *apud* HARRIS, *op. cit.*) sobre os informantes de uma língua em extinção é verdadeira. Segundo o autor, o pesquisador de campo que investiga uma língua em extinção tem por definição um limitado “pool” de informantes potenciais. Este pool pode variar de apenas uma pessoa a algumas centenas.

Todas as entrevistas foram gravadas em fitas cassete e transcritas, posteriormente. (Cf. anexo 4).

A seguir, apresenta-se a distribuição dos informantes por faixa etária:

TABELA 1 – Faixa 1 (15 a 39 anos)

INFORMANTE	GÊNERO	IDADE
5	FEMININO	20 ANOS
6	MASCULINO	20 ANOS

TABELA 2 – Faixa 2 (40 a 60 anos)

INFORMANTE	GÊNERO	IDADE
1	MASCULINO	41 ANOS
2	FEMININO	48 ANOS

TABELA 3 – Faixa 3 (maiores de 61 anos)

INFORMANTE	GÊNERO	IDADE
7	MASCULINO	53 ANOS
4	FEMININO	66 ANOS
3	MASCULINO	68 ANOS

No que se refere a um falante representativo: Samarin (1967, *apud* HARRIS, 1994) o define como aquele que incorporou todas as regras lingüísticas necessárias para a interação eficiente com os outros membros da comunidade de fala. Ele quer dizer que o falante tem dentro dele o microcosmo da estrutura lingüística.

Conforme o autor, quando a preocupação é em se determinar o perfil estrutural de uma língua na sua forma mais ampla, usualmente, não existe a necessidade de mais do que um bom informante. Quanto mais diversidade se espera encontrar numa língua, em um determinado ponto, mais necessidade há de se ter uma pluralidade de informantes.

Como se poderá verificar pela análise não foram encontrados falantes ou mesmo “semi-falantes” do hakitia em Belém do Pará, nos termos de Harris (1994). A autora nos relata o que acontece a uma língua étnica e minoritária, ao longo de 3 gerações, numa sociedade onde há uma outra língua dominante: a primeira geração, a dos avós, fala a língua original ou materna fluentemente e a usa sempre ou na maior parte do tempo. A segunda geração, a dos pais, é bilíngüe na língua materna e na língua dominante (substituta) e freqüentemente se sente mais familiarizada com a nova língua. Dorian (1981, *apud* HARRIS) trata esta geração como a dos “semi-falantes”. Conforme a autora, é esta geração bilíngüe que transmite a língua dominante para a terceira geração como a sua nova língua materna. Os

membros da terceira geração, a dos netos, entendem ou falam muito pouco a língua nativa dos seus avós e usam a língua dominante em quase cem por cento do tempo.

3.3.3 Lista dos informantes

A presente lista fornece os dados necessários dos informantes, os dias em que foram realizadas as entrevistas e o nome da pesquisadora.

Informante 1

Transcrição de gravação realizada em Belém no dia 18/08/05

M. A., gênero M, 41 anos, zona urbana, 3º grau

Pesquisadora: C. S.

Informante 2

Transcrição de gravação realizada em Belém no dia 20/08/05

B. B., gênero F, 48 anos, zona urbana, 3º grau

Pesquisadora: C. S.

Informante 3

Transcrição de gravação realizada em Belém no dia 22/08/05

H. B., gênero M, 68 anos, zona urbana, 2º grau

Pesquisadora: C. S.

Informante 4

Transcrição de gravação realizada em Belém no dia 22/08/05

M. S. I., gênero F, 66 anos, zona urbana, 2º grau

Pesquisadora: C. S.

Informante 5

Transcrição de gravação realizada em Belém no dia 22/08/05

B. S., gênero F, 20 anos, zona urbana, 3º grau incompleto

Pesquisadora: C. S.

Informante 6

Transcrição de gravação realizada em Belém no dia 23/08/05

T. O., gênero M, 20 anos, zona urbana, 3º grau incompleto

Pesquisadora: C. S.

Informante 7

Transcrição de gravação realizada em Belém no dia 23/08/05

I. O., gênero M, 53 anos, zona urbana, 3º grau

Pesquisadora: C. S.

3.3.4 Entrevistas

Feita a seleção dos sete informantes, procedeu-se às entrevistas. Estas foram realizadas em diferentes locais, por apenas uma entrevistadora. O número de entrevistas foi satisfatório, pois conseguiu-se, dentro do planejado, um informante de cada faixa etária e de cada gênero.

O inquérito sociolinguístico teve como base o questionário do informante já mencionado, proposto por Harris (1994) e adaptado como um roteiro para as entrevistas. (Cf. anexo 3).

Buscou-se seguir o roteiro, realizando todas as questões contidas nele, exceto com um informante em que o procedimento foi outro. Com este, foi realizada uma entrevista mais livre onde além das informações pertinentes, ele ofereceu material complementar. O seu questionário foi respondido sem a presença da pesquisadora e entregue em outro dia. As entrevistas também incluíram pequenos comentários extras que enriqueceram ainda mais o trabalho. Devido aos variados lugares, algumas entrevistas foram acompanhadas de mais informantes ou ouvintes. Os roteiros foram todos preenchidos pela pesquisadora, ao mesmo tempo em que as entrevistas eram gravadas em fitas cassete. O tempo de duração foi variável, de acordo com o conhecimento de cada informante, mas o mínimo utilizado foi de 40 minutos. Todos os informantes foram cooperativos e muito receptivos.

3.3.5 Transcrição das gravações

As normas utilizadas nas transcrições das gravações foram adaptadas daquelas usadas para o Projeto Filologia Bandeirante em 1998, por sua vez baseadas nas normas do Projeto NURC (AMARAL, 2003). As transcrições encontram-se no anexo 4.

Segundo Marcuschi (1991, *apud* AMARAL, *op.cit.*, p. 91): “o essencial é que o analista saiba quais os seus objetivos e não deixe de assinalar o que lhe convém. De um modo geral, a transcrição deve ser limpa e legível, sem sobrecarga de símbolos complicados”.

3.3.5.1 Critérios de transcrição

a) Textual - transcrição ortográfica

- palavras em hakitia - negrito
- palavras em hebraico - itálico

b) Traços contextuais – a seguir:

- pausa: reticências ...
- inaudível ou hipótese do que foi ouvido, parênteses simples: (...)
- comentários: (())
- sobreposição de fala: { }
- discurso direto: " "
- ênfase: maiúscula
- truncamento: /
- alongamentos: repetir o segmento
- começar com minúsculas
- pontuação: apenas interrogação ?
- interjeição: com h
- risos: entre parênteses (risos)
- omissão de assuntos não relevantes: [...]

3.3.6 Transliteração do hakitia

Com relação aos critérios de transliteração do hakitia, há os de Benoliel (1977), Bendelac (1990), Benharroch B. (2004), com um elaborado dicionário sobre a língua enriquecido por inúmeras expressões realizado em língua espanhola. Cada autor apresenta o seu, já que não há uma uniformidade de pronúncia, existindo particularidades regionais no hakitia. Há que se ressaltar que uma língua sem normatização e em fase de restrição de uso favorece a adoção dos mais variados critérios. Através dessa pesquisa, propus outros critérios, adequando-os ao português brasileiro, a língua com a qual o hakitia entra em contato.

3.3.6.1 Critérios de transliteração

Os critérios de transliteração incluíram os símbolos gerais e os sons propriamente, como a seguir:

a) Símbolos gerais

- O símbolo ~ é usado para indicar as variantes
- O símbolo (<) é usado para informar a procedência
- O acento agudo é usado para indicar a sílaba tônica como em **mazál**

b) Sons

- a oclusiva bilabial desvozeada [p] será transcrita por -p- como em **padre, pan**
- a oclusiva bilabial vozeada [b] será transcrita por -b- como em **bat, bueno**
- a oclusiva alveolar desvozeada [t] será transcrita por -t- como em **trabacho**

- a oclusiva alveolar vozeada [d] será transcrita por -d- como em **Dió**
- a oclusiva velar desvozeada [k] será transcrita por -c- como em **carne**
- a oclusiva velar vozeada [g] será transcrita por -g- como em **guezará, góí**
- a fricativa labiodental desvozeada [f] será transcrita por -f- como em **fondac**
- a fricativa labiodental vozeada [v] será transcrita por -v- como em **veste**
- a fricativa alveolar desvozeada [s] será transcrita por -s- como em **safon** no início de palavra e por -ss- no interior da palavra como em **bassar**
- a fricativa alveolar vozeada [z] será transcrita por -z- como em **zonear, ferazmal**
- a fricativa alveopalatal, desvozeada [ʃ] será transcrita por -sh- como em **shaá, shofear**
- a fricativa alveopalatal vozeada [ʒ] será transcrita por -j- como em **hijo**
- a fricativa velar desvozeada [x] será transcrita por -ch- como em **chacham, chamor**
- a fricativa glotal desvozeada [h] será transcrita por -r- em final de palavra como em **chadrear, enshear**
- a fricativa glotal vozeada [ɦ] será transcrita por -r- como em **lamargo**
- a nasal bilabial vozeada [m] será transcrita por -m- como em **mear, madre**
- a nasal alveolar vozeada [n] será transcrita por -n- como em **negro**
- a nasal palatal vozeada [ɲ] será transcrita por -nh- como em **anhade, senhor**
- a tepe alveolar vozeada [ɹ] será transcrita por -r- como em **rav, morá** e também quando em final de palavras que provém do hebraico como em **bassar, machar**
- a lateral alveolar vozeada [l] será transcrita por -l- como em **lashon, libro**
- a lateral alveolar vozeada velarizada [ɭ] será transcrita por -l- como em **mazál, meldar**
- a semivogal [w] no final de palavra, como em **boril** será grafada por -l -.

Observações:

- onde há palavras como **perro**, que aparecem grafadas com dois rr seguidos, lê-se como arremessar, arrepiar, em português.

CAPÍTULO 4

DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Os dados coletados foram distribuídos em dois grupos: extralingüístico e lingüístico propriamente.

4.1 Fatores extralingüísticos

A seguir apresentam-se os dados extralingüísticos, ou seja, aqueles relacionados com a questão social, a saber: língua de ocultação, como o hakitia é considerado pelos informantes, ou seja, como eles denominam o hakitia - língua, dialeto ou variação, o hakitia como fator de identidade, atitude positiva em relação ao hakitia, uso do hakitia com pessoas de fora da comunidade.

4.1.1 Língua de ocultação

Dentre os informantes, verificou-se o uso do hakitia como língua de ocultação ou a menção de seu uso como tal, como na tabela a seguir²⁰

²⁰ Utilizou-se o símbolo X para os casos onde o uso ou menção foi positivo e o traço para os casos onde não houve uso ou menção. Estes símbolos serão usados em todas as tabelas seguintes.

TABELA 4 – Língua de ocultação

FAIXA ETÁRIA	INFORMANTE	LÍNGUA DE OCULTAÇÃO
1	5	X
1	6	X
2	1	X
2	2	X
3	7	X
3	4	X
3	3	X

Vejam-se abaixo, excertos das entrevistas em que os informantes ou usam o **hakitia** como uma língua de ocultação, ou se referem a ele como tal:

(1) “não ... assim a gente tá na rua e vem ... vem um ladrão digamos (risos) ... aí a gente vira ‘mãe **shofea** o **chalampão**’ ”²¹ (I 5: p. 275; l. 295, 296)²²

A expressão significa ‘mãe, olha o ladrão’.

(2) “aí chega uma pessoa que não é da comunidade / ela é muito chata / a gente fala ‘lá vem aquele **boril** lá vem aquele aquele chato’” (I 5: p. 276; l. 322, 323)

A descodificação é dada pelo próprio contexto, ou seja, **boril** significa ‘chato’.

(3) “é ... que pra não entender o que a gente tá falando / porque quando a gente fala na realidade a gente só quer que as pessoas que saibam ... entendam o que a gente tá dizendo” (I 5: p. 276; l. 325, 326)

(4) “eu acho que é mais uma comunicação é de ... como é que posso falar ... mais uma comunicação nossa ... pra pra as outras pessoas não tarem entendendo o que a gente tá dizendo” (I 5: p. 277; l. 361-363)

() “nossa ... dos judeus?” (P: p. 277; l. 364)²³

(5) “dos judeus é” (I 5: p.277; l. 365)

() “para os outros não entenderem ?” (P: p. 277; l. 366)

²¹ Todas as palavras em hakitia são ressaltadas em negrito.

²² Leia-se I 5: p. 7; l. 300, 301 como: Informante 5: página 7; linhas 300, 3001, e assim por diante em todas as citações.

²³ Leia-se P: p. 8; l. 369 como: Pesquisador: página 8; linha 369. Na numeração das citações não levou-se em conta os comentários e perguntas do pesquisador.

(6) “é ... porque as pessoas escutam (risos) ... a gente tá falando ... ‘han o que foi?’ ‘não ... não é nada ... aqui’” (I 5: p. 277; l. 367, 368)

(7) “sim ... quando eu quero ... contar alguma algum segredo alguma coisa assim que a pessoa não entende que eu vou eu tô entre algum judeu eu quero falar mal de alguém eu quero falar alguma coisa não quero que a outra pessoa entenda ... eu falo aí eu aí eu emendo palavras da hakitia entendeu mas ...” (I 6: p. 288; l. 206-209)

(8) “é ... é ... eu não falo a língua entendeu / mas eu vou colocando a palavra ... sabe ... por exemplo sei lá se eu tô no meio de uma mesa assim no no com os amigos só tem um judeu aí eu falo assim é ... pera um minuto aí que eu vou **mear** ... entendeu ? eu não vou dizer que eu vou no banheiro fazer xixi” (I 6: p. 288; l. 211-214)

Mear significa ‘urinar’.

(9) “certas idéias é idéias coisas que a gente não quer que a pessoa entenda / a gente tenta ... é passar uma idéia mais eufemista digamos assim de certas coisas que a gente quer falar” (I 6: p. 296; l. 604, 605)

(10) “acaba usando alguma coisa hakitia ou não quer que a pessoa entenda o que tá falando que às vezes tá falando com relação à ela entendeu como ... como eu te falei ô ô **manzia negro** entendeu ?” (I 6: p. 296; l. 610-612)

A palavra **manzia**, segundo o informante, é como se fosse um ‘filho da puta’, um ‘escroto’. O uso de **negro** serve para enfatizar ainda mais a expressão, funciona como um intensificador.

(11) “por exemplo (...) tô conversando com alguém e tem um terceiro observando ... então eu não quero que ele entenda aquele lá né ... aí eu falo assim é **abu** ... **abu** quer dizer uma mentira ... tô falando uma mentira” (I 1: p. 166, 167; l. 688, 690, 691)

(12) “eu uso hakitia geralmente quando é alguém que não me conhece tipo assim pra *gói*²⁴ (risos)” (I 2: p. 193; l. 543)

(13) “eles não sabem o que eu tô dizendo (risos)” (I 2: p. 194; l. 545)

(14) “é ... às vezes falo no telefone alguma coisa que eu não quero dizer ... então é é fica olhando assim como quem diz ‘não tô entendendo nada ... essa louca tá falando o quê?’ ‘não tá falando inglês não tá falando francês’ (risos)” (I 2: p. 195; l. 634-636)

(15) “a gente tá ... tá na rua com o meu filho eu quero mostrar uma coisa pra ele e digo ‘**shofea**’” (I 7: p. 323; l. 1042)

Shofea significa ‘olha’.

(16) “(quando as pessoas são mais estranhas né) ... quebra um galho né ... não é ? ... pra que não entenda né” (I 4: p. 265; l. 354, 356, 359, 362)

(17) “já entendeu ? é isso ... precisa ter cuidado / tem coisas assim / por isso que os nossos os nossos antepassados eles tinham muita cautela e eles falavam muito isso muito cuidado ... cuidado ... e quando eles falavam eles falavam às vezes quando para que ninguém para os outros não queiram ouvir” (I 3: p. 221; l. 761-764)

(18) “às vezes até por uma questão de cautela já falavam até frases baixinho porque tinham aqueles curiosos” (I 3: p. 221; l. 766, 767)

(19) “uma coisa que você quer dizer pro seu amigo que é judeu também ... então não quer não quer que o outro saiba hum? porque nós sempre fomos este ... visados” (I 3: p. 244; l. 1890, 1891)

Pelos resultados encontrados, todos os sete informantes, dos gêneros feminino e masculino, de todas as faixas etárias, referiram-se ao hakitia como uma língua de ocultação e alguns deles mencionaram isso mais de uma vez.

²⁴ Segundo Tagliavini (1973), *gôim* no princípio valia por ‘povos’; *gói* alude também ao povo de Israel (por exemplo em Deuteron. 4, 6; Jeremias 31, 36; Salmos 33, 12, etc.), mas pouco a pouco foi sendo usado com a acepção de povos não hebreus com o sentido de ‘inimigos, bárbaros’, até chegar em ‘pagãos, infiéis’. Em hebraico pós-bíblico, *gôim* significa os não judeus, os infiéis.

4.1.2 Perspectiva dos informantes

Durante as entrevistas foi possível constatar a perspectiva de cada informante com relação ao hakitia. Uns consideram o hakitia como uma língua, já outros o consideram como um dialeto, variante (*sic*), ou até que não é uma língua, por não possuir uma normatização. Há ainda um informante que define o hakitia como uma língua morta, ou aquele que nem mesmo consegue chegar a um conceito definitivo. Os resultados variados encontram-se na tabela seguinte:

TABELA 5 - Como o hakitia é considerado pelos informantes

INFORMANTE	LÍNGUA	DIALETO	NÃO SIGNIFICA LÍNGUA	LÍNGUA MORTA	SEM UM CONCEITO DEFINITIVO	VARIANTE
5			X			
6		X		X		
1					X	
2	X					
7	X	X				X
4	X					
3		X				

Abaixo encontram-se as citações dos informantes a respeito:

(20) “é português é ... a hakitia num num num significa língua não” (I 5: p. 274; l. 205)

(21) “eu não vejo assim que seja uma coisa tão importante então porque é uma língua que já tá morta” (I 6: p. 297; l. 683, 684)

(22) “é ... eu vejo que sim né porque uma língua morta é uma língua que não tem uso ... uma língua que não que não tem uso né” (I 6: p. 297; l. 689, 690)

(23) “entendeu ? minha religião tem até uma ... um dialeto próprio sabe (...) né ? enfatizar ... ah ... o povo... que bacana minha religião” (I 6: p. 298; l. 729, 730)

(24) “se um dia eu não souber mais falar hakitia mas pelo menos eu vou poder dizer pros meus filhos que ... ah ... ‘você sabe na minha na nossa época falava um dialeto’ / eles vão dizer na época do pai do meu pai (risos)” (I 6: p. 299; l. 762-764)

(25) “não é um dialeto completamente com tantas palavras faladas ... na verdade são palavras soltas” (I 1: p. 158; l. 282, 283)

(26) “do dialeto da língua né” (I 1: p. 173; l. 998)

(27) “eu acho importante porque isso mantém / isso consegue resgatar a língua ... e dá para depois ser passada ou transmitida de uma maneira mais didática” (I 1: p. 173; l. 1009, 1010)

(28) “aí então tu pode fazer aqui um um histórico sobre a própria língua a hakitia ... a função histórica dela ... a a formação histórica dela certo (I 1: p. 181; l. 1420, 1421)

(29) “(risos) ... porque por incrível que pareça eu acho as pessoas até / porque eu acho uma língua tão fácil de você entender o que que o outro tá dizendo até por que a semelhança com espanhol” (I 2: p. 195; l. 614-616)

(30) “meu meu quer dizer quando é / pra nossa geração talvez já tenha batido nesse tipo de coisa né mas é um um dialeto que se baseava na estrutura das línguas em que ela tinha ...” (I 7: p. 313; l. 531, 532)

(31) “ah não uma língua não tem condição de ser uma língua” (I 7: p. 313; l. 534)

(32) “(risos) por isso que eu não acredito que seja uma língua eu acho mais que seja uma variante não é dessas línguas todas aí e que se utilizou de palavras ou vocabulário híbrido que ... na verdade é é uma variante não uma língua própria” (I 7: p. 314; l. 554-557)

(33) “é uma coisa mais de afetividade né com a língua com o passado”(I 7: p. 316; l. 650)

(34) “eu acho boa né ... é uma língua que / os que vieram de lá quase todo mundo vai empregando as palavras né” (I 4: p. 267; l. 484, 485)

(35) “acaba a língua” (I 4: p. 268; l. 516)

(36) “é ... então começo da seguinte maneira vamos começar ... hakitia dialeto judeu-hispano-marroquino ... é integrado por vocábulos hebreus espanhóis e árabes com a existência de algumas palavras em aramaico caldeu e ladino ... este dialeto é ainda falado por alguns judeus marroquinos e seus descendentes que emigraram para o Brasil e Peru principalmente para a Amazônia Brasileira cidades de Belém capital do estado do Pará e Manaus capital do estado do Amazonas ... tem também no Rio de Janeiro” (I 3: p. 214; l. 395-400)

(37) “hakitia é um dialeto não é uma língua ... é difícil é é uma diferença tremenda pra uma pra uma uma uma um idioma de um dialeto” (I 3: p. 242; l. 1803-1805)

(38) “um dialeto” (I 3: p. 242; l. 1807)

(39) “não não não não uma língua ... uns dizem até que já é uma língua ... mas se / eu não vejo língua pra isso ... ela não tem não tem este ... é os ingredientes os ingredientes necessários para que seja uma língua especificamente” (I 3: p. 242; l. 1811-1813)

Pela tabela 5 verificou-se uma variedade de considerações com relação ao hakitia. Apenas a informante 5, do grupo de faixa etária 1 (15 a 39 anos) acha que hakitia não significa uma língua. O informante 6 do mesmo grupo ora trata o hakitia como língua ora trata como um dialeto. No grupo de faixa etária 2 (40 a 60 anos), o informante 1 não tem uma definição precisa com relação à língua. Pelas suas citações, ele não trata como um dialeto completo e sim trata como palavras soltas, depois faz o uso de “dialeto da língua”, e para completar ainda considera como língua. A informante 2 do mesmo grupo afirma ser o hakitia uma língua. O grupo de faixa etária 3 (maiores de 61 anos) não apresentou um consenso nas suas considerações. O informante 7 refere-se ao hakitia como língua, dialeto e variante. A

informante 4 trata o hakitia como língua. O informante 3 menciona afirmativamente várias vezes que o hakitia é um dialeto. Todas as três informantes foram mais positivas nas suas respostas, fornecendo apenas uma para o hakitia. Já três dos informantes representantes das três faixas etárias foram confusos em suas respostas porque não deram uma definição ao hakitia, com exceção do informante 3 (da faixa etária 3) que sempre manteve sua posição de dialeto para o hakitia. Como se vê há uma variedade de considerações e até mesmo indefinições pela maioria dos informantes, como era de se esperar, uma vez que como falantes não se pode exigir deles que saibam diferenciar conceitos de lingüística.

A maneira como os informantes reconhecem o hakitia, seja como língua, dialeto, variação, ou sem uma definição exata, demonstra de certa forma a sua atitude perante a língua. Na pesquisa de Harris (1994), há inclusive a informação do judeu-espanhol oriental ser considerado um jargão por alguns informantes, o que sugere uma conotação negativa. A autora menciona que nos estudos de Malinowski (1979), o termo jargão foi usado por alguns informantes como uma maneira de definir sua língua como “inferior” e “corrupta” (*sic*).

Com relação ao hakitia, embora não haja consenso na definição, não significa que eles vejam a língua com inferioridade, pelo contrário, houve, sim, interesse dos informantes em fornecer informações e também receptividade ao tema.

4.1.3 Fator de identidade

As línguas juntamente com outros elementos são fatores de identidade para pessoas de um determinado grupo. O hakitia também exerce essa função. Na tabela a seguir

serão apresentados os informantes que mencionam o uso do hakitia como fator de identidade entre os judeus na comunidade de Belém.

TABELA 6 – O hakitia como fator de identidade

FAIXA ETÁRIA	INFORMANTE	FATOR DE IDENTIDADE
1	5	X
1	6	X
2	1	X
2	2	X
3	7	X
3	4	V ²⁵
3	3	V

(40) “bom quando eu tô no meio da comunidade hebraica” (I 5: p. 274; l. 245)

(41) “aí a gente usa hakitia ... quando nós estamos com pessoas de outra religião que não têm conhecimento da língua eu uso português” (I 5: p. 275; l. 247, 248)

(42) “bom ... pra mostrar um pouquinho né da ... da nossa cultura né” (I 5: p. 277; l. 385)

(43) “é ver ... é eu acho ... eu penso assim ... porque faz parte do nosso passado da nossa nossa nossa identidade cultural né” (I 6: p. 299; l. 761, 762)

(44) “é uma uma uma uma prova de identidade de judeus da mesma origem ... vamos dizer assim” (I 1: p. 166; l. 662)

(45) “é eu acho importante” (I 1: p. 170; l. 880)

(46) “pelo motivo de manter a identidade ... preservando as nossas origens” (I 1: p. 170; l. 882)

(47) “ah ... ela é importante porque ... por toda nossa história ... eu acho que ela faz parte da nossa história ela faz parte da nossa tradição eu acho que quando você deixa

²⁵ O símbolo V é usado para representar verdadeiro para o caso de identidade não explícita mas representada de alguma maneira.

morrer alguma coisa que não tem história que não tem tradição você não é mais ninguém” (I 2: p. 196; l. 649-651)

(48) “eu acho que é um um elemento de identificação sobretudo né a gente se identifica como grupo como pertencendo a uma *edá*²⁶ a uma congregação eu acho que como elemento identificador é muito legal e por isso que eu uso às vezes” (I 7: p. 322; l. 971-973)

(49) “quando eu tô no meio de judeus eu uso uma expressão e outra que é para todo mundo se lembrar de quem é não é porque a gente se esquece às vezes quem nós somos né então ...” (I 7: p. 322; l. 975, 976)

(50) “as que são amigas ... juntas que a gente às vezes uma fala com a outra” (I 4: p. 263; l. 257, 259)

(51) “ah tem ... sai mas eu falo com eles também” (I 3: p. 235; l. 1459)

(52) “(...) uso até algumas frases com com os amigos aqui” (I 3: p. 235; l. 1480)

Pela tabela 6 observou-se que o *hakitia* é um fator de identidade para todos os sete informantes de ambos os sexos. Pelas citações, levou-se em conta aquelas explícitas e também as implícitas simbolizadas pelo símbolo V, onde houve menção do uso do *hakitia* entre amigos da mesma comunidade. A maioria dos informantes, ou seja, cinco deles são muito positivos ao referirem-se à língua como fator de identidade.

²⁶ *Edá* (heb.) - ‘grupo’.

4.1.4 Atitude lingüística

Como já pesquisado em outra comunidade de judeus marroquinos no Brasil (Cf. SCHEINBEIN, 2003 e 2004), a comunidade de Belém também expressa atitude positiva com relação ao hakitia. Isso é visto claramente no uso da língua nas diferentes situações sociais como: na família, entre amigos, nos eventos religiosos ou comunitários. A tabela 8 indica quais aqueles que expressam explicitamente a sua atitude positiva.

TABELA 7 – Atitude positiva em relação ao hakitia

FAIXA ETÁRIA	INFORMANTE	ATITUDE POSITIVA
1	5	X
1	6	X
2	1	X
2	2	X
3	7	X
3	4	X
3	3	X

(53) “acho sim ... porque é uma coisa diferente né ... nem todo mundo conhece” (I 5: p. 277; l. 350, 352)

(54) “acho que é mais uma uma ... continuar uma tradição que já foi ... como posso dizer ... de muitos anos atrás / não ser esquecida sempre tá lembrada” (I 5: p. 277; l. 379, 380)

(55) “eu acho que é a mesma coisa que eu sinto né são (risos) ... eu gosto de falar porque é uma coisa assim é uma questão é ... pra mim acaba sendo apesar de que não é uma coisa da minha religião” (I 6: p. 298; l. 703-705)

(56) “entendeu ? minha religião tem até uma ... um dialeto próprio sabe (...) né ? enfatizar ... ah ... o povo ... que bacana minha religião” (I 6: p. 298; l. 729-730)

(57) “acho que é como se fosse uma herança cultural mesmo ... uma herança cultural da das nossas gerações passadas” (I 6: p. 299; l. 751-752)

(58) “ah eu acho muito importante esse tipo de estudo com relação a coisas ... é ... coisas que tipo / eu trabalho dentro da área assim da área de artes então a gente / acho que a história é importante / tudo que tenha tudo que um dia já passou aqui na terra tem que ser ... sabe ... tem que ser ... né ... registrado” (I 6: p. 299; l. 756-759)

(59) “a importância é a preservação da da das origens” (I 1: p. 172; l. 973)

(60) “eu acho importante porque isso mantém / isso consegue resgatar a língua ... e dá para depois ser passada ou transmitida de uma maneira mais didática” (I 1: p. 173; l. 1009, 1010)

(61) “eu acho até que ... a gente deveria se empenhar mais e não perder ... eu acho que muita coisa já foi perdida com essa com essa assimilação né e ... eu acho que realmente deveria haver um movimento muito grande de resgate não só de Belém como em Manaus ... porque eu acho que nós não deveríamos morrer / nós estamos deixando que nossos filhos é como eu falei ...” (I 2: p. 196; l. 643-647)

(62) “isso ... e tra e e que ele se empenhe em em me ensinar e passar pros irmãos dele ... vai ser um legado que eu vou deixar pra ele ... para os filhos também” (I 2: p. 196; l. 660, 661)

(63) “bom pelo eu acho importantíssimo pela vinculação cultural que ela nos remete ... não é ... a cultura dos nossos antepassados que a gente não devia ter negligenciado tanto / quer dizer ela desapareceu por falta de falantes né ... é por isso” (I 7: p. 322; l. 984-986)

(64) “a importância é que ela ainda representa vestígios de uma cultura que floresceu aqui nesta região” (I 7: p. 327; l. 1232, 1233)

(65) “totalmente ... agora valorizo quando o estudo é ... é levado a efeito de maneira científica não é” (I 7: p. 327; l. 1237-1238)

(66) “ah já é meu costume né” (I 4: p. 266; l. 412)

(67) “é acho bonito” (I 4: p. 267; l. 489)

(68) “é bom pra não esquecer né senão fica esquecida ... acaba” (I 4: p. 268; l. 514)

(69) “(...) isso é bonito isso (risos)” (I 3: p. 233; l. 1357)

(70) “isso me empolga muito e me lembra muito a minha avó isso aqui ... minha avó falava só isso” (I 3: p. 233; l. 1359, 1360)

Todos os sete informantes, de ambos os sexos, apresentam atitude positiva em relação ao hakitia. Para eles, falar o hakitia é motivo de orgulho, é não romper com sua herança cultural mantendo a tradição dos seus antepassados. Nota-se que todos os informantes são favoráveis às pesquisas e estudos sobre o assunto. Embora eles não falem o hakitia porque já está em um processo avançado de extinção, pois a geração dos avós que ainda dominavam a língua já se foi, eles usam os vocábulos espontaneamente.

Bendelac (1990), por sua vez informa que durante muito tempo, o hakitia que os sefarditas do Marrocos consideravam como espanhol, era o sinal exterior, o símbolo mais visível de sua ascendência sefardita e era o que mantinha a distância e a diferença das demais partes da população. Foi um fator de união e motivo de orgulho. Mas após a ocupação do Marrocos, com a aquisição do espanhol moderno e o francês que significavam o acesso à escola, à instrução, à posição social, o hakitia começou a ser considerado como a língua dos iletrados, dos ignorantes, dos atrasados, ou seja, foi considerado como uma língua vulgar. A autora diz que esta atitude prevaleceu durante quase todo o século XX e também foi bastante marcada entre os seus informantes. Conforme ela, nos últimos dez ou vinte anos, nota-se um movimento de volta, uma atitude favorável com respeito ao hakitia.

No trabalho de Cohen, Menache, Guimarães, de 1998, realizado na comunidade de judeus sefarditas orientais de Belo Horizonte, observou-se que estes informantes não possuem um posicionamento totalmente negativo em relação ao judeu-espanhol, mas sim bastante ambíguo.

4.1.5 Uso do hakitia com outras pessoas

Alguns informantes admitem “falar” hakitia com pessoas de fora da comunidade judaica espontaneamente, sem levar em conta o fato de seus ouvintes não partilharem do mesmo conhecimento sobre o hakitia. Na tabela 8, serão apresentados os informantes.

TABELA 8 – Uso do hakitia com pessoas de fora da comunidade judaica

FAIXA ETÁRIA	INFORMANTE	USO DO HAKITIA
1	5	----
1	6	X
2	1	----
2	2	----
3	7	----
3	4	X
3	3	X

(71) “então às vezes eu tô assim falando com um amigo meu que não é judeu aí ... aí eu (...) tô agoniado aqui esse menino não pára de me **burilar** ... o quê ? ‘vê se pára de me encher o saco aí’ ... ‘pára de me **burilar**’” (I 6: p. 297; l. 646-648)

() “quer dizer que você mesmo com não-judeu você solta” (P: p. 297; l. 649)

(72) “às vezes sem querer” (I 6: p. 297; l. 650)

() “solta sem querer” (P: p. 297; l. 651)

(73) “acaba soltando” (I 6: p. 297; l. 652)

() “isso é uma situação perai ... às vezes solta sem querer ... com ... sem querer com não-judeus” (P: p. 297; l. 653-654)

(74) “isso” (I 6: p. 297; l. 655)

(75) “com a **sachená** também porque ela já entende ... (risos)”²⁷ (I S: p. 261; l. 196)

(76) “já entende” (I 4: p. 262; l. 199)

(77) “aqui nós temos empregados que sabem a alguma coisa que a gente está falando no dia-a-dia” (I 3: p. 221; l. 771-772)

Pelas informações prestadas, apenas dois informantes, um do gênero masculino do grupo de faixa etária 1, e uma informante do grupo de faixa etária 3, foram positivos em suas informações. Pela citação do informante 3, do grupo de faixa etária 3, obteve-se uma informação apenas sugestiva, mas não muito precisa.

4.2 Fatores lingüísticos

O grupo dos dados propriamente lingüísticos compreende: a mescla do hakitia com o português e/ou espanhol, os eufemismos, a modalidade escrita da língua, o sistema verbal, o sistema nominal.

²⁷ I S é uma informante que participou da entrevista feita à informante 4. Aqui ela foi citada para ajudar na compreensão do contexto. **Sachená** – ‘empregada doméstica’.

4.2.1 Mescla do hakitia com português e/ou espanhol

Verificou-se que o uso do hakitia é na verdade uma mescla entre o português e o hakitia, ou melhor, a inserção de palavras, de formas lingüísticas do hakitia na estrutura de uma outra língua. No caso presente, essa língua na qual o hakitia se mistura é o português brasileiro, mas há um informante (INFORMANTE 3), da faixa etária 3 (a mais velha), que mistura palavras do hakitia com o espanhol, não com o português.

Na tabela 9, veremos os informantes que mesclam e/ou mencionam que o uso do hakitia é uma mescla com o português e/ou espanhol.

TABELA 9 – Mescla do hakitia com o português e/ou espanhol

FAIXA ETÁRIA	INFORMANTE	MESCLA
1	5	X
1	6	X
2	1	X
2	2	X
3	7	X
3	4	X
3	3	X

A seguir apresentam-se algumas citações dos informantes, em que eles fornecem exemplos da mescla, ou então, onde apenas mencionam sobre a mescla.

(78) “uso ... é ... ou então eu falo assim é ... é ‘mãe eu quero **maclear**’”(I 5: p. 276; l. 336)

A expressão acima quer dizer ‘mãe, eu quero comer’.

(79) “é ... **se menear** ... tu não **te menea** ... me tu não **te menea** ... tu não te mexe ... tu não sai do lugar” (I 5: p. 279; l. 468,469)

(80) “é tem gente que fala ‘**chamôr** pára de me **burilar** pelo amor de Deus ô **chamorito**’ / o pessoal fala **chamorito**” (I 6: p. 295; l. 554-555)

A palavra **chamôr** significa burro no hebraico, mas com o acréscimo do sufixo diminutivo –ito do português/espanhol, torna-se afetivo. Por sua vez, **burilar** tem o significado de chatear, aborrecer.

(81) “quer dizer não chega a ser uma conversa tão completamente em hakitia ... se utiliza do português e da conversa em português são usadas palavras soltas em hakitia” (I 1: p. 158; l. 279, 280)

(82) “eu tô andando ali e alguém me deu uma **trecha** uma você sabe a **trecha** é uma surra ... então quem é apressado sabe que tá falando que **trecha** é uma surra / além de não tá usando todas as palavras em hakitia pra dizer ele usou só uma” (I 1: p. 158, 159; l. 286, 287, 289, 290)

(83) “com o rabino também português e hakitia ... mistura um pouco ... depende do que a gente tá falando né ... a gente fala alguma coisa engraçada diz em hakitia e ...” (I 2: p. 191; l. 418, 419)

(84) “não ... flui ... flui dependendo do que eu quero falar na hora ... aí se a palavra de repente é esquecida em hakitia ou no espanhol ... a gente mistura com português” (I 2: p. 195; l. 608-609)

(85) “não ... eu acho que eles gostam de ouvir eu acho / ah uma vez em Manaus eu trabalhava em Manaus eu adaptei uma peça de *Purim*²⁸ ... não é ... eu fiz a tradução da peça e

²⁸ *Purim* é uma festa do calendário judaico que celebra a milagrosa salvação dos judeus da Pérsia, que lá foram exilados após a destruição do Primeiro Templo. O nome da festa advém da palavra persa “pur”, que significa sorte.

recheei a peça com expressões em hakitia ... ô este rei está **sherbeado** (...) e comecei a colocar ...” (I 7: p. 325; l. 1112-1114)

Sherbeado significa bêbado.

(86) “não ... é o que eu digo eu falo {palavras soltas} (I 4: p. 263; l. 286)

(87) “entremeadas na própria no próprio português”²⁹ (I S: p. 263; l. 289)

(88) “é” (I 4: p. 263; l. 290)

(89) “algumas coisas no meio do português no meio do espanhol” (I 3: p. 210; l. 243)

(90) “a gente mistura larga (punto) solta aquilo” (I 3: p. 211; l. 245)

Como se vê pela tabela 9, todos os sete informantes sempre mencionam ou mesclam o português com o hakitia como se comprova por mais de um exemplo fornecido por cada um deles.

Quando duas línguas da mesma família entram em contato, no caso, o hakitia e o português/espanhol, e uma delas está em processo de desaparecimento, a língua que está desaparecendo – o hakitia, tende a tomar de empréstimo as características comuns da língua que a está substituindo.

4.2.2 Uso expressivo da língua

O presente *corpus* apresenta várias estruturas em que a função expressiva da linguagem se sobrepõe à representativa. Como se verá, esses usos podem ser agrupados em:

²⁹ I S é o símbolo que dei para representar uma pessoa presente à entrevista juntamente com o informante principal. Nesta citação foi necessário acrescentá-la para dar significado ao contexto.

a) maldições/benções – através de provérbios e expressões cristalizadas, b) xingamentos e c) eufemismos.

4.2.2.1 Maldições / benções

Observem-se os provérbios abaixo, em que o uso expressivo de maldições e de benções é evidente. (Cf. anexo 2, para lista completa das expressões).

(91) “**Que le caiga un mazál**” (I 3: p. 218; l. 606)

(92) “**Que non salga nunca bassura de tu casa**” (I 3: p. 218; l. 613, 614)

(93) “**Que enduresca tu urina e nunca salga nada**” (I 3: p. 218; l. 642)

(94) “**Que el uepo saque tus tripas**” (I 3: p. 219; l. 655)

(95) “**Aias al Diós cerquita de ti todos los días**” (I 3: p. 233; l. 1380)

(96) “**Asquede ferazmal fulano de tal**” (I 3: p. 238; l. 1614)

(97) “**El Diós te acuda quando le iames**” (I 3: p. 251; l. 2276, 2277)

(98) “**Dió te lo bendiga**” (I 7: p. 330; l. 1387)

4.2.2.2 Xingamentos

Os xingamentos são elementos que ainda resistem à extinção, embora não haja muita variedade. Dentre os mencionados pelos informantes apresentamos: **boril**, **boril negro**, **chamôr**, **chamorito**, **intontado**, **manzia negro**, **sachená**, **sachenita**. Além de palavras, do

uso do verbo **borilar** ~ **burilar**, encontramos uma expressão - **la madre que te pariô**, citada por uma informante.

4.2.2.3 Eufemismos

Há informantes que usam em hakitia certos vocábulos de cunho negativo de maneira mais eufemística, ou seja, procuram amenizar ou enfraquecer as mensagens de ofensa que querem transmitir. Na tabela seguinte, apresentam-se os informantes que se utilizam desta estratégia.

TABELA 10 – Utilização de eufemismos

FAIXA ETÁRIA	INFORMANTE	EUFEMISMOS
1	5	----
1	6	X
2	1	----
2	2	X
3	7	----
3	4	----
3	3	----

(99) “tem gente que fala ‘**chamô**r pára de me **burilar** pelo amor de Deus ô **chamorito**’ / o pessoal fala **chamorito**” (I 6: p. 295; l. 554-555)

A expressão acima quer dizer ‘oh burro pelo amor de Deus não me enche’, onde o sufixo diminutivo -ito ameniza a palavra **chamô**r que também tem uma conotação mais pesada ou chula e significa safado, ‘escroto’, ‘caralho’.

(100) “mais suave um pouco” ... “(risos) mas ao mesmo tempo xinga” (I 6: p. 295; l. 557, 559)

(101) “é ... **sachená** não ... a a verdadeira tradução de **sachená** não é uma palavra boa ... entendeu ? ‘**mira la sachenita mira lo sachen**’ ” (I 2: p. 204; l. 1044, 1045)

O sufixo -ito é usado para abrandar a palavra **sachená** que pode ter vários significados como: mulher, empregada e de forma mais pejorativa, prostituta.³⁰

(102) “é ... ela mais branda ... a gente a gente usa ela com uma conotação mais branda ... embora eu saiba que a tradução dela é mais forte porque por exemplo o meu filho falou com o marroquino” (I 2: p. 204; l. 1060-1062)

(103) “quer dizer ... aí ele disse ‘mãe o que que significa **sachená** ?’ eu disse ‘olha filho eu sei que não é uma palavra bonita mas a sua avó / é eu ... eu cresci ouvindo ela sempre chamar a empregada de **sachenita** ... olha a **sachenita** mas de uma maneira que talvez não não não transpareça ou tão tão forte a palavra chamada de uma maneira mais delicada ‘olha essa minha **sachenita** ou a **sachená**’ ... entendeu ? ... mas ...” (I 2: p. 204; l. 1067-1071)

Pelos resultados acima, observa-se que entre os sete informantes, somente dois, um do gênero masculino, da faixa etária 1, e uma do gênero feminino, da faixa etária 2, fazem um uso eufemístico de palavras do hakitia.

4.2.3 Modalidade escrita

³⁰ Verificar glossário de hakitia. No mesmo glossário encontra-se a palavra **sachorito** - ‘neguinho’, palavra esta fornecida por informante extra, não incluído entre os 7 informantes oficiais.

O hakitia é basicamente uma língua ágrafa, e através dos inquiridos verificou-se se houve informantes que mencionam ter conhecimento de alguma modalidade de língua escrita, o que se mostra na tabela a seguir:

TABELA 11 – Conhecimento da modalidade escrita

FAIXA ETÁRIA	INFORMANTE	MODALIDADE DE LÍNGUA ESCRITA
1	5	----
1	6	X
2	1	X
2	2	----
3	7	X
3	4	----
3	3	X

(104) “un cabrito e un cabrito que mi padre (...) un cabrito e un cabrito ... é uma que minha avó cantava / a gente sempre canta isso em *Pessach*³¹ também ... essa eu tenho essa eu tenho certeza que tem a coisa de hakitia tem (música) (I 6: p. 293; l. 454-456)³²

() “tem a letra ?” (P: p. 293; l. 457)

(105) “(música) ... ela ela tem em português só que no meio dela tem umas expressões em hakitia” (I 6: p. 293; l. 458)

(106) “vou dar um jeito ... eu não te ... essa eu tenho certeza que tem hakitia comigo” (I 6: p. 293; l. 464)

Este informante se refere à uma música que pensa existir a letra em hakitia.

³¹ *Pessach* é uma festa judaica que festeja a saída dos judeus do Egito.

³² Baseado na informação deste informante, conseguiu-se a letra da canção citada que está no anexo X. É a tradução da canção em aramaico, que finaliza o *séder* pascal, ou seja, que finaliza a festa de *Pessach*. Cf. anexo 5.

(107) “acho (...) ... na verdade eu vi raramente textos em hakitia” (I 1: p. 165; l. 610)

(108) “de uma carta ... não sei se era alguém inventou uma carta em hakitia aí servia até como algo humorístico pra comunidade a gente ouvia os termos e ria também” (I 1: p. 165; l. 614, 615)

(109) “existe alguma coisa escrita” (I 1: p. 165; l. 617)

(110) “pois é ... eu me lembro dessa carta tô te falando de uma apresentação tipo assim teatral né” (I 1: p. 165; l. 628)

() “não é isso ? a única coisa documento que se tem alguma coisa escrita são as cartas” (P: p. 313; l. 523)

(111) “as cartas” (I 7: p. 313; l. 524)

(112) “mas eu nunca vi nada escrito ... hakitia a não ser essas cartas escritas que falam” (I 7: p. 320; l. 878, 879)

O informante 7 menciona que existem cartas em hakitia, mas pela maneira como fala, nunca viu nada escrito.

(113) “deve ter ... lá em Iquitos tem ... em Iquitos deve ter” (I 3: p. 231; l. 1278)

O informante 3 menciona a possibilidade de existir alguma carta em hakitia, em Iquitos, no Peru.

Pelo que se constatou, dos sete informantes, apenas quatro, todos do gênero masculino, mencionaram a possibilidade da existência de alguma modalidade escrita. Pelas citações, parece que o que há realmente são cartas, como as cópias publicadas pelo Jornal Amazônia Judaica em maio de 2003.³³

Bendelac (1990) apresenta uma carta escrita por uma mãe de Tetuan a seu filho que imigrou a Manaus, Brasil, para contar sobre o casamento de sua irmã e agradecer pelo

³³ Edição nº.14, Ano II.

dinheiro que este mandou, que com ele puderam custear os gastos da festa. Esta carta foi fornecida por uma senhora de 84 anos. Trata-se de uma cópia que a informante fez da original, copiando com muito cuidado com a mesma ortografia que tinha, em todos os seus detalhes. A carta data de 1878 ou 1898 (Cf. anexo 4). A autora fornece outros exemplos de cartas com as devidas traduções das palavras em hakitia para o espanhol.

No Marrocos, ao contrário do Oriente Mediterrâneo que teve grandes centros editoriais controlados por judeus até o século XVIII, não houve um desenvolvimento editorial semelhante. Os textos foram transmitidos por duas vias: os manuscritos de uso pessoal ou familiar e pela tradição oral.

Foram conservados poucos manuscritos, isso explica-se devido ao seu caráter de exemplar único e ser efêmero. Os textos de transmissão oral apresentam características peculiares que nos leva a usá-los com cautela no caso de documentação lingüística.

Na literatura estudada, encontrou-se em Bendelac (1990) muitas expressões dos mais diversos tipos, provérbios originais fornecidos em sua maioria pelos informantes da autora, e textos que incluem cartas; conversações curtas com temas: filosofia, problemas domésticos, prudência, impaciência, inquietude; anedotas e piadas; canções.

Há provérbios nos trabalhos de Benoliel (1977), Benazeraf (1978), Ortega (1934), España (1932), como informa Bendelac.

Benmergui (2004) também apresenta expressões em seu dicionário. Díaz-Mas (1993) informa que os sefarditas orientais faziam distinção entre dois gêneros da poesia tradicional: “la cantica”, nome que se aplicava às “cancioncillas” líricas, especialmente as de assunto amoroso e a “romansa”, categoria que englobava os autênticos romances e outros poemas narrativos ou que apresentassem certa “ilação argumental ou lógica entre suas estrofes.

A definição erudita moderna de “romance” e a popular sefaradita oriental de “romansa” não são exatamente equivalentes, embora com certeza os sefarditas do Oriente chamavam os romances de romansa. No Marrocos, a todo canto tradicional se denominava “cantar”, seja lírico ou narrativo.

No Marrocos, onde a imprensa foi menos ativa, o romance se moldou nos manuscritos que muitas famílias judias formaram para o seu próprio uso.

Ruiz (1968) apresenta um cantar de casamento da tradição sefaradita de Alcazarquivir.

Guimarães (1998) oferece grande variedade de expressões, as mais variadas, que falam de abandono, de ingratidão, de vinganças e mortes, de maldição.

Além do que se apresentou nas tabelas anteriores, há o informante 1, que ao ser questionado, diz conhecer contos populares e provérbios (refrões), mas não exemplificou. A informante 2 também menciona conhecer provérbios, poesias e contos populares sem apresentar nenhum exemplo no momento da pesquisa. O informante mais velho afirma também ter o conhecimento de baladas, poesias, músicas, contos populares, orações, xingamentos. O que ele realmente apresentou foram muitos provérbios e expressões de assuntos variados e uma estória associada à determinadas expressões do hakitia. O informante 6, o mais jovem do sexo masculino, cantou uma música que ouvia em família, supostamente com expressões em hakitia. Ele diz conhecer poesia, orações, provérbios. O informante 7, informa conhecer provérbios, músicas em hakitia, mas não afirma serem realmente nesta língua.

Todos os informantes conhecem palavras, expressões que são mais utilizadas no dia-a-dia. O informante 3, o mais velho do grupo, tem conhecimento de muitas expressões e provérbios em hakitia, herdados de seus antepassados, com o simbolismo das épocas passadas, no que concerne à maldição, conselhos, cautela, bênçãos, ao cômico etc. Há

informantes que dizem conhecer músicas, orações, poesias, contos populares e cartas, mas não fornecem nenhum material real para a devida comprovação.

4.2.4 Sistema verbal

A seguir apresentamos a análise dos dados do hakitia presentes nas entrevistas transcritas (Cf. anexo 4). Começaremos por apresentar um quadro em que se evidenciam todas as formas verbais registradas ou referidas pelos informantes. Segundo Bentes (1981:97) a conjugação verbal do hakitia é a mesma do castelhano: existem três conjugações; a 1ª em – ar; a 2ª em –er e a 3ª em –ir. A 1ª é a mais importante e nela entrariam os verbos que procedem do hebraico e do árabe. A 3ª seria a mais fraca, com apenas alguns verbos regulares. Observe-se o quadro abaixo:

QUADRO 2 - Verbos utilizados em hakitia

I. Infinitivos	II. Construções perifrásticas com infinitivo	III. Particípios passados
1ª conjugação - ar		
melda (r)	“eu quero macleá”	mechorado ~ mejorado
shofea (r)	“vamos enshear”	sherbeado ~ shorbeado
machlea (r) ~ machalea (r) ~ maclea (r)	“não pára de me borilar”	intontado
enshea (r) ~ inshea (r)	“eu vou mear”	
menea (r) -se	“eu vou trechar”	
safonea (r)	“eu quero chalampear”	
(a) borila (r)	“não se podia se chadrear”	
mear (r)	“que não sabia meldar”	
charea (r)		
intonta (r) -se		
zonea (r)		
chadrea (r) ~ chadreia (r)		
sherbea (r) ~ shorbea (r)		
achemocha (r)		
trecha (r)		
chalampea (r)		
chakitia (r) ~ hakitia (r) ~ rakitia (r)		
2ª conjugação – er - Ø		
3ª conjugação – ir - Ø		
IV. Modos / Tempos verbais		
Indicativo		Imperativo
Simple	Composto	
Presente	Presente + gerúndio	Afirmativo
“a gente chadreia um pouco” (3ª ps. sg.)	“tá meldando”	“cierra la puerta”
“não machlea nada” (3ª ps. sg.)	“tô shofeando”	“mira lo sachen”
“shofea o sachen ?” (3ª ps. sg.)		“mira la sachená”
Pretérito perfeito		“mira la sachenita”
“te intontei” (1ª ps. sg.)		“saquenme”
“chalampeou” (3ª ps. sg.)		“shofea”
Pretérito imperfeito		“shofea o chalampa”
“minha avó chadreia” (3ª ps. sg.)		Negativo
		“tu não te menea”
		“não chadreia”

Pelos resultados encontrados, verificou-se que das três conjugações descritas por Bentes, apenas a primeira terminada em –ar, foi encontrada. Assim como Bentes, encontrou-se tanto verbos desse grupo com a vogal “e” de ligação como em: **shofea(r)**, **machlea(r)** ~ **machalea(r)** ~ **maclea(r)**, **enshea(r)** ~ **inshea(r)**, **menea(r)**-se, **safonea(r)**, **mea(r)**, **charea(r)**, **zonea(r)**, **chadrea(r)**, **sherbea(r)** ~ **shorbea(r)**, **chalampea(r)** como verbos sem a

vogal “e” como em: **melda(r)**, **(a)bo(u)rila(r)**, **intontar-se**, **achemocha(r)**, **trechar**, **chakitia(r) ~ hakitia(r) ~ rakitia(r)**.

Muitos infinitivos foram mencionados quando os informantes tentavam se lembrar de diferentes verbos. Citações dadas a seguir:

(114) “**meldar** é oração” (I 1: p. 177; l. 1228)

(115) “shofea virou verbo **shofear**” (I 1: p. 162; l. 483)

(116) “**mear** é urinar” (I 3: p. 215; l. 494)

(117) “**achemochar** molhar ... é molhar ... isso mas não é bem em espanhol **achemochar** ... é hakitia isso aqui” (I 3: p. 224; l. 921, 922)

(118) “aqui é interessante ... aqui vem a palavra **meldar**” (I 3: p. 240; l. 1719)

(119) “mas eu já transformei em **chalampear**” (I 3: p. 247; l. 2051)

(120) “a palavra chalampa ... **chalampar**” (I 3: p. 247; l. 2066, 2068)

(121) “ah ... pois é por isso que eu digo a raiz é essa ... todo tempo a raiz era essa ... trecha **trechar** trecha trecha é (...)” (I 3: p. 247; l. 2079, 2080)

(122) “{chalampa} **chalampear** é” (I 3: p. 248; l. 2088)

(123) {charlar} charlar charlar **hakitiar**” (I 3: p. 248; l. 2112)

(124) “já ... já transformado para o espanhol espanholado ... **rakitiar** ou **chakitiar** **rakitiar** e/ou **chakitiar**” (I 3: p. 248; l. 2114, 2115)

(125) “**inshear** né ... porque é ir embora” (I 5: p. 277; l. 392)

(126) “não ... é ensh ... é **enshear**” (I 5: p. 278; l. 407)

(127) “**menear** é que não sai do lugar” (I 5: p. 279; l. 479)

(128) “**safonear** ... essas já foram ditas né naquela ...” (I 5: p. 280; l. 513)

(129) “é ... às vezes a gente fala as mesmas as palavras mas o significado é o mesmo / como eu tava falando né ... boril **aborilar**” (I 5: p. 281; l. 579, 580)

(130) “**mear** é mijar” (I 5: p. 282; l. 607)

(131) “**charear** é fazer cocô (risos)” (I 5: p. 282; l. 611)

(132) “**zonear** ... transar ... fazer sexo” (I 5: p. 280; l. 546)

(133) “olha o próprio a própria palavra **chadrear** como foi que falaram pra ti **chadrear** ? o que significa **chadreiar** ?” (I 6: p. 300; l. 816-817)

(134) “**sherbear** ... **sherbear** é beber” (I 7: p. 325; l. 1126)

Com relação às formas compostas ou perifrásticas, Bentes menciona que essas são pouco usadas em hakitia, embora não sejam desconhecidas nem abolidas. No entanto, em nossos dados o uso das construções perifrásticas com infinitivo é comum. Os verbos auxiliares utilizados são: querer, ir, parar, poder e saber. A seguir apresentamos todas as ocorrências de construções perifrásticas do corpus sob análise:

(135) “tem uma aqui que é engraçada né ... existia um garoto que não **sabia melder**” (I 3: p. 227; l. 1080, 1081)

(136) “uso ... é ... ou então eu falo assim é ... é ‘mãe eu **quero maclear**’” (I 5: p. 276; l. 336)

(137) “**vamos enshear** é” (I 5: p. 278; l. 409)

(138) “então às vezes eu tô assim falando com um amigo meu que não é judeu aí ... eu tô agoniado aqui esse menino não **pára** de me **burilar** ... o que ? ‘vê se pára de me encher o saco aí’ ... ‘**pára** de me **burilar**’” (I 6: p. 297; l. 646-648)

(139) “é ... é ... eu não falo a língua entendeu / mas eu vou colocando a palavra ... sabe ... por exemplo sei lá se eu tô no meio de uma mesa assim no no com os amigos só tem um judeu aí eu falo assim é ... pera um minuto aí que eu **vou mear** ... entendeu ? eu não vou dizer que eu vou no banheiro fazer xixi (I 6: p. 288; l. 211-214)

(140) “trecha ... então o que que eu vou fazer ? **vou trechar**” (I 3: p. 247; l. 2043)

(141) “mas eu **quero trechar** ... chalampa ... eu **quero {chalampear}**” (I 3: p. 247; l. 2047)

(142) “não se **podia** mais **chadrear** hualu não é {hualu} (I 7: p. 318; l. 757)

O particípio que acumula as características de verbo com as de adjetivo também aparece no hakitia como em:

(143) “**intontado** ... tu deixou a pessoa ... é não ... não é pateta ... deixou inton ...” (I 5: p. 282; l. 629)

(144) “ô este rei está **sherbeado** (...) e comecei a colocar ...” (I 7: p. 325; l. 1114)

(145) “mas aqui no nesse sentido que que de **mejorado** que eu vou falar é almejado” (I 3: p. 232; l. 1295)

Nem todos os tempos e modos verbais foram encontrados, se comparados aos de Bentes, que apresenta paradigmas completos de verbos regulares. Os tempos verbais utilizados pelos sefarditas em Belém são simples e compostos. Os tempos simples utilizados no modo indicativo são apenas o presente (3ª p.s. sg.), o pretérito perfeito (1ª p.s. sg. e 3ª p.s. sg.) e o pretérito imperfeito, como se viu no quadro anterior. Confiram-se abaixo os contextos de ocorrência:

- Presente do indicativo: 3ª p.s. sg.

(146) “**shofea** o sachen ? (I 4: p. 268; l. 498)

(147) “e com a minha mãe / quando eu tô na ca quando eu vou pro *Shabat* na casa delas daí a gente **chadreia** um pouco” (I 7: p. 315; l. 636, 637)

(148) “quando não sai lixo da casa ... é porque não come nada ... não **machlea** nada” (I 3: p. 218; l. 622, 624)

- Pretérito perfeito do indicativo:

(149) “eu te **intontei** eu te deixei assim ... sem entender ... tá fora do do do ar ... eu te **intontei** te deixei confusa” (1ª p.s. sg.) (I 5: p. 282; l. 630, 631)

(150) “eu eu falo hakitia no esporte é ... sachená ... **chalampeou**” (3ª p.s. sg.) (I 4: p. 263; l. 250)

- Pretérito imperfeito do indicativo:

(151) “minha avó **chadreitava** uma hakitia (...)” (3ª p.s. sg.) (I 6: p. 291; l. 352, 353)

O tempo composto utilizado pelos informantes aparece na forma do verbo auxiliar estar no presente do indicativo + gerúndio, como a seguir nos exemplos:

(152) “e a a palavra oração ... ele tá orando ... ele **tá meldando**” (I 1: p. 177; l. 1232)

(153) “shofea virou verbo shofear **tô shofeando**” (I 1: p. 162; l. 483)

Bentes refere-se ao verbo estar como o mais usado como auxiliar de gerúndio, coincidindo com os nossos resultados.

O modo imperativo é bastante usado nas expressões idiomáticas, que podem exprimir uma ordem, um comando, uma exortação, um conselho, uma solicitação, uma súplica, como vemos a seguir:

(154) “mais (...) é ... que a vovó também falava muito dessa (...) fecha a porta (...) **cierra la puerta**” (I 2: p. 203; l. 1016)

(155) “mas a gente usa muito aqui ... **mira la sachená**” (I 2: p. 204; l. 1050)

(156) “tá ... **mira ... mira sa ... mira la sachenita** ... porque está hablando con ... sabe ? mas ela ela” (I 2: p. 204; l. 1054)

(157) “é ... sachená não ... a a verdadeira tradução de sachená não é uma palavra boa ... entendeu ? ‘**mira la sachenita mira lo sachen**’” (I 2: p. 204; l. 1044, 1045)

(158) “**saquenme**” (I 3: p. 229; l. 1156)

(159) “**sotrê** preserve aqui a palavra literal seria **sotrê** so aliás preserve de todo o mal ou então pode também el Diós me ... me tire de todo mal me saque de todo mal” (I 3: p. 240; l. 1710, 1711)

(160) “ou e então vamos falar diferente ela usa muitos termos de outras línguas como usa o árabe por exemplo mas o sufixo da palavra ela vem em espanhol exemplo ... a gente dizia assim ‘**shofea ... o chalampa**’” (I 1: p. 162; l. 471-473)

(161) “não ... assim ... a gente tá na rua e vem ... vem um ladrão digamos (risos) ... aí a gente vira ‘mãe **shofea o chalampão**’” (I 5: p. 275; l. 295, 296)

(162) “é ... te mexer ... **te menea** ... te mexe” (I 5: p. 279; l. 483)

(163) “é ... só que tem uma expressão que as pessoas falam ... **não chadreia** por exemplo assim pode ser” (I 6: p. 300; l. 819, 820)

(164) “a gente tá ... tá na rua com o meu filho eu quero mostrar uma coisa pra ele e digo ‘**shofea**’” (I 7: p. 323; l. 1042)

4.2.5. Sistema nominal

4.2.5.1 Sobrenomes

Os sobrenomes encontrados em Belém foram: Albaz, Almespany, Assayag, Bemerguy, Bendayan, Benguigui, Bentes, Benzecry, Hamú, Israel, Laredo, Levy, Ohana, Ovadia, Sabbá, Safdié, Sefdié, Serruya, Soares, Tobelem, Zagury.

4.2.5.2 Adjetivos e substantivos

A seguir apresenta-se uma lista dos adjetivos e substantivos do hakitia fornecidos pelos informantes.

QUADRO 3 – Lista dos Adjetivos

alabado	hermoso	sachorá
boril	hueno (s)	sefaradi
bueno	guachleado ~ guavleado	sefardim
cansado	inteligente	shelemá
chamor ~ chamôr	intontado	sherbeado ~ shorbeado
chamorá	lamargo	sotê
chamorito	malogrado	triste
dishoso	mechorado ~ mejorado	
endiamantado	messor	
enfermo	negro	
feo	ponton	

QUADRO 4 – Lista dos Substantivos

abogáo	chala	hicha ~ hija	narancha
abu	chalampão	hicho ~ hijo	noshe
abuela ~ aguela ~ auela	chamor	hielo	noticias
abuelo ~ aguelo ~ auelo	chogerá	impuesto	padre
agrado	chondon	inflación	pan
amaiót	chora	iom revii	periodico
alchad ~ elchad	crisis	iuvia	regalo
ambre	Dió ~ Diós	la visita	ristaurante
arroz	director	las ideas	trabachador
avodá	duenho ~ dueno	lashon	trabacho
bar	durse	los pantalones	trecha
bassar	eédal	madre	veste
bat	esnoga	manzia	viento
beit	estudiante	maót	vistido
bendicion	falánsa	mazál	
berachá	flor	meará	
cache	flus ~ flush	mechir	
caie	fondac	melach	
calsado	fosforos	meldado	
calsetines	frechol	mercado	
carne	gato	mercador	
carnicero	gol	mocher	
cavod	gobierno	morá	
chaber	guet	moré	
chacham	guevos ~ uevos	motivo	
chag	guezerá	mucher	

Ao contrário de Bentes, encontrou-se mais substantivos do que adjetivos entre os informantes de Belém. Este autor apresenta uma grande variedade de adjetivos e em proporção muito maior em relação a substantivos.

4.2.6 Hebraísmos

Muitas palavras do hakitia provêm do hebraico, principalmente palavras de cunho religioso. A seguir apresentamos citações de palavras, termos compostos de duas palavras e verbos:

4.2.6.1 Palavras – avodá, bar, bassar, bat, beit, berachá, cavod, chaber, chacham, chag, chamor, Ierushalaim, lashon, mazál, meará, mechir, mocher, morá, moré, passukim, Pessach, quechilá, RASHI, rav, rofé, sacaná, sefaradi(m), sefer, shaá, Shabat, Shavuot, Sidur, Sucot, têom, ticun, Torá.

4.2.6.2 Termos compostos de duas palavras - Avram Avinu, Chacadosh Baruchu, Eshel Abracham, iom revii, Shaar Chashamaim.

4.2.6.3 Verbos - avád, caná, lamad, machar.

4.2.7. Adaptações fônicas / morfológicas resultantes do contato

As adaptações fônicas e morfológicas também ocorrem no hakitia quando em contato com o português brasileiro. Vejam-se os exemplos abaixo:

(165) **boril** > **boriw**

A pronúncia [w] é um aportuguesamento, pois no português brasileiro, na maioria das vezes, o l final se vocaliza em [w]. No hakitia de indivíduos de países de fala espanhola, o -l- final é pronunciado como a lateral alveolar vozeada velarizada [ɫ] e não como [w].

A eliminação da consoante -r- no final de verbos é um fenômeno comum observado entre os informantes. Nos exemplos abaixo apresentamos alguns verbos:

(166) **chadrear** > **chadreia** - r > Ø

chalampear > **chalampea** - r > Ø

muclear > **macleá** - r > Ø

mear > **mea** - r > Ø

trechar > **trecha** - r > Ø

Como se sabe, é essa também uma característica do português brasileiro, transferida para os verbos do hakitia.

No Marrocos, sob influência árabe, os sefarditas pronunciavam palavras com o som de [ʃ] como [s]. Tal característica se mantém no hakitia de Belém:

(167) **Sabat** < *Shabat*

sachen < *shachen*

sachorá < *shachorá*

Essel Abracham < *Eshel Abracham*

O uso de diminutivos em hakitia é uma adaptação morfológica em que se mantém a palavra hebraica acrescida do sufixo diminutivo do espanhol –ita, -ito. Podem ser usados tanto para nomes de pessoas, para dar uma conotação mais carinhosa, como para substantivos.

Vejam-se os exemplos:

(168) Isac - **Isaquito**

Jacob - **Jacobito**

chamôr - chamorito

sachená – sachenita

CAPÍTULO 5

CONCLUSÃO

Constatou-se que o hakitia está em adiantado processo de extinção na comunidade de Belém. O que se encontra em uso entre os informantes, são resquícios de uma língua. Por menor que seja o seu uso, ainda representa a expressão de um povo e de sua cultura, de seu modo de viver.

Esta dissertação teve como objetivo descrever como está se processando a extinção do hakitia, judeu-espanhol ocidental ou variante marroquina do judeu-espanhol, na comunidade judaica de Belém do Pará, onde ainda há remanescentes dessa língua. Buscou-se identificar em que estágio de extinção essa língua se encontra, quais de seus elementos ainda subsistem, e compreender o que acontece com uma língua minoritária, em fase de restrição de uso, de mais baixo prestígio, frente a uma língua dominante – o português brasileiro.

Como hipótese, considerou-se que os elementos que resistem à extinção numa língua são os xingamentos, as expressões ou refrões, as palavras de cunho afetivo, utilizadas em situações informais, corriqueiras, em família ou entre amigos e também usados como língua de ocultação.

No primeiro capítulo, apresentou-se o problema. O hakitia ou judeu-espanhol ocidental é a língua românica e judaica que nasceu com a diáspora dos judeus expulsos da Hispânia Medieval pelos reis católicos Fernando e Isabel no ano de 1492. Descreveu-se as duas modalidades de judeu-espanhol: modalidade oral - oriental e ocidental e modalidade escrita. Como objeto da presente dissertação, pesquisou-se a modalidade ocidental ou hakitia, a língua dos judeus sefarditas, especificamente daqueles que vieram do Marrocos para Belém

do Pará. Foram apresentadas as diferentes denominações dadas ao judeu-espanhol, aspecto característico de línguas em vias de extinção, que não pertencem a um território definido. Fez-se uma revisão bibliográfica dos trabalhos que tratam de algum aspecto do judeu-espanhol, como: gramática, provérbios, poesias, história, línguas não territorializadas, ladino e o hakitia propriamente, esse na comunidade de Belo Horizonte.

A rehispanização e o abandono progressivo do hakitia foram também abordados.

Na subseção o hakitia – uma língua em extinção, tratou-se sobre a morte de língua na perspectiva de autores como Graur, Denison, Martinet, Edwards, Terracini, Meillet, Labov.

No segundo capítulo, inicialmente, fez-se uma contextualização histórica detalhada do século XV, que abrangeu: os judeus na Espanha e a situação reinante, as três rotas principais de exílio dos judeus expulsos que foram o Império Otomano, Portugal e norte da África, especialmente o norte do Marrocos, a política em Portugal em relação aos expulsos estabelecidos em seu território.

Os judeus que se refugiaram no Marrocos, conhecidos como *megorashim* ou expulsos, encontraram-se com seus irmãos judeus nativos – os *toshabim*. Houve rivalidades e divergências entre os dois grupos no campo social, comercial e religioso. Os judeus espanhóis trouxeram consigo a língua castelhana, sua ciência, suas intuições comunitárias, sua cultura e seus costumes, seu espírito empreendedor, sua superioridade em relação aos judeus autóctones, mais pobres e sem oportunidades de educação e profissionalização. Os *megorashim* chamavam seus irmãos nativos de **forasteiros**.

A vida difícil no Marrocos, marcada pelo grande nível de pobreza da maioria dos judeus confinada nos **melachs**, as doenças e epidemias, o apedrejamento, a perseguição, a hostilidade, os saques, as conversões forçadas, os martírios, desencadearam a onda migratória dos judeus sefarditas e dos **forasteiros** marroquinos para a Amazônia.

Uma entidade que também esteve presente no Marrocos e foi de fundamental importância para a educação dos judeus foi a Aliança Israelita Universal, que ajudou na preparação dos futuros líderes da Amazônia.

Para caracterizar a presença judaica na Amazônia foi feita preliminarmente uma apresentação dos antecedentes históricos no Brasil. As correntes migratórias, a partir de 1810, foram 5: os sefarditas expulsos de Portugal, Espanha e Marrocos; os **forasteiros** nativos do Marrocos; os serfatitas; os ashkenazitas; os foinquinitas. As gerações de judeus na Amazônia foram distribuídas em quatro, conforme Benchimol (1998). A primeira foi a dos pioneiros que se estabeleceram no interior, como jovens aprendizes, empregados, balconistas, vendedores ambulantes, contratados por firmas judias de Belém e Manaus. A bordo de pequenas embarcações que serviam as populações ribeirinhas, eles levavam estivas, tecidos, remédios, bebidas, munições para abastecer os seringueiros e compravam os produtos do extrativismo silvestre. A segunda geração foi composta daqueles judeus que bem sucedidos, graças à borracha, conseguiram se estabelecer em Belém e Manaus, onde se tornaram grandes aviadores e comerciantes, donos de empórios e armazéns, exportadores de borracha. A terceira geração, do período entre 1920 e 1950, caracterizada por aqueles judeus paraenses que faliram ou ficaram empobrecidos durante a crise da borracha, iniciou o êxodo para Belém e Manaus. Em Belém, tornaram-se empregados e funcionários públicos, vendedores, negociantes e lojistas. Alguns se transformaram em grandes exportadores. A quarta geração é caracterizada por profissionais: médicos, advogados, economistas, contadores, auditores, administradores, engenheiros, consultores, executivos, professores, pesquisadores e outros. Esta geração desempenha importante função no campo profissional, universitário, empresarial e político.

Encerrando este capítulo apresentou-se sob o título de A Amazônia: o Estado do Pará, uma descrição da região que envolveu geografia, mapas, economia. Com relação à

Belém, enfocou-se os assuntos relativos à comunidade: número aproximado de famílias judias, instituições, em especial as sinagogas, os dois grupos de judeus – sefarditas e ashkenazitas, e uma discussão sobre a idéia preconcebida de que os sefarditas são mais tradicionais, mais unidos, conservadores e menos propensos à assimilação.

O capítulo 3 foi constituído dos pressupostos teórico-metodológicos. Os pressupostos adotados foram baseados em Labov (*op.cit.*), no que se refere à pesquisa sociolingüística e em Thomason & Kaufman (*op.cit.*), no contato lingüístico, já que o hakitia em Belém do Pará é um produto do contato da língua com o português brasileiro. Para tratar da mudança de língua induzida pelo contato, foi feita uma revisão dos conceitos diglossia, bilingüismo, bilingualidade, pois estes variam conforme o autor. Uma subseção foi direcionada para as línguas judaicas, e em especial para a discussão das duas possibilidades para o hakitia: a existência dessa língua judaica na Hispânia Medieval ou uma criação pós-expulsão dos judeus da Espanha. Na metodologia da coleta de dados, foram explicitados os critérios para a seleção dos informantes, a realização das entrevistas, assim como aqueles relacionados à transcrição e à transliteração do hakitia.

O capítulo 4 foi dedicado à descrição e discussão dos dados. Nele foram abordados os fatores extralingüísticos e os lingüísticos. Os extralingüísticos foram constituídos dos seguintes temas: língua de ocultação, visão dos informantes, fator de identidade, atitude lingüística, uso do hakitia com outras pessoas. Os lingüísticos enfocaram a mescla do hakitia com português e/ou espanhol, os eufemismos, a modalidade escrita, os sistemas verbal e nominal, os sobrenomes, os adjetivos e substantivos, os hebraísmos e as adaptações fônicas/morfológicas.

Na parte dedicada aos anexos, devem ser destacados o anexo 4, que consta da transcrição das entrevistas; e o seu roteiro (anexo 3); o glossário elaborado a partir dos dados

coletados (anexo 1); as frases comuns e os provérbios (anexo 2) e a documentação complementar composta de carta, conversações, canção (anexo 5), nessa ordem.

Como considerações finais, observa-se que entre os informantes muito tem se perdido da língua, através das gerações.

Como já colocado anteriormente, levantamos a hipótese de que o que resiste à extinção no hakitia seriam os xingamentos, as expressões, as palavras de cunho afetivo. Verificou-se que o que realmente é usado pelos informantes em sua comunidade são palavras do hakitia inseridas na estruturação portuguesa ou espanhola, conforme organizadas nos anexos. Essas podem tanto ser palavras do uso cotidiano, como xingamentos com intenção moderada ou até mesmo mais agressivos, dependendo do contexto, usados muitas vezes como língua de ocultação para que outros não entendam. O uso do diminutivo -ito dá o tom afetivo às palavras. As expressões ainda resistem, mas se comparadas às existentes na literatura, são poucas. Somente um informante, o mais velho, apresentou o maior conhecimento sobre a língua, isto pode ser explicado pelo maior contato com falantes em épocas passadas.

Dentre os muitos traços sociolingüísticos que contribuem para a morte de língua ou a extinção de uma língua, aqueles que são encontrados na comunidade de Belém são: redução ou limitação dos domínios da língua ou funções da língua original; isolamento da cultura; falta de vizinhanças ligadas ou comunidades de fala onde a língua original é dominante; influência de outras línguas e culturas na língua e cultura original resultando em grande mudança cultural na comunidade; falta de uma força unificante central na comunidade; não há empenho dos descendentes em preservar a língua; não há organizações ou movimentos para manter e perpetuar a língua; não há falantes fluentes da língua; há uma grande quantidade de “code-switching” na fala dos semi-falantes; não há possibilidade do contato com falantes fluentes ou então é muito limitado com os falantes fluentes de outros

países; a língua não tem um território próprio; inexistência de um centro com material apropriado para informação, pesquisas ou coleta de material pertinente.

REFERÊNCIAS

A FESTA DE PURIM. *Morashá*, São Paulo, ed. 39, dez. 2002.

AJAYI, T. J. *Empréstimo e Variação Interlingüística: o Iorubá em contato com o português no Brasil*. 2002. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.

ALCORÃO. In: WIKIPÉDIA – A Enciclopédia Livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/>. Acesso em: 07 jan. 2006.

AMARAL, E. T. R. A transcrição das fitas: abordagem preliminar. In: MEGALE, H. *Filologia Bandeirante – Estudos 1*. São Paulo: Humanitas, 2000

AMARAL, E. T. R. *A ausência / presença de artigo definido diante de antropônimos em três localidades de Minas Gerais: Campanha, Minas Novas e Paracatu*. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.

BAIÃO, ANTONIO. *A Inquisição em Portugal e no Brasil – subsídios para a sua historia*. Lisboa, 1906.

BALLESTEROS, C.; RUAH, M. (Org.). *Os Judeus Sefarditas entre Portugal, Espanha e Marrocos*. Lisboa: Edições Colibri, 2004.

BEMERGUY, A. *Imagens da ilusão: judeus marroquinos em busca de uma terra sem males - Pará, 1870-1910*. 1998. Dissertação (Mestrado em História Social) – PUCSP, São Paulo.

BEN-AMI, I. Identidade Sefaradi: Aculturação e Assimilação dos Judeus na Diáspora. In: NOVINSKY, A.W.; KUPERMAN, D. (Orgs.). *Ibéria-Judaica: Roteiros da Memória*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996. p. 343-355.

BENCHIMOL, S. *Eretz Amazônia – Os Judeus na Amazônia*. Manaus: Ed. Valer, 1998.

BENDELAC, A. B. de. *Voces Jaquetiescas*. Caracas: Biblioteca Popular Sefardi, 1990. v.8.

BENMERGUI, I. B. *Diccionario de Haquetía – Guía Esencial del Dialecto de los Judíos del Norte de Marruecos*. Caracas: Ediciones de la Asociación Israelita de Venezuela y del Centro de Estudios Sefardíes de Caracas, 2004.

BENOLIEL, J. *Dialecto Judeo-Hispano-Marroquí o Hakitía*. Madrid, 1977.

BENTES, A.R. *Das ruínas de Jerusalém à verdejante Amazônia*. 1.ed. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1987.

_____. *Os Sefardim e a Hakitía*. 2. ed. Belém: Mitograph Ed., 1981.

BEREZIN, R. & MEZAN, R. (Org.). *Caminhos do Povo Judeu*. 1. ed. São Paulo: Planimpress Gráfica e Editora, v.3, p.171-228, 1975.

BETHENCOURT, FRANCISCO. *História das Inquisições: Portugal, Espanha e Itália – Séculos XV-XIX*. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

BLAY, E. A. Judeus na Amazônia. In: Sorj, B. (Org.). *Identidades Judaicas no Brasil Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1997. p.33-66.

BRASIL – A República Consolidada. Criado por Rosângela Pimenta. Disponível em: <http://www.brasilrepublica.com>.

BUSSE, W. *Sobre a problemática do Judeu-Espanhol*. Tradução de T. M. L. Ribeiro. Neue Romania. Instituto de Filologia Românica da Universidade Livre de Berlim. n.12, p.37-84, 1991.

CASTILLO, C. & BOND, O. F. *Diccionario Español-Inglés / Inglés-Español*. 3. ed. Chicago: University of Chicago, 1981.

CHAMBERS, J.K. *Sociolinguistic Theory: Linguistic Variation and its Social Significance*. Oxford: Blackwell, 1995.

CHERVANAGURA, E.B.C. de. *Judeo-español y actitud lingüística*. Buenos Aires: Ed. Milá, 1990. (Colección Ensayos).

CHETRIT, JOSEPH. Judeo-Arabic and Judeo-Spanish in Morocco and their sociolinguistic interaction. In: FISHMAN, J.A. (Ed.). *Readings in the sociology of Jewish languages*. Leiden: E. J. Brill. p.261-79, 1985.

COHEN, M.A.A.M., MENACHE, L., GUIMARÃES, A.T. *Remanescentes do Judeu-Espanhol na comunidade de Belo Horizonte*. Revista de Estudos Judaicos. Belo Horizonte, n.1, p.30-36, 1998.

COHEN, M.A.A.M. Reanálise do –s final e o ‘drift’ românico: o caso ladino. In: COHEN, M.A.A.M.; RAMOS, J.M. (Org.). *Dialeto mineiro e outras falas: estudos de variação e mudança lingüística*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFGM, 2002. p.83-90.

_____. Línguas românicas em extinção: o francoprovençal. In RAVETTI, G.; ARBEX, M. (Orgs.) *Performance, Exílio e Fronteiras – Errâncias territoriais e textuais*. Belo Horizonte: Fale/UFGM, 2002.

_____. Línguas não-territorializadas: o haketía, o judeu-espanhol oriental e a língua dos “calons”. *PAPIA*. Brasília: Thesaurus Editora. n.13, p.82-91, 2003.

COLLINS Dicionário Prático - Inglês/Português - Português/Inglês. São Paulo: Ed. Siciliano, 1991.

CORDEIRO, H. D. *Os Marranos e a Diáspora Sefardita: estudo introdutório sobre a identidade étnica criptojudáica*. São Paulo: Editora Israel, 1994.

COUTO, H. H. do. *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1996.

CRYSTAL, D. *Dicionário de Lingüística e Fonética*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, p.82, 1988.

CUNHA, C. & CINTRA, L.F.L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

DENISON, N. Language Death or Language Suicide? *International Journal of Sociology of Language*. n.12, p. 13-22, 1977.

DÍAZ-MAS, P. *Los Sefardíes – Historia, Lengua y Cultura*. 2. ed. Barcelona: Riopiedras Ediciones, 1993.

DITTMAR, N. *Sociolinguistics – a critical survey of theory and application*. Trad. Peter Sand, Pieter A. M. Seuren e Kevin Whiteley. London: Edward Arnold, 1976. (Original alemão).

DORIAN, N.C. The Problem of the Semi-Speaker in Language Death. *International J. Sociol. Language*. n.12, 1977.

DUCHOWNY, A.T. Reanálise de estruturas locativas no judeu-espanhol oriental. In: COHEN, M.A.A.M.; RAMOS, J. M. (Org.). *Dialeto mineiro e outras falas: estudos de variação e mudança lingüística*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2002. p. 91-107.

_____. Percurso histórico do judeu-espanhol. *PAPIA*. Brasília: Thesaurus Editora. n.13, p.67-76, 2003.

_____. Remanescentes do judeu-espanhol na cidade de Belo Horizonte. *Anais do III Encontro Nacional do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro: história, memória e identidade*. Belo Horizonte: IHIM: AHJB, 2004.

EASTMAN, C. M. Language, ethnic identity and change. In: EDWARDS, J. (Ed.). *Linguistic minorities, policies and pluralism*. London: Academic Press. p.259-76, 1984.

ENCICLOPÉDIA JUDAICA. Rio de Janeiro: Editora Tradição S.A., v.1 e 2, 1967.

FALBEL, N. (Org.). *Egon Wolff 1910-1991 / Coletânea de artigos e conferências*. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1991.

FARACO, C.A. *Lingüística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1986.

FISHMAN, JOSHUA A. *Advances in the Sociology of Language*. 2. ed., 1976.

FRANÇA, J. L et al. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 6. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

GUIMARÃES, A.T. A importância dos provérbios no judeu-espanhol. *Caligrama*. Revista de Estudos Românicos. Belo Horizonte, vol. 2, p. 97-101, 1997.

_____. *Reanálise de estruturas locativas no Judeu-espanhol oriental*. 2000. Dissertação (Mestrado em estudos Lingüísticos) - Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.

GUIMARÃES, N. S. *O Judeu-Espanhol – Uma Língua Neolatina em Extinção*. 1998. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.

GUINSBURG, J. Uma Língua Passaporte: o Ídiche. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 37, junho/2004. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br>.

HARRIS, T. K. *Death of a Language: the History of Judeo-Spanish*. Newark: University of Delaware Press, 1994

HEYE, J. Considerações sobre Bilingüismo e Bilingualidade: revisão de uma questão. In: SAVEDRA, M.; HEYE, J. (Org.). *Palavra - Línguas em Contato*. Rio de Janeiro: Departamento de Letras/PUC-Rio, nº 11, p.30-38, 2003.

HILL, Jane H. Language death, language contact and language evolution. In: MC CORMAC, W. & WURM, S. (Ed.). *Approaches to language: Anthropological issues*. The Hague: Mouton. p.45-78, 1978.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>.

IZECKSOHN, I. *Os Marranos Brasileiros*. Rio de Janeiro: Ed.Bnai Brith S/C, 1967.

KOHRING, H. *Judeu-Espanhol em Escrita Hebraica*. Tradução de T. M. L. Ribeiro. Neue Romania. Instituto de Filologia Românica da Universidade Livre de Berlim. n.12, p.95-170, 1991.

LABOV, W. Building on Empirical Foundation. In: LEHMANN, W., MALKIEL, Y. (eds.). *Perspectives on Historical Linguistics*. Philadelphia: J. Benjamins, 1982.

_____. *Principles of Linguistic Change: internal factors*. Cambridge: Blackwell, 1994.

LEAL, M. A. da F. *A variação do complemento [de + infinitivo] ~ [Ø + infinitivo] na história do português*. 2005. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.

LONGMAN Dictionary of Contemporary English. 3. ed. Barcelona: Cayfosa Quebecor, 2000.

MEGALE, H. (Org.). *Filologia Bandeirante*. Estudos 1. São Paulo: Humanitas, 2000.

MEMORIAL BRASIL-SEFARAD. Criado por Yacov DaCosta. Disponível em: <http://www.geocities.com/brasilsfarad>.

MINERVINI, L. LA FORMACIÓN DE LA COINÉ JUDEO-ESPAÑOLA EN EL SIGLO XVI. *Revue de Linguistique Romane*. Tomo 66, n.263-264, p.497-512, julliet – decembre. 2002.

NINYOLES, R. LI. *Idioma y poder social*. Madrid: Editorial Tecnos, 1972. (Coleccion de Ciencias Sociales).

PARATUR – Companhia Paraense de Turismo. Criado pelo Grupo Internet – PRODEPA. Disponível em: <http://www.paratur.pa.gov.br>.

RALZMAN, I. Z. *Historia dos Israelitas no Brasil* – desde o descobrimento até o fim do domínio hollandez. São Paulo: Editorial “Buch-Pressé”, 1937.

RECUERO, P. P. *Diccionario Básico Ladino-Espanhol*. Barcelona: Ameller Ediciones, 1977. v.3.

RENZI, L. *Introducción a la Filología Románica*. Madrid: Editorial Gredos, 1982.

REVISTA MORASHÁ. *O Sefer Torá e Simchat Torá*. Disponível em: http://www.morasha.com.br/conteudo/artigos/artigos_view.asp?a=5&p=0.

RICHARDS, J.C., PLATT, J., PLATT, H. *Dictionary of Language teaching & Applied Linguistics*. 2. ed. Singapore: Longman Singapore Publishers Pte Ltd, p.108, 1993.

ROCHA, L. C. de A. *Como Elaborar Trabalhos Acadêmicos*. 4. ed. rev. Belo Horizonte: Ed. do autor, 2004.

RUIZ, J. M. Un cantar de boda paralelistico bilingüe en la tradición sefardí de Alcazar-Quivir (Marruecos). *Revista de Filología Española*, tomo L1, cadernos 1º- 4º, p. 169-181, 1968.

SCHEINBEIN, C. Uma língua em extinção: o Haketía. *PAPIA*. Brasília: Thesaurus Editora. n.13, p.77-81, 2003.

_____. Línguas em extinção – o Haketía. *Anais do III Encontro Nacional do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro: história, memória e identidade*. Belo Horizonte: IHIM:AHJB, 2004.

SCLIAR-CABRAL, L. *Romances e Canções Sefarditas (Séc. XV ao XX)*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1990.

SCLIAR-CABRAL, L. *Memórias de Sefarad*. Florianópolis: Editora Livros do Athanor, 1994.

SEFARAD.ORG. Criado por Moïse Rahmani. Disponível em: <http://www.sefarad.org>.

SEPHIHA, H. V. *Le Ladino (judéo-espagnol calque)*. Structure et évolution d’une langue liturgique. Paris: Association Vidas Largas, 1982.

SILVA, G. M. de O. e. Coleta de dados. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 117-133.

SILVA, T.C. *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 1999.

TAGLIAVINI, C. *Orígenes de las lenguas neolatinas*. Introducción a la filología romance. Trad. Juan Almela. México: Fondo de Cultura Económica, 1973. (Original italiano).

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.

_____, ALKMIN, T. *Falares Crioulos - Línguas em Contato*. São Paulo: Editora Ática S.A., 1987.

TERRACINI, A. BENVENUTO. Como muere una lengua. In: TERRACINI, A.B. *Conflictos de lenguas y de cultura*. Buenos Aires: Ediciones Iman. p.11-42, 1951.

SILVA, Thaís Cristóforo. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 1999. 254 p. Resenha de: Mônica Veloso Borges. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502000000100011.

THOMASON, S. G. & KAUFMAN, T. *Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics*. University of California Press, 1991.

WEXLER, P. Jewish Interlinguistics: facts and conceptual framework, In: *Language*, vol 57, n.1, março, 1981.

ZLOCHEVSKY, H. *Dicionário Básico Português – Hebraico*. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: [s.n.], 1988.

ANEXO 1

Glossário de hakitia

A

abogáo – s.m. advogado
abu – s. mentira
abuzero – adj. mentiroso
achlás – interj. basta
agrado – s.m. presente
ahora – adv. agora
aias – v. encontros
aigua – o que ?
ainará – (< heb.) – s.m. quebranto, mau olhar
alabado – adj. engrandecido
alabar – v. engrandecer
alchad ~ **elchad** – (< heb.) – s.m. domingo
amaiót – s.m. exagero, vaidade
ambre – s.f. fome
amene (< heb.) – interj. amém, assim seja
areguô – exp. vai à merda (ch.)
arroz – s.m. arroz
asnete – s.m. burro
auela ~ **abuela** ~ **aguela** – s.f. avó
auelo ~ **abuelo** ~ **aguelo** – s.m. avô
avád – (< heb.) – v. trabalhou
avodá – (< heb.) – s.f. trabalho
aier – adv. ontem

B

badrear – v. jogar praga
bar – (< heb.) – s.m. filho
barminan – exp. benza Deus
bassar – (< heb.) – s. carne
bat – (< heb.) – s.f. filha
beit – (< heb.) – s. escola
bendición – s.f. benção
berachá – (< heb.) – s.f. bênção
boril – adj. chato
bueno – adj. bonito
butitcho – adj. pequeno

C

catcha – s.f. caixa
cachál – (< heb.) – s. m. público
cadishá – (< heb.) – adj. sagrada
caie – s.f. rua

calsado – s.m. sapato
calsetines – s.pl. meias
caná – (< heb.) – v. comprou
cansado – adj. cansado
carne – s.f. carne
carnicero – s.m. açougueiro
cavod – (< heb.) – s.m. respeito
chaber – (< heb.) – s.m. amigo
chabino – s.m. rabino
Chacadosh Baruchu – (< heb.) – s.m. Deus
chacham – (< heb.) – s.m. rabino
chadrear ~ **chadrear** – v. falar
chag – (< heb.) – s.m. feriado, festa
chala – s.f. cara
chalampa ~ **chalampão** ~ **chalanpon** – s.m. ladrão
chalampas – s.f. pl. roubalheiras
chamôr – (< heb.) – s.m. burro
chamorá – (< heb.) – s.f. teimosa, chata
chamorito (< heb.) – s.m. dim. burrinho
***chanteado** – adj. rcs. enjoado
***chanuteado** – adj. rcs. chateado, cansado
chará - merda
charear – v. defecar, cagar (ch.)
charito – s.m. jarro
***chaufado** – adj. rcs. pessoa com medo
***chauleado** – adj. rcs. confuso, indeciso
***chebortina** – s.f. rcs. confusão
***chebú** – s.m. rcs. confusão
chogerá – s.f. privada
chondon – s.m. bumbum, cu (ch.)
***choquear** – v. rcs. discutir, brigar
chosminaria – s. ou adj. porcária
cinturon – s.m. cinto
crisis – s.f. crise

D

darbá – v. quebrou
dishoso – adj. feliz
Dió ~ **Diós** – s.m. Deus
director – s.m. diretor
disdreado – adj. acabado
duenho ~ **dueno** – s.m. proprietário
durse – s.m. bolo

E

eédal – s. casaco
endiamantado – adj. atraente, bonito, exaltado
enfermo – adj. doente
enshear – exp. ir embora
entontada – adj. boba

entontilho – adj. bobo
esnoga – s.f. sinagoga
estudiante – s.m ou f. estudante

F

falánsa – s.f. melancia
feo – adj. feio
ferazmal – exp. fora do mal
fetenêa – exp. presta atenção
flor – s.f. flor
flus ~ flush – s.m. dinheiro
fondac – s. mercado
fosforos – s.m. pl. fósforos
frechol – s. feijão

G

gato – s.m. gato
gói – (< heb.) – s.m. não-judeu
gol – s.m. praga
golo de pierrô / safon – exp. peido (ch.)
gobierno – s.m. governo
guachleado ~ guavleado – adj. triste, aborrecido
gueno – adj. bom
guerca – adj. geniosa
guet – s.m. orgulho
guevos ~ uevos - s.m. pl. ovos
guezerá – s.f. morte, azar, desgraça
guisdor – s. praga

H

haluf – s.m. porco
hermosa – adj. formosa
hielo – s.m. gelo
hiena – adj. grávida
hora – s.f. hora
hicha ~ hija – s.f. filha
hicho ~ hijo – s.m. filho
hualu – pr. indef. nada
hueno – adj. bom
huenos – adj. pl. bons

I

impuesto – s.m. imposto
indrear – v. ir embora
inflación – s.f. inflação
inteligente – adj. inteligente
intontado – adj. confuso
invitar – v. convidar
iom revii – (< heb.) – s.m. quarta-feira

iuvia – s.f. chuva

L

laleando – v. passeando

lamad – (< heb.) – v. estudou

lamargo – adj. coitado

lashon – (< heb.) – s. língua

la visita – s.f. convidado

lashonará – (< heb.) – exp. falar mal dos outros

las ideas – s.f. pl. notícias

libro de meldar – s.m. livro de orações

M

machalea ~ macleá ~ maclear – v. comer

madá – s. comida

madre – s.f. mãe

machar – v. vendeu

malogrado – adj. azarado, desgraçado

manzerá – s.f. mulher

manzia – s. pena, triste, filho da puta; escroto (ch.)

maót – s. dinheiro

mareado – adj. tonto

mazál – (< heb.) – s.m. sorte

mazlin – s.m. delator

mear – v. fazer xixi, mijar (ch.)

meará – (< heb.) – s.f. cemitério

mechir – (< heb.) – s.m. preço

mechorado ~ mejorado - adj. bendito, almejado

megorashim – (< heb.) - s. ou adj. expulsos

melach – s.m. gueto

melachim ~ melachin – s.m. pl. anjos

meldado – s.m. estudo

meldar – v. ler, estudar, orar, recitar

melecina – s.f. remédio

menear – v. prestar atenção

meneiar-se – v. sair do lugar

menguadas – adj. difíceis

mercado – s.m. mercado

mercador – s.m. vendedor

messor – s.f. raiva

mishmará – (< heb.) - s.f. rezar pela alma do falecido

mitzvá – (< heb.) – s. f. preceito

mitzvót – (< heb.) – s.f. pl. preceitos

mocher – (< heb.) – s.m. vendedor

morá – (< heb.) – s.f. professora

moré – (< heb.) – s.m. professor

motivo – s.m. objetivo

mucher – s.f. mulher

N

narancha – s.f. laranja
negro – ints.
niscaná – s.f. puta
noshe – s.f. noite
noticias – s.f. pl. notícias

O

olam ~ olan – s.m. mundo

P

padre – s.m. pai
pan – s.m. pão
pantalon – s.m. calça
pelear – v. brigar
periódico – s.m. jornal
perro – s.m. cachorro
plitech – adj. implicante
ponton – adj. pessoa pateta, à toa

Q

quechilá – (< heb.) – s.f. comunidade
queso – s.m. queijo

R

rav – (< heb.) – s.m. rabino
regalo – s.m. presente
rishon – (< heb.) – s.m. domingo
restaurante – s.m. restaurante
rofé - (< heb.) – s.m. médico

S

Sabat – (< heb.) – s.m. sábado
sacaná – (< heb.) – s.f. perigo
safon – (< heb.) - s.m. peido (ch.)
safonear – v. peidar (ch.)
sachen – (< heb.) – s.m. homem, vagabundo, pessoa que não presta, homem, vizinho
sachená – (< heb.) – s.f. mulher, empregada, mulher, prostituta (pej.)
sachenita – (< heb.) – s.f. dim. menina
sachenito – (< heb.) – s.m. dim. menino
sachorá – (< heb.) - s.f. negra
sachorito – (< heb.) – s.m. dim. neguinho
sachtalá – pron. indef. muito
sadikin – (< heb.) - s.m. pl. justos
sarsios – s. m. brinco
sechut – (< heb.) - s.m. merecimento
sefer – (< heb.) – s.m. livro
selección – s.f. eleição
shaá – (< heb.) – s.f. hora
shelemá – adj. completa

sherbeado ~ **shorbeado** – adj. bêbado
shofear – v. olhar
shorbear – v. beber
Sidur – (< heb.) – s.m. livro de orações
sol – s.m. sol
sotê – adj. doido
sotrê – v. preserve
suerte – s.f. sorte

T

Techilim – (< heb.) - salmos do Velho Testamento atribuídos a David
tenicudero – adj. implicante
têom – (< heb.) - s.m. gêmeo
tia – s.f. tia
tienda – s.f. loja
tio – s.m. tio
tiquita – adj. pequena
topear – v. brigar
Torá – s.m. pentateuco
trabachador – s.m. trabalhador
trabachar – v. trabalhar
trabacho – s.m. trabalho
trampas – s.f. pl. falcatruas
trecha – s.f. surra
tumá – s.f. impureza

U

uevos – s.m. pl. ovos

V

veste – s.f. vestido
viento – s.m. vento
vistido – s.m. vestido

Z

Zonear – v. transar (ch.), fazer sexo

ANEXO 2

Provérbios e Frases comuns

1. **Achlás, a hueno está** – basta, está tudo bem
2. **Ai que bien melda tu hicho (tu hichito)** – como é bom quando ele ora, como é bom quando ele recita, que bom que ele estuda teu filho, que bom ele recita teu filho
3. **Aias al Diós cerquita de ti todos los dias** – encontres Deus perto de ti todos os dias
4. **Aigua mi gueno** – porque está fazendo isso ?
5. **Az bien al malo que te dará con un palo** – quando fazes bem ao mal ele te dará com um pau (uma maudade)
6. **Asquede ferazmal** “fulano de tal” – assim fique fora do mal “fulano de tal”, que não aconteça nada contigo
7. **Baruch até papá, melech leolan mamá, saquenme desta guachlás que no me aguento mas** – me tirem desta coisa inoportuna que eu não estou me aguentando mais
8. **Desquito del mal seas** – desfeito do mal seja
9. **Dió te lo bendiga** – que Deus te abençoe
10. **Diós bendito aumente mi mazál** – que Deus aumente mais a minha sorte pela *mitzvá* que eu cumpri
11. **El alabado su nombre sea anhadde en mi salud todo lo hueno que hago** – acrescente em minha saúde o que eu fiz pelo outro
12. **El Dió me sotré de todo mal** - me preserve de todo mal, me guarde de todo mal
13. **El Diós te acuda quando le iames** – o Deus te acuda quando o chame
14. **El mazál de la fea la hermosa la dessea** – a sorte que ela tem de ser bonita isto a feia não tem
15. **El que mucho piensa se acaba sin cenar** – a pessoa que muito pensa acaba sem comer, pensa não faz nada, tem que correr atrás, essa pessoa não pode ficar parada
16. **El sachen está un perro messor** – a pessoa está como um cão raivoso, não vá atrás
17. **El sachen se quedô con la cara (chala) de açafran** – ficar com a cara amarelada
18. **El sechut de los sadikin me alcancen** – o merecimento dos justos chegue para mim, me alcancem, algo venha pra mim, algumas cifras cheguem pra mim
19. **El Señor del olam me cumpla mis desseos huenos** – que o Senhor do mundo cumpra os meus desejos bons
20. **Entre males hai albares** – entre males o menor

21. **Falquete de mi** – desprende de mim (alguém chato)
22. **Ferazmal** – fique fora do mal
23. **La berachá de Diós no te falte en horas menguadas** – que a benção de Deus não te falte nas horas difíceis
24. **La berachá del rabino en la esnoga me abre caminos de shalom** – que a benção do rabino na sinagoga me traga paz
25. **La madre que te pariô**
26. **La melecina no te falte para tu refuá shelemá** – que não falte o remédio para a sua saúde completa (pode ser um alento, um conselho)
27. **La mialegri** – nem me importo
28. **Los dos se mean en el mismo charito** – os dois são amigos íntimos, os dois sempre estão juntos
29. **Los melachim siempre te acompañen** – que os anjos sempre te acompanhem
30. **Mechorado (mejorado) 120 años e huenos e que io pueda mirar quando lo completes con refuá shelemá** – almejar que a pessoa chegue aos 120 anos com felicidades, saúde, paz, com tudo de bom e que eu possa ver, assistir, que eu esteja presente neste 120 anos e automaticamente me desejo coisa boa também
31. **No topes con el sorêr** – não insistas com o inimigo dos judeus
32. **Non me vai a caparito** – não vá fazer alguma coisa errada, que possa te fazer algum mal, que possa trazer algum dano.
33. **Onde pongas la mano haies provecho** – encontras proveito, tenhas proveito
34. **Papá, hechame la berachá para que claree mi mazál** – coloca uma benção para que a minha sorte floresça, coisas lindas tenha, uma sorte boa
35. **Para que este amaiót ?** - para que este exagero, esta vaidade ?
36. **Para que este guet ?** - para que este orgulho ?
37. **Por dinero (maót) hasta el perro baila** – por dinheiro até o cachorro dança, faz qualquer coisa, se alegra
38. **Que bien melda tu hicho, vida larga tenga**
39. **Que Diós reciba nuestras tefilot e las mitzvót con chaim tovim a nosotros e a todos los hichos de Israel**
40. **Que el uepo saque tus tripas** – que arranque as tripas da pessoa
41. **Que enduresca tu urina e nunca salga nada** – que não saia urina porque fica entupido
42. **Que le caiga un mazál** – que lhe caia uma maldição
43. **Que non salga nunca bassura de tu casa** – que nunca saia lixo da tua casa

44. **Que te venga unas trechas** – praga, porrada.
45. **Quien cambia de lugar, cambia de mazál** – quem muda de lugar muda de sorte
46. **Safón de tu padre tu madre uela el dia todo** - não enche o saco
47. **Se nos olviden las guezerot nunca mas** – que o mal nos esqueça, que as desgraças nos esqueçam
48. **Se vês las barbas de tu chaber arderlas pon las tuias de achemochar** – se nem as barbas de teu amigo arderem coloque as tuas de molho
49. **Tiquito lo chondon** – te dou um tapa (palmada) na bunda
50. **Trecha de tu madre te cambiô la vida** – uma surra de sua mãe muda a vida

Criações do informante 3

1. **Dias negros vive el gobierno brasileiro**
2. **El Congresso Brasileiro está ieno de trampas e chalampas** – o congresso brasileiro está cheio de falcatruas e roubalheiras
3. **El mazlin del PT es Eduardo Jeferson** – o delator do PT é Eduardo Jeferson
4. **Endiamantado la sachorá tiene su cuerpo** – a negra tem seu corpo atraente, bonito

Outras frases em hakitia

1. **Boril negro** – muito chato
2. **Cierra la puerta** – feche a porta
3. **Eu te intontei** – eu te deixei atrapalhado
4. **Isso é pedra e passukim** – isso é pedra e versículos
5. **Mãe, eu quero macleá** – mãe, eu quero comer
6. **Mira la sachenita** – (usa-se com conotação mais branda) – olhe a empregada
7. **Não chadreia** – não fale
8. **Ô manzia negro** – ô filho da puta
9. **Shofea o chalampão** – olha o ladrão

ANEXO 3

Roteiro para entrevistas

Nome:

Data:

Local da entrevista:

Pessoas presentes:

1. Local de nascimento:

2. Idade 3. Sexo

4. Profissão 5. Grau de escolaridade

6. Pais

Mãe: Local de nascimento

Língua materna

Língua falada no lar

Pai: Local de nascimento

Língua materna

Língua falada no lar

Avós Maternos:

Mãe: Local de nascimento

Língua materna

Língua falada no lar

Pai: Local de nascimento

Língua materna

Língua falada no lar

Avós Paternos:

Mãe: Local de nascimento:

Língua materna:

Língua falada no lar

Pai: Local de nascimento:

Língua materna:

Língua falada no lar:

7. Comente sobre a origem de sua família:

.....

8. Morou em que cidades e/ou países?

.....

9. Quando chegou no Brasil? E em Belém?

Quantos anos tinha? Que línguas falava?

10. Educação:

Tipo de escola	Local	Língua de instrução
1º grau
2º grau
Universidade
Títulos

11. Conhece os caracteres Rashi? De onde?
 Em caso positivo, escreve em Rashi? Escreve em caracteres latinos?
 Lê em Rashi? Lê em caracteres latinos?

12. Você se comunica com alguém em hakitia?
 Em caso positivo, com quem?

13. Que outras línguas fala?
 escreve?
 lê?

14. Qual a língua você tem a maior facilidade de falar?
 ler?
 escrever?

15. Qual a língua utilizada ao comunicar-se com:

avó materna	avô materno
avó paterna	avô paterno
mãe	pai
irmãos	
tias e tios	
esposa/marido	
filhos	netos
outros parentes	
melhores amigos	seu rabino

16. Com que outra pessoa poderia falar o hakitia?

17. Conhece em hakitia:

romanzas (baladas)	cantigas (músicas)
refrões (provérbios)	contos populares
poesias	orações

18. Conhece palavras de blasfêmia, xingamentos, insultos, ou afrontosas em hakitia?
 Em que língua(s) pragueja, xinga ou insulta?
 Porquê?

19. Qual o nome que você usa para se referir à língua dos seus ascendentes?

Judeo-Espanyol	Judeu-Espanhol
Espanyol	Ladino.....
Judezmo	(D) Judiyo ou (D) Jidiyo

- Espanhol Spaniolit
- Hakitia Outro?
- Conhece outro nome para a língua?
20. É tão fluente quanto seus avós? pais?
- Se a sua resposta foi não, em que aspecto sua fala é inferior?
- Vocabulário Gramática/Sintaxe Pronúncia
- Habilidade para expressar certas idéias Especifique:
-
-
21. Na sua opinião, o hakitia é uma língua útil para comunicação com outros judeus?
-
- Cite alguma(s) situação(ões) específica(s) onde falam a língua.
-
-
22. Considera importante continuar a falar a língua e o seu conhecimento? Por quê?
-
-
23. Você transmite a língua para a próxima geração mesmo de uma maneira limitada? Por quê?
-
24. Seus filhos falam/conhecem o hakitia?
- Idade dos filhos
25. Seus filhos têm competência receptiva em hakitia? Eles entendem, mas não respondem na mesma língua?
-
- Em caso positivo, em que língua eles respondem?
26. Seus netos falam o hakitia? Como? Explique.....
-
-
- Idade dos netos
27. O que os seus filhos, netos ou jovens sefarditas que você conhece sentem sobre falar o hakitia?.....
-
-
28. Você sabe se sua família tem alguma procedência espanhola conhecida? Se tem, de qual região da Espanha/Marrocos eram seus antepassados?
- Como você sabe? (último nome, familiares contaram, etc.)
-
-
29. O seu companheiro é (ou era) sefardita?
- Em caso negativo, é (ou era) askenazita ou não-judeu?
-
30. No seu ponto de vista, qual a importância do hakitia?
-
-

31. Considera importante as pesquisas e estudos relacionados com o hakitia?
Porque?.....

32. Você poderia citar algum dito, provérbio ou alguma frase ou expressão que considera interessante em hakitia?

33. Saberá me dizer como se falam as seguintes palavras em hakitia?

Mãe	Cemitério	Agora
Pai	Escola	Amanhã
Avó	Inteligente	Ontem
Avô	Cansado	Noite
Filha	Doente	Domingo
Filho	Azarado	Quarta-feira
Tia	Bonito	Sábado
Tio	Feio	Hora
Vestido	Feliz	Ler
Calça	Triste	Trabalhar
Sapato	Governo	Estudar
Casaco	Comunidade	Vender
Meias	Crise	Comprar
Brinco	Eleição	Notícias
Cinto	Inflação	Livro
Sinagoga	Imposto	Língua
Rabino	Sol	Trabalho
Livro de orações	Chuva	Caixa
Bênção	Vento	Fósforos
Feriado	Flor	Jornal
Deus	Cachorro	Presente
Vendedor	Gato	Objetivo
Açougueiro	Burro	Respeito
Médico	Pão	Sorte
Advogado	Queijo	Azar
Professor	Carne	Perigo
Estudante	Bolo	Amigo
Trabalhador	Laranja	Mulher
Diretor	Melancia	Proprietário
Mercado	Gelo	Convidado
Loja	Arroz	Festa
Restaurante	Ovos	Preço
Rua	Feijão	Gêmeo

34. Gostaria de acrescentar alguma informação que considera interessante à pesquisa?
?

ANEXO 4

Transcrição das sete entrevistas

Transcrição de gravação realizada em Belém no dia 18/08/05

Informante 1: M. A., sexo M, 41 anos, zona urbana, 3º grau

Pesquisadora: C. S.

P: então é nome é David Elmes

I: não ... Moisés Moisés

P: David não ... desculpe

I: tá tá bom

5 P: estou com David na cabeça ... Moisés Elmescony

I: Elmescony.

P: Elmescony ... Moisés Elmescony ... eu falei (...) Belém bom ... local de nascimento

I: Belém também

P: Belém ... idade ?

10 I: 40 e um

P: é ... profissão rabino né

I: rabino é ... ah sou psicólogo também

P: ah é?

I: é

15 P: eu por acaso ... eu não posso falar... mas eu sou dentista

I: (risos)

P: também ... grau de escolaridade superior

I: é

P: bom ... os pais ... a mãe onde que ela nasceu?

20 I: a mãe nasceu em Óbidos

P: Óbidos

I: no Pará

P: Pará ... e a língua que ela foi criada?

I: bom a mãe dela era do Egito e o pai do Marrocos

25 P: a mãe do Egito

I: é

P: e pai do ...

I: do Marrocos ... eles falavam árabe

P: mas assim ... ela foi educada com que língua ?

30 I: em português

P: português

I: português... a língua dela era português

P: e a língua falada no lar?

I: segundo ela era português também mas os os pais falavam entre si em árabe

35 P: entre si os pais falavam árabe ?

I: é

P: o pai onde que ele nasceu ?

I: o papai nasceu em Óbidos também

- P: Óbidos
- 40 I: é
P: e a língua que ele falava que ele foi criado ?
I: pois é pelo lado da mãe dele era do Marrocos espanhol
P: ah eu vou chegar lá ...
I: tão tá bom
- 45 P: é porque eu tô falando do lado dos pais
I: dos pais
P: é dos pais do pai depois eu chego na parte
I: ah entendi
P: tá ? é os é o pai ... a língua materna do pai ?
- 50 I: era o português também
P: português
I: português
P: e a língua falada no lar do seu pai ?
I: era um pouco de espanhol e
- 55 P: espanhol e ?
I: árabe também
P: e árabe
I: do Marrocos é
P: e não se falava português ?
- 60 I: não ... falava-se o português... quem quem eram os estrangeiros no caso eram os avós que tinham vindo lá do meus avós tô dizendo... tá certo?
P: hum
I: os pais do meu pai vamos falar deles ... então eles que vieram do Marrocos só que a minha avó veio do Marrocos espanhol falava o espanhol tá certo ? e o meu avô veio do Marrocos falava árabe
- 65 P: é ... vamos chegar nos avós senão vai fa vai ficar meio {misturado}
I: {vai confundir}
P: é porque tá tudo destrinchado aqui senão vai misturar ... então assim...
I: tá bom
- 70 P: o seu pai ... então a língua que era falava no lar ...
I: era português
P: era ?
I: português português
P: então eu ... português
- 75 I: português é
P: tá ... agora eu vou falar dos avós maternos
I: tá tá bom
P: a mãe é é é ... o local de nascimento
I: em Alexandria
- 80 P: Alexandria
I: no Egito
P: é só um minutinho deixa ver
I: pois não
P: tô achando que tá meio confuso isso aqui
- 85 I: acho que a gente respondeu profundamente aqui né ?
P: eu acho essa parte eu acho que eu tô achando meio confusa essa parte aqui / os avós maternos a mãe e o pai ... ah os seus avós tá
I: então tá certo

- P: tá certo ... então assim a ...
- 90 I: minha avó materna
P: sua avó...
I: Alexandria
P: alexandria
I: é
- 95 P: a língua materna dela ?
I: árabe
P: árabe ... e a língua que era falada na casa dela ?
I: bom já aqui no Brasil ela falava o português ... ela falava o português
P: no Brasil
- 100 I: é
P: mas é ...
I: você vê que ela não ensinou árabe para os filhos dela
P: hum
I: vê a mamãe não fala árabe {nem os filhos} dela
- 105 P: {não ensinou} árabe ?
I: não ... eles sabem algumas palavras que eles ouviam a vovó falava
P: hum
I: a vovó
P: tá ... e então assim a língua falada lá era o português
- 110 I: português
P: tá o o ...
I: o avô materno
P: o avô é
I: o avô materno nasceu no Marrocos
- 115 P: Marrocos
I: é
P: e a língua dele ?
I: árabe também
P: árabe ... e a língua falada no lar dele ?
- 120 I: português
P: português
I: é
P: mas ele ele nasceu no Marrocos fala ... é ... língua era árabe mas falava português na casa do seu avô ?
- 125 I: não ele falava na casa dele que ele formou com a vovô aqui no Brasil era português
P: português
I: entendes ?
P: entendi ... eu vou rever essa parte aqui porque eu tô achando que
I: pra ficar mais clara ... é meio confusa ...
- 130 P: eu acho que essa parte
I: eles quando nasceram ... acho que os meus avós
P: sei
I: falando a língua deles árabe
P: sim
- 135 I: da vovó
P: é
I: quando eles vieram para o Brasil na casa deles tentavam falar português
P: entendi

- I: entendes ?
- 140 P: quer dizer falavam árabe na terra deles
I: entre si é ...
P: e no Brasil ...
I: entre si eles falavam entre si mas (...) os filhos falavam tudo em português
P: sim
- 145 [...]

P: então comente sobre a origem de sua família
I: bom ... dos meus avós paternos (...)
P: é vamos vamos fazer
I: vamos falar nele ... tá bom ... então os meus avós paternos
- 150 P: tá
I: o meu avô chegou aqui no Brasil 1906
P: o avô chegou no Brasil
I: é
P: do lado paterno
- 155 I: do lado paterno
P: chegou em mil
I: 1906
P: e seis
I: é
- 160 P: sim
I: vindo do Marrocos
P: do Marrocos
I: da cidade de Salê
P: Salê
- 165 I: é
P: eu nunca ouvi falar nisso
I: não ... Salê fica perto de Rabat
P: Rabat
I: é Rabat (...)
- 170 P: Salê tem h no final ?
I: é não ... pode ser o acento só
P: porque ge a gente ouve falar que geralmente vem de Fez Rabat
I: ah é
P: Casablanca né
- 175 I: Te Tânger Tetuan
P: e Tânger Tetuan
I: é
P: é ... en
I: mas Salê ... alguns judeus famosos daqui de Belém são de Salê veio de lá meu avô
- 180 P: então ele chegou em 1906
I: e seis
P: do Marrocos
I: Marrocos
P: Marrocos de Salê ... cidade de Salê
- 185 I: é
P: e ?
I: e a minha avó já nascida no Brasil
P: nascida no Brasil

- I: é mas os pais dela vieram do Marrocos de Tetuan ... ou seja Marrocos espanhol
- 190 P: ok do lado paterno
I: do lado paterno
P: e do lado materno ?
I: do lado materno é a minha avó veio de Alexandria Egito
P: ma materno
- 195 I: é
P: então a avó veio de Alexandria
I: é
P: por sinal eu conheci a sinagoga de Alexandria
I: ah é ?
- 200 P: interessante é
I: eu tive lá também lá
[...]
P: a avó veio de Alexandria
I: é e o avó veio do Marrocos ... não tô lembrado a cidade dele lá no Marrocos qual era
- 205 P: e em que ano mais ou é ...
I: bom ... meu avô chegou esse meu avô materno
P: materno
I: chegou aqui no Brasil em 1915
P: chegou o avô em 1915
- 210 I: e 15 é
P: isso
I: isso
P: e a avó ?
I: e a avó chegou em 1920 21
- 215 P: mil e ?
I: 1921
P: 21
I: mais ou menos
P: mais ou menos 1921
- 220 P: e é é ... você morou em que cidades ou países ?
I: olha eu eu morei eu nasci aqui em Belém ... tá certo
P: hum
I: morei em Manaus
P: Manaus
- 225 I: e morei em Israel
P: Israel ... bom ... isso aqui já é pra quem chegou no Brasil ... bom educação é universidade né ?
I: sim
P: é local foi em Belém mesmo ? a universidade ?
- 230 I: foi em Belém mesmo
P: Belém ... títulos ? psicólogo né ?
I: é psicólogo
P: você me disse ... mas atua como psicólogo?
I: atuo
- 235 P: atua
I: atuo ... psicologia clínica
P: e rabino
I: e rabino

- P: interessante ... é conhece os caracteres *RASHI* ? claro né ... essa é uma pergunta óbvia né ?
- 240 I: (risos)
- P: é ... de onde ? bom faz parte dos es ... eu tô respondendo mas é que é uma pergunta meio ...
- I: claro lógico (risos)
- P: é ... é escreve escreve *RASHI* ?
- 245 I: isso
- P: é claro ... tem algumas perguntas que parecem assim meio óbvias mas ler em *RASHI* né
- I: claro
- P: então claro ... nem vale a pena fazer porque é obvio né ?
- I: não ... acho que às vezes que tu faz a pergunta / vamos falar que tem rabinos por exemplo
- 250 não sei também não têm uma formação tão profunda pra dizer sei ler *RASHI* sei escrever *RASHI*
- P: mas todo rabino acho que lê ra eu eu imagino que lê
- I: olha não tenho tanta certeza assim
- P: não ?
- 255 I: acho que não
- P: mas ...
- I: tem rabinos fracos
- P: ah ... mas eu acredito eu eu como estudante na escola israelita eu aprendi a ler *RASHI* hoje eu não sei mais
- 260 I: ah
- P: hebraico sim mas o *RASHI* eu não me / era é difícil ler *RASHI*
- I: é um caracter diferente né
- P: eu achava difícil
- I: é
- 265 P: eu tinha dificuldade mas pode ser que hoje em dia ...
- I: ah é pode ser (...)
- P: hoje já tô mais ... é é você se comunica com alguém em hakitia ?
- I: é ... não ... muito raramente
- P: raramente
- 270 I: é
- P: e em caso positivo ... com quem?
- I: olha ... eu falo com alguns amigos aqui na comunidade de Belém mesmo ... na verdade eles que falam mais o hakitia (...) as palavras que eu me lembro (...)
- P: é ... mas você ... você sabe hakitia ?
- 275 I: não ... falo apenas o seguinte / a hakitia / eu vou falar algumas coisas
- P: sei
- I: elas são palavras soltas.
- P: sei
- I: quer dizer não chega a ser uma conversa tão completamente em hakitia ... se utiliza do português e da conversa em português são usadas palavras soltas em hakitia
- 280 P: ah entendi ... então assim ...
- I: não é um dialeto completamente com tantas palavras faladas ... na verdade são palavras soltas
- P: mas assim as pessoas é em todas as gerações é você nota isso ou ...
- 285 I: parece que nas gerações anteriores era um pouco maior a influência dessas palavras soltas ... agora a gente na verdade tem menos (...) eu tô andando ali e alguém me deu uma **trecha** uma você sabe a **trecha** é uma surra
- P: ah ... sei

- I: então quem é apressado sabe que tá falando que **trecha** é uma surra / além de não tá usando todas as palavras em hakitia pra dizer ele usou só uma
- 290 P: mas uma
- I: ou então estamos aqui ‘cuidado com o **chalampa**’ quer dizer cuidado com o ladrão
- P: ah essa **chalampa** eu já ouvi
- I: você já ouviu falar (risos)
- 295 P: já entrevistei uma senhora de Belo Horizonte e ela falou assim **chalam** é uma palavra que ela me falou
- I: é
- P: essa
- I: {**chalampa**}
- 300 P: {**chalampa**} é ... mas eu acho que é tinha uma diferença tinha alguma coisa com **chalampião** alguma coisa assim ?
- I: eh
- P: **chalam**
- I: **chalampon**
- 305 P: **chalampon** ... eu acho que é isso
- I: pode ser
- P: é ... é isso
- I: (risos)
- P: isso eu achei interessante ficou até na minha ...
- 310 I: então essas palavras avulsas a gente nem usa
- P: mas assim as gerações / seria porque / eu tô eu tô fazendo a pesquisa com as três
- I: pois não
- P: gerações
- P: isso também na nas gerações mais velhas que imagino que devem falar mais hakitia falar eu digo
- 315 I: eu sei
- P: muito mais
- I: olha no que eu sei é o seguinte
- P: hum
- 320 I: os judeus que falavam espanhol lá no Marrocos
- P: sei
- I: é eles que falavam mais hakitia os outros judeus que não não de fala espanhola por exemplo falavam árabe não falavam hakitia
- P: ah sim porque tem a diferença do judeu
- 325 I: tem tem
- P: o de origem espanhola
- I: é
- P: e aquele do Marrocos
- I: aquele do Marrocos mesmo
- 330 P: aquele do Marrocos falava o judeu-árabe
- I: exatamente
- P: e o e o que veio do espanhol
- I: exatamente
- P: judeu-espanhol
- 335 I: judeu-espanhol da Espanha
- I: isso ... pois é ... e que outras línguas fala ?
- I: eu ?
- P: é

- I: eu falo hebraico logicamente
- 340 P: hebraico
I: o espanhol também eu falo ... e o português né
P: português
P: escreve as três ?
I: escrevo
- 345 P: escreve as três
I: hanhan.
P: e lê as três ?
I: leio também
P: e qual a língua que você tem a maior facilidade de falar ler escrever ?
- 350 I: dessas três é o português
P: português é português né mas assim ...
I: (...) a língua tá presente
P: em segundo ... vamos dizer em segundo
I: acho que o hebraico
- 355 P: o hebraico depois
I: é
P: na ordem
I: na ordem espanhol por último
P: então segundo hebraico
- 360 I: é
P: pra ler escrever
I: isso
P: isso ... bom ... qual a língua utilizada para comunicar-se com a avó materna ?
I: era português
- 365 P: português
I: é
P: a avó paterna ?
I: é avó ... não não a conheci ela faleceu antes d'eu nascer
P: ah ... com a mãe ?
- 370 I: português
P: português ... os irmãos ?
I: português
P: os tios ?
I: português
- 375 P: tias ... português ?
I: português é
P: com a esposa
I: tudo português
P: filhos também
- 380 I: também
P: com outros parentes ?
I: ah tem tem uma parenta que mora em Israel
P: hum
I: a gente fala em hebraico
- 385 P: mas assim ... tirando essa parente ...
I: tudo em português
P: tudo português
I: é

- P: com os netos não ... com o avô materno e paterno ?
 390 I: eles já faleceram também ... mas era tudo português
 P: tudo português
 I: tudo português
 P: e com o pai também
 I: pai português é
 395 P: e os melhores amigos ? (risos)
 I: (risos)
 P: (risos) ... português também ?
 I: português também ... é ...
 P: e agora vem aqui uma pergunta ... e com o seu rabino ? (risos)
 400 I: ah tá certo
 P: com seu rabino ... bom né na época que ...
 I: que eu estudava
 P: que você não era rabino ... em que língua que você conversava com seu rabino ?
 I: é lá em ... bom o daqui de Belém tá certo era também português
 405 P: português
 I: é
 P: qual que qual que era o ...
 I: o nome dele ?
 P: é porque eu ...
 410 I: *Abraham* Hamú
 P: esse *Abraham* Hamú ele foi rabino
 I: foi rabino
 P: em Belo Horizonte
 [...]
 415 P: e é ... com que outra pessoa poderia falar o hakitia ?
 I: eu ?
 P: é
 I: bom ... desses amigos que eu falei tá certo ... eu acho que você pode até depois entrevistá-
 los também
 420 P: sim
 I: fazem parte da comunidade daqui ... com ah ... o senhor Bendayan
 P: Bendayan
 I: é
 P: ele é uma pessoa chave pra eu ...
 425 I: chave nessa questão é verdade
 P: é é Bendayan
 I: é
 I: um amigo
 I: o outro é o senhor Jaime Assayag também
 430 P: Jaime
 I: Assayag
 P: Assayag
 I: é
 P: Assayag é uma família comum aqui ...
 435 I: é comum aqui
 P: em Belém né
 I: em Belém é
 P: Assayag

- [...]
- 440 P: é ... agora conhece em hakitia romanzas baladas ?
 I: mais ou menos
 P: mais ou menos
 I: mais ou menos é
 P: é é provérbios refranes ?
- 445 I: acho que provérbios e refrãos
 P: sim ... poesias ?
 I: acho que não
 P: não ... cantigas músicas ?
 I: cantigas músicas ... acho que não também
- 450 P: não ... é contos populares ?
 I: bom contos populares ... se eu contasse a história toda em hakitia seria isso?
 P: não
 I: acho que eu
 P: conto estórias que
- 455 I: que faz parte
 P: que passa de oralmente de ... vamos dizer de agora
 I: não algumas coisas
 P: sim ?
 I: algumas coisas sim
- 460 P: histórias que que a avó conta
 I: conta de lá da origem dela com certeza
 P: porque até onde eu sei até aonde sei até agora
 I: certo
 P: é que a hakitia é oral ... não tem nada escrito
- 465 I: é verdade
 P: então assim ... até onde eu pesquisei é ...
 I: o que eu entendo da hakitia
 P: hum
 I: ela é muito parecida com espanhol
- 470 P: é
 I: ou e então vamos falar diferente ela usa muitos termos de outras línguas como usa o árabe por exemplo mas o sufixo da palavra ela vem em espanhol exemplo ... a gente dizia assim ‘**shofea ... o chalampa**’
 P: **shofea** é hebraico ?
- 475 I: não olha só
 P: **shofea** não é hebraico ?
 I: não não não ... deixa eu explicar porque
 P: ah
 I: o **shofea** vem do árabe ... shuf quer dizer ver
- 480 P: shuf
 I: então o sufixo er
 P: ahhhhh
 I: **shofea** virou verbo **shofear** tô **shofeando**
 P: mistura o o verbo a é do árabe
- 485 I: do árabe
 P: e e faz a flexão {no espanhol}
 I: {no espanhol}
 P: ah

- I: **shofea o chalampa** ... você vê fica de olho no no ladrão
- 490 P: entendi ... e e me disseram assim que o o hakitia é é o espanho a mistura espanhol / hebraico e árabe
- I: exatamente
- P: e não tem francês
- I: não ... acho que não
- 495 P: não tem francês
- I: acho que não tem francês não
- P: tá porque é ... eu tava / eu acho porque geralmente os judeus que saíram do Marrocos / no Marrocos
- I: isso
- 500 P: falava francês
- I: é mas na verdade o Marrocos francês ele é um pouco recente né ... antes do Marrocos virar francês essa parte chamada de Marrocos francês
- P: sei
- I: era o Marrocos de fala árabe ... então meu avô quando saiu do Marrocos falava árabe logo em seguida a França chegou lá ... então a parte onde ele morava boa parte da família dele que (foi construir) lá em Israel falava francês
- 505 P: então é uma coisa recente
- I: é ... é deste século 20
- P: tá ... é ... então contos populares você disse que {sim}
- 510 I: {alguma coisa} sim é
- P: algumas alguns
- P: orações em hakitia ?
- I: acho que não
- P: não ? é conhece / essa aqui é ... eu até sei a resposta / mas conhece palavras de blasfêmia
- 515 xingamentos
- I: (risos)
- P: insultos
- I: (...)
- P: isso aqui é óbvio né
- 520 I: é óbvio
- P: é o óbvio que todo mundo ...
- I: (risos) pois é
- P: todo mundo ... essa aí todo mundo ...
- I: (...)
- 525 P: é o básico né
- I: é o básico mesmo
- P: em que língua pragueja xinga ou insulta?
- I: (risos)
- P: se acontece isso
- 530 I: (se acontece) em português e hakitia
- P: em hakitia também ?
- I: hakitia também
- P: porque ? é se for em hakitia porque ?
- I: é eu acho que aí são palavras que são passadas de geração em geração e vem desde que a família nasceu acho que foram foram ouvindo essas palavras
- 535 P: bom ... é qual é qual o nome que você usa pra de é pra se referir à essa língua dos seus antecedentes ... o hak ... é ... tem algum / eu vou dar uma lista de nomes
- I: certo

- P: e aí você vai me dizer se tem um outro nome que serve pra ...
- 540 I: (...)
P: prá identificá-la
I: identificá-la
P: ou só hakitia
P: tem o judeu-espanyol espanyol judezmo espanhol hakitia é o judeu-espanhol ladino judiyo
- 545 ou jidiyo spaniolit outro ... ou é hakitia mesmo ?
I: acho que é hakitia mesmo
P: hakitia
I: é
P: e me disseram ...
- 550 I: porque o que eu entendo Cássia
P: hum
I: é esse judeu-espanhol ou espanhol é eu não sei se é mesma coisa que dizer ladino
P: não ... tem diferença na na
I: o ladino é uma é um espanhol antigo / os judeus foram expulsos de lá né moravam lá por
- 555 exemplo na Turquia / falavam esse espanhol antigo ladino ... já de judeus que falam hakitia já é diferente não tem muito ...
P: sabe porque é que lingüisticamente falando
I: pois não
P: ah no meio acadêmico né ... é ... o ladino é a tradução dos textos religiosos para o espanhol
- 560 I: certo
P: esse é o ladino embora todo mundo é ... os leigos
I: falam
P: falam assim que quando quando é *sefaradi* ah todo mundo fala ladino então coloca tudo na mesma
- 565 I: mesma coisa
P: coisa ... e e tem o judeu-espanhol marroquino e o é que é ocidental e o oriental
I: certo
P: que dos outros dos que saíram da Espanha que foram pra outros países
I: exato
- 570 P: que não a África né
I: hunhun
P: bom então é hakitia mesmo
I: é hakitia mesmo
P: agora ... eu eu escrevia haketía mas fala é hakitia
- 575 I: é
P: isso mesmo ?
I: (...) hakitia com i
P: h-a-k-i-t-i-a
I: exato
- 580 P: sem acento
I: sem acento
P: esse é o é o tradicional
I: tradicional
P: tá ... então eu tenho que mudar a minha escrita porque na internet eu já encontrei **jaquetia**
- 585 I: ah
P: som de cha
I: ah tá do espanhol né
P: é tem várias maneiras de ...

- I: de (...)
- 590 P: cada um escreve a sua né
I: é
P: a sua maneira
I: é verdade é
P: então se conhece outro nome para a língua seria ?
- 595 I: não né ... hakitia mesmo
P: é hakitia mesmo ... é ... assim tem certas perguntas que são assim até é tão fluente quanto seus avós ?
I: é ... não
P: não né ... como os seus pais ?
- 600 I: é menos
P: em em que aspectos a a sua fala é inferior ? é no vocabulário é na gramática
I: no vocabulário
P: vocabulário é inferior
I: é inferior
- 605 P: na gramática sintaxe ?
I: ah e tinha outra coisa ... eu acho que não tem gramática de hakitia
P: não ... não tem
I: é ... na minha opinião né
P: tá
- 610 I: acho (...) ... na verdade eu vi raramente textos em hakitia
P: mas existem textos ? de hakitia ?
I: eu me lembro de uma vez de uma apresentação na comunidade
P: sei
I: de uma carta ... não sei se era alguém inventou uma carta em hakitia aí servia até como algo humorístico pra comunidade a gente ouvia os termos e ria também
- 615 P: ué então existe alguma coisa escrita
I: existe alguma coisa escrita
P: e onde que e onde que tá essa coisa escrita
I: (risos)
- 620 P: pra saber se existe
I: que existe ... olha é na verdade eu posso até procurar a pessoa que leu que leu essa carta
P: ou a pessoa escreveu porque assim às vezes a pessoa escreveu do jeito que ela sabe como ela escuta
I: é exato
- 625 P: ela escreveu não é ?
I: é
P: mas eu gostaria de saber se existe alguma coisa escrita de hakitia
I: pois é ... eu me lembro dessa carta tô te falando de uma apresentação tipo assim teatral né
P: hum
- 630 I: comunidade ... isso foi motivo de muita risada / os termos que era falado
P: e a pessoa tá aqui ?
I: tá aqui mesmo é
P: tem jeito ?
I: depois eu posso te te dar o nome dela
- 635 P: é
I: pra entrar em contato
P: de repente ela ...
I: pode lhe ajudar bastante

- P: pode ver ... porque até onde na pesquisa até onde eu cheguei não achei nada escrito
- 640 I: certo
P: porque é uma é uma língua que não tem normatização ...
I: é exato
P: ela ...
I: exato
- 645 P: até onde eu cheguei ... mas pode ter
I: pode ter lógico
P: pode ter ... é ... bom ... na pronúncia é ela é ela é inferior na pronúncia ou não ? é a mesma coisa ?
I: na minha pronúncia?
- 650 P: é
I: eu acho que é a mesma coisa
P: mesma coisa ... então ela não é inferior
I: não
P: é ... na habili é ... ela seria inferior na sua habilidade pra expressar certas idéias ?
- 655 I: é eu acho que seria inferior
P: seria ?
I: seria ... pela falta do próprio vocabulário maior né
P: hum ... é já tá funcionando ... é bom ... o hakitia é uma língua útil para comunicação com outros judeus?
- 660 I: é
P: é ?
I: é uma uma uma uma prova de identidade de judeus da mesma origem ... vamos dizer assim
P: hum
I: uma vez indo pra Israel eu me encontrei com uma judia de Portugal
- 665 P: sei
I: isso no avião
I: aí a gente conversando e como o meu pai já era do Marrocos não sei o que e tudo mais e ela me disse ... e eu perguntei e a hakitia ... a gente fala e não sei o que e ela me explicou que a hakitia era falada lá no Marrocos espanhol para que o judeu lá do Marrocos árabe não entendessem
- 670 P: o judeu é espanhol
I: é
P: ou judeu do Marrocos ... não
I: o judeu do Marrocos tem dois tipos né
- 675 P: sim
I: tinha o de origem
P: tinha o espanhol e o
I: exatamente
P: o do Marrocos mesmo
- 680 I: então chega ela fala essa haki hakitia tá certo para que esse judeu
P: sim
I: de outra origem lá não entendessem
P: e ah ... e não entendiam ?
I: é não entendiam ... pelos menos algumas palavras chaves ele pulava
- 685 P: ah ... então seria uma língua de ocultação
I: de ocultação exatamente
P: ah entendi ... então é ...
I: por exemplo (...) tô conversando com alguém e tem um terceiro observando

- P: sim
- 690 I: então eu não quero que ele entenda aquele lá né ... aí eu falo assim é **abu** ... **abu** quer dizer uma mentira ... tô falando uma mentira
- P: isso
- I: quer dizer uma farsa ... aí o outro tam
- P: é quando a gente usa ídiche é
- 695 I: exatamente (risos)
- P: pois é ... eu quando com uma
- I: (risos)
- P: palavrinha ... não precisa falar nada
- I: nada
- 700 P: uma palavra chave
- I: exatamente
- P: você já ... você quer falar de alguma pessoa
- I: de uma pessoa
- P: fala assim uma palavra e joga pronto
- 705 I: pronto
- P: tá resolvido
- I: é isso mesmo
- P: então ... os próprios judeus é queriam ocultar dos outros judeus
- I: dos outros judeus é
- 710 P: interessante isso
- I: é
- P: deixa eu colocar isso aqui
- I: (risos)
- P: é interessante
- 715 I: interessante né
- P: é ... queriam ocultar
- I: é porque no Marrocos tinha uma pe uma uma uma uma briga uma pelega como chama né
- P: pelega ?
- 720 I: é ... é como eles falavam no espanhol lá pelera
- P: hum
- I: muito grande entre esses judeus de origem espanhola tá certo e outro judeu ... engraçado o judeu de origem espanhola
- P: eles eram cultos ?
- 725 I: já ... eram ?
- P: né ? os judeus espanhóis eles eram cultos
- I: eram cultos
- P: eles eram ... eles tinham ...
- I: uma formação melhor
- 730 P: lá eles eram ... eles tinham um nível bom
- I: exatamente
- P: eles eram médicos
- I: isso
- P: eram conselheiros né
- 735 I: então os outros esses outros judeus já eram mais voltados pra a religião esses outros de origem
- P: os marroquinos mesmos
- I: marroquinos é ... então o judeu espanhol chamava esse outro de **forastero**

- P: o judeu espanhol que chamava
 740 I: o judeu espanhol que foi expulso da Espanha
 P: chamava
 I: e foi tá no Marrocos
 P: chamava o árabe
 I: chamava o judeu árabe lá de **forastero**
 745 P: mas não era mas não é o contrário ?
 I: (risos) mas aí é que tá a ironia da história
 P: mas que coisa
 I: (risos)
 P: é
 750 I: **forastero**
 P: é o que é o que o hakitia faz
 I: é faz
 P: ele fala uma coisa
 I: uma coisa
 755 P: que é contrária da outra
 I: que é o contrário da outra
 P: é interessante
 I: ele é **forastero** ele é **forastero**
 P: ah
 760 I: dá a entender que é **forastero** ... **forastero** fora do grupo deles vamos falar assim
 P: sim
 I: mas não deixava de ser também uma uma uma uma uma uma coisa feia vamos dizer
 pejorativa né
 P: mas é ...
 765 I: **forastero** é
 P: mas é interessante que tinha
 I: então aqui em Belém ainda tivemos reflexos disso ... as duas sinagogas chegaram a existir
 P: sei
 I: ambas de origem de judeus do Marrocos
 770 P: sim
 I: uma era de judeus **forasteros**
 P: sim
 I: e outra de judeus de origem espanhola
 P: quer dizer que a de origem ...
 775 I: meu avô era de / era **forastero**
 P: mas
 I: meu avô não falava espanhol tá certo
 P: era marroquino
 I: era marroquino mesmo é
 780 p: mas o o qual que era de **forastero** e qual que era dos
 I: o de **forastero** era de judeus que não falavam espanhol
 P: qual que era a sinagoga ?
 P: ah qual que era?
 I: (principalmente) essa *Shaar Chashamaim* é a é a dos **forasteros**
 785 P: dos **forasteros** e a *Essel Abracham* ?
 I: é
 P: *Eshel* né *Abracham*
 I: *Essel Abracham* é

- P: ela é dos marroquinos mesmo
- 790 I: era dos marroquinos de fala espanhola
P: ah ... então essa divisão existe
I: existia exatamente
P: até na sinagoga ... interessante porque já tem a divisão judeu e *ashkenazi/sefaradi*
I: pois é aqui dentro tinha isso
- 795 P: e ainda tem isso
I: e eu na minha infância eu cheguei eu vivenciei isso também eu me lembro ... era muito falado hoje em dia não se fala mais nisso
P: mas é
I: os descendentes ...
- 800 P: mas é tinha mas tinha aquele tinha aquela aquele preconceito aquela coisa mesmo ?
I: eles falava era **forastero** essas brigas que tinham em menino / na sinagoga se usava muito lá ... se alguém queria que uma reza fosse assim outro queria ela diferente
P: ah
I: você é **forastero** ... tá errado isso não é assim
- 805 P: interessante ... é mas mas é coisa é seria ... não é não é brincadeira
I: não ... é seria
P: é coisa
I: é coisa séria
P: vamos dizer uma rixa ...
- 810 I: uma rixa
P: uma coisa séria
I: envolvia uns certos pontos-de-vistas
P: sei
I: da própria lei
- 815 P: mas
I: ou dos próprios costumes
P: as tradições as tradições será que são eram diferentes são diferentes dos judeus é ... vindos da Espanha
I: é diferente
- 820 P: e dos marroquinos mesmo ?
I: não ... diferentes se você falar em alguns pontos né ... só que esses pontos ficavam em evidência em certos momentos aí o negocio estourava e dava a briga
P: é ... interessante isso
I: por exemplo / uma oração na sinagoga esse **forastero** aquela israelita em pé já doutra disse sentado ... bom já era motivo (...) ficar em pé não sei o que sentado
- 825 P: mas interessante que é já já tudo tem ...
I: (risos)
P: tudo tem tudo tem ... uma certa rixa divisão né
I: ah é
- 830 P: é interessante porque ...
I: antes da chegada do *Chabad* aqui em Belém tá certo / hoje em dia se fala ah porque tem o *Chabad* é diferente antes já tinha tido os problemas ... aí um freqüentava uma sinagoga e tinha gente que levantava dinheiro na outra ... e ambos eram de judeus vindos do Marrocos mesmo [...]
- 835 I: mas antes da chegada do *Chabad* era muito evidente essa diferença do judeu ... digamos de origem de **forasteros** daqueles de origem espanhola
P: interessante isso ... mas mas hoje em dia convivem bem ?
I: hoje em dia poucas pessoas falam disso

- P: sei
- 840 I: as novas gerações
P: é
I: você vê ...
[...]
P: bom ... mas continuando aqui ... é ... cite algumas situações específicas onde fala a língua o
845 hakitia ... situações específicas
I: olha ... às vezes um alguns xingamentos
P: em xingamentos né ?
I: é
P: mais alguma situação assim ...
- 850 I: falar de alguém também usando algumas palavras alguns termos algumas
P: eu ontem na na
I: (...)
P: *mishmará* eu tava distraída porque eu não sei não conheço hakitia
I: certo
- 855 P: mas a ... uma moça me falou 'olha ele falou uma palavra em hakitia' ... ah não foi o outro
rabino
I: ah
P: que falou o ...
I: o Zagury
- 860 P: o Disraeli é ... que falou **endiamantado**
I: ah **endiamantado**
P: não e?
I: exatamente
P: é então assim
- 865 I: é verdade ... já é um termo
P: já
I: é um termo espanholado ... mas de muito uso na hakitia mesmo ... **endiamantado** vem de
diamante né
P: de é uma coisa assim de valor
- 870 I: de valor é
P: é
I: exato
P: vou sair falando hakitia (risos)
I: pois é (risos)
- 875 P: já apren ja aprendi **boril**
I: pois é **boril** (risos)
P: **boril** é
I: (risos)
P: e é considera importante continuar a falar a língua e o seu conhecimento e porque ?
- 880 I: é eu acho importante
P: e por
I: pelo motivo de manter a identidade ... preservando as nossas origens
P: manter a identidade e ?
I: preservando as nossas origens
- 885 P: preservando as origens
I: é
P: você transmite a língua ... é eu não sei ... você tem filhos ?
I: tenho uma filha

- P: uma filha pequenininha
- 890 I: pequenininha é
P: então não ...
I: ainda não
P: ainda não dá tempo de
I: não dá tempo de
- 895 P: falar mas ... fala alguma fala alguma língua alguma palavra com ela em hakitia ?
I: não ... até agora acho que não
P: não ? porque
I: acho que não
P: não porque às vezes a gente vai
- 900 I: pode ser que a gente não se lembra né
P: a gen a gente vai comentar com a criança oh 'não faça isso' / aí você sem querer solta uma palavrinha
I: é
P: não né
- 905 I: na verdade que eu me lembre acho que não
P: hum ... é ... bom ... se os filhos falam hakitia não ... a idade é é da filha ?
I: dois anos
P: dois anos ... bom
I: é na verdade eu acho que a gente já perdeu muito mesmo viu falando de mim
- 910 particularmente
P: hum
I: já não me vejo falando mais comumente
P: mas aí ...
I: a gente entende quando uma as pessoas falam os que falam tá certo a gente entende o que querem dizer raramente passa despercebido o que que é
- 915 P: hum ... é ... aqui o que você é ... o que os jovens é sefaraditas que você conhece sentem sobre falar o hakitia ... o que que os jovens ...
I: ah
P: que você conhece eles acham ?
- 920 I: bom ... eu nunca ouvi comentários deles sobre a hakitia
P: nunca ouviu co
I: não ... e nunca vi também nenhuma tentativa da parte dos jovens de dizer 'vamos resgatar' de dizer 'vamos tentar manter a hakitia'
P: hum ... de resgatar
- 925 I: é algo digamos assim é ... a nível individual da própria família dele ... se na família dele ele fala
P: ah
I: ele assim conserva / uma vez eu encontrei um jovem daqui de Belém que eu não falava com ele um tempo lá em Israel ... aí a gente ficou tava num encontro da *Sochnut* / a gente tinha acabado de chegar em Israel fazia uns 6 meses né / então a gente se encontrou em *Ierushalaim* eu fui o meu grupo e o grupo dele ... 'ah ... tá aqui em Israel e não sei o que e tudo mais' ... a gente passou a noite inteira rindo das palavras que ele sabia em hakitia e que na família dele às vezes se falava 'ah tu tava lá' ... a gente falava e pe pe ... a gente passou a noite inteira conversando sobre isto
- 935 [...]
P: é ... bom ... você sabe se sua família tem alguma procedência espanhola conhecida ?
I: tenho
P: tem ?

- I: a minha avó materna
 940 P: avó materna
 I: ela é judia espanhola ... é de origem espanhola
 P: é de é de origem judia espanhola
 I: é ... do Marrocos espanhol
 P: avó materna
- 945 I: é
 P: é só ela que você tem ?
 I: só
 P: e como você sabe ? através de quem ? os familiares contaram ?
 I: é ... o meu pai
- 950 P: o seu pai contou
 I: é
 P: é ... o seu companheiro a sua companheira é
 I: certo
 P: é sefaradita?
- 955 I: é
 P: é ?
 I: é a minha prima
 P: o que ?
 I: a minha mulher tá falando?
- 960 P: é
 I: minha prima
 [...]
 P: é e é bom é ... no seu ponto de vista qual a importância do hakitia / eu acho eu tô repetindo a mesma pergunta
- 965 I: certo
 P: né porque é manter a identidade preservando as origens
 I: isso
 P: né ? é a mesma coisa / eu já tô respondendo por você
 I: não tem ... problema não
- 970 P: não ... tem problema porque (risos) é você já disse acho que a pergunta é repetitiva
 I: certo
 P: né então ... eu ou você complementar ?
 I: não ... acho que é isso mesmo ... a importância é a preservação da da das origens
 P: é
- 975 I: manter a identidade do
 P: é então é isso mesmo
 I: é
 P: é ... considera importante as pesquisas e estudos relacionados com o hakitia ?
 I: considero ... acho que tem até um livro muito importante sobre o tema
- 980 P: eu acho que eu devo conhecer
 I: tem aquele
 P: o livro do Abrahão Bentes ?
 I: é ... exato
 P: o hakitia né
- 985 I: e os **sefardim** é
 P: ah ... já li dele
 I: é livro muito bom

- P: do Abrahão Bentes ... esse eu já ... eu tenho ele ... e inclusive tenho o Das ruínas de Belém ... é como é ? Das ruínas de ...
- 990 I: de Jerusalém
P: de Jerusalém
I: até a verdejante Amazônia
P: é
I: muito bom também
- 995 P: é
I: mas esse desse **sefardim** hakitia é o livro mais específico sobre o tema
P: esse é
I: do dialeto da língua né
P: é sim tem todo assim tem a tem a ...
- 1000 I: os vocabulários e
P: ele tem a gramática
I: tem uma coisa de gramática lá
P: tem parte da gramática ... deixa eu ver aqui ... agora vamos ... bom ... bom eu te perguntei se considera importante as pesquisas e estudo
- 1005 I: certo
P: sim ... porque ?
I: eu considero isso importante ?
P: é
I: eu acho importante porque isso mantém / isso consegue resgatar a língua ... e dá para depois ser passada ou transmitida de uma maneira mais didática
- 1010 P: sim ... mais alguma coisa ?
I: não ... acho que é isso aí
P: é então assim ... mantém é consegue resgatar a língua e é ...
I: transmiti-la
- 1015 P: dá para ser transmitida de maneira mais didática
I: é
P: você poderia citar algum dito provérbio ou alguma frase expressão que considera interessante em hakitia ?
I: bom ... eu tenho uma frase que diz assim uma coisa que é muito difícil de acontecerem ...
- 1020 ah **isso é pedra e passukim**
P: **passukim** ?
I: é
P: isso é pedra ?
I: é ... isso é uma expressão ... apenas há em espanhol ... mas tem em português né
- 1025 P: então isso
I: pedras e **passukim**
P: isso é pedra ?
I: e **passukim**
P: e **passukim**
- 1030 I: é
P: **passukim** também ... é de **passuk**
I: é em hebraico
P: em hebraico ... **passuk** é capítulo né ?
I: é capítulo versículo versículo
- 1035 P: é versículo é
I: tem uma história em cima disso
P: **isso é pedra e passukim** ?

- I: é
P: qual a ... qual a ?
- 1040 I: a história é mais ou menos o seguinte
P: o significado ?
I: por exemplo isso é uma coisa que ... a gente tá falando mas que não vai acontecer tá certo ele tá falando isso ah é só um conceito mas que na prática não tem como ser aplicado ... a história que conta a respeito desta frase é a seguinte ... um judeu quando passava por um lugar
- 1045 um cachorro sempre corre atrás dele
P: sei
I: tá certo ? aí ele foi falar com o rabino ‘ah rabino tem um cachorro tá latindo atrás de mim me perseguindo’ aí o rabino ‘ah vou te dar uns *passukim* pra tu ler / quando tu passar perto dele lê esses *passukim* que aí o cachorro não vai mais te te morder’ aí deu pra ele os
- 1050 *passukim* e tudo mais né mas ele passou no mesmo lugar quando ele passou no mesmo lugar ele foi ler os *passukim* o cachorro tava atrás perseguindo ele / ele lendo os *passukim* mas o cachorro não parou ... aí ele foi obrigado a pegar as pedras e jogar no outro cachorro jogar no cachorro aí o cachorro foi embora (...) ‘o senhor me enganou rabino fui ler lá os *passukim* lá / se não fosse jogar a pedra’... então ‘pois é era *passukim* e pedras tu tinha que fazer as duas
- 1055 coisas’
P: ah (risos)
I: (risos)
P: *passukim* e pedras (risos)
I: (risos)
- 1060 P: mas ele só falou ... mas ele só foi no no *passukim*
I: é no começo (...) no *passukim* né / quando o rabino viu que ele tinha falado e não tinha (...) não ... pois é (tinha falado) *passukim* e as pedras ... (risos)
P: interessante essa ... entendi ... quer dizer que tem / é é é uma estória isso aqui ...
I: é uma expressão
- 1065 P: é
I: e alguns judeus usam essa
P: essa expressão
I: essa expressão é
P: interessante
- 1070 I: é uma coisa
P: é
I: que na prática ...
P: interessante essa eu não ouvi não
[...]
- 1075 P: agora é ... eu tenho tenho uma lista de palavras
I: certo
P: é ... seria interessante você me dizer se você conhece ... algumas / eu vou te dar a lista e vou mostrando eu vou te dar uma cópia da lista
I: tá bom (risos)
- 1080 P: e aí eu vou anotando aqui as palavras que você conhece tá ?
I: tá bom
P: vou te dar esse aqui que eu vou anotando aí
I: tá legal
P: uma lista grande mas ... as que você reconhece que conhece pode me falar
- 1085 I: tá bom vai falando pelo ponto de vista ...
P: é
I: sinagoga

- P: sinagoga eu ... eu também conheço (risos)
 I: não o termo em hebraico
- 1090 P: é
 I: essa pergunta eu não entendi que
 P: não em
 I: quer dizer como se fala ?
 P: em hakitia
- 1095 I: pois é
 P: é
 I: sinagoga em hakitia é {**esnoga**}
 P: {**esnoga**} é ... mas fala **esnoga** ou **snoga** ?
 I: não ... eu já ouvi falar **esnoga**
- 1100 P: **esnoga**
 I: é
 P: é que eu ouvi falar então
 I: às vezes a gente pode
 P: **esnoga**
- 1105 I: é
 P: tá
 I: bom essas filhas e filhos que eu me lembro (...) era
 P: hum
 I: **hija hijo**
- 1110 P: deixa ver onde tá filha **hija**
 I: é
 P: **hijo**
 I: é **hijo**
 P: tá
- 1115 I: e essas palavras avô e avó
 P: isso
 I: é avó ... **aguela**
 P: com v com b?
 I: não ... com g
- 1120 P: a avó **aguela** ?
 I: é
 P: com g ?
 I: humhum
 P: **aguela** ... é interessante
- 1125 I: exatamente
 P: diferente
 I: em espanhol é abuela né
 P: abuela com b
 I: é ... isso ... hakitia a gente fala com g
- 1130 P: **aguela**
 I: **aguela**
 P: e avô
 I: **aguelo**
 P: **aguelo**
- 1135 I: é
 P: muito interessante eu nunca ouvi falar assim ...

- I: mas sabe depois quando você conseguir estudar é que como o b no espanhol então é como fosse um uê bê eles falavam esse g como se auela auela ... não é abuela é auela e às vezes esse aue tinha um g **aguela**
- 1140 P: **aguela aguela** é porque a maneira de falar rápido **aguela**
I: exatamente
P: **aguela**
I: mas eu já peguei **aguela** quando eu já apren ...
P: **aguela**
- 1145 I: **aguela** é
P: interessante eu nunca ouvi falar
I: (risos)
P: **aguela**
I: é
- 1150 P: **aguela**
I: **aguela**
P: interessante
I: é ... bom pai chamavam de **padre**
P: padre
- 1155 I: igual espanhol ... mi **padre**
P: igual espanhol
I: é ... e **madre** também
P: **madre**
I: tia tá certo ... vestido eu não lembro ... calça ... **los pantalones** ... espanhol também
- 1160 P: é um momentinho ... onde calça é pantalon ?
I: é
P: pantalon mas
I: **los pantalones** ... no plural né
P: falava no plural ?
- 1165 I: é
P: **los pantalones** ?
I: é **los pantalones**
P: pra se referir a uma calça
I: a uma calça
- 1170 P: **los pantalones**
I: é ... bom um rabino já que tá escrito aqui
P: é
I: a gente chamava de **chacham**
P: inteligente
- 1175 I: é ... nunca era o rabino ... é o **chacham**
P: **chacham** ... deixa ver onde tá o rabino
I: embaixo da sinagoga
P: isso ... **chacham** é ... escreve **chacham** ?
I: bota **chacham** é
- 1180 P: **chacham** ... interessante
I: essa família de ontem ... a **mishmará** né
P: sei
I: ah os **chacham** tão falando aí ... os **chacham** era eu e o outro rabino
P: ah ... usa esse termo {**chacham**}
- 1185 I: {é os **chacham**} tão falando aí
P: isso em hebraico é inteligente mas ...

- I: é
P: eu acho que é mais que in ... é sábio
I: mas ... é sábio é
1190 P: sábio né ?
I: quando eu tive em Israel também eu percebi que alguns rabinos *sefaradim* era como se fosse um título honorífico ... não ... ele é o **chacham Itzhac** ... não ... é o **chacham Iacov**
P: eu acho que é mais que ... é sábio mesmo
I: exatamente ... sábio (...)
1195 P: porque o rabino assim é pelo menos naqueles tempos era a pessoa que a gente ... era conselheiro era ... em todos os sentidos né
I: é
P: hoje em dia que ...
I: na verdade eu ... quando eu era pequeno eu não me lembro aqui em Belém de chamar
1200 alguém de rabino ... chamavam alguém que fazia a função que fazia ...
P: era rabino ?
I: **chacham**
P: muito interessante
I: **chacham**
1205 P: porque eu não ... na comunidade nossa se chama de rabino
I: é hoje em dia já é mais comum é o rabino assim
P: até onde eu ...
I: mas chamava só de **chacham** ... **chacham**
P: **chacham**
1210 I: bom ... esse livro de orações (...) livro de orações
P: (...)
I: então aqui
P: oi
I: orações
1215 P: livro de orações
I: é
P: sei
I: o livro é espanhol **libro**
P: **libro**
1220 I: é ... **libro de meldar**
P: **libro** de ?
I: **meldar**
P: **meldar** ?
I: é
1225 P: **m-e-l-d-a-r**
I: isso
P: esse é oração ?
I: **meldar** é oração
P: **meldar** é sin falar em singular né ?
1230 I: é
P: de oração
I: e a a palavra oração ... ele tá orando ... ele tá **meldando**
P: tá **meldando**
I: já tem vários ... é
1235 P: o verbo
I: é

- P: como espanhol né orando
 I: exatamente é ... por exemplo tem até uma uma **tikun** uma uma oração que se faz
 P: hum
- 1240 I: durante a noite inteira em uma *Shaná Rabá* tem nos dias de **Sucot** né outro em **Shavuot** outro no outro dia de **Pessach** mas chama-se **meldado** ... **meldado** é um estudo durante a noite inteira
 P: **meldado** ?
 I: é
- 1245 P: estudo a noite inteira ?
 I: é
 P: é um estudo
 I: é
 P: não importa ...
- 1250 I: é um estudo da **Torá**
 P: estudo da **Torá** ?
 I: ah durante a noite
 P: durante a noite
 I: é ... especificamente nessas festividades **Sucot**
- 1255 P: em **Sucot**
 I: **Pessah** e **Shavuot**
 P: **Pessach** e **Shavuot**
 I: é ... e é praticamente **tikun** ... **tikun leshavuot tikun lepessach tikun**
 P: **tikun** não é conserto em hebraico ?
- 1260 I: é mas tudo aqui é conserto espiritual né
 P: espiritual
 I: é ... **tikun** é uma ... melhora lá
 P: mas seria um conser um conserto
 I: a palavra **tikun** quer dizer conserto
- 1265 P: é
 I: correto ... só que nesses daí é um **tikun** é um conserto espiritual uma melhora espiritual
 P: melhora espiritual
 I: é
 P: mas então aqui o **meldado** é o estudo da **Torá** durante a noite
- 1270 I: isso
 P: em **Sucot Pessach e Shavuot**
 I: exatamente
 P: tá
 I: **meldado**
- 1275 P: **meldado** ... isso
 I: vamos ver aqui mais ... bom aqui são exatamente espanhol lá a bendición (...)
 P: onde que tá a pala? benção
 I: é
 P: como se diz?
- 1280 I: **bendición**
 P: **bendición**
 I: é
 P: **bendición**
 I: é
- 1285 [...] I: mercado

- P: mercado
 I: mercado era **fondac**
 P: **fondac** ?
- 1290 I: é
 P: com f ?
 I: é
 P: **fondac**
 I: **fondac**
- 1295 P: interessante ... **fondac**
 I: (risos)
 P: pa são palavras que eu não ...
 I: às vezes
 P: que eu não vi
- 1300 I: não viu
 P: não parecem espanhol mesmo
 I: é
 P: **fondac**
 I: **fondac**
- 1305 I: cemitério
 P: pois é
 I: *meará*
 P: *meará* ?
 I: é
- 1310 P: *meará* é ...
 I: *meará* em hebraico
 P: caverna
 I: é caverna
 P: é
- 1315 I: dá a entender que no Marrocos
 P: *Mearat Chamachpelá* né
 I: isso é porque
 P: é
 I: enterravam lá na ... nas cavernas
- 1320 P: então é ... cemitério é *meará*
 I: *meará* ... até hoje ...
 P: se tivesse ficado só nas palavras não tem ...
 I: bom ... ovos
 P: ovos
- 1325 I: ovos é **huevos**
 P: **huevos** ... por isso
 I: mas com g ... **huegos**
 P: ah ... huevos
 I: não ... antes tem um g aqui agu agu (**aguelo**)
- 1330 P: (**aguelo**)
 I: é ... é **guevos**
 P: ah ... **guevos**
 I: é
 P: **guevos**
- 1335 I: e é aquela mesma história que a gente falava ...
 P: interessante **guevos**

- I: (risos)
P: eles trocavam
I: **guevos**
- 1340 P: o h por g
I: é
P: {**guevos**}
I: {**guevos**}
P: tem ... deve ter uma explicação pra isso ... **guevos**
- 1345 I: bom domingo ... domingo usavam o nome de **elchad**
P: **elchad** ?
I: é
P: **elchad** ... é uma palavra só ?
I: é ... a gente tá falando quer dizer o primeiro né ... **el chad**
- 1350 P: **el chad** é *ehad*
I: **elchad** é *ahad*
P: é ... el é o espanhol né ?
I: é o espanhol
P: é o primeiro
- 1355 I: o primeiro
P: é ... quer dizer que domingo já era considerado como primeiro dia
I: (primeiro dia) ... **elchad**
P: isso pro judeu ?
I: é
- 1360 P: né ?
I: por exemplo noite de **elchad** ... ah ah ... sábado à noite no *Motzaei Shabat* tá certo ... já é o domingo ... era chamado de noite de **elchad** ... **elchad** de domingo
P: pois é porque pra nós o dia é segunda feira e em hebra e em Israel começa no
I: no domingo
- 1365 P: no domingo
I: *iom rishon* é
P: é ... quer dizer que ... então pra ... *hakitia elchad*
I: é
P: domingo é o primeiro dia
- 1370 I: o primeiro dia ... (acho que eu tô meio fraco) ... acho que eu tô fraco (risos)
P: (risos) ... é um teste né ...
I: eu não sei nada
P: isso aqui é um teste ... (risos)
I: (risos)
- 1375 P: é prá ver a
I: é ... prá ver até onde vai o ...
P: até onde vai
I: tá falando tanto aí de *hakitia* e não sabe nada de *hakitia*
P: (risos) ... não ... porque assim ...
- 1380 I: (risos)
P: porque assim ... pa parecem palavras assim básicas né ? (risos)
I: é pois é
P: e ... mas aí ...
I: (risos)
- 1385 P: até que a lista tem uma razão de ser porque aí a gente vai ver ... assim ... quem sa é quem sa como é que as gera as gerações ...

- I: é
P: o que que elas sabem
I: elas sabem
- 1390 P: né ? porque às vezes você vai / quanto menos palavras às vezes a geração mais nova às vezes sabem menos
I: é menos
P: né ?
I: verdade ... olha
- 1395 P: hum
[...]
I: bom ... eu acho que é isso que eu me lembro
P: é isso ?
I: tá
- 1400 P: agora é ... como última pergunta
I: pois não
P: é ... gostaria de acrescentar alguma informação que considera interessante à pesquisa ?
I: dá um exemplo teu ... o que tu acha que poderia ser ?
P: como ?
- 1405 I: o que poderia ser interessante ?
P: não sei
I: uma história ?
P: eu tô te per ... não assim o que que você ... a informação ... o que que você acha ou algum comentário ... o o que faltou / o que o que eu não comentei
- 1410 I: ah
P: alguma coisa importante ... assim ... alguma coisa relevante ... que falta ... ou não não considera ou tudo já foi dito ... (risos)
I: (risos) ... foi falado né ?
P: ou tudo foi dito
- 1415 I: é ... sei Cássia acho que no ... no momento não vejo nada não ... é porque teu trabalho tá envolvendo vocabulário
P: isso
I: envolvendo um pouco da história da ... hakitia da formação
[...]
- 1420 I: aí então tu pode fazer aqui um um histórico sobre a própria língua a hakitia ... a função histórica dela ... a a formação histórica dela certo ... porque eu acho que ela é recente na minha opinião né
P: a hakitia ?
I: é
- 1425 P: (...)
I: quero dizer em relação à outras ...
P: não porque é ... tem tem duas correntes ... é a a língua dos judeus que que foram expulsos da Espanha né?
I: certo
- 1430 P: tem a versão que diz que a língua surgiu desses que foram para o Marrocos que a língua surgiu depois da expulsão ... já outros dizem outros autores que já existia antes
I: na Espanha ?
P: da expulsão é ... que os judeus falavam diferentes então diferente então assim ... há controvérsias mas eu tô é é considerando ...
- 1435 I: eu tô te falando isso é ...
P: considerando como pós-expulsão uma língua

- I: ah
P: que surgiu pós-expulsão
I: eu acho que essa deve ser talvez a mais a melhor forma explicada
1440 P: mais confiável
I: mais confiável / porque as palavras já vem em árabe por exemplo ... acho que os judeus que moravam na Espanha antes da expulsão eles não tinham muito contato com a língua árabe em si e quando ele ...
P: mas
1445 I: foi para o Marrocos os expulsos eles tiveram contato direto com aqueles judeus que falavam somente árabe ... então tem muitas palavras dentro da hakitia que ...
P: mas
I: esses 40% é árabe
P: ah mas os mouros lá na na Espanha eles ...
1450 I: é tinha a época dos mouros
P: é pode ... ter ... mas assim cada autor ...
I: é ... tem uma fonte
P: tem um ... cada cada um considera sua
I: uma (...)
1455 P: o seu argumento
I: forte
P: é ... mas eu tô partindo do princípio que ... levando mais em consideração pós-expulsão
I: exato
P: mas então ... é ...
1460 I: é ... põe isso
P: desse jeito tá bom ?
I: eu acho que tá bom
P: não acrescentaria nada ?
I: acho que não
1465 P: agora sabe é ... oficialmente a entrevista tá encerrada

Transcrição de gravação realizada em Belém no dia 20/08/05
 Informante 2: B. B., sexo F, 48 anos, zona urbana, 3º grau completo
 Pesquisadora: C. S.

- P: bom ... nome ? Bonina Bemerguy
 I: é ... B-E-M-E-R-G-U-Y
 P: data ... bom ... local de nascimento?
 I: Belém
 5 P: Belém ... idade ?
 I: 48
 P: é ... profissão ?
 I: professora ... educadora física
 P: grau de escolaridade ? supe
 10 I: superior
 P: bom ... os pais ... onde que sua mãe nasceu ?
 I: minha mãe nasceu ... é quase na fronteira do Peru
 P: quase na fronteira do Peru
 I: é
 15 P: e ... a que língua que a sua mãe foi criada ?
 I: minha mãe foi criada no espanhol ... francês e português
 P: mas a ... com as três ? ela foi ...
 I: sim ... mas ele ...
 P: que ela que ela começou a alfabetização dela
 20 I: não ... ela só falava português e e o espanhol né ... o francês ela dizia que ... ela era criança
 sempre quando minha avó queria ensinar francês elas corriam
 P: hum
 I: não queriam aprender aquelas coisas de criança ... queriam brincar
 P: então seria espanhol e português
 25 I: é
 P: e que língua era falada no lar ? na casa da sua mãe
 I: era falada o português não é portunhol com a gente fala português com espanhol
 P: portunhol ... onde que seu pai nasceu ?
 I: meu pai também nasceu aqui
 30 P: Belém
 I: foi
 P: e a língua dele então por português também ... e a língua falada no lar ?
 I: também a mistura ... portunhol
 P: mistura
 35 I: isso
 P: portunhol
 I: por causa dos meus avós
 P: bom agora eu vou falar dos avós maternos .. é ... a mãe nasceu aonde ? local de nascimento
 I: a mãe da minha mãe ?
 40 P: isso ... a mãe da sua mãe
 I: a mãe da minha mãe nasceu em Tânger
 P: Tânger ... e a língua que ela foi alfabetizada ?
 I: Marrocos francês
 P: Marrocos francês ... a língua ma que ela foi alfabetizada ?
 45 I: foi francês
 P: francês ... na no lar ... a língua falada ?

- I: também espanhol hakitia
 P: mais alguma ?
 I: não
- 50 P: não
 I: só
 P: bom ... agora é ... avós maternos então é ... só um minutinho aqui perai do lado materno é ... o pai o pai da sua mãe ele nasceu aonde ?
 I: o vovô nasceu em Casablanca
- 55 P: Casablanca ... e a língua que ele foi criado ? que ele alfabe
 I: mesma coisa ... francês espanhol ... hakitia
 P: essa é a língua falada no lar ... né ?
 I: sim
 P: mas a língua que ele foi que ele foi educado ?
- 60 I: francês
 P: francês né ?
 I: francês e espanhol
 P: espanhol ... bom agora os avós do lado paterno ... a mãe do seu pai ... aonde que ela nasceu ?
- 65 I: a vovó Messody ... ela nasceu em Tetuan
 P: Tetuan ... Marrocos né ... e a língua que ela foi criada ? que ela foi ...
 I: mesma coisa
 P: fala pra mim
 I: (risos)
- 70 P: (risos) ... repete pra mim por favor ... francês
 I: (risos) ... fran a vovó Messody foi mais o espanhol realmente a hakitia
 P: es ... a hakitia ou o espanhol ? hakitia ?
 I: a hakitia
 P: hakitia
- 75 I: hakiti ... hakitia e o espanhol
 P: e espanhol
 I: ela não falou ela não não não não mencionava tanto o francês ... ela nunca mencionou se foi educada no francês ... se ela sabia eu não sei
 P: tá
- 80 I: mas ela nunca mencionou
 P: agora a língua falada no lar ? no caso ...
 I: espanhol
 P: espanhol ... agora do lado dos avós paternos ... o o pai do pai ... onde que ele nasceu ?
 I: nasceu lá também ... eu acho que ele nasceu ou em Casablanca ou em Tânger
- 85 P: Casablanca ou Tânger
 I: é
 P: bom ... a língua ma a língua que ele foi materna ... a língua que ele foi alfabetizado ?
 I: foi espanhol
 P: espanhol ... e a língua falada no lar ?
- 90 I: também espanhol
 P: espanhol
 I: e hakitia
 P: bom ... comente sobre a origem da sua família ... comente assim no geral ...
 I: a origem da minha família é é é ... com com a expulsão do (...) da Península Ibérica
- 95 P: hum

- I: Portugal Espanha ... é ... eles foram todos para o Marrocos tanto a família da da minha da minha mãe ... a família do meu pai alguns foram também pra Argélia
- P: da mãe e do pai né ?
- I: é ... mas eles se concentraram mais no Marrocos / e então os meus avós é ... vieram para para o Brasil
- 100 P: depois
- I: no Brasil a negócios né ... para fazer negócios / por perseguições eles estavam (numa época) quando eles foram perseguidos no Marrocos
- P: o que levou a vir ao Brasil foi perseguição ?
- 105 I: foi foi ... eles eles estavam passando fome lá ... então a família ...
- P: mas a fome ... é é muito certo pela fome ... mas além disso a perseguição ?
- I: sim sim ... tinha um sultão na época do Marrocos que o o sultão que aceitou-os né
- P: hum
- I: era muito bom e depois ... parece que houve uma troca lá morreu e assumiu alguém que a minha avó conta e eles começaram a fazer muitas perseguições os mouros começaram fazer muitas perseguições aos judeus ... então como eles estavam numa numa numa fase crítica eles vieram pra cá pro Brasil / eu sei que a família da minha mãe ela tinha uma origem a ela tem uma origem mais nobre tanto que lá no Marrocos eles andavam de de de de de ... daquelas carruagens né inclusive com criados ... e eles tinham brasão ... a família do meu pai é uma
- 110 família mais / tanto que merguy significa campo significa ...
- 115 P: merguy ?
- I: é merguy ... significa assim como se fossem camponeses mercadores né pessoas que fazem comércio em nos campos então ... / é a a família da minha mãe era mais nobre mas a família do meu pai era um pouco mais assim de comércio ... meu avô era um grande comerciante ele vendia ... é tapetes pedrarias e esse tipo de coisas né de cidades em cidades / e eles resolveram vir pra cá / não sei quem foi o primeiro judeu a gente não não tem a história do primeiro judeu que veio pra cá / e eles se infiltraram na na nos interiores na verdade no interior da Amazônia
- 120 P: vieram pros interiores
- I: então ficava uma família de apoio aqui que é essa família que você vai entrevistar segunda feira que é a família do Sr Isaac Israel que é sogro da Sigalit
- 125 P: são pioneiros
- I: eles ficavam ... é ... eles ficavam tipo assim de apoio aqui em Belém tinham algumas famílias que ficavam de apoio aqui em Belém e os outros iam pro interior comercializar ... na verdade foram os judeus que começaram aqui naquela época / aqui ainda não existia o a palavra co comerciante e foram eles que começaram com esse tipo de venda e realmente a introduzir realmente o comércio ... tanto é
- 130 P: esses comerciantes
- I: é
- P: que vieram do Marrocos
- 135 I: porque a maioria do interior do Pará ... ela é toda dominada pela parte comercial você pode analisar nos interiores do Pará Óbidos Alenquer ... a maioria
- P: hum
- I: é tudo ... é é judeu que domina
- P: atualmente ?
- 140 I: o comércio
- P: atualmente ?
- I: atualmente também entendeu ... ainda tem famílias que têm grandes negócios pelo interior ... lógico que mais tarde com a evolução eles se fixaram na capital ... porque mandavam os filhos estudarem fazer faculdade ... muitos foram vindo embora pra capital mas muitos mantiveram em Pa em Parintins negócios ... até hoje as famílias tem muitas famílias que têm
- 145

negócios lá ... mas na verdade foi isso e ... / a família da minha mãe a minha é ... a minha bisavó ela comprou terras ela trouxe dinheiro muito dinheiro de lá

P: comprou terras

I: e comprou terras do do do de Manaus ... de Manaus aquelas terras todas do Amazonas até quase a fronteira do Peru ... foi por isso exatamente que minha mãe nasceu lá quase fronteira com o Peru e ... minha avó comprou aquelas terras todas na na / é minha mãe conta que foi naquela época foram ... 10 eu não me lembro direito 10 mil contos de réis que ela gastou do ...

P: essa avó do lado materno

I: avó do lado da mamãe ... sim ... e compraram muitas terras / só que depois meus tios eles estudaram na Inglaterra eles eram todos levados pra estudar ou na Inglaterra ou na França

P: na Inglaterra ou França

I: é ... aí quando os meus bisavós morreram esses meus tios que eram os filhos que ficaram com todas as papeladas vieram pra cá pro Brasil mas a a alguns se assimilaram tiveram filhos assim por fora e daí foram acontecendo algumas coisas né em termos dos negócios eles foram é ... envelhecendo e ... realmente essas terras ficaram pra trás né

P: perdidas ?

I: perdidas perdidas ... elas foram ... algumas foram tomadas e quando ... há muitos anos atrás eu era pequena ainda eu era mocinha ainda algumas pessoas da minha família / soube da história assim eu era garota né e eles foram no no Instituto de terra do Pará que é do Incra e realmente o pessoal que pesquisou disse que tava que era muito enrolado que já tinham se passado muitos anos né

P: tem aquela história de usucapião

I: e que ... usucapião e que era melhor não se mexer neste tipo de coisa porque iria se gastar muito dinheiro ... envolveria muitos problemas e ... é ... os documentos já estavam assim muito digamos assim muito amarelos muito ...

P: ah ... mas existem ainda os documentos ?

I: existem os documentos ... eu não sei com quem da minha família está ... não sei se está com as filhas do meu tio que já morreu há muitos anos do do último tio da mamãe que morreu né ... e existe muita gente da família da mamãe da família Abensur ... existe muitos na Inglaterra

P: na Inglaterra ?

I: na Inglaterra ... porque eles foram educados lá e depois também ...

P: mas porque que eles foram escolher pra ir pra Inglaterra?

I: porque eles tinham dinheiro e geralmente eles como o Marrocos era muito ... era muito ... é ... é ... subdesenvolvido na época / como eles tinham dinheiro eles mandavam os filhos estudarem sempre na Inglaterra ou na França

P: ah ... entendi ... porque eu conheci uma outra pessoa que ... me falou em Inglaterra

I: meus avós todos

P: por causa de Gibraltar

I: meus tios ... meus tios todos estudavam na Inglaterra ... meus tios todos os os

P: tios diretos ?

I: não não não ... os tios da mamãe e o irmão da mamãe chegou a estudar também na França ... o meu tio Jacó chegou a estudar na França ou eles iam estudar na França ou eles estudavam na Inglaterra

P: hum

I: eles o meu tio Jacó foi pequenininho estudar na França voltou quando rapazinho já ... entendeu ? as mulheres não ... tinham aquela coisa de ficar mais perto da mãe / mas aí os os os tios da minha mãe levavam os sobrinhos menores pra serem alfabetizados lá porque eles também achavam o Brasil subdesenvolvido ... (risos)

P: mas era né na época ?

- 195 I: era ... era subdesenvolvido o Brasil era subdesenvolvido na época Belém e era subdesenvolvido o Marrocos né ... então eles buscavam o lugar de maior desenvolvimento né
P: bom
I: a família da minha mãe na verdade foi toda ... toda na da na Inglaterra
P: foi toda lá
- 200 I: lá ou na França
P: bom ... aqui pede o seguinte ... continuando é ... bom tá tudo gravado aqui depois eu anoto com mais detalhes ... bom ... é ... você morou em que cidades ou países ?
I: eu ?
P: sempre em Belém ?
- 205 I: eu ?
P: é
I: não ... eu nasci aqui em Belém é ... na ... é fui pra Manaus quando pequenina porque meu pai era do do Instituto Nacional de pesquisas da Amazônia ... é ... então meu pai era pesquisador era botânico
P: hum
- 210 I: e ... eu fiquei até os primeiros 5 anos da minha vida em Manaus quando retornamos pra cá meu pai não quis mais ficar em Manaus então viemos embora pra cá ... eu fui a eu sou a caçula de todos os meus irmãos (...) bastante temporão também
P: hunhun
- 215 I: e ... vim pra cá depois daqui ... as cidades que eu morei ... foi Goiânia
P: deixa eu ... vou anotar aqui
I: foi ... isso já depois de casada ... foi Goiânia foi Manaus e foi Porto alegre
P: Porto alegre ?
I: hunhun
- 220 P: tão longe assim ? é uma distancia grande né ?
I: (risos)
P: bom ... aqui ... bom ... educação você já me disse que é superior né ?
I: é
P: é a universidade ... qual que seria ? que universidade você se formou ?
- 225 I: Universidade Estadual do Pará
P: Estadual do Pará
I: UEPA
P: UEP
I: UEPA
- 230 P: UEPA ... UEPA ... bom é ... título ... que título que você tem ?
I: é ... título ... eu tenho
P: o diploma
I: é ... sei diploma de nível superior e eu tenho cursos é ... em várias áreas né a até porque ...
P: (...)
- 235 I: eu tenho formação de bailarina também
[...]
P: bom ... você conhece os caracteres *RASHI* ?
I: hein ?
P: *RASHI* ... você conhece *RASHI* ... aqueles caracteres
- 240 I: *RASHI*
P: que pa que não são hebraico mas ... é ... que explicam a *Torá* ... você conhece ?
I: não ... eu conheço mas não tenho ... digamos assim não sei ler né ... não tenho não tenho a a ... digamos assim
P: conhece ?

- 245 I: a condição ... conheço ... mas não tenho a condição de de ... de ler né
P: mas não lê
I: (exatamente) ... é
P: e da onde que você conhece ?
I: é conheço de ler nos livros né ... na *Torá* ... mas eu não não saberia ler ... né ... porque é até
- 250 porque é muito difícil ... se você fala das letras hebraicas eu sei todas ... sei ler hebraico
P: então você naturalmente você não / é difícil ler ... não escreve ... ler quando você diz ...
I: não ... eu leio e escrevo ... eu leio e escrevo
P: você tá falando em hebraico
I: hebraico
- 255 P: não ... tô falando de hebraico não
I: *RASHI* não
P: *RASHI* ?
I: não
P: no he ... é ... tá ... *RASHI* você não lê ... é aqui ... você se comunica com alguém em hakitia
- 260 ?
I: é como eu te falei
P: é ... mas assim pensa no comunicar não é falar assim ... é de alguma maneira
I: comunico ... comunico com meus filhos ... inclusive até porque os meus filhos me cobraram
‘mãe porque que a gente não fala hakitia aqui em casa ?’
- 265 P: hum
I: e aí eu disse ‘é vocês estão certos a gente tem que começar a falar’ e então ... eu procuro
agora muito falar com eles em hakitia
P: isso é uma atitude positiva
I: é ... pra pra eles realmente conhecerem e não perderem ... porque foi eles que me cobraram
- 270 ‘mãe o que que tá acontecendo que a gente não fala hakitia ... você não fala hakitia com a
gente ... você só tá falando português ... porque porque esse grau de de assimilação ? nós
temos ...’ / aí eu me toquei e disse não ... ‘vocês estão certos então vou começar a falar hakitia
com vocês agora’
P: mas é interessante porque tem no tem o judeu o judeu ... a hakitia é o judeu espanhol oci
- 275 marroquino né o ocidental e a atitude é positiva com relação à língua ... já o oriental os outros
ex expulsos que foram pra outras regiões ... pelo menos em Belo Horizonte não têm uma
atitude assim positiva ... de orgulho ... eles assim ... não dão muita ...
I: muita ... não dão muito valor ...
P: muito valor né
- 280 I: eu até entendo porque como eu te eu te falei anteriormente naquele dia da nossa conversa ...
é que que você vive uma vida que você já está vivendo num país diferente com hábitos
culturais diferentes com pessoas ao seu lado que são diferentes ... então na maioria tem uma
determinada época da sua vida que é exatamente quando você entra é ... no colegial e dentro
- 285 da faculdade ... que você quando eu falo da assimilação é que você está cercada de pessoas
que não vivem exatamente a tua cultura ... você não está dentro de um colégio hebraico ou
dentro de uma universidade hebraica ... então a tendência que eu falo dessa parte da
assimilação é que você vai / por exemplo eu passava mais tempo na rua do que dentro da
minha casa porque eu eu ... dava aula de dança eu tra eu trabalhava eu pa passava a maior
parte do tempo na faculdade quando saía da faculdade ía dar aula quer dizer convivendo com
- 290 pessoas que não tinham nada a ver ... o que restava pra mim um dia da semana que era o meu
Shabat ... né ... e que era o dia de domingo ... onde eu tava cansada ou então eu procurava ir
prum cinema com com moças ... essa coisas todas ... então quer dizer na verdade você fica
apertada de de coisas que vão te ... te arrancando quando você desperta você diz ei sabe sabe
sabe ... onde é que tá ... né / então talvez isso tenha sido o que acontece com o povo de Belo

- 295 Horizonte só que não acontece tanto assim em Belém porque nós ainda temos um um um um um sistema de família muito arraigado ... eu não sei se as pessoas te falaram que toda sexta feira todo mundo se reúne na casa do pai ou da mãe ou de um membro da família pra jantar todo mundo junto né ?
P: é uma tradição ?
- 300 I: então ... é uma tradição aqui sexta feira à noite
P: sempre ?
I: não marque programa com os (...)
P: não
[...]
- 305 P: é ... é ... vamos voltar aqui mais objetivamente ... depois a gente conversa mais (risos)
I: (...)
P: eu dou minhas opiniões
I: é (...)
P: que outras línguas você fala ?
- 310 I: eu arranho
P: han
I: bem ... falo português
P: é
I: eu ... falo espanhol ... não ... não tão ... tão nitidamente
- 315 P: hum
I: eu conheço ... eu eu arranho inglês né
P: hum
I: aquele básico digamos assim ... eu conheço também um básico de francês né
P: certo
- 320 I: aquela coisa básica que aquelas palavras que você precisa conhecer saber perguntar ... e também conheço ... me situo em alguma coisa de alemão
P: uma coisa de alemão
I: porque já fiz fiz um curso de alemão ... mas não não ... não levei até o final
P: e o he o hebraico ... você sabe ?
- 325 I: o hebraico ... ah ... o hebraico também
P: mas o hebraico ?
I: mas o hebraico eu falava ... eu falava
P: mas essas línguas assim você arrasta ... você fala ou arranha ?
I: arranho ... não ... arranho ... quer dizer não me perco chego por exemplo se chegar na
- 330 Argentina falo ... sei dizer o que eu quero ... sei perguntar o que eu quero
P: então fala
I: entendeu ? ... falo falo ... não ... falo ... mas quando digo arranhado é que não é fluentemente
P: claro
- 335 I: tá ?
P: mas hebraico você também fala
I: hebraico falo ... só que eu passei muito tempo sem falar e como eu te digo nessa fase da minha vida
P: mas você perde o ...
- 340 I: de de coisas / então eu perdi ... aí quando falam hebraico do meu lado aquele lance eu entendo só que eu demoro eu / palavras esquecidas ... eu demoro a formular frase tipo assim aquela coisa que se eu chegasse passasse dois meses em Israel três meses lá
P: ah não ... mas aí você recupera

- I: voltaria tudo na cabeça tu estás entendendo ? é recupera ... então quer dizer digamos assim
 345 eu falo hebraico mas o hebraico ... tá perdido atualmente ... (risos)
 P: não ... mas é ...
 I: mas ... mas eu entendo eu entendo ... escrevo
 P: hebraico ?
 I: escrevo
 350 P: você escreve alguma outra língua ?
 I: escrevo
 P: qual delas ?
 I: escrevo inglês
 P: inglês
 355 I: escrevo espanhol
 P: espanhol
 I: escrevo
 P: mais alguma ? francês você escreve ?
 I: escrevo alguma coisa de francês sim
 360 P: e ler ... você lê todas essas línguas ... que você citou ?
 I: leio mais o espanhol ... se eu pegar um livro no espanhol (...)
 P: mas você ... mas você ...
 I: leio espanhol leio hebraico ... não ... leio leio ... leio hebraico leio tudo que você me der pra ler em hebraico eu leio ... leio espanhol
 365 P: você (...)
 I: é é ... leio ...
 P: francês você lê ?
 I: inglês mais ou menos ... erro algumas palavras mas ... mas consigo arranhar como se diz né
 P: e francês também ?
 370 I: também
 P: bom ... é ... qual a língua que você tem maior facilidade de falar ?
 I: português
 P: português né ... é ... essa pergunta é óbvia ... mas essa é porque em função de ...
 I: sou brasileira também (risos)
 375 P: não ... mas se você pegar uma pessoa que veio do Marrocos mesmo aí tem fundamento uma pessoa que vem de fora né
 I: sim
 P: aí tem fundamento qual que é mais fácil ... porque o estrangeiro ele no Brasil ...
 I: mais fácil pra mim é o português que eu sei me localizar melhor né e tudo ... mas falo sim
 380 falo sim com marroquino ... com espanhol / chegou perto de mim eu falo ...
 P: agora voltando aqui ... qual a língua utilizada pra comunicar-se com a avó materna ?
 I: com a vovó ?
 P: é materna ... do lado da sua mãe
 I: com a vovó ... a gente falava com ela em português e ela respondia em espanhol ... (risos)
 385 P: vocês falavam em português ... e ela respondia em espanhol ?
 I: (risos) respondia em portunhol ... ela respondi respondia em portunhol
 P: portunhol
 I: é
 P: perai ... essa aqui é importante ... portunhol ... então você falava vocês falavam em
 390 português ?
 I: sim ... ela respondia {em portunhol}
 P: {ela respondia} em portunhol
 I: (risos)

- P: pra falar com a avó paterna ?
- 395 I: não sei te dizer ... a aliás ... é ... isso que eu tô te dizendo é da vovó paterna porque quando eu nasci eu só tinha a vovó paterna
- P: ah tá ... então não tem a ma a materna não
- I: não a materna eu não eu nunca ... nem conheci ... quando eu nasci eles já estavam mortos
- P: é a paterna então
- 400 I: é ... quando eu nasci eles já estavam mortos
- P: tá ... com a sua mãe ?
- I: com a mamãe ... era português ... e a gente usava também hakitia lá em casa né
- P: hakitia ... com os irmãos ?
- I: português
- 405 P: os tios e tias ?
- I: português e também de vez em quando uma hakitiazinha né ... pra quebrar o gelo
- P: é ... com o marido ?
- I: português
- P: português ... com os filhos ?
- 410 I: português
- P: com outros parentes ?
- I: português
- P: com os melhores amigos ?
- I: ah ... por português ... e a gente sempre sempre dá uma hakitia (pelo meio) né
- 415 P: e com o rabino
- I: com o rabino ?
- P: é
- I: com o rabino também português e hakitia ... mistura um pouco ... depende do que a gente tá falando né ... a gente fala alguma coisa engraçada diz em hakitia e ...
- 420 P: com o avô ... é materno ... você chegou a conhecer ... avô materno ?
- I: não
- P: não ?
- I: só conheci a minha avó materna
- P: só a avó materna ?
- 425 I: não ... paterna
- P: paterna ... avô pa ...
- I: não não ... não conheci nenhum dos três
- P: não
- I: não conheci
- 430 P: e com o pai ?
- I: com meu pai ?
- P: é
- I: com meu pai eu falava em português ... falava mais em português
- P: português
- 435 I: a minha mãe que usava mais a hakitia
- P: a sua mãe é hakiti ... mais hakitia
- I: ela usava mais a hakitia a mamãe
- P: mais hakitia do que português ?
- I: não ... os dois ... mas o papai não usava tanto a hakitia não
- 440 P: mas você mas você pra comunicar com ele era ...
- I: português
- P: português
- I: é

- P: com que outra pessoa você poderia falar o hakitia ? com que outra pessoa ?
- 445 I: ah ... o pessoal da comunidade de vez em quando a gente fala ... assim tá tá numa reunião social (risos) ... **'mira la sachenita'** (risos) ... como está hablando con la ... (risos) entendeu ?
P: agora você... você conhece em hakitia ro baladas romanzas ?
I: ba ba baladas ?
P: é
- 450 I: em que sentido ... baladas ?
P: bom ... isso eu eu ... eu pessoalmente não conheço ... romanzas ... eu não conheço
I: o que é isso?
P: você já ouviu falar ?
I: não ... baladas romanzas acho que você quer dizer / eu eu entendo pelo quê pelo ...
- 455 P: (balada é só música)
I: balada é só música né ?
P: é
I: e romanzas é é é ... parte de romances seria ? parte de alguma coisa ?
P: na verdade eu não sei ... é ...
- 460 I: baladas e romanzas (...)
P: não sei ... tem que ver o que deve ser essa balada aqui ...
I: porque balada ... balada na atu na na coisa atual é você sair pra (...)
P: não (risos)
I: deve ser isso
- 465 P: não não não (risos)
I: balada (...)
P: então vamos ver aqui ... é
I: deve ser músicas né ?
P: balada pra mim é música
- 470 I: é
P: agora romanza ... eu pessoalmente não ... eu não conheço
I: não perguntou o que que é
P: é ... provérbios ... você conhece ?
I: é ... deve ser provérbios
- 475 P: não ... você conhece ? é ou outra pergunta ... você conhece provérbios ?
I: se eu conheço provérbios ?
P: é
I: alguns
P: poesias ?
- 480 I: eu conheço mas ... não vou dizer que me lembre agora porque a minha mãe sempre recitava muitas poesias pra nós ... mas eu agora no momento no momento não tô lembrada
P: mas ...
I: se tivesse tipo tipo assim pesquisado pra ti te trazido ... aí colocaria escreveria / faria mamãe dizer lembrar né / porque a mamãe costuma recitar muitos versos pra nós em espanhol em
- 485 hakitia
P: hum
I: até hoje
P: hakitia mesmo ?
I: é ... mas aí a gente às vezes esquece né
- 490 P: mas ... mas conhece então ?
I: conheço
P: assim músicas em hakitia ... você conhece ?
I: em hakitia ?

- P: é ... existe ?
- 495 I: conheço as músicas em ladino / a gente canta muito em hebraico né aquela música que você ouviu as meninas cantarem
P: mas aquela ali é ...
I: ladino ... ladino e hebraico que elas cantaram
P: mas é ... o seu ladino pra gente é diferente ... o ladino ... o ladino é a tradução dos textos religiosos pro espanhol
- 500 I: hum
P: então é ...
I: não não não ... não tem isso aí ... não ... não não tem isso ... por exemplo aquela música *Avram Avinu* padre querido (...)
- 505 P: vocês consideram como ladino ?
I: sim
P: é ...
I: não ... o ladino pra nós ... o ladino pra nós a gente considera ... a hakitia como se fosse a hakitia
- 510 P: sim ... o que o que os outros falam lá
I: é
P: os outros que não têm origem marroquina
I: se colocam é ... se eles colocam alguma alguma ... diferença nisso não sei ... mas o ladino pra nós é ...
- 515 P: não ... que pra nós ... pra nós lingüistas tem diferença
I: não ... pra nós não
P: pro ... {pro leigo não} ... pra nós tem
I: {eu acredito} que não tem ... eu acredito que não tenha ... pra nós
P: porque tem ... é o ladino pra nós lingüistas é a tradução {dos textos} religiosos
- 520 I: {ah} ... ah não
P: para o espanhol
I: sim
P: e o ladino ... é a parte escrita
I: sim ... mas ...
- 525 P: e o ...
I: eu acho que pra nós não ... pra nós a gente não faz essa diferença
P: não
I: (falando falando) ... falando não
P: você conhece contos populares
- 530 I: contos populares em hakitia ?
P: é
I: conheço
P: e orações ... em hakitia ?
I: não não
- 535 P: não ?
I: a gente ora mais em hebraico ... não me lembro ... não me lembro
P: você conhece palavras de blasfêmia xingamentos
I: conheço
P: insultos ? e em que línguas você pragueja xinga insulta ?
- 540 I: ah ... não costumo ... não costumo muito fazer isso ... mas às vezes digo algumas em português e algumas em hakitia ... português e hakitia
P: e porque você ... porque que você usa hakitia ?
I: eu uso hakitia geralmente quando é alguém que não me conhece tipo assim pra *gói* (risos)

- P: quando é alguém que não ...
- 545 I: eles não sabem o que eu tô dizendo (risos)
P: e não te conhecem ?
I: é (risos) ... na comunidade jamais
P: vamos dizer um ... quan ... uma pessoa fora da comunidade
I: sim ... fora da comunidade
- 550 P: você é ... você conhece ... é ... quando você fala / você só conhece esse termo hakitia pra hakitia ? não existe outro nome?
I: não
P: uma outra referência
I: não ... nunca nunca ouvi mi mi mi mi minha avó ... nem os meus pais falarem
- 555 P: sempre ...
I: hakitia hakitia
P: hakitia ... nunca mencionaram
I: sim
P: outros termos ...
- 560 I: não não ... outro termo que substituísse ...
P: porque o judeu espanhol né o judeu espanhol ... é é o nome oficial pra língua no meio lingüista ... então tem o ocidental e o oriental
I: sim
P: ele tem ... tem vários nomes ... tem judeu-espanhol ladino espaniolit tem judezmo espaniol
565 é ... vários nomes ... mas a hakitia ... é hakitia mesmo
I: é ... eu eu creio que é hakitia pra todo mundo ... porque os meus primos vieram lá do Marrocos e pra eles era tudo ... hakitia
P: porque o judeu-espanhol tem várias denominações várias
I: o judeu-espanhol ?
- 570 P: espanhol
I: da Espanha ?
P: não ... porque é o se o seguinte ... tem o judeu
I: o judeu-espanhol lá ou da Espanha atual ?
P: não ... o judeu-espanhol ... o hakitia é o judeu-espanhol ... só que é o ocidental
- 575 I: sim
P: e tem o judeu-espanhol oriental ... daqueles que foram pra outros lugares que não
I: sei
P: o norte da África
I: sei
- 580 P: então é ... ele recebe várias várias deno denominações ... é esses
I: não sabia
P: que eu te dei ... judezmo judeu-espanhol espaniolit ... vários nomes ... por isso
I: não sabia
P: que eu te perguntei do hakitia
- 585 I: não não
P: hakitia sempre foi hakitia ?
I: sempre foi
P: tá
P: você é tão fluente quanto seus avós seus pais?
- 590 I: fluente na língua ?
P: é
I: do hakitia ?
P: tem perguntas que vão parecer assim meio ...

- I: eu sou tão fluente ... eu ... eu falo ... mais ou menos igual como eles falavam não com o mesmo sotaque ... claro né
- 595 P: fala mais ou menos igual ?
- I: é ... mais ou menos igual mas não com ... não vou dizer com o mesmo sotaque da minha avó porque ... tinha palavras que minha avó nunca conseguiu pronunciar no português e ...
- 600 P: então vamos continuar ... é ... voltando aqui ... a pronúncia ... você acha que a sua pronúncia é mais inferior do que a dos seus pais seus avós ?
- I: é inferior
- P: é inferior
- I: claro ... por causa do sotaque
- P: e a gramática e a sin ... e a sintaxe ?
- 605 I: é ... como eu te falei ... nunca escrevi propriamente porque não houve necessidade
- P: agora ... por exemplo pra habilidade pra expressar certas idéias ... você acha que ... isso é mais inferior assim ou é mesma coisa ?
- I: não ... flui ... flui dependendo do que eu quero falar na hora ... aí se a palavra de repente é esquecida em hakitia ou no espanhol ... a gente mistura com português
- 610 P: agora assim ... na sua opinião o hakitia é uma língua útil para comunicação com outros judeus ?
- I: acho que sim
- P: é ... porque ?
- I: (risos) ... porque por incrível que pareça eu acho as pessoas até / porque eu acho uma língua tão fácil de você entender o que que o outro tá dizendo até por que a semelhança com espanhol
- 615 P: hum
- I: e as pessoas ficam completamente apáticas quando eu falo hakitia ... é no telefone às vezes com meu filho no meu local de trabalho ...
- 620 P: hum
- I: minhas amigas ficam me olhando como se eu tivesse falando alguma coisa de outro mundo
- P: mesmo que é um es é parece um espanhol
- I: é
- P: é uma mistura né ?
- 625 I: é
- P: mas ninguém entende
- I: ninguém entende
- P: quem sabe espanhol não entende
- I: ninguém entende ... eu acho que só se alguém realmente souber o espanhol a fundo vai vai entender alguma coisa ... mas eu canso de falar com meus filhos às vezes no telefone no meu local de trabalho / minhas amigas ficam me falando como se eu fosse um / olhando como se eu fosse um e.t.
- 630 P: então você fala do ... é do trabalho você fala com seus filhos ?
- I: é ... às vezes falo no telefone alguma coisa que eu não quero dizer ... então é é é fica olhando assim como quem diz ‘não tô entendendo nada ... essa louca tá falando o quê ?’ ‘não tá falando inglês não tá falando francês’ (risos)
- 635 P: a gente faz isso com iídiche
- I: (risos)
- P: aí ... bom ... agora você con considera importante continuar a falar a língua e o seu conhecimento ?
- 640 I: claro
- P: porque ?

- I: eu acho até que ... a gente deveria se empenhar mais e não perder ... eu acho que muita coisa já foi perdida com essa com essa assimilação né e ... eu acho que realmente deveria
- 645 haver um movimento muito grande de resgate não só de Belém como em Manaus ... porque eu acho que nós não deveríamos morrer / nós estamos deixando que nossos filhos é como eu falei ...
- P: mas porque que ela é importante pra você ?
- I: ah ... ela é importante porque ... por toda nossa história ... eu acho que ela faz parte da nossa
- 650 história ela faz parte da nossa tradição eu acho que quando você deixa morrer alguma coisa que não tem história que não tem tradição você não é mais ninguém
- P: ok ... você transmite a língua para a próxima geração mesmo de uma maneira limitada ? isso você já respondeu
- I: é
- 655 P: com seus filhos sim
- I: não ... tran transmito e faço questão / inclusive meu filho na *Ieshivá* faz um estudo todo sobre sobre a parte toda *sefaradi* das tradições ... e ele está se empenhando cada vez mais na língua meu filho mais velho e eu espero que ele ... consiga me ensinar mais ainda ...
- P: ele tá se empenhando em hakitia ?
- 660 I: isso ... e tra e e que ele se empenhe em em me ensinar e passar pros irmãos dele ... vai ser um legado que eu vou deixar pra ele ... para os filhos também
- P: seus ... é ... bom ... então seus filhos conhecem ... claro
- I: meus filhos também
- P: e a idade dos filhos ?
- 665 I: 21 ... 17 ... e 8
- P: 8 é ... é a menina ?
- I: menina
- P: e os outros meninos ... bom ... é ... essa pergunta também é ... vai parecer óbvia né ... os seus filhos tem competência receptiva em hakitia ? você já disse que sim ... eles entendem
- 670 mas não respondem na mesma língua ou respondem nas na mesma ?
- I: respondem
- P: respondem ... respondem na mesma língua ... mas por exemplo quando você fala em hakitia com eles ... eles respondem em hakitia ?
- I: respondem ... algumas vezes ... algumas vezes sim outras não
- 675 P: isso quando você fala em hakitia com eles ?
- I: sim
- P: bom aqui não ... é ... o que que os seus filhos os jovens sefarditas que você conhece sentem sobre falar o hakitia ?
- I: os que eu conheço ? eu não tenho tido muito muita muita relação com eles em torno desse
- 680 tema ... mas acho que ... não sei qual é o pensamento deles porque ... eu educo meus filhos com o meu pensamento não sei como é que os outros são educados mas creio que na na nossa comunidade aqui eu acho que todo mundo pensa mais ou menos da mesma maneira ... resgatar o passado de pai pra filho né ... creio que seja o mesmo pensamento
- P: tá ... bom ... você sabe se sua família tem alguma procedência espanhola conhecida ? se tem de qual região da Espanha e Marrocos eram seus antepassados ?
- 685 I: eram es ... ah ... eles eram espanhóis
- P: eram espanhóis
- I: espanhóis
- P: e como é que você sabe ?
- 690 I: hein ? por causa da minha mãe ... agora o meu o meu ... a parte do meu pai
- P: hum
- I: tinha ... tinha gente ... tinha gente do norte da África ... tinha argelinos

- P: tinha argelinos
 I: tinha ... tinha argelinos
- 695 P: quer dizer que pra você ...
 I: que cruzaram lá no Marrocos
 P: mas você sabe então que a origem é espanhola pela sua mãe ?
 I: pela minha mãe
 P: que comenta que comentava
- 700 I: pela minha mãe
 P: que comenta
 I: minha avó
 P: bom ... aqui ... é agora é ta ... é bom ...
 I: eu acho inclusive eu desconfio que tem lá uma mistura também ... com ... o espanhol com o
- 705 francês ... eu nunca realmente tirei isso a limpo
 P: espanhol com francês ?
 I: é ... eu tenho impressão que na família da minha mãe tinha espanhol misturado com francês
 P: mas aí não tem nada a ver com o hakitia porque ... segundo eu tô ...
 I: é ... não ... eu digo assim ... eu acho que ... os antepassados da minha mãe
- 710 P: hum
 I: não eram só espanhóis ... eu a eu acho que ... isso é uma especulação minha eu nunca tirei exatamente a limpo posso até conversar mais profundamente com ela ... mas acho que tinha alguma mistura em francês com com com com judeus franceses também ... acho
 P: agora... é ...
- 715 I: talvez tataravô alguma coisa assim ... acho que deve ter tido alguma misturinha
 P: bom ... agora é uma pergunta meio indiscreta ... o seu companheiro é ou era sefardita ?
 I: não
 P: não ... é ... mas em caso negativo é ou era ashkenazita ou não judeu ?
 I: não não ... não judeu
- 720 P: não judeu ... qual a importância do hakitia pra você ?
 I: manter a história tradição ... não ... o não esquecimento na origem
 P: considera importante as pesquisas e estudos relacionados com o hakitia ?
 I: claro ... demais
 P: bom ... agora é ... porque ? é repetitivo né ... já já respondeu aqui em cima qual a
- 725 importância ... é a mesma coisa né ... você poderia citar algum dito provérbio ou alguma frase ou expressão que considera interessante em hakitia ?
 I: a gente usa o o / a minha mãe usava muito é ... **non me vai a caparito**
 P: peraí ... non me vai ...
 I: non me vai
- 730 P: non me vai ... a ?
 I: a **caparito**
 P: **caparito** ?
 I: é
 P: o que que é **caparito** ?
- 735 I: **non me vai a caparito** ...
 P: mas ... o que que quer dizer **caparito** ?
 I: **caparito** é ... eu na verdade eu não sei o que significa exatamente **caparito** ... mas eu acho que **caparito** vem de é é é / eu achava que era assim quando ela dizia **non me vai a caparito** ... quer dizer ... não vai fazer alguma coisa errada
- 740 P: não vai fazer alguma coisa errada
 I: é ... era o que me soava ... ela nunca disse a tradução pra mim
 P: mas aí

- I: minha avó também falava
P: mas aí ...
- 745 I: a idéia que me vinha era ... **non me vai a caparito** ...
P: mas (...)
I: quer dizer não vá fazer alguma coisa que te po que que te possa digamos assim ... é ... te fazer mal te fazer morrer ... te fazer ...
P: que possa te fazer mal
- 750 I: fazer ... algum algum mal a ti ... que possa trazer algum ... algum dano
P: algum dano
I: é
P: bom ... agora tem uma fra tem umas palavras aqui ... você poderia me dizer quais que você conhece em hakitia ? vou te dar aqui e vou escrevendo aqui procê ... dessas palavras quais que você conhece ?
- 755 I: mãe ... **madre**
P: **madre**
I: **padre** ... a ... meu avô ... chamava de vô
P: vô ?
- 760 I: vô e vó
P: e vó ... mas aí não ...
I: filha **hicha**
P: mas aí no caso vô e vó não é hakitia né ?
I: não ... não
- 765 P: não o quê ?
I: nunca chamei ... nunca ... nunca chamei eles diferente de vô e vó
P: mas então ... mas isso não é hakitia
I: não é
P: pois é ... não mas aí assim você conhece hakitia ... essas palavras em hakitia
- 770 I: sim ... tá ... então avô e avó eu não me lembro
P: não lembra
I: eu só chamava de vô e vó
P: então não ... não não ...
I: não
- 775 P: não serve
I: não serve
P: só as que você sabe em hakitia
I: filha
P: hum
- 780 I: **hicha**
P: **hicha** ?
I: **hicha hicho**
P: **hicho**
I: tia e tio eu também nunca chamei
- 785 P: hum
I: vestido ... a gente falava como
P: as que você reconhece num ...
I: é ... é ... vestido a gente chamava de vestido
P: normal ?
- 790 I: é roupa
P: mas isso não tem cara de ...
I: vestido

- P: hakitia não
 I: não ... não tem não ... eu não me lembro ... eu não me lembro como chamava
- 795 P: as que você ... você identifica mesmo como hakitia
 I: calça camisa eu não me lembro ... sapatos (...) casaco ... ela falava ela chamava ... sei lá ela falava ... (eu não sei ... eu era tão pe eu era pequena ... eu era muito pequena) meia brinco ... brinco ... sinagoga **esnoga**
 P: com e ?
- 800 I: {**esnoga**}
 P: {**esnoga**}
 I: rabino *rav*
 P: *rav* ?
 I: *rav* ... livro de orações ... o o *Sidur* ... *Techilin*
- 805 P: *Sidur* ?
 I: *Sidur* ... *Techilin*
 P: *tefilin* ?
 I: *Techilin*
 P: *Techilin*
- 810 I: com h *Techilin*
 P: *Techilin* ... quer dizer o ... é hebraico né ?
 I: é ... é hebraico
 P: é ... mas acontece que o próprio hakitia ... é tinha hebraico então ...
 I: benção ... nós chamávamos de benção mesmo ... benção mi ... benção mi padre (benção tua
- 815 madre)
 P: benção ?
 I: benção ... chamava ... me lembro de benção mesmo da palavra benção ... benção
 P: mas aí ... você acha que seria hakitia ?
 I: eu não sei ... não sei mas eu me lembro
- 820 P: às vezes pode ser a mistura de português com ...
 I: a benção a tu madre ... a benção a tu padre ... me lembro da palavra benção
 P: às vezes é uma mistura ...
 I: feriado não me lembro também
 I: Deus *Chacadosh Baruchu*
- 825 P: *Chacadosh Baruchu* ?
 I: isso ... *Chacadosh Baruchu* ... vendedor ... vendedor ... se não ... vendedor se não me engano minha avó chamava de **mercador**
 P: **mercador** ?
 I: **mercador** alguma coisa assim
- 830 P: eu vou colocar então
 I: açougueiro ... essas palavras aí eu acho ...
 P: (risos) essa ... {essa lista ...}
 I: {é meio difícil ...} não ... é meio difícil assim de ... de de lembrar ... ela tirou essas palavras assim ...
- 835 P: não ... essas palavras ...
 I: do nada ou ...
 P: essas palavras são de uma pesquisa / tem um livro de uma estudiosa de judeu-espanhol chama Tracy Harris ... essa lista é dela
 I: médico ... também nun nunca ouvi nada (de ter falado) a palavra médico
- 840 P: parecem palavras simples mas ...
 I: professor ... sempre conheci como *moré morá*
 P: *moré morá*

- I: isso
P: **moré**
- 845 I: estudante também ... trabalhador ... é (...) pessoa trabalhadora ... é ... não sei se era (...) alguma coisa assim
P: de repente assim quando você pergunta assim as pessoas têm uma certa dificuldade em lembrar
I: é ... é ... é isso que eu tô te dizendo ... trabalhador ... mercado ... mercado ... restaurante (...)
850 rua ... não ... não me lembro (eu falava a mesma palavra) ... quando falava em hakitia ... (la) rua ... cemitério ... escola ... escola era **beit**
P: **beit** ?
I: é ... (bairro)... inteligente ... escola não era **beit** ... escola era assim ... era ... era em hebraico mesmo que eu falava ... escola em hebraico era ...
- 855 P: escola em hebraico é **beit sefer**
I: **beit sefer**
P: é isso mesmo ?
I: é ... chama sempre de **beit**
P: então tá certo ... é **beit**
- 860 I: é ... inteligente (...)
P: se você não lembrar pode passar adiante assim ...
I: (...) ... inflação ... imposto
P: não ... essa palavra aí é ... inflação
I: **sol** ... é ... mesma coisa
- 865 P: **sol** é sol ?
I: é **sol** ... luz ... é mesma coisa ... vento ... chuva ... vovó não dizia chuva ela dizia (...) era alguma coisa assim
P: (lhuvia) ?
I: ela falava ... ela falava uma pa / ela ela ela tinha palavras que ela não pronunciava direito no português ... flor ... cachorro ... (...) **pan** ... **pan**
- 870 P: peraí ... qual que é essa ?
I: pão
P: pão é ?
I: pão
- 875 P: pão é pão ?
I: **pan**
P: **pan**
I: é
I: **pan** ... carne ... la carne ... era a mesma coisa
- 880 P: **carne carne**
I: **carne**
P: ela falava la **carne** ?
I: é ... **carne** ... melancia ... gelo ... arroz ... não me lembro ... arroz feijão (...) / até porque não tinha feijão lá no Marrocos ...
- 885 P: é ...
I: (risos)
P: usava é lentilha ... não é ? {uma coisa assim né ?}
I: {é ... é} ... a gente es ... a gente estranha isso daqui porque é ...
P: é
- 890 I: porque isso daqui
P: mas essa lista ...
I: (...)

- P: essa lista aqui {eu tirei}
 I: {arroz ?}
- 895 P: da da da ... como é que se diz da ...
 I: arroz ?
 P: {do questionário da pesquisadora}
 I: {lá no Marrocos} não existe ... (tem coisa aqui que eu não me lembro mais não)
 P: é porque os ... os cereais eram diferentes né ?
- 900 I: laranja ... romã ... eles só comiam romã
 P: romã ?
 I: é ... romã ... não comiam não comiam laranja ... laranja eles comiam aqui no Brasil laranja eles não comiam lá (...) ... não tinha ... só tem agora ... agora mudou ... noite ... **noshe**
 P: **noshe**
- 905 I: **noshe**
 P: **noshe**
 I: **noshe** ... domingo ... domingo ... (...) ... quarta feira ... também ... *Shabat* ... **chora**
 P: na hora ?
 I: é ... **chora**
- 910 P: ah ... ela falava **chora** ?
 I: **chora**
 P: **chora** ... é com h?
 I: é ... **chora**
 P: som de r ?
- 915 I: é ... **trabacho** ... trabalhar
 P: traba **trabachar** então ?
 I: **trabachar** ... **trabachar** (...) ... notícias eu acho que ela falava **idea**
 P: **idea** ?
 I: **las ideas**
- 920 P: **ideas**
 I: é como se fossem as notícias ... **las ideas**
 P: **las ideas** ?
 I: é ... ela falava **ideas** (...) (risos)
 P: eu botei **ideas**
- 925 I: **libro**
 P: livro ?
 I: (...) ... trabalho (...) trabalhar trabalho ... caixa
 P: então trabalho ... eu posso considerar como ...
 I: jornal ...
- 930 P: trabacho ?
 I: (...) é ... **trabacho** ... (...) ... presente **agrado**
 P: **agrado** ?
 I: é ... objetivo ... respeita ... respeita ... mi hermano ... respeito eu acho que ela falava ... não sei se ela falava em português ... ela falava ‘respeita tu hermano’ ... respeita
- 935 P: ela falava ...
 I: la **suerte suerte** ... sorte **suerte**
 P: **suerte**
 I: azar ... eu me eu me lembro de alguma palavra mas não vem na minha cabeça
 P: hum
- 940 I: mulher ... **mucher**
 P: **mucher** ?
 I: **mucher** ... proprietário não tinha essa palavra ... era (...) ... acho que era dono

- P: dono
I: dono
- 945 P: dono mesmo ?
I: dono ... eu não sei se ela era dita em português ...
P: a gente já fica assim ... a gente fica na dúvida se é
I: é
P: hakitia ou ...
- 950 I: ou português
P: em espanhol seria duenho ... {duenho}
I: {não não} ... é ... é ... eu acho que é isso **dueno**
P: **dueno** ? ... qual que eu coloco ?
I: **dueno**
- 955 P: **dueno**
I: (...) convidado ... **la visita**
P: **la visita** ?
I: é ... (...) ... festa ... preço ... gêmeo ... (...)
P: bom ... agora a última pergunta ... você gostaria de acrescentar alguma informação que
960 considera interessante à pesquisa ?
I: não ... só achei estranha essas palavras
P: achou estranho ?
I: é ... eu achei estranha essas palavras ... porque por mais que isso faça parte de uma pesquisa
P: hum
- 965 I: eu acho que tem coisas aqui que não não não ... não se engajariam
P: é essas ...
I: essencialmente ... não se engajariam essencialmente na hakitia
P: sei
I: como por exemplo ... fósforo
- 970 P: hum
I: a própria palavra que eu te falei laranja
P: é ... e {feijão}
I: {entendeu ?}... essas coisas assim ...
P: mas essa essa aqui foi baseada na ... é uma ... é americana Tracy Harris
- 975 I: inflação
P: inflação
I: inflação acho que não não existia i isso isso ... não existia inflação pra eles não existia essa
coisa pra eles lá ... eles não sabiam o que era isso / im impostos tudo bem mas inflação ...
eleição também acho estranha (...) tô achando estranho entendeu ?
- 980 P: sei
I: por exemplo triste em espanhol é é é ... é triste mesmo né
P: hum ... triste ... onde que tá o triste ... triste onde que ele tá ?
I: triste em espanhol (...)
P: aqui
- 985 I: espanhol é (...) ... e tem umas palavras aqui que eu acho estranho ter ... (terem entrado) na
pesquisa
P: é ... mas é ... mas não tem importância não ... elas entraram ... mas não ... a gente pode
desconsiderar elas ... agora assim ... tem algum ...
I: queijo ... não ti ... (não tinha quase queijo)
- 990 P: não tinha queijo ?
I: não não
P: não ?

- I: não usavam isso lá
 P: mas cabra ... leite de cabra ... essas coisas
- 995 I: não ... isso já ... não ... eles usavam leite talvez chegassem a tomar até coalhada como a gente chama né
 P: sim
 I: mas eu acho que o queijo propriamente ... eu acho estranho isso ... eu acho estranho isso ... a laranja a melancia não sei se tinha lá
- 1000 P: agora ... eu (...)
 I: o arroz o feijão
 P: vou te fazer uma pergunta extra aqui ... vo ...é assim ... que que expressões que palavras que termos você usa assim mais no seu cotidiano ... que você usa muito ?
 I: (...)
- 1005 P: o que que é comum em hakitia pra você que você usa toda hora / pensa ?
 I: é ... **boril**
 P: **boril**
 I: **boril** é uma pessoa
 P: hum
- 1010 I: que tá enchendo o saco que tá ...
 P: essa **boril** ... essa da essa já aqui é a primeira eu acho
 I: (risos)
 P: eu acho que essa é a primeira ...
 I: (risos) ... ah **boril**
- 1015 P: mais alguma ?
 I: mais (...) é ... que a vovó também falava muito dessa (...) fecha a porta (...) **cierra la puerta**
 P: **cierra**
 I: **cierra**
 P: **cierra**
- 1020 I: **cierra la puerta**
 P: **la puerta ... cierra la**
 I: {**la puerta**}
 P: {**la puerta**} ...
 P: alguma {palavra}
- 1025 I: {(**aigua**)}
 P: {alguma alguma expressão} ...
 I: {eu falo} ... falo muito muito assim ...
 P: fala algum xingamento alguma coisa praguejamento ... porque o hakitia é muito isso assim ... é ... é muita expressão de ... irônica debochada mal mal ... é ... de maldiça de maldição
- 1030 I: **mira la sachenita**
 P: **mira la sachenita** ?
 I: **mira la sachenita**
 P: é ... é ...
 I: **sachenita** na verdade é é **sachen** / a gente chamava os dois ... **mira lo sachen** ... ah
- 1035 P: **la sachenita**
 I: preste atenção no **sachen** ... **sachen** na verdade não é uma palavra bonita não ... **sachenita** ou **sachená** como a gente chama as empregadas a gente chama aqui **sachená**
 P: **sachená** pra
 I: é
- 1040 P: empregada ?
 I: pra empregada ... mas na verdade **sachená** é é uma mulher assim prostituta ... {não é ... não é uma coisa boa}

- P: {ah ... quer dizer} mulher prostituta ?
 I: é ... **sachená** não ... a a verdadeira tradução de **sachená** não é uma palavra boa ... entendeu ?
 1045 ? ‘**mira la sachenita mira lo sachen**’
 P: é é ...
 I: quer dizer é uma palavra pejorativa ... não é ... eu acredito que seja assim relativo à ... à prostituta ... entendeu?
 P: hum
- 1050 I: mas a gente usa muito aqui ... **mira la sachená**
 P: pra esse sentido é ...
 I: pra esse sentido a gente chama a empregada por exemplo de **sachená**
 P: **sachená**
 I: tá ... **mira** ... **mira sa** ... **mira la sachenita** ... porque está hablando con ... sabe ? mas ela ela
 1055 P: ela não tem tanta conotação ...
 I: é
 P: original
 I: ela (...) mais pejorativa
 P: ela é mais branda
- 1060 I: é ... ela mais branda ... a gente a gente usa ela com uma conotação mais branda ... embora eu saiba que a tradução dela é mais forte porque por exemplo o meu filho falou com o marroquino
 P: sei
 I: e ele se se mencionou a palavra **sachená** e o marroquino ... marroquino mesmo do
 1065 Marrocos chamou a atenção dele que ele não fale essa palavra porque essa palavra é feia
 P: feia
 I: quer dizer ... aí ele disse ‘mãe o que que significa **sachená** ?’ eu disse ‘olha filho eu sei que não é uma palavra bonita mas a sua avó / é eu ... eu cresci ouvindo ela sempre chamar a empregada de **sachenita** ... olha a **sachenita** mas de uma maneira que talvez não não não não
 1070 transpareça ou tão tão forte a palavra chamada de uma maneira mais delicada ‘olha essa minha **sachenita** ou a **sachená**’ ... entendeu ? ... mas ...
 P: sem esse sentido
 I: sem esse sentido
 P: pesado
- 1075 I: pesado ... mas que ela tem um sentido pesado tem ... **sachená** não é uma coisa boa ... **sachená** eu imagino ... eu imagino
 P: hum
 I: que seja ... assim prostituta
 P: ok ... {mas} ...
- 1080 I: {o **sachen**} tipo assim aquele cara ou é ou é prostituta ou é vagabundo alguma coisa assim desse tipo
 P: prostituta ou pode ser ...
 I: é
 P: vagabundo
- 1085 I: não ... acredito que seja ... se eu se eu tô te dizendo é assim uma idéia minha ... entendeu ? uma pessoa que não presta
 P: **sachen** né
 I: é ... **sachen**
 P: pessoa que não presta
- 1090 I: é ... uma pessoa que não presta uma pessoa que não ...
 P: mais alguma outra coisa assim alguma outra palavra expressão alguma coisa ... que te chame que te vem sempre na cabeça assim que você usa muito ?

- I: (risos) ... **aigua mi gueno**
 P: a é ... perai repete aí
- 1095 I: **aigua**
 P: **aigua ?**
 I: **aigua mi gueno**
 P: **aigua** amigo ...
 I: não ... **a-i-gu-a** ... mi é outra palavra
- 1100 P: ah então então
 I: **aigua**
 P: **a-i-g-u-a**
 I: é
 P: **aigua**
- 1105 I: **aigua ... mi gueno**
 P: **mi gueno** ... que que é **gueno** ... que quer dizer ... **mi gueno** ?
 I: **mi gueno** ... é ... aí **aigua** é você chamar a atenção de uma pessoa dizendo assim **aigua** ... quer dizer porque estás fazendo isso ?
 P: ah porque ...
- 1110 I: **aigua mi gueno**
 P: fazendo isso
 I: é
 P: é o significado dela ?
 I: é
- 1115 P: mais alguma ... alguma coisa assim que te vem na cabeça ?
 I: (risos) ... a gente fala muito mas quando chega na hora da gente falar assim a gente ... parece que dá um branco
 P: dá um branco né ?
 I: é ... a gente fala ... a gente fala muita hakitia
- 1120 P: então vou fazer o seguinte ... a gente encerra aqui
 I: é
 P: e depois se de repente se você lembrar alguma coisa ... eu acrescento aqui ... {aí eu} ...
 I: {é} ... dá um branco assim na gente
 P: eu imagino ... então vou dar por encerrado ... pode ?
- 1125 I: pode
 P: então tá

Transcrição de gravação realizada em Belém no dia 22/08/05
 Informante 3: H. B., sexo M, 68 anos, zona urbana, 2º grau
 Pesquisadora: C. S.

- I: Então o que eu queria falar com ... posso lhe tratar de usted ou você ?
 P: sim ...com certeza ... com certeza
 I: bom ... o que eu queria lhe mostrar o que eu trouxe de casa
 P: hum
- 5 I: pra lhe obsequiar
 P: o que que é obsequiar ?
 I: obsequiar é em português
 P: obsequiar ?
 I: lhe lhe presentear lhe dar
- 10 P: mas essa palavra é em port ...
 I: obsequiar
 P: obsequiar eu nunca usei essa palavra ... deve ser aqui do norte ... (risos)
 I: não senhora ...
 P: não ?
- 15 I: (...) de jeito nenhum ... (risos)
 P: obsequiar eu não conheço a palavra eu conheço obséquio ... por obséquio
 I: obsequiar ... dar
 P: hum
 E: bom dia
- 20 P: bom dia ... tudo bom ?
 E: bom
 P: bom ...
 I: bom
 P: vamos adiante ... senão ... depois a gente vê o dicionário
- 25 I: então o que eu quero lhe ... lhe fazer um regalo ponto
 P: ah grata ... (risos)
 I: um **regalo** ... (risos)
 I: eu trouxe para para melhor ilustração pra talvez um dia ou daqui a pouco tempo você tenha / possa enriquecer mais o seu trabalho ...
- 30 P: isso
 I: para o que você pretende
 P: isso
 I: então ... aqui nos temos a Amazônia Judaica ... é n. 27 n. 25
 P: certo
- 35 I: temos aqui o nove e temos o 13 ... acredito que no treze ...
 P: ah ... tem até a foto da dessa ... essa aí é a *Shaar Chashamaim* né ?
 I: é haqui
 P: ah tá ah ah...
- I: **raqitia**
- 40 P: então é diferente é {raqui} ...
 I: {**raqitia**}... nosso dialeto
 P: quase perdido
 I: quase perdido
 P: é do senhor ...
- 45 I: o primeiro um o primeiro do do *Iehudá*
 P: ah ... eu conversei com ele

- I: *Iehudá* Benguigui ... já conversou com ele ?
 P: conversei mas eu não não ... ele ... eu conversei no telefone mas eu (...) mas que escre mas assim ...
- 50 I: veja bem
 P: haki raki **rakitia**
 I: muita gente fala isso principalmente ... em Iquitos como está no Peru só somente se falava **rakitia raquitia** ... aqui como está aqui no próprio periódico aqui no no Amazônia Judaica
 P: sei
- 55 I: está dando aqui ó **raquitia**
 P: mas
 I: ou seja ... mas quando ele vai historiar a primeira parte ele vai falar vai começar com **hakitia** ... **hakitia** por aqui mais ou menos deve ter **hakitia**
 P: mas a **hakitia** ela tem várias maneiras de ser escrita ... tem **hakitia** com h e k
- 60 I: k
 P: tem **jaquetia**
 I: tem **chakitia** tem **hakitia** e tem o **raquitia** depende depende de cada lugar da região que venha a ser falado né
 P: mas é ... a gente fala em fe feminino a **hakitia**
- 65 I: a **hakitia**
 P: sempre
 I: la **rakitia**
 P: la **rakitia**
 I: igual la **rakitia**
- 70 P: porque eu tava usando {masculino} então tenho que mudar
 I: {em português} a **hakitia** ...
 P: a **hakitia**
 I: **hakitia hakitia**
 P: eu quero que o senhor leia os livros que eu dei pro é Almescañy os livros da lá do Instituto Histórico gostaria que o senhor lesse lá tem um artigo meu sobre hakitia
- 75 I: tem né ?
 P: tem
 I: ah gostaria de ler
 P: é bom o senhor ler é ...
- 80 I: eu inclusive com essa sua vinda pra cá e ... o que nós vamos vamos conversar e que vamos vamos este ... vamos ver o que a senhora se propõe
 P: hum
 I: eu ... eu estou procurando agora me interessar mais ... me parece que agora eu vou pra frente
- 85 P: não é em função da minha presença aqui não ?
 I: é verdadeiro porque eu estava totalmente
 P: sério ?
 I: sério
 P: com a minha presença ?
- 90 I: hones ... honestamente falando
 P: ué então pra pra alguma coisa então eu servi ... (risos)
 I: não ... a **mitzvá** é sua ... sabe o que é **mitzvá** né ?
 P: é ... (...)
 I: é **mitzvá**
- 95 P: **mitzvá** eu não sei ...
 I: **mitzvá** é

- P: é
 I: uma uma é ...
 P: uma benção uma benção ... não é ...
 100 I: *mitzvá* não é merecimento qualquer coisa não ... *mitzvá* é mandamento
 P: é
 I: mandamento
 P: é uma coisa boa que é
 I: é
 105 P: é não sei a tradução de *mitzvá* exatamente mas eu entendo a idéia
 I: é ... bom ...então é isso você está ganhando uma *mitzvá* uma benção digamos assim ... uma das *mitzvót* você está ganhando ...
 P: (...)
 I: porque ? porque eu estou procurando justamente comecei fazer hoje de manhã cedo quase
 110 que de madrugada me levantei pra fazer isto
 P: coloquei o senhor pra trabalhar ... (risos)
 I: é ... porque eu não ia eu não ia me preparar eu não ia me pre preparar e talvez você não iria gostar se eu dissesse ó sinceramente faz tempo que eu não falo e não nunca mais não nos interessamos porque aqui ninguém fala quase que ninguém fala hakitia ... já ...
 115 P: falar ...
 I: falar
 P: no sentido falar falar no sentido de como nós estamos conversando
 I: conversar sim conversando exatamente ... já frases que nós temos refranes por exemplo
 P: o que as pessoas então fa falam ?
 120 I: algumas e outras coisas poucas coisas que a gente fala
 P: mas assim ...
 I: poucas poucas ... já vou entrar nesse mérito
 P: ah tá
 I: da questão ... já vou vou entrar vou entrar / o que nós falarmos realmente aqui e o que eu
 125 tenho em mente e o que eu escrevo também eu pego por exemplo que me faltou / você vai ver uma coisa engraçada que eu que eu sou meio shistoso também
 P: shistoso é de shiste ?
 I: shistoso
 P: de shiste piada?
 130 I: shiste piadas (...)
 P: mas mas shistoso é espanhol ?
 I: shistoso é português criatura
 P: não não é ... (risos)
 I: shiste shiste
 135 P: shiste é espanhol
 I: sabe porque você está voando ?... sabe porque que você está voando ?
 P: voando?
 I: porque ... voando nesse aspecto
 P: han? han ?
 140 I: é porque você não fala bem o espanhol naturalmente
 P: não mas o que eu aprendi (...)
 I: (...) veja bem eu tenho essa facilidade de falar o espanhol e de falar bem o português também
 P: sim

- 145 I: e acrescentar as palavras de espanhol que eu falava que eu falava o que eu falo espanhol eu as transfiro para o português também ... porque ? porque existem as palavras ... este obséquio por exemplo
P: não ... por obséquio sim
I: bom por obséquio mas obsequiar
- 150 P: esta esta expressão mas eu nunca pelo menos lá no sul não falamos assim quer dizer
I: mas existe
P: não ... deve existir
I: a gente tem que a tem que falar tudo que está dentro do dicionário procurar sempre
P: ah mas a gente não vai ser perfeito a gente não é um computador
- 155 I: não logicamente que não ... eu tô dizendo o seguinte o que a gente puder puder fazer a gente faz / ó porque eu gosto disso eu eu sou até crítico no espanhol e português sou até crítico
P: mas shiste não é hakitia não
I: só quero lhe mostrar
P: hum
- 160 I: lhe mostrar este discurso que eu fiz com relação ao rabino (...)
P: ah o casamento dele ?
I: é
P: é recente ?
I: olha aqui ... não ... foi no dia
- 165 P: 2002
I: 21 de 12 de 2002
P: ah ... então tem
I: olha aqui
P: 5 ... 3 anos só
- 170 I: discurso proferido pelo cha cha
P: **chebri** é de *Chevrá Cadishá*
I: exatamente
P: essa **chebri** eu senti ontem essa palavra é da *Chevra Cadisha* é ... vocês falam *Chevrá Cadishá*
- 175 I: *Chevrá Cadishá*
P: eu falo *Chevra Cadisha*
I: **chebri** Hernan Bendayan ... então aqui leia esse discurso ... eu tenho outro inclusive outro ... esse não tá comigo ... esse na despedida do nosso grande amigo aqui ... aqui tem palavras por isso que eu trouxe ...
- 180 P: sei
I: porque aqui tem aqui tem frases do hakitia
P: ah interessante
I: quando eu fiz o discurso
P: sim aqui
- 185 I: para esse esse senhor
P: aqui **la melezina** ... **la melezina**
I: **la melecina para tu salud**
P: sim
I: e o remédio para tu salud
- 190 P: então eu posso posso considerar que essas frases que eu tô vendo aqui são hakitia
I: são ... (risos)
P: ah sim ... ah sim ... al **Dió** porque Deus é único pra judeu e se fosse espanhol seria Deu
I: Diós
P: Diós

- 195 I: Diós
P: **Dió** não teria s não teria não seria **Dió** ... seria Diós
I: Diós
P: no espanhol por isso que sabe que é hakitia ... aí eu sei que ...
I: este é nosso amigo
- 200 P: ele
I: esse é o nosso grande ...
P: ele foi embora ? ou ele ...
I: foi embora para Israel fez *aliá*
P: sei
- 205 I: então é isso que eu ia lhe mostrar ... isto aqui para que você tenha uma
P: uma idéia
I: uma idéia como eu me expressei pra ele também eu fiz esse discurso aqui
P: então eu posso considerar que essas essas ...
I: não ... tudo isso não
- 210 P: tudo não
I: na íntegra não
P: não (...)
I: algumas frases
P: mas é o que eu ver que eu achar que é espanhol é o hakitia
- 215 I: tá entre aspas todas aquelas que estão (entre aspas são hakitia) / eu vou depois com calma
P: tá
I: lhe mostrar
P: tá ...
- 220 I: é o o o
P: ah ok ... os que estão entre aspas é
I: sim
P: são hakitia
I: porque que eu fiz isso hakitia para hakitia para esse senhor porque ele fala hakitia também
- 225 P: ah entendi
I: (...) foi embora fez *aliá* então ele compreende ele entende ... e os que estão também presentes
P: entendem
I: eles entendem ... entendem só que não conversam ... alguns conversam sim
- 230 P: mas
I: não são todos
P: mas o que é conversar em hakitia atualmente ?
I: hein?
P: o que é conversar em hakitia ?
- 235 I: colocar alguma coisa alguma algum gracejo as pessoas fazem isso / mas comumente fazer por exemplo uma carta digamos totalmente em hakitia é difícil eu acho que não tem ninguém não sei
P: mas assim manter
I: não posso ...
- 240 P: um diálogo em hakitia
I: um diálogo assim ... muito pouco ... muito pouco
P: sei
I: algumas coisas no meio do português no meio do espanhol
P: mistura

- 245 I: a gente mistura larga (punto) solta aquilo
P: {então}
I: entendeu ?
P: o diálogo seria uma mistura de português com hakitia ?
I: podia ser também pode ser também
- 250 P: a a maneira de comunicar é
I: de comunicar
P: é uma mescla
I: uma mescla
P: hum
- 255 I: mas o que eu vou lhe dar por exemplo agora
P: sei
I: esta é a pura
P: ótimo
I: ela é composta de árabe espanhol hebraico enfim
- 260 P: o hakitia não tem francês ... ou tem ?
I: não ... não não ela tem ela tem árabe tem espanhol tem tem espanhol árabe hebraico são as três principais ... tem alguma coisa sobre português se eu não não me engano tem alguma coisa sobre português também ... tem aqui por exemplo digamos deixa eu ver aqui se tem alguma palavra eu tenho porque tem também o aramaico algumas tem aramaico também as /
265 em hakitia tem o aramaico também que mas não é freqüente ela é muito pouco (...) aramaico caldeu e ladino
P: aramaico caldeu
I: caldeu e ladino
P: ladino
- 270 I: sim
P: o que que vocês consideram como ladino?
I: ladino ... por exemplo a palavra a palavra mais que a gente fala em ladino el **Dió** ... el **Dió** bendito
P: ah
- 275 I: el **Dió** ... mais para **alabar** para engrandecer a Deus
P: isso é o ladi
I: ficou perpetuou ... aquilo perpetuou
P: mas é isso que o senhor considera ladino aqui ?
I: ladino é ladino sim **Dió** não se diz não se diz Diós ... Diós seria espanhol mas também
280 em hakitia se diz Diós
P: Diós também ?
I: também se diz
P: no plural ?
I: Diós claro Diós ... Diós não es plural
- 285 P: é é ...
I: Diós es como se diz em português Deus
P: Deus
I: seria o plural (...)
P: é uma palavra assim é quer dizer é é o plu parece plural mas não ...
- 290 I: (...) é isso ... por exemplo em a em também se diz **alabado el alabado**
P: sim
I: também se pode se pode dizer **el alabado**
P: e que quer dizer isso ?
I: engrandecido grande não tem mais maior do que (os benditos)

- 295 P: hum
I: quer dizer o o grande o ... el **olan** del mundo
P: el ?
I: el el mestre del **olan** el hombre del **olan** del mundo
P: ah **olan**
- 300 I: **olan**
P: **olan**
I: **olan** ... el mestre del **olan** {el senhor} el eterno
P: {porque o senhor} fala o senhor fala **olan** assim
I: **olan**
- 305 P: o m diferente
I: é diferente mas é porque é hakitia
P: enten
I: **olan**
P: **olan**
- 310 I: **olan**
P: com n no final
I: com n no final ... **olan** ... é como por exemplo **sabat salom** ... é é ...
P: **sabat**
I: é é **sabat salom** ... é por exemplo em em em hakitia
- 315 P: ah interessante ... **sabat**
I: **esnoga esnoga** sinagoga
P: sim
I: entendeu ? essas palavras assim ... **sachorá**
P: (essas) ...
- 320 I: **sachorá** ... não é *sha chorá* ... **sachená** não é *shachená* e assim outras e outras palavras mais tá / é muito bonito sabe eu gosto muito ... só que eu há anos anos e anos anos e aneiros
P: hum
I: (...) (risos) muito pouco
P: mas agora eu tô fazendo o senhor falar ... (risos)
- 325 I: (...)
P: alguma coisa
I: bom e aqui ... aqui eu vou lhe mostrar alguma coisa também além disso ... eu vou lhe mostrar ...
P: eu tenho eu fico olhando assim fico controlando a fita porque eu não posso perder essa ...
- 330 I: certo ... aqui eu tenho aqui ...
P: mas o jornal parece um jornal bacana assim interessante
I: oh agora
P: ah ... sim
I: **hakitia** ... já mudou de nome
- 335 P: outra maneira de escrever
I: outra maneira
P: é
I: nosso dialeto quase perdido
P: isso
- 340 I: começou com **rakitia** ... o n.1 ... eu porque eu não tenho os outros os outros periódicos
P: sei
I: os outros jornais ... é só só o que eu tenho tive em casa eu estou trazendo porque eu acredito que vai ser muito útil
P: mas quem escreve esses artigos é o senhor *Iehudá* ?

- 345 I: Iehu o *Iehudá* que
P: eu pedi
I: ele pesquisa
P: eu pedi pra ele / 20 há 20 anos
I: ele pesquisa ... ele faz uma pesquisa
- 350 P: é
I: tremenda
P: ele ele ficou de me mandar pela internet material
I: tem outro ...
[...]
- 355 I: aqui (...)
P: **raquitia** ... esse é outro artigo
I: é ... esse é o número 1
P: esse é número 1 ... aqui (...)
I: (...) faltam os outros três aqui
- 360 P: sei
I: tem o quatro
P: o o senhor *Levy*
I: o último {me parece} foi o quatro
P: {não não teria ?}
- 365 I: hein ?
P: o senhor *Levy* não teria ? é
I: *Levy* tem
P: Elie *Eliezer* que ele chama?
I: *Eliezer Levy*
- 370 P: *Eliezer* né ?
I: pode ser não sei
I: ele me prometeu agora eu fui embora e ficou por por isso mesmo
I: bom ... então nós vamos começar por aqui ... eu vou ...
[...]
- 375 I: ah tem mais um aqui / posso lhe lhe dar
P: ah ótimo
I: aqui também ... não sei se ... não tem *hakitia* ... aqui tem judeus na Amazônia em fase final de filmagem
P: ah aquele filme é o filme ? Amazônia ...
- 380 I: em fase final
P: aquele filme achei ótimo ... é uma pena ...
I: você já viu o filme ?
P: vi ... eu vi na televisão / agora eu não tinha eu queria gravar mas na na não tinha o o video na hora e fiquei chateada ...mas ali já se mencionou sobre *hakitia*
- 385 I: hein ?
P: ali alguém eu não me lembro quem
I: han ?
P: falou assim sobre / mencionou a *hakitia*
I: ah
- 390 P: eu não me lembro a pessoa
I: bom eu vou dar uma repassada aqui como eu fiz alguma coisa que eu que eu escrevi o que eu sei o que eu tenho conhecimento inclusive aqui eu coloco a a pátria de mi mamá que é o Peru
P: Peru

- 395 I: é ... então começo da seguinte maneira vamos começar ... haquitia dialeto judeu-hispano-marroquino ... é integrado por vocábulos hebreus espanhóis e árabes com a existência de algumas palavras em aramaico caldeu e ladino ... este dialeto ainda é falado por alguns judeus marroquinos e seus descendentes que emigraram para o Brasil e Peru principalmente para a Amazônia Brasileira cidades de Belém capital do estado do Pará e Manaus capital do estado
- 400 do Amazonas ... tem também no Rio de Janeiro
P: sei
I: existe também no Rio de Janeiro uma comunidade lá do do do dos marroquinos
P: sim
I: tá ... e para a Amazônia Peruana cidade de Iquitos – Loreto província de Maines
- 405 P: mas esses esses vieram do Marrocos pra
I: do Marrocos para o Peru ... para o Peru direto ... alguns alguns vieram para o Brasil primeiro
P: ah
I: e depois foram para Iquitos para o Peru
- 410 P: tá muito perto o Peru daqui ?
I: é perto ... não é bem perto digamos assim ... mas por pode ir por navio pode ir por avião
P: mas por aqui (...) muito ...
I: é Amazônia toda essa região Amazônica eles ...
P: mas aqui daqui por exemplo de navio até o Peru quando
- 415 I: esses interiores todos ficavam cheios ... por exemplo no Peru onde eu tenho conhecimento por exemplo em em Calhau em Pucarta Reguena (...) nessas cidades tinha
P: e ainda existem judeus ?
I: agora estão saindo todos já os últimos netos e bisnetos que estão lá já estão saindo todos já estão indo embora pra Israel
- 420 P: ah
I: eu soube disso agora ... não vai restar uma viva alma
P: mas ficam as ficam os resquícios né ficam a fica a história né
I: é a história ... fica só isso ... infelizmente ou felizmente (...) *mazal tov* felizmente que vai pra Israel ah
- 425 P: porque Israel precisa de ser fortalecida embora muita gente sai de la né...
I: exato
P: isso aí depois a gente conversa sobre Israel depois (risos) ...
I: isso
P: tem muita história sobre Israel
- 430 I: bom ... então alguns algumas frases aqui eu vou apresentar pra você (...) ... eis aqui por exemplo **no to no topes con el sorêr** ... que quer dizer isso ? non insistas com o inimigo dos judeus
P: hum
I: então a pessoa não pode estar insistindo muita coisa com os inimigos com insistindo com os
- 435 inimigos então quando vêm que a pessoa está insistindo com o inimigo o outro diz ó **no topes con el sorêr**
P: **sorer** ?
I: **sorêr sorêr**
P: **sorer**
- 440 I: **no topes con el sorêr** porque pode se dar mal ... esse a está a molestar ... é por todas (...) os motivos porque a gente fala ... a gente não fala de balde
P: não fala de ?
I: de balde ... à toa
P: ah baile

- 445 I: balde
P: baile
I: balde
P: balde
I: balde
- 450 P: balde
I: balde como português se diz assim
P: balde
I: balde e também existe existe em português (também) essa palavra
P: é mas a gente a gente só fala de balde
- 455 I: balde
P: isso quer dizer ...
I: balde espanhola em espanhol balde
P: mas isso quer dizer ...
I: a toa
- 460 P: a toa
I: é isso
(...)
I: isso é a toa
P: entendi
- 465 I: balde ... tá ? tá ... **el mazal de la fea la hermosa la dessea** ... porque nós falamos assim as vezes entende ? ... **el el el mazal de la fea la hermosa la dessea** ... por exemplo uma pessoa que é ... ela é meio acanhada meio feinha
P: meio ?
I: meio feinha ela né
- 470 P: feinha
I: aí ela gostaria de ter aquela **chala** ... **chala** é cara em hakitia
P: **chala**
I: **chala** é cara / gostaria de ter la **chala** de la otra
P: sim
- 475 I: entendeu ?
P: entendi
I: la **chala** de la otra / então ela fica desejando por exemplo aí diz assim ... ah la la la el é **el mazal de la fea la hermosa la dessea** ... a sorte ... a sorte que ela tem de ser bonita isto a feia não tem ... é isso ... significa é isso ... agora tem outra frase aqui que é muito interessante ...
- 480 essa aí é engraçada ... **los dos se mean en el mismo charito**
P: em mesmo **en mismo charito** ?
I: **en el mesmo charito**
P: o que é **charito** ?
I: **charito** é um jarro
- 485 P: jarro
I: jarro jarro ... **mear** é urinar (...) como é os antigos como (...)
P: **mear**
I: **mear**
P: **mear**
- 490 I: **mear**
P: **mear**
I: **mear**
P: **mear** é urinar
I: **mear** é urinar

- 495 P: **mear**
 I: **los dos se mean en el mismo charito** ... quer dizer o que ? que os dois são amigos íntimos porque quando os dois sempre estão juntos os dois (...) não te metas **achlás achlás** ... não não te metas
 P: quer dizer ... a a expressão diz uma coisa diferente do que quer dizer a a palavra
- 500 I: sim claro lógico ... é é preciso ... por isso é que eu gosto quando / eu não gosto de dar muitas entrevistas
 P: hum
 I: a respeito disso porque eu me alongo muito eu gosto de explicar pra evitar justamente que que eu só vou dizer as frases que eu entendo que eu sei que eu escrevo que eu elaboro
 505 porque eu faço as minhas frases eu faço as minhas frases em em hakitia / eu não preciso de livro pra fazer algumas coisas que eu re recorro a aos livros alguma coisa eu estou em dúvida tudo bem mas eu não preciso disso então / mas eu gosto de ensinar por isso que eu me alongo um pouco mais
 P: não ... pode pode se alongar não tem problema nenhum
- 510 I: bom isso é estudo
 P: estudo e informação
 I: hanhan ... **el sachen se quedô con la cara de azafran** ... essa cara pode ser cara em espanhol a cara ... espanhol ... mas eu posso tirar cara e fazer com uma outra palavra que também é hakitia ... dos duas palavras com o mesmo significado **chala chala** pode posso
 515 também falar assim ... **el sachen se quedô con la chala de azafran** ... porque é o seguinte porque falo isso ? porque digamos assim
 P: açafraão é amarelo
 I: (risos)
 P: (...) o significado eu imagino ... bom ... o senhor vai falar
- 520 I: (...) o que que acontece ? quando eu falo umas verdades pra pessoa digo o que eu tenho que falar o que é verdadeiro eles as vezes não aceitam e ficam assim (...) imponente ai eu digo não perai ai eu digo tal coisa e eles ficam calado e ficam com a cara assim amarelada
 P: ah
 I: azafran
- 525 P: seria ...
 I: porque azafran é é uma planta
 P: é ...se usa muito no arroz né ?
 I: é (...)
 P: é bem é bem ...
- 530 I: e tem um pozinho dele amarelo pozinho dele é amarelo ... e por isso que los espanhóis os espanhóis sempre falam em azafran e isso foi encaixado no **hakitia** ... **la la chala de azafran se quedo con la cara de azafran** quando alguma coisa se diz alguma verdade / **se quedô con la cara**
 P: hum
- 535 I: então é isso ... agora vamos para outra ... **entre males hai albares** ... **entre males hai albares**
 P: **hai al albares**
 I: **albares** ... é um refran entre males o menor ... é um refran
 P: o senhor diz refran mesmo ?
- 540 I: refran refran refran ou como é em português como se diz ?
 P: é provérbio ?
 I: provérbio né ... provérbio ... provérbio ... mas um refran também existe a palavra refran também em espanhol ... em português
 P: refrão

- 545 I: refrão ... exato ... isso (...) vamos lá mais adelante / isso aqui é um ...
P: o senhor depois vai me passar esse papel
I: vou vou
P: tá ?
I: vou lhe dar vou obsequiar ... (risos)
- 550 P: (risos) ... obsequiar
I: é ... aqui tem uma que você vai achar graça mas eu vou soltar essa
P: eu conheço uma que acho que existe em tudo quanto é língua
I: (risos)
P: é quando se a / eu não sei em espanhol mas assim / quando mais abaixa mais aparece o (...)
- 555 isso el culo
I: **chondon**
P: não é el culo ?
I: **chondon** ... é ... el culo é espanhol
P: é
- 560 I: (risos)
P: e essa eu conheço ...mas essa em português
I: em português ?
P: é
I: em hakitia é chon **chondon**
- 565 P: **chondon**
I: **chondon** ... **chondon** vem de chondo fundo
P: ah
I: fundo ... por isso que é **chondon**
P: **chondon**
- 570 I: **chondon** ... **rondon** ou pode ser **rondon** tem uns / é tem a tem o sentido de **hakitia rakitia** (...) **chakitia rakitia** né **chondon rondon**
P: **rondon** é porque tem ...
I: alguns falam **chondon** outros falam **rondon** outros falam **hondon** que vem de fundo
P: mas o o sotaque é cada um de sua região
- 575 I: exato
P: o senhor vê que eu falo diferente por exemplo vocês falam **Chevrá Cadishá**
I: hum
P: eu falo *Chevra Cadisha*
I: *Chevra Cadisha*
- 580 P: né ?
I: exato
P: vocês falam *Iehudá* eu falo *Iehuda*
I: *Iehuda*
P: é
- 585 I: a gente
P: é diferente é ...
I: bom ... **safon de tu padre tu madre uela el dia todo** ... (risos)
P: essa eu não ... essa eu não peguei
I: isso aí quando a gente quer mangar com alguém
- 590 P: sei
I: alguma pessoa tá enchendo muito o saco ah não enche o saco po po ah ah que **safon de que safon de tu padre tu madre uela el dia todo** ... a (...) de teu pai tua mãe chegue o dia todo não enche o saco ... he ... (risos)
P: essa é difícil

- 595 I: (risos)
P: difícil
I: é ... é difícil ... é isso
P: essa eu não conheço ... não nunca ouvi falar
I: é ... {safon}
- 600 P: {porque tem}... tem a lista do Sabá ...
I: **safon**
P: que tem os provérbios mas esse eu não ... eu tenho eu conheço uma aqui **que le caiga una**
...
I: um *mazál*
- 605 P: um *mazál* ... alguma coisa assim que é uma maldição
I: é ... **que le caiga um mazál** ... mas mas eu não gosto muito de de fazer essas (maldições)
sabe
P: sabe porque o hakitia tem muita
I: tem tem muita muito
- 610 P: de esconjuro ... é ...
I: a vovó a vovó falava muito isso
P: mas é maldição mesmo pesada
I: (...) maldição pura que a pessoa pensa que não é ... **que non salga nunca bassura de tu casa**
- 615 P: ba bassura ?
I: bassura
P: com b?
I: bassura bassura
P: bassura é lixo
- 620 I: bassura ... lixo (...)
P: então que não sai ... então qual é a tradução seria ?
I: que nunca saia lixo da tua casa ... que ... quando não sai lixo da casa
P: sei
I: é porque não come nada ... não **machlea** nada
- 625 P: ah ... ah então assim ...
I: (...)
P: então assim que passe fome uma coisa assim que passe fome uma coisa pesada
I: exato
P: ah entendi ... é ... é de da boca de quem fala
- 630 I: hebraico é **negro mazál chaz veshalom** (...) (risos)
P: é muito ...
I: é muito duro muito duro muito duro ... eu nunca eu não não gosto de ... de falar assim
P: não mas eu acho assim que quando a gente (...) volta pra gente
I: é é ... nossos avós falavam muito isso ... eu tinha uma a vovó falava demais isso
- 635 P: é ... uma dessas né ?
I: uma dessas ... falava muito
P: mas falava de quem ?
I: han ?
P: de quem ? de vizinhos ?
- 640 I: de vizinhos assim
P: de a de conhecidos assim ?
I: **que se endurezca tu que endurezca tu urina e nunca salga nada**
P: o que que quer dizer?
I: é ... a urina endureça (risos)

- 645 P: é
I: e com o açúcar e nunca saia nada **que enduresca que non salga**
P: mas a tradução ?
I: que não saia que não saia urina que não não saias urina porque se entope entope e fica entupido
- 650 P: ai fica mal pra pessoa porque é ...
I: fica mal pra pessoa é .. que saia sangue de tua urina
P: uau é ass é assim? é se é muito séria
I: **que el uepo saque tus tripas**
P: que el ?
- 655 I: **que el uepo saque tus tripas**
P: **uepo** ?
I: **uepo uepo** ...
P: que que ?
I: **uepo da tua madre** (...)
- 660 P: ah
I: que arranque as tripas da pessoa
P: é muito ...
I: que te muera (...)
P: é muito pesado
- 665 I: é então eu não gosto disso ... mas é melhor não pronunciar ... eu não gosto disso
P: mas as as pessoas mais antigas a ...
I: falavam muito
P: falavam muito
I: muitos falavam
- 670 P: mas a atualmente assim ... as pessoas ...
I: não porque já há poucos são os que falam alguma coisa ... alguns querem falar as coisas assim que ouviram dos seus avós e as pessoas já como são já é outra geração (...) *chaz veshalom*
P: hum
- 675 I: não ... nao hai
P: (...)
I: (...) **ferazmal** fora do mal ... **ferazmal** fora do mal
P: fera ?
I: **feraz**
- 680 P: {**mal**}
I: {**mal**} ... salga do mal
P: isso
I: isso aí
P: quer dizer que hoje em dia pra poder não se falar essas maldições
- 685 I: não porque já a nossa geração já é mais mais mais moderada ... mais bem este ... refinada / por exemplo porque os nossos avós / a gente que ...
P: o senhor não repara não que as vezes eu fico olhando
I: sim
P: pra não / eu não posso perder nada
- 690 I: os nossos avós eles eram eram duros eles eram bastante / você acredita que eu apanhava muito para dizer o *alef bet guimel dalet* ?
[...]

- 695 I: bom aqui tem outra ... **falquete de mi** ... quer dizer ... desprende de mim ... desprende de mi ... desprender-se ... desprende de mim ... **falquete de mi** ... **falquete de mi** quando o cara é chato
P: fa
I: **falquete**
P: com l ? fal
- 700 I: **falquete** ... **falquete** ... a pessoa é chata ... ele tá me enchendo o saco ... **falquete de mi**
P: ah
I: **falquete de mi**
P: (...)
I: **falquete de mi**
P: **falquete de mi**
- 705 I: né ... desprende de mim ... desprende desprende **falquete de mi** ... essa é outra ... é algum chato ... **az bien** (essa es otra) **az bien al malo az bien al malo que te dará con un palo**
P: **palo?**
I: **palo** ... **palo**
P: sim
- 710 I: a pessoa faz bem as vezes a um pobre coitado mas que ele tem / ele é mal de natureza má
P: a pessoa ou ...
I: a pessoa ... a pessoa ... a pessoa
P: que tá ...
I: que está sendo ajudado
- 715 P: mas ela é ruim ?
I: ela é ruim ... mas a gente tem um bom coração
P: sei
I: a gente vai e faz né ... as vezes até nem precisa (...) o que a pessoa tem por dentro / deve ser um malogrado porque ninguém sabe
- 720 P: malogrado?
I: malogrado quer dizer este ... desprezado maldito
P: sim
I: qualquer ... não é ? malogrado ... é outra que eu não gosto muito de de falar ... malogrado ... então ... quer dizer pra que que é que é feito isso ? é pra evitar pra ter cautela / quando a gente
- 725 faz bem a uma pessoa não é pra todo mundo que a gente deve fazer o o bem ... se for fazer o um bem a uma pessoa ruim que não ninguém saiba ... as pessoas / o judeu quando ele se propõe a cumprir os mandamentos ...
P: sei
I: as **mitzvót** ele faz sem olhar pra aquilo
- 730 P: e não quer que ...
I: é difícil
P: e não não quer que saibam que ele que fez a *mitzvá*
I: ele que fez a **mitzvá**
P: ele não quer
- 735 I: ele não quer né ... melhor melhor que seja assim melhor que seja assim que ninguém saiba se a pessoa quer aju ajudar uma pessoa que não conhece que não sabe quem é melhor que ele não saiba
P: que a pessoa ajudada não saiba
I: é ... que não saiba ... porque se também souber por outro lado ele amanhã vai querer mais
- 740 ou qualquer coisa mais e vai querer fazer outras e outras coisas que ...
P: entendi

- I: entendendo ? (es que) precisa ter cuidado cautela (...) **az bien az bien al malo que te dará con un palo**
P: az az bien
- 745 I: az bien az bien quando fazes bem al al mal
P: ao mal
I: né ? ele vai te dar com um pau amanhã ou mais tarde
P: isso quer dizer por exemplo
I: quer dizer a pessoa má
- 750 P: o senhor faz o bem e pode a pessoa fazer o mal de volta seria uma coisa assim ou não ?
I: não você faz um bem pro mal
P: sei
I: amanhã ele pode te retribuir com com **guezerá** ... sabe o que é **guezerá** ?
P: é é hebraico não é ? quer dizer é com ...
- 755 I: pode fazer uma **guezerá** com uma pessoa ...
P: o que ?
I: uma maldade
P: ah
I: maldade
- 760 P: entendi
I: já entendeu ? é isso ... precisa ter cuidado / tem coisas assim / por isso que os nossos os nossos antepassados eles tinham muita cautela e eles falavam muito isso muito muito cuidado ... cuidado ... e quando eles falavam eles falavam às vezes quando para que ninguém para os outros não queiram ouvir
- 765 P: sim
I: às vezes até por uma questão de cautela já falavam até frases baixinho porque tinham aqueles curiosos
P: sim
I: que por exemplo os vizinhos que já de muito ouvir eles aprendiam
- 770 P: os que não eram judeus ?
I: os que não eram judeus aprendiam ... os vizinhos aprendiam ... aqui nós temos empregados que sabem a alguma coisa que a gente está falando no dia-a-dia
P: sim ... aprende
I: aprende
- 775 P: mas os judeus no Marrocos eles viviam assim em comunidades fechadas ?
I: não ... é fechada ... eles viviam em comunidades fechadas
P: então ficavam ...
I: mas às vezes (...) quando é / na rua precisava cuidado precisa ter cuidado / às vezes tem alguém (...)
- 780 P: mas eles tinham bairro próprio dos judeus assim eram mais fechados ?
I: tinham ... em em toda parte ... em toda parte sempre os judeus procuraram se manter em bairros isolados dos demais
P: isso no Marrocos ?
I: Marrocos em toda parte aqui também aqui nós tivemos por exemplo ... aonde foi a cidade
- 785 (...) ? ah perdão ... a rua ... lá na Campos Sales
P: a ... a ...
I: a Campos Sales aqui na parte aqui toda essa essa área por exemplo da Campina tinha judeus tava cheio de judeus
P: aqui é o que seria o Bom Retiro do São Paulo aqui
- 790 I: é ... é exatamente
P: seria o bairro Campina ?

- I: esse aqui é o bairro da Campina
P: da Campina
I: aqui em Belém
- 795 P: é aonde tem mais concentração ?
I: aonde aonde tinha ... agora não já estão dispersos mais
P: mas tradicionalmente aqueles dos tempos
I: no inicio sim no inicio sim
P: Campina
- 800 I: é
P: tá
I: como Iquitos também ... Iquitos por exemplo os judeus se concentravam em Malecon
P: con?
I: Malecon
- 805 P: Malecon
I: era um bairro que ainda deve existir ... era um bairro só de judeus
P: mas o nome esse é o nome do bairro Malecon ?
I: Malecon Malecon ... a gente chamava de Malecon / era perto do do rio do rio Amazonas
P: mas é o nome do bairro ?
- 810 I: nome do bairro então o nome de Malecon ... não me lembro bem se era ...
P: e tem algum significado esse Malecon ?
I: Malecon ... eu não sei dizer ... faz tanto tempo (...) me parece que até em português tem Malecon ... depois a gente pode pesquisar isso ...
P: é não sei não ... não conheço essa palavra não Malecon é uma palavra nova pra mim
- 815 I: é ... então assim sucessivamente ... vamos a mais adiante
P: tá
I: **quien cambia de lugar cambia de mazál**
P: ah essa é boa essa eu uso essa daqui / também tem em hebraico ... *meshané makom meshané mazal*
- 820 I: é ... (risos)
P: essa eu uso como vida
I: (risos)
P: assim ... eu uso como expressão própria
I: exatamente ...
- 825 P: porque eu acho que ...
I: porque é o seguinte o que que acontece com todos nós ... a pessoa não está não está se dando bem naquele lugar o tempo todo ou mesmo num pais num lugar numa cidade ou mesmo num bairro ou mesmo na na vizinhança qualquer coisa parecida (...)
P: essa ... essa eu adoto ela ... (risos)
- 830 I: (risos)
P: pessoal ... (risos) ... gosto
I: (...) **mazál** bien ... certamente **mazál** bien ... por dinero dinero
P: plata é dinheiro
I: la plata ou também pode ser pode ser essa palavra substituida por **mazál** por / perdão / por
- 835 por **maót**
P: **maót** ?
I: **maót**
P: com t no final ?
I: **maót**
- 840 P: **maót** ... {por **maót**}
I: { **por maót** } **hasta el perro baila**

P: **hasta el perro baila**

I: hasta el perro

P: perro cachorro ?

845 I: cachorro ... baila ... é por dinheiro

P: até o cachorro até o cachorro faz qualquer negócio ?

I: qualquer negócio ... ali ali ... se alegra

P: é

I: com qualquer coisa até o cachorro baila ... (risos)

850 P: é

I: mais adiante vou lhe dar uma demonstração do cachorro por outro lado como é que é (risos)

P: tá

855 I: **vales lo que tienes nada tienes nada vales** ... é o valor do ser humano isto aqui ... todo ser humano tem seu tem seu preço ... o que ele vale o que ele representa ... muitas vezes não é somente na parte intelectual por exemplo nós somos nós nós estamos nós estamos conversando aqui e tudo isso estamos querendo ... querendo digamos este saber das coisas aprender estudar ... mas o que eu quero dizer é o seguinte temos o nosso valor porque intelectualmente nós temos nós temos o nosso valor ... mas é preciso ter la plata

P: plata ?

860 I: la plata

P: ah

I: **vales lo que tienes nada tienes nada vales** ... alguns de nossos antepassados ainda diziam ah ... vales um centavo non vales / tienes um centavo vales um centavo no tienes um centavo non vales nada ... se tienes um centavo vales um centavo se tienes um um um real vales um

865 real e assim sucessivamente ... se tienes mijones vales mijones

P: mas o que que o senhor entende por isso assim ? é ...

I: é o valor do ser humano

P: mate

I: material (...) ... não tem nada espiritual

870 P: sei

I: não tem nada espiritual ... aqui não tem quase nada espiritual ... algumas coisas nós vamos já chegar à parte espiritual que é muito bonito também entendeu ?

P: mas as expressões elas são assim bem ... como se diz é ... elas têm um significado bem ... bem forte né

875 I: bem forte

P: quer dizer uma coisa muito ...

I: eles se comprometem aaa dizer a o que era a realidade / eles eram francos ... os nossos antepassados marroquinos eles eram francos ... eles não eram muito bem instruídos (...) como agora por exemplo por exemplo né

880 P: mas como ... como como eram (...) ?

I: eles conheciam eles conheciam a lei eles até até de cor de de cabeça ... de memória

P: a lei judia

I: a lei hebraica a lei a lei a a **Torá**

P: sim

885 I: eles conheciam

P: mas eles eles estudavam ?

I: muito ... muito ... desde criança ... os pais ensinaram o

P: mas o ...

I: eles aprendiam / todos eles conheciam

890 P: mas as mulheres / os homens apre estudavam ?

- I: os homens estudavam as mulheres acompanhavam ... aqui aquela parte que toca à mulher que que a mulher este é ... cumpriam ...
- I: **se vês las barbas de tu chaber arderlas pon las tuias de ache achemochar**
- P: repete por favor
- 895 I: **se vês las barbas de tu chaber arderlas pon las tuias de achemochar**
- P: é arder arderlas ?
- I: é ... se nem as barbas de teu amigo arderem coloque as tuas de molho ... não tem um ditado inclusive em português ? e é isso ... se tu vê a barba do teu vizinho do teu amigo
- P: é pra cada um cuidar da sua vida ?
- 900 I: exatamente
- P: em vez de se preocupar
- I: cuidar (...) é por uma uma questão também cautelar
- P: mas é ... o significado ...
- I: é cautela ... tudo é cautela é cau ... os nossos nossos antepassados insistiam muito com essas
- 905 essas frases assim ter cautela eles a aconselharam a gente além de soprarem as as coisas eles já aconselhavam também ... muitos conselhos eles davam dessa forma também ... a amigos a companheiros
- P: então essa essa e ...
- I: essa frase já é conhecida inclusive aqui
- 910 P: é pra por exemplo é ela quer dizer tenham cautela é isso ?
- I: é exatamente ... é ... com esta ... **se vê las barbas de tu chaber arderlas**
- P: **chaber** ?
- I: **chaber chaber** ...
- P: de *chaver* ?
- 915 I: **chaber** é amigo **chaber** aber
- P: aber
- I: aber aber
- P: aber
- I: aber ... aber aber ... **arderlas con** (...) de de **achemochar**
- 920 P: **achemochar** é molhar ?
- I: **achemochar** molhar ... é molhar ... isso mas não é bem em espanhol **achemochar** ... é **hakitia** isso aqui
- P: tá
- I: é isso aí ... tá ? bom ... **el que mucho piensa se acaba sin cenar** ... quer dizer a pessoa for
- 925 muito tensa ele acaba sem comer
- P: ah ... sem cenar
- I: sem cenar
- P: ah ... é porque assim não faz nada
- I: é porque não faz nada ... tem que correr atrás
- 930 P: isso
- I: quem não pode ficar parado ... essa pessoa ... todas esses aqui são cautelares são recomendações que os nossos antepassados falavam muito né nossos avós né eles falavam muito ... bom ... quando a pessoa está com raiva (...) está raivoso (risos) ... e ai a gente tem que ter cuidado com o camarada ali **el sachen está um perro é messor**
- 935 P: um perro ?
- I: **um perro messor**
- P: **messor** ?
- I: é ... **el sachen está um perro messor** ... cuida-te
- P: me ...
- 940 I: no te vaias ajá ... **el sachen está um perro messor**

- P: o que é **messor** ?
 I: **messor** raivoso
 P: ah tá ... entendi ... é é ...
 I: é um cachorro raivoso ... então por exemplo (...) vai falar com o chefe hoje ele fica com
 945 aquela / tá com a macaca
 P: sei
 I: não vai / não fala com ele ... (risos)
 P: então (...)
 I: (...)
 950 P: assim imponentes vamos dizer assim
 I: é não vai atrás não
 P: não são simplesmente uns ditos assim
 I: é
 P: que falam não ... é ... tem um ...
 955 I: tem ... é cauteloso é uma situação cauteloso aí é uma composição cauteloso eles faziam muito
 isso ... e muito muito inclusive amigos que a gente tinha na na rua na caie
 P: sei
 I: a gente chama de caie
 P: caie calhe ?
 960 I: caie caie caie
 P: caie caie
 I: mas mas nós falamos caie ... em hakitia **caie**
 P: com i ?
 I: **caye** com y
 965 P: **caye** ... ah y
 I: i greguia i grega
 P: isso ... i grega
 I: é
 P: **caye**
 970 I: **caye** é ... em es ... em hakitia
 P: é que em espanhol agente fala calhe caje
 [...]
 I: bom ... aqui é ... tem outra (risos) ... agora vem aqui ... essa foi criada por mim agora / foi
 hoje de manhã
 975 P: sei ... então então o senhor tem que falar essa aqui é criação pessoal
 I: pessoal criação pessoal ... **el maslin del PT**
 P: ma é PT ... **maslin** deve ser coisa ruim
 I: **maslin**
 P: **maslin**
 980 I: **maslin maslin**
 P: **maslin**
 I: mas não sei em português ... em he em hebraico é **maslin**
 P: e o que é o significado ?
 I: não ... delator
 985 P: delator ?
 I: delator
 P: ah não sei em hebraico essa palavra eu não sei
 I: bom ... esse **maslin** em **hakitia** ... **maslin** ... **el maslin del PT es Eduardo Jeferson**
 P: ah o delator ... **maslin** com m no final m
 990 I: com n

- P: no final
 I: n n n
 P: ah tá
 I: **el maslin de ... (risos) ... el maslin del PT es Eduardo Jeferson**
 995 P: mas até é interessante e essa aqui porque eu não tô acompanhando eu perdi já o o ...
 I: é o delator o Eduardo Jeferson
 P: não ...sim mas ...
 I: você ouviu falar ?
 P: não ... eu acompanhei desde a desde a as secretárias é ... mas depois de uma semana pra cá
 1000 eu perdi todo / eu não tô ligada nas noticias
 I: não
 P: tô assim uma semana sem saber
 I: **dias negros vive el gobierno brasileiro**
 P: hum ... outra versão pessoal
 1005 I: pessoal ... **dias negros vive el gobierno brasileiro (...)** ... mas não importa o governo ... **el Congreso ... el Congreso Brasileiro está ieno ieno** cheio
 P: lhenos ?
 I: ie
 P: ieno
 1010 I: ieno
 P: ieno
 I: cheio cheio ... **de trampas e chalampas**
 P: **trampas** é um ...
 I: e **chalampas**
 1015 P: **chalampas** já sei **chalampiar**
 P: **el Congreso Brasileiro está ieno de trampas e chalampas** ... que quer dizer ? o Congresso Brasileiro está cheio de falcatruas e ma é ... roubalheiras ... **trampas e chalampas**
 P: **trampas e chalampas** ... é é trampas é ? o que é mesmo? é ...
 I: **trampas** é falcatruas
 1020 P: falcatruas ... fal falcatruas {**trampas**}
 I: {**trampas**} **trampas trampas** é é ... / é segurar a pessoa / não tem este este o o **trampas** ... não tem não sei se é tem em português
 P: eu não conheço
 I: **trampas trampas trampas (...)**
 1025 P: não
 I: (...)
 P: não não
 I: não importa
 P: até onde eu sei não
 1030 I: **hakitia é trampas trampas**
 P: e
 I: e falcatruas
 P: e ra ralam ...
 I: e **chalampas**
 1035 P: **chalampas**
 I: **chalampas**
 P: **chalampas**
 I: **trampas e chalampas** ... falcatruas e
 P: interessante o senhor fala rampas e chalam
 1040 I: **trampas**

- P: é **trampas**
 I: **trampas**
 P: é **trampas** é **trampas**
 I: **trampas** e **chalampas**
- 1045 P: **chalampas** ... mas o o hakitia não é muito assim arranhado igual ao árabe assim **chakitia** ... não é muito assim ... pelo jeito não
 I: não
 P: não é muito assim arranhado
 I: não não não
- 1050 P: não
 I: olha eu já estou puxando um pouco pro árabe ... dessa forma já é mais um pouco assim (...)
 P: mas não tá muito ...
 I: não tá muito ?
 P: não não ... porque o árabe ele é ma é arrastado
- 1055 I: tem muitos que não falam não falam assim com muita delicadeza
 P: é ... delicado mesmo
 I: delicado que eles falam
 P: mas tem que ver qual qual a pala quando a palavra é árabe por exemplo tem tem uma
 I: exato
- 1060 P: uma expressão tem uma que eu li assim é eu não sei se a pronúncia é certa **al wuardi**
 I: **messor** ... **messor** é é árabe
 P: **messor** ?
 I: **messor** é raiva raiva
 P: pra mim parece que é uma palavra hebraica
- 1065 I: raiva .. **messor** ?
 P: raiva em hebraico é ...
 I: ah é
 P: é porque a palavra me parece hebraica ... a palavra ... **messor**
 I: **messor** é ra é ...
- 1070 P: não é ... não ... deve ter no dicionário
 I: (...) é espanholada (...) é **hakitia** ... deixa eu ver uma coisa aí
 P: mas o o senhor eu ainda não vi o senhor falando assim uma palavra á uma expressão em hakitia que tem o árabe assim
 I: nós vamos chegar lá
- 1075 P: vamos chegar ... tem tem o yalatif a wuardi
 I: **falquete falquete**
 P: **falquete**
 I: **falquete** des é é desprende **falquete**
 P: ah sim é arabe ... **falquete**
- 1080 I: **falquete** ... é **falquete** ... este aqui está ... pronto ... tem uma aqui que é engraçada né ... existia um garoto que não sabia **meldar**
 P: **meldar** é conversar
 I: **meldar** é ...
 P: é conversar ?
- 1085 I: não ... estudar ... estudar o orar
 P: ah tá ...
 I: recitar
 P: estudar orar ... **meldar**
 I: **meldar** ... então o garoto estava tava / não sabia nada então foi o **bar o bar mitzvá** dele né o
- 1090 **bar mitzvá** ... e e o que que o que que eu vou fazer agora que eu não sei nada / tava numa

cidade lá na sinagoga numa cidade é é de Marrocos naturalmente deveria ser né (...) o que que eu vou fazer agora ? não sei nada nada nada

P: isto é uma história

I: é

1095 P: ou é uma coisa verídica ?

I: eu acho que ... eu acho que isso é foi uma coisa verídica que depois se se transformou em hakitia

P: mas mas da onde que o senhor conhece ?

I: sim ... se converteu em hakitia

1100 P: essa história da onde que o senhor conhece?

I: ah eu conheço daqui isso já foi aqui / que quem me contou isso foi um senhor que já faltou há muitos anos atrás uns 30 40 anos me parece uns 40 anos logo que eu cheguei aqui cheguei aqui em 63 ou 64 cheguei ... em 66 eu fui pra *Chevrá Cadishá* ... é 63 ... então chamava-se Mimon ... Mimon

1105 P: Mimon

I: o nome dele era Mimon

P: Mimon ?

I: Mimon Mimon

P: é un n no final

1110 I: Mimon é

P: Mimon

I: Mimon ... é ... ele chamava-se Mimon ... Mimon a palavra é vem de fortuna parece se eu não me engano ... (**messod**) parece que vem de (**messod**)

P: **messod** quer dizer o que ?

1115 I: fortuna

P: fortuna ? *messod* ?

I: me parece que sim

P: tem pessoas que chamam Fortuna e tem pessoas que chamam **messod** {**messod**}

I: {**messod**} é **messod**

1120 P: não tem nome (...) ?

I: é **messod** tem **messod**

P: é

I: e esse aqui era Mimon ... parece que também é é desse lado do lado fortuna me parece que

1125 ... ai ele me mostrou isso me me falou disse que engraçado eu disse pra ele olha uma coisa parecida também tinha lá em Iquitos no Peru eu dizia pra ele mas diferente do que tu estas falando não me lembro bem como era ... mas aí eu gravei o que ele me passou isso há 40 anos atrás ai ele dizia assim ... um garoto estava lá sentado né na sinagoga fazendo *bar mitzvá* dele lá ... então os pais queriam que ele fala depois de ter feito o *bar mitzvá* e tudo isso queriam os pais que falasse alguma coisa ... ‘meu filho agora você vai falar alguma coisa vais fazer

1130 alguma oração ou alguma coisa tens que dizer alguma coisa como o que tu se tu te sentes agora depois de maioridade você sabe que tu digas alguma coisa fale alguma coisa mostra pro pros pro pro *cachál* algo’

P: *cachal* é ...

I: *cachál* é ... a *quechilá*

1135 P: *ca cáchal ca é cachál*

P: (risos) ... vocês falam *cachál* é o *cáchal* que a gente chama a a ... a comunidade

I: congregação pronto

P: é

- I: congregação ... mostra pro *cachál* vê o que tu sabes o que que aprendeste sim algo alguma
 1140 coisa ‘papá não sei papá ... não sei papá’ então ... ele se acomodou um pouquinho olhou pro pai dele olhou pra mãe dele sentado e no meio disse ‘*baruch até papá melech leolam mamá*’
 P: hum
 I: “**saquenme desta guachlás que no me agüento más**” ... aí o *cachál amén* ...
 P: há
- 1145 I: todo mundo *amén* ... (risos)
 P: ele falou o que ele quis
 I: ele disse o seguinte ‘eu quero sair daqui eu tô eu estou tô incomodado aqui meio incomodado não sei como é que eu saio desta agora’
 I: então ele fez a como oração né ***baruch até papá***
- 1150 P: **papá**
 I: em vez de dizer *Baruch até Adonai*
 P: é
 I: né ... fez ***baruch até papá pro pai dele baruch até mamá ... saquen me desta guachlás pro cachál***
- 1155 P: **saquenme**
 I: **saquenme**
 P: de ?
 I: **desta guachlás**
 P: **guachlás ?**
- 1160 I: é ...**desta guachlás**
 P: o que é
 I: desta coisa ino inoportuna que eu não tô me agüentando mais
 P: **guachlás**
 I: **guachlás guachlás**
- 1165 P: com g ?
 I: é com g ... não me agüento mais ... não me agüento mais tô cansado ... ah quero sair daqui ... tá meio acanhado meio chateado tudo isso (tá querendo ir embora) e todo mundo todo mundo lá também o *cachál* não sabia nada nem (...) só dizia *amén* (risos)
 P: *amén* e não sabe nem porque tava dizendo *amén*
- 1170 I: *amén* ... mas tem muita gente que só diz na sinagoga *Baruchu Baruch Shemó* às vezes (...)
 P: mas às vezes é tem rezas que a gente reza
 I: sim
 P: mas não sabe o que tá escrito
 I: não sabe o que está escrito
- 1175 P: muita gente ...
 I: muita gente
 P: não sabe
 I: eu também tenho isso
 P: mas também eu também
- 1180 I: algumas coisas claro
 P: eu sei hebraico mas não sei ...
 I: claro ... algumas coisas eu sei
 P: todas
 I: claro ... {todas} eu também não sei
- 1185 P: {e tem rezas} em aramaico e é difícil ... a a a *cadish* né ?
 I: {*cadish*} ***cadish***
 P: {*cadish*} ***cadish cadish*** ... (risos)
 I: é

- P: então é é ... como é que fala né é aramaico né ?
- 1190 I: é ... então essa é um / aqui também escrito
P: essa em função seria da história
I: da história de desse rapaz
P: desse rapaz
I: desse menino né
- 1195 P: então e como é que é ... a a ... repete a
I: **baruch até papá melech leolam mamá saquenme saquenme desta guachlás que no me agüento mas ... aí o cachál amén ... todo mundo amén....** também não sabia nada
P: é
I: ninguém sabia nada
- 1200 P: ninguém sabe nada né
I: (risos)
P: só *amén* ... é ... é isso que acontece ... acontece mesmo
I: e é realidade qual a realidade
P: eu acho que é porque a gente vê todo mundo (rezando) rezando e não sabe hebraico
- 1205 consequentemente não sabe a tradução
I: é ... olha aqui já vem com o nome de Deus agora
P: hum
I: **la berachá de Diós no te falte em horas menguadas**
P: la
- 1210 I: **la berachá de Diós no te falte em horas menguadas**
P: **horas menguadas**
I: **menguadas**
P: **mengua**
I: **menguadas**
- 1215 P: **menguadas**
I: **menguadas** ... difíceis ... em horas difíceis ... que a benção de Deus não te falte nas horas difíceis ... nas horas menguadas ... essa é uma ... **el sechut de los sadikin me alcancen ... el sechut de los sadikin me alcancen**
P: el *sechut* ?
- 1220 I: **sechut** ... *zechut*
P: *zechut* é direito em hebraico
I: *zechut*
P: *zechut*
I: é é é merecimento
- 1225 P: ah merecimento
I: merecimento ... el merecimento de los **sadikin** de los justos
P: **sadikin**
I: **sadikin** ... de los justos
P: sei
- 1230 I: é é é ... **me alcancen** ... cheguem pra mim
P: sei
I: também passem pra mim ... algo venha pra mim ... **me alcancen** ... algumas cifras cheguem pra mim ... entendeu ? já entendeu como é ?
P: entendi
- 1235 I: algumas cifras cheguem pra mim
P: agora já tá entrando mais palavras em hebraico ... **sadikin**
I: já
P: é ...

- 1240 I: claro ... eu tô dando primeira é uma um um / a medida que vai passando tudo vou lhe mostrando outras e outras e outras pra que você tenha uma uma boa idéia ... sai daqui já falando a **hakitia** não é ?
 P: eu já (risos)
 I: (risos)
 P: pelo menos palavras básicas
- 1245 I: básicas né ?
 P: é
 I: é ... claro que eu também já esqueci muitas
 P: ah mas isso é natural é natural
 [...]
- 1250 P: mas assim no Marrocos falavam fluentemente em hakitia ?
 I: muito ... muito
 P: mas assim
 I: ah muito
 P: igual nós falamos aqui ?
- 1255 I: muito muito / a gente se correspondia com nossos avós / a gente era obrigado se corresponder com haki com hakitia
 P: então vocês ...
 I: e era obrigado a aprender hakitia
 P: então então
- 1260 I: com os avós por exemplo minha avó me escrevia de lá a Dona Sultana mi querido (...)
 P: mas em que letras que ela escrevia lati caracteres latinos ?
 I: não ... latinos ...
 P: latinos ?
 I: latinos ... essas daqui
- 1265 P: escrevia nesses caracteres ?
 I: nesses aqui
 P: em hakitia ?
 I: hakitia
 P: e o senhor tem algum documento ... ainda ? alguma coisa restou ?
- 1270 I: aqui não tem ... não tem
 P: não sobrou nenhuma carta ? nenhuma ... nada ?
 I: tztztz
 P: como assim ?
 I: não tem
- 1275 P: porque a não não existe documento de hakitia ... não existe hakitia escrito
 I: não tem ... muitos anos quase 40 anos foram
 P: é né ... alguém deve ter alguma carta em hakitia alguma coisa
 I: deve ter ... lá em Iquitos tem ... em Iquitos deve ter
 [...]
- 1280 I: então vamos a vamos adiante
 P: vamos
 I: porque senão a gente não acaba hoje
 P: pois é o senhor...eu eu tô por conta disso ... agora o senhor eu não sei
- 1285 I: **la berachá de Diós no te falte em horas menguadas ... já passamos isso aí ... el sechut de los sadikin (...) me alcancen me alcancen el sechut de los sadikin me alcancen ... me mejorado ou mechorado**
 P: sim

- I: pode ser dos dois o que você quiser falar quer dizer assim ... já ouviu dessa palavra **mejorado** ?
- 1290 P: mechor mechor ?
I: mechor melhor
P: melhor
I: melhor
P: sim
- 1295 I: mas aqui no nesse sentido que de **mejorado** que eu vou falar é almejado
P: ah tá
I: **mejorado 120 anios e huenos e que io pueda mirar quando lo completes com refuá shelemá**
P: e ... o senhor vai ter que repetir essa pra mim para eu pra eu entender a a pronúncia é ...
- 1300 I: isso é o seguinte ... isso é pra uma pessoa querida ou pra uma pessoa que você deve estar completando digamos 50 anos de idade então eu desejo eu almejo que ele passe dos 50 que ele vá até os 120
P: isso
I: como nossos antepassados ... né ? então eu almejo que ele tenha 120 anos com felicidade e
- 1305 **huenos** por isso que palavra **huenos** aqui é buenos ... buenos em espanhol e **huenos**
P: com g ?
I: hue com h ... hue
P: **huenos**
I: **huenos**
- 1310 P: **huenos**
I: **huenos** ... **huenos** é hakitia em hakitia
P: ah com h ... **huenos**
I: com h ... **huenos**
P: que seria buenos
- 1315 I: buenos ... buenos em espanhol ... mas esse sentido **huenos** aqui quer dizer coisa que traz felicidades é ... que seja a (...) que tenha riquezas que tenha fortunas que tenha tudo de bom pra ele ... que envolva tudo de bom
P: muito bom tô vendo
I: entendeu ? é
- 1320 P: a a a frase
I: a frase ... **mejorado 120 anios e huenos** ... ah não quero saber disso ... (risos) (...)
P: hum
I: bom e **huenos** e que io pueda mirar quando lo completas quando lo completes com **refuá shelemá**
- 1325 P: **refuá**
I: **refuá** {**shelemá**}
P: {**shlemá**} ... é **shlemá** é completo?
I: completo
P: **agora refuá** é ...
- 1330 I: **refuá** salud
P: remédio
I: saúde
P: é
I: **refuá saúde**
- 1335 P: saúde
I: é remédio em em em em em
P: hebraico

- I: em este hakitia ... é **melecina**
P: **mele** ?
- 1340 I: **melecina**
P: **mele**
I: já vamos chegar lá
P: **melecina**
I: já vamos chegar lá tá ? ... então veja bem ... aqui diz o seguinte que eu quero dizer aqui
- 1345 **mejorado 120 anos anios anos anos e huenos e que io pueda mirar quando lo completes com refuá shelemá** quer dizer o que ? almejo que tenhas / que chegues aos 120 anos
P: com saúde
I: com saúde com paz com tudo de bom **huenos** ... e que eu pueda ver assistir esteja presente nesses 120 anos ... quer dizer automaticamente
- 1350 P: eu também
I: eu estou também me desejando coisa boa
P: sim
I: pra mim ... tô me desejando ... tá vendo como até onde os os nossos pais chegam
P: eles desejavam pros outros mas se desejando
- 1355 I: (não se deixava pra desejar a eles também)
P: também
I: (...) isso é bonito isso (risos)
P: essa é boa
I: isso me empolga muito e me lembra muito a minha avó isso aqui ... minha avó falava só
- 1360 isso
P: o senhor era muito ligado à avó ?
I: muito ligado à ela ... era o netinho mais querido
P: ah (risos)
I: era o último (risos)
- 1365 P: o último o caçula ?
I: o último o caçula
P: ah
I: depois de 14 anos 14 anos de idade a última a penúltima né
P: sei
- 1370 I: 14 anos ela tinha eu apareci
P: numa família de quantos filhos?
I: de seis
P: dezesseis ?
I: seis meia dúzia
- 1375 P: ah o senhor é o sexto ?
I: eu sou o sexto
P: ah mas não é muito numeroso pra pra aquela época
I: não ... não era não era numeroso
P: porque tinha / o pessoal tinha muitos filhos né
- 1380 I: muito filhos ... então é isso ... **aias al Diós cerquita de ti todos los dias** ... encuentres Deus perto de ti todos os teus dias ... **aias al Diós cerquita de ti todos los dias**
P: aia ?
I: **aias**
P: **aias**
- 1385 I: encuentres ... **aias**
P: **aias** ?
I: **aias** ... encuentres Deus todos os dias da tua vida ... **cerquita de ti**

- P: para cada coisa
I: é tinha
- 1390 P: tem uma
I: é
P: tem uma frase
I: tem uma frase
P: não uma não várias
- 1395 I: várias várias né ... agora veja bem como muda o nome de Deus agora
P: hum
I: tá ? ... **el alabado su nombre sea anhade em em mi salud ... anhade em mi salud ... el alabado su nombre sea anhade em mi salud ...** que que eu digo com isso aqui?
P: fala devagar esse que eu não consegui pegar
- 1400 I: **el alabado su nombre sea**
P: **el alabado ?**
I: ale **alabado**
P: **alabado**
I: **su nombre sea sea ... alabado**
- 1405 P: **alabado**
I: **alabado**
P: com l **alabado**
I: **alabado ... el alabado su nombre sea**
P: **sea**
- 1410 I: onde é que eu fiquei ? ... **el alabado su nombre sea ... ss su nombre sea anhade em mi salud anhade em**
P: é é adicionar ?
I: acrescente em mi saúde
P: **anhade ?**
- 1415 I: (...) acrescente em minha saúde ... então eu por exemplo digamos assim é (ah mas fizesses isso) não ... vós não deveria ter feito hoje isso (...) se a pessoa não (...) **achlás el alabado su nombre sea anhade em mi salud**
P: qual a qual a ?
I: acrescente na minha saúde o que eu fiz pelo outro
- 1420 P: ah sei ... uma boa coisa
I: uma boa coisa claro
P: bom sentido
I: bom sentido ... entendeu ? essa é a essa é a frase
P: hum
- 1425 I: **el alabado su nombre sea anhade em mi salud todo lo que todo lo hueno que hago**
P: esse **alabado**
I: vou vou colocar aqui pra melhor
P: tá
I: **de todo los huenos**
- 1430 P: e essas frases o senhor lembra ou senhor usa também ?
I: lembro
P: não ... lembra mas chega a usar ?
I: lembro ... claro que eu uso
P: mas assim
- 1435 I: se eu for escrever uma carta pra pra qualquer um desses meus desses amigos meus lá de Marrocos (...)
P: o senhor tem ...

- I: eu tenho a condição
 P: mas o senhor corresponde ?
- 1440 I: eu me lembro ... eu me lembro porque a pessoa quando aprende / quando é criança é difícil de esquecer
 P: ah sim
 I: as coisas
 P: mas assim ...
- 1445 I: se eu por exemplo tem muitas coisa em inglês que eu me lembro mas isso eu não sei falar
 P: mas
 I: conversar conversar
 P: mas se o senhor for pro Estados Unidos ?
 I: ah aí (...)
- 1450 P: porque tá tudo aqui
 I: é exatamente ... só precisa exercitar aquilo o que por isso que eu lhe falei hoje lhe disse olha vou exercitar ... com essa sua vinda aqui você está me forçando que eu (...) ... só que eu relaxei larguei e tudo isso ... eu não tenho com quem falar nunca me interessava / quem vai querer saber o que os meus avós os meus antepassados o que alguns uns e outros / agora que tá surgindo isso aquilo
 P: é mas conversando com os amigos não é natural
 I: muito difícil você encontrar né ... é muito difícil
 P: não ... mas na colônia assim freqüentando naturalmente sai
 I: ah tem ... sai mas eu falo com eles também
- 1460 P: mas
 I: pouco
 P: pouco
 I: pouco
 P: mas mas essas frases todas que o senhor tá me falando o senhor usa ?
- 1465 I: eu posso eu posso anotar anoto
 P: não ... mas usa ?
 I: uso ... porque eu conheço todas as palavras
 P: mas usa assim por exemplo encontrei um amigo ai usa usa muito essas o senhor usa ou o senhor tá lembrando trazendo tudo de volta pra memória ?
- 1470 I: tudo de volta pra memória e o e o que eu posso usar
 P: mas
 I: eu não tô usando
 P: não está
 I: não ... não estou usando
- 1475 P: mas
 I: não estou usando poderei usar
 P: poderia mas não está usando
 I: não estou usando
 P: algumas
- 1480 I: (...) uso até algumas frases com com os amigos aqui
 P: sim
 I: algumas frases eu uso ... mas não chego a usar assim totalmente é de acordo com os meus conhecimentos com o que eu tenho porque não estou / também já esqueci muita coisa mas à medida que eu vou por exemplo montando eu vou lembrando
- 1485 P: na verdade esses essas questionários que eu estou fazendo fazem as pessoas refletirem ai elas começam a pensar o que que eu sei o que que eu ...
 I: todo lo bueno aquí diz por exemplo **el alabado su nombre sea** ... aqui tem virgula

- P: hum
 I: **anhade em mi salud todo lo hueno ... que hago ...** pronto
- 1490 P: **lo hueno**
 I: **lo hueno**
 P: **hueno**
 I: tudo de bom tudo de coisas lindas que eu faço tudo isso (que Deus coloque em mi salud) alguém me paga mal por exemplo eu fiz um trabalho bom é um trabalho mas meu trabalho não deu importância porque eu já fiz isso aqui
- 1495 P: não perai ... o seu o tra no seu trabalho as pessoas não deram importância ?
 I: não ... as pessoas digamos me pagaram mal
 P: sei
 I: não foi o que eu esperava
- 1500 P: entendi
 I: não foi o que eu esperava ... então eu mentalmente digo bom Diós acrescenta em mim todo de bueno me dê em mi salud
 P: ah então assim o que o senhor não recebeu
 I: sim
- 1505 P: materialmente
 I: porque não materialmente ... que ele me dê em saúde
 P: em saúde
 I: (...)
 P: melhor
- 1510 I: melhor (risos)
 P: melhor ... saúde não se compra
 I: não se compra / então eu vivo eu vivo bem assim eu me sinto bem assim ... entendeu ? e Deus sempre manda pra mim isso aí não tenha dúvida *Baruch Hashem* ... então com todo que ... bueno ... **Diós bendito aumente mi mazál** ... eu já tenho boa sorte
- 1515 P: sim
 I: que ele aumente mais pronto
 P: então ...
 I: pelo que eu fiz ... pela *mitzvá* que eu cumpri pela *mitzvá* que eu cumpri que Deus aumente mais a minha sorte
- 1520 P: então Diós
 I: **Diós bendito aumente mi mazál**
 P: **Diós**
 I: **Diós** ... aqui tá vendo como é ? olha só aqui aqui espanhol totalmente em espanhol mas se se usa em hakitia
- 1525 P: usa **Dió**
 P: ah **Diós**
 P: el **Dió**
 I: **Dió** com ladino pode ser usado
 P: **Dió** ou **Diós**
- 1530 I: **Diós**
 P: o **Diós** aqui é do espanhol
 I: do espanhol
 P: e o **Dió** é do ladino
 I: do ladino ... pode ser usado o nome o nome de Deus pode ser usado
- 1535 P: de acordo com a preferência então ?
 I: é a preferência ... **el alabado**
 P: **el ala** ...

- I: **alabado** ... engrandecido
P: **el alabado**
- 1540 I: **alabado ... el alabado su nombre sea ... nombre sea ... bom ...**
P: hum
I: é por exemplo **el Dió ... el Diós ...** ou propriamente **Diós**
P: hum
I: pode ser
- 1545 P: várias maneiras de dizer de Deus
I: ah ... várias maneiras ... por exemplo **el duenho del olan**
P: **el duenho**
I: **el duenho del olan ... el duenho del olan**
P: (**duenho del del**)
- 1550 I: **el duenho**
P: {**del del olan**}
I: **o o lan**
P: com n no final ?
I: **olan**
- 1555 P: **olan**
I: **olan ... olan** escreve como é
P: em hebraico é *olan*
I: **olan**
P: com m m
- 1560 I: não ... é com n
P: é com n ?
I: é com n ... **olan**
P: **olan**
I: **olan** ... nós vamos colocar vamos colocar o certo mesmo ... eu acredito que porque muitas coisas muitas coisas vou lhe vou lhe falar isso / muito cuidado muito cuidado / tem coisas que que tem pessoas que escrevem algumas palavras erradas essa é uma ... então ele pode vir com m ou pode vir com n
P: quer dizer cada pessoa escreve de um jeito
I: é exatamente ... eu já vi até isso é uma podemos dizer assim em português aberração
- 1570 não é isso ? aberração ?
P: aberração no caso de ...
I: no caso de *shalom sha lom* ... pode ser
P: tem que ser *shalom*
I: *shalom*
- 1575 P: com m
I: *shalom*
P: essa é a palavra certa
I: essa é a palavra
P: mas o se o espanhol ele não fala o m no final não ele fala ele fala shalon
- 1580 I: shalon é
P: talvez seja por isso
I: é ... mas eu já acho isso isso ai
P: mas já que tem em hebraico ou também ... eu acho tem que falar com m no final
I: é ... é isso que eu lhe digo por isso que eu estou
- 1585 P: quer dizer que pode as pessoas podem escrever
I: podem

- P: errado
 I: podem escrever errado podem escrever ... algumas coisas
- 1590 P: mas o senhor considera então
 I: eu considero como se nada acontecesse digamos
 P: ou um ou
 I: não ... eu acho as vezes até até é um pouco este ... é ... de estudarem
 P: esse esse de trocar é
- 1595 I: trocar uma uma letra
 P: uma letra
 I: por outra
 P: quer dizer pro senhor o certo é igual ao hebraico
 I: é igual
- 1600 P: *shalom*
 I: *shalom ... olam*
 P: *olam*
 I: *olam*
 P: sei
- 1605 I: *olam shalom ... amén*
 P: *amén*
 I: *amén*
 P: *amén* com n ?
 I: amén com n ... **amene ... amene ... amene**
- 1610 P: fala **amene** ?
 I: **amene ... amene** é hakitia hakitia
 P: ah {**amene**}
 I: {**amene**}... **amene amene** em hakitia ... bom vamos passar adiante ... **esquede ferezmal** es ... ah não ... as as quede .. **esquede** es outra palavra ... **asquede ferazmal** fulano de tal ... quer dizer esse quer dizer o seguinte as ... digamos uma pessoa diz assim ... que não aconteça nada contigo por favor
- 1615 P: sei ... **asquede** ?
 I: **asquede asquede asquede ... asquede ferazmal**
 P: fe ?
- 1620 I: **ferazmal**
 P: **ferazmal**
 I: **ferazmal ferazmal**
 P: é uma palavra só ?
 I: só **ferazmal** ... uma palavra só ... mas se eu fosse passar para o português seriam duas ...
- 1625 fora do mal ... **feraz ferazmal** é fora do mal
 P: fora do mal
 I: **asquede** são duas palavras ... assim fique
 P: mas ai no caso na hakitia escreve separado ou junto ?
 I: junto
- 1630 P: junto
 I: junto por isso que eu fiz aqui ... junto
 P: ah sim
 I: esse aqui tá certo ... tudo isso aqui tá certo só que eu coloquei assim aqui aqui do lado pra que depois você tenha a facilidade de saber o que é
- 1635 P: sei
 I: tá ?
 P: mas é uma palavra só é du é como se fosse ...

- I: é uma palavra só **asquede**
P: **asquede**
- 1640 I: **asquede asquede** ... assim fique ... fora do mal do nome ... por exemplo é {fulano de tal}
P: {como quedar} não é quedar quede não é ?
I: quede ... não
P: não ? não tem nada a ver com quedar ?
I: não ... não tem
- 1645 P: não ?
I: queder ... q-e-d é isso ?
P: não ... quedar
I: quer dizer ficar ?
P: as não seria duas palavras ... **as quede** que
- 1650 I: ah sim fique fique
P: sim
I: é ... é ... **asque** assim fique
P: mas assim ...
- 1655 I: assim assim fique ... **asquede** junto ... assim fique fora do mal ... ai coloca o nome da pessoa aqui
P: hum
I: por exemplo como é o seu nome ?
P: Cá Cássia
I: Cássia ... **asquede ferazmal Cássia**
- 1660 P: quer dizer que / qual é a tradução mesmo ? é é... que fique assim
I: assim fique fora do mal o seu nome
P: ah
I: fora do mal você fique fora por exemplo fora do mal não aconteça nada
P: que bom ... (risos)
- 1665 I: (risos)
P: que bom
I: assim como tem aquele aquele aquele este ... salmo
P: sim
- 1670 I: 67 parece que é ... a gente muitas vezes recitava lá em Iquitos às vezes ... às vezes criança recitava ... pra que nunca aconteça mal a gente quando sai de casa recita esse salmo para que nada me aconteça (...)
P: sei ... mas mas não tem nada a ver com aquela *Tefilat Chaderech* nada a ver ... essa de sair de carro
I: não não não não não não não
- 1675 P: nada a ver ?
I: não ... não tem ... ah tem aquele *Tefilat Chaderech* que você diz é é (...)
P: ah eu não me lembro né
I: (...) é isso ?
P: eu não me lembro assim ... eu não ... / questão de de reza é
- 1680 I: claro é
P: essas coisas aí ...
I: é
P: meio complicado
I: é bom ... vamos vamos adiante ... deixa eu ver são 10 e meia né ?
- 1685 P: não sei ... 10 e meia ?
I: 10 e meia
P: ah eu pensei que era mais tarde então ... até que não é muito não

- I: tá certo
P: é mesmo é
- 1690 I: hunhun ... bom ... **el Dió** ... olha aqui o ladino
P: entendi
I: **el Dió me sotré de todo mal**
P: ah essa eu conheço ... essa eu conheço ... **me sotré**
I: **sotré ... sotré**
- 1695 P: **sotré** com r
I: **sotré**
P: t-r-e
I: t-r-e
P: e que
- 1700 I: **sotré** ... preserve
P: preserve
I: preservar ou me escape me salga é ... tem vários ó / muito cuidado ó muito cuidado não / é importante isso aqui é uma palavrinha só que tem vários ... é tipo **hueno** ... **hueno** de bom
P: hue hue hue
- 1705 I: se a gente coloca **hueno** em alguma dependendo das frases também
P: tem outros significados ?
I: tem vários ... não ... tem os mesmos o mesmo significado mas tudo de **hueno** mas é abrangente há outras palavras de de coisas boas
P: mas e essa aqui ... **sotré**
- 1710 I: **sotré** preserve aqui a palavra literal seria **sotré** so aliás preseve de todo mal ou então pode também el Diós me ... me tire de de todo mal me saque de todo mal
P: hum ... entendi
I: entendeu ?
P: entendi
- 1715 I: pode ser também dessa forma
P: me preserve ou me tire
I: é ... de todo mal ... é isso ... me preserve de todo mal ... me guarde de todo mal ... han ?
P: ótimo
I: aqui é interessante ... aqui vem a palavra **meldar** ... que bien ai ... **que bien melda tu hicho ou tu hichito** ... **ai que bien melda tu hicho ou tu ichito**
- 1720 P: é reza ?
I: sim ... que vem / recita que vem / que que bom que como é bom quando ele ora como é bom quando ele recita que bom que ele estuda não é ? ele ... aqui diz-se assim **que bien melda tu hicho** que bom ele melda que bom ele recita teu filho ... ai ... aí você acrescenta ... pode acrescentar o que você quiser depois dessa ... **vida larga tenga**
- 1725 P: essa dá pra entender
I: (risos)
P: **vida larga**
I: **vida larga {tenga}**
- 1730 P: **{tenga}**
I: **vida larga tenga** ... quer dizer porque uma *mitzvá* que precisa cumprir ... e la *mitzvá* filha ... eu vou lhe dizer eu fiz aqui uma anos aqui e um último agora vai sair um dis outro discurso que eu fiz já o terceiro discurso
[...]
- 1735 I: **el senhor del olan me ... me cumpla mis desseos huenos**
P: hum

- I: **el senhor del olan me cumpla mis desseos huenos** ... quer dizer o senhor ... é Deus do mundo como o nome desse aqui pode ser dessa forma
P: **el senhor {del olan}**
- 1740 I: **{del olan} olan**
P: e e não tem assim ...
I: **me cumpla mis desseos huenos** ... quer dizer me cumpra os meus desejos bons
P: quer dizer que não não não tem essa situação que eu uso el senhor el **Dió** Diós ... é é indiferente
- 1745 I: eu estou colocando aqui de toda a forma que que é usado em hakitia
P: sim
I: de todas as formas que é usado em hakitia
P: tá
I: algumas de muitas palavras que tem somente um uso um significado só ... mas as que tem outras que tem aí eu procuro passar pra você assim de uma maneira que você tenha uma ...
- 1750 P: idéia
I: uma visão uma idéia né boa né ... eu não gosto de de de de fazer as coisas pela metade eu sempre gostei / sempre fui só sempre fui metódico eu fui muito (...) / eu já passei por cada situação assim em empresas grandes de porte grande / sempre me dei bem graças a Deus
- 1755 P: ah mas é ... quando a gente começa bem termina bem
I: termina bem
P: eu imagino né (risos)
I: (risos) é ... **los melachin siempre te acompañen** ... sabe o que é **melachin** ?
P: **melachin** ?
- 1760 I: **melachin**
P: são os os ...
I: os anjos
P: os anjos é ... me é *malach*
I: los an ... los an los ancheles sempre te acompañen que los anjos sempre te acompañen
- 1765 P: **melachin** ?
I: **melachin** ...que nem hebraico
I: é ... hebraico ... se usa se usa a palavra hebraica também em
P: sei
I: eu não sei se ... se se usa anhel ... não me lembro não me lembro mas **melachin** eu tenho certeza me *melech* mela **melachin**
- 1770 P: *malach*
I: *malach malach* ... *melech Israel* rei
I: é ... *melech* é rei
P: é rei
- 1775 I: **la melecina** olha aqui aqui é que vem... **la melecina no te falte para tu refuá shelemá**
P: melesina com s ?
I: melezina com z ... zeta letra z zeta em espanhol
P: mele
I: **{melezina}**
- 1780 P: **{melezina}**
I: nós não não se pronuncia melezi melezina é **melecina** ... como se fosse uma ç
P: ah pronuncia assim mas escreve com z
I: com z ... com z
P: **melecina**
- 1785 I: **la melecina no te falte para tu refuá shelemá**
P: sim que a cura é completa

- I: a cura é ... o remédio não te falte tu remédio o remédio não te falte não te falte tu remédio pra a tua saúde completa ... quer dizer ... isso quer dizer o que ? não importa o dinheiro não importa nada ... tenha condições de comprar o seu remédio ... não lhe falte nada ... o remédio pode ser o remédio um ... um ... um alento um conselho
- 1790 P: hum
I: pra que você sente ... sinta aliviado ... não é só pra tipo de doença por favor não (...)
P: é uma coisa psicológica
I: psicológica também ... entendeu ? é essa parte também ... quando por exemplo eu escrevo
- 1795 uma carta 'mi querido papá no nunca te falte la melecina para tu salud ou pra tu *refuá shelemá* ou para tu salud ou para tu *refuá shelemá* ... quero dizer mi querido papá né mi querido papá sin mas nada a decir usted me despido de ti' ... até aí é espanhol
P: isso
I: (sin mas nada que decir) ou mi querido papá ou mi querida icha ou mi querido hermano me despido de ti e que la **melecina** ... aí já vem hakitia veja bem
- 1800 P: é
I: não é completamente que você ... você não é obrigado falar completamente hakitia você não consegue falar vai ficar louco vai se perder não existe isso ... hakitia é um dialeto não é uma língua ... é difícil é é uma diferença tremenda pra uma pra uma uma uma um idioma de um dialeto
- 1805 P: então vocês consideram um dialeto
I: um dialeto
P: não é uma língua
I: não
- 1810 P: vocês consideram
I: não não não não uma língua ... uns dizem até que já é uma língua ... mas se / eu não vejo língua pra isso ... ela não tem não tem este ... é os ingredientes os ingredientes necessários para que seja uma língua especificamente
P: {o que que}
1815 I: {não tem}
P: o que que o senhor quer dizer esses ingredientes específicos para o senhor ?
I: os artigos os pronomes os nomes etc ... isto que aparece
P: não tem ?
I: só vocábulos ... agora
- 1820 P: quer dizer que a hakitia é feita de vocábulos ?
I: vocábulos
P: eu não en ...
I: é como digo aqui
P: mas não existe então {uma gramática} ?
- 1825 I: {aqui está}... olha sinceramente eu não vejo a ... tem alguns que até falam já em gramática mas não ainda não conseguiram (...) assim definirem como como uma uma uma gramática em hakitia .. não vi ainda
P: o Abraham Bentes aquele que foi {general}
I: {o o o} general ele
- 1830 P: consegui
I: não sei se ele fez
P: ele fez
I: não sei se fez
P: no livro dele
- 1835 I: ele fez ele fez o livro a haki hakitia
P: hakitia é

- I: hakitia ... mas não sei se ele (...) aquele livro
 P: mas ele fez um pouco de gramática
 I: ah sim pouco ah lógico que tem claro lógico ... tem vocábulos
 1840 P: mas ele fez / tem a gramática do espanhol ... o que o senhor acha ?
 I: ó ... é integrado tá aqui ... integrado por vocábulos hebreus espanhóis e árabes ... vocábulos ... não tem mais nada
 P: então na hakitia são vocábulos
 I: são vocábulos
 1845 P: entendi
 I: (...)
 P: mas não seria uma gramática do espanhol já que era ...
 I: não não
 P: não ?
 1850 I: não não não nem nem se fala nisso
 P: não se fala ?
 I: não não não ... se isso foi feito com todo cuidado pra que ninguém cepa
 P: ah
 I: cepa o que vai acontecer o que nós vamos falar entre os judeus (...)
 1855 P: então não tinham interesse de pegar {tudo do espanhol}
 I: {não se} não senhora
 P: entendi
 I: eu não podia de maneira nenhuma (...) se a hakitia tem maldições tem tem bênçãos tem uma série de coisas ... são próprias nossas adquiridas através do hebreu
 1860 P: sim
 I: coisas nossas *chas veshalom* que alguém veja assim muitas coisas assim de maledicenças veja e vai acontecer vai acontecer uma **guezera**
 P: **guezera** é uma ...
 I: uma ... não gosto nem de falar desgraça
 1865 P: desgraça
 I: é ... entendeu ?
 P: quer dizer que então não não usava a gramática do espanhol não
 I: não não não não não não de maneira nenhuma ... não se pode falar isto abertamente para outras e outras pessoas
 1870 P: entendi
 I: entendeu ? isto aí era era próprio para os judeus hispano-marroquinos
 P: que falavam ha hakitia aonde ? em que lugares ?
 I: na Espanha
 P: não ... mas eu digo
 1875 I: Marruecos
 P: mas eu (...)
 I: eles (...)
 P: mas eu digo assim ... é especificamente onde que era falado ?
 I: Marrocos
 1880 P: não ... digo nas casas ?
 I: ah sim
 P: nos lugares
 I: ah os lugares
 P: os lugares específicos de uso da hakitia
 1885 I: em casa
 P: em casa

- I: em casa dentro de casa na rua sem que ninguém saiba o que a gente está falando (...) a gente despista por exemplo
P: é
- 1890 I: uma coisa que você quer dizer pro seu amigo que é judeu também ... então não quer não quer que o outro saiba hum ? porque nós sempre fomos este ... visados
P: perseguidos
I: visados perseguidos visados essas coisas todas ... infelizmente até hoje existe isso
[...]
- 1895 P: mas então assim ... a a hakitia é falada nos lares na rua
I: nos lares na rua mas muito reservadamente
P: muito reservadamente
I: na sinagoga também
P: sinagoga
- 1900 I: se falava ... **esnoga esnoga**
P: **esnoga**
I: (...) casa de amigos ou reunião entre amigos
P: sei
I: e (...) se falava muito isso
- 1905 P: entendi
I: hum
P: e e com os outros judeus que viviam / os marroquinos mesmo os judeus nascidos no Marrocos que língua que se falava ?
I: mas eles já falavam nessa lingua
- 1910 P: eles falavam ?
I: eles falavam
P: mas onde que eles aprendiam se eles eram nascidos no Marrocos e se falava árabe lá ?
I: bom ... eles falavam / eles aprenderam juntos com a gente junto com aqueles que vieram da Espanha que saíram da Espanha na época ...
- 1915 P: 1492
I: em na época do rei Fernando que expulsou os judeus
P: isso após mil
I: não foi ?
P: foi em 1492
- 1920 I: 1492 ?
P: é
I: foi nessa época então quando foram expulsos os judeus da Espanha eles foram para o Marrocos
P: sim
- 1925 I: foi nessa época que eles começaram a falar é hakitia já com mais intensidade
P: então com ...
I: com mais intensidade já com os judeus de Marrocos também porque Marrocos é árabe você sabe
P: sei
- 1930 I: perfeitamente bem que são são árabes e os judeus marroquinos estão lá muitos já nasceram em Marrocos nasceram no Marrocos ... o meu pai já nasceu no Marrocos
P: sei
I: os avós (...) e assim foram indo ... então todos eles falam falam a a hakitia
P: hum ... mesmo nascidos ?
- 1935 I: claro mesmo nascidos claro
P: marroquinos filhos de marroquinos ?

- I: claro filho de marroquinos
P: que não tem nada a ver com a Espanha
I: claro ... o meu pai falava que nasceu nasceu lá ...
- 1940 P: mas seus ...
I: meus avós também falavam que nasceram lá ... a minha avó nasceu em Tânger
P: sei
I: em Tânger ... a a dona Perla Perla Toledano nasceu em Tânger / ela falava hakitia a dona Sultana minha avó mate ou paterna também falava a avó paterna falava a avó materna falava
- 1945 P: quer dizer que os judeus espanhóis e os judeus marroquinos eles falavam hakitia entre eles ?
I: hakitia entre eles
P: entre eles
I: entre eles
- 1950 P: essa era a língua de comunicação entre eles ?
I: de comunicação entre eles muito reservadamente pra evitar às vezes que a perseguição de uns e de outros né
P: mas eles eles sentiam os judeus espanhóis eles sentiam bem com os marroquinos ou existia rixa alguma coisa ? / a convivência era boa porque uns tem uma origem outros tem outra
- 1955 origem ?
I: não não existe língua com origem
P: não ... tipo assim uns são espanhóis vem de outra cultura
I: não não não não não
P: um de cultura árabe
- 1960 I: eles eles eles todos esses judeus que estavam em Marrocos todos todos todos todos com exceção de alguns poucos pouquíssimos eram da Espanha / eram puramente árabes mas esses todos já tem tempo há quantos e quantos anos eles estavam já instalados lá desde mil mil quatrocentos e e 92 né ?
P: os espanhóis ?
- 1965 I: sim os que chegaram ... {os que foram expulsos}
P: {mil quatrocentos} 1492
I: os que foram expulsos / há quanto tempo ?
P: quer dizer que a convivência entre os ...
I: claro já ...
- 1970 P: normal ?
I: normal ... normal
P: não tinha problema ... não porque me disseram que os próprios espanhóis os que vieram da Espanha olhavam pros marroquinos judeus como **forasteros** ... isso ...
I: não era o inverso ?
- 1975 P: não ... eles eles me falaram que eles os espanhóis olhavam / é deveria ser o inverso
I: é
P: mas eles olhavam pros outros como **forasteros**
I: mas esses os que tinham lá antigamente há muitos e muitos anos os que estavam lá ... depois que eles se instalaram formaram a hakitia mais acentuadamente
- 1980 P: quer dizer que / é porque tem tem duas correntes de haki é que dizem pra hakitia que ela foi formada pós-expulsão que ela começou pós-expulsão
I: e antes
P: e tem uma que diz que ela começou
I: antes
- 1985 P: antes
I: antes

- P: o que o senhor considera
 I: antes
 P: como a hakitia ? é que veio pós-expulsão ou já existia antes ?
 1990 I: não não era bem bem fundada ela ... não era bem elaborada não era bem este ... preparada
 P: antes ... antes da expulsão ?
 I: não ... antes da expulsão ela não era bem preparada
 P: então ...
 I: ela veio se constituir já um verdadeiro dialeto formal depois que eles eles se instalaram em
 1995 Marrocos
 P: então o senhor considera mais a versão pós-expulsão ?
 I: exatamente
 P: tá ... porque há controvérsias
 I: é ... eu sei que há controvérsias mas o mais certo é este
 2000 P: é pós-expulsão
 I: pós-expulsão
 I: (...) quer ver uma coisa eu vou dizer porque ... e porque está encetado
 P: encetado o que que é ?
 I: encetado (...) (risos)
 2005 P: encetado
 I: porque está encetado encetado encaixado pronto
 P: sim encaixado
 I: claro
 P: porque que tá encaixado o árabe ?
 2010 I: sim porque que o árabe (...) ?
 P: porque eles mudaram de região e naturalmente eles sofrem o árabe ... mas já existia árabe né na Península Ibérica
 I: Peninsula Ibérica
 P: então eles trouxeram o árabe de lá
 2015 I: sim ... trouxeram o árabe de lá mas não era bem o árabe bem bem falado podemos dizer bem é ... constituído bem refinado
 P: sei
 I: ele veio ficar já definitivamente às vezes até com raízes ... porque todo todo este veio pela raiz a gente vem falando ... só que depois de você segurar a raiz da palavra ela se transforma
 2020 em outra não sei se você já notou isso
 P: me dá ...
 I: em hakitia
 P: me dá um exemplo
 I: vou te dar um exemplo por exemplo ... é ... ah peraí deixa eu ... deixa eu ver como ... a
 2025 palavra por exemplo ... vamos com uma palavra assim de surra ... **trecha** ... aí que que eu vou fazer a palavra surra é **trecha** ... vamos u usar isso **trecha**
 P: **trecha** é
 I: **trecha trecha** é surra ... su uma palavra ... surra uma surra **trecha**
 P: surda ?
 2030 I: su surra surra castigo
 P: (...)
 I: **trecha trecha**
 P: surra de português surra
 I: vamos vamos ...eu quero pegar o verbo ... **trecha**
 2035 P: **trecha**
 I: **trecha** ... o verbo

- P: é surra ... surra de apanhar
 I: é ... surra de apanhar
 I: vou pegar um verbo
 2040 P: pegar um que ?
 I: verbo verbo verbo
 P: ah um verbo ... sim
 I: **trecha** ... então o quê que eu vou fazer ? vou **trechar**
 P: sim
 2045 I: então o que que eu vou ... a palavra é **trecha** surra
 P: sim
 I: mas eu quero **trechar** ... **chalampa** ... eu quero {**chalampear**}
 P: {**chalampear**} **chalampear**
 I: quer dizer já mudou ... a raiz o que é a raiz ? **chalampa**
 2050 P: sim
 I: mas eu já transformei em **chalampear**
 P: quer dizer de uma palavra já criou um verbo
 I: já criei um verbo ... eu **chalampo** tu **chalampas** ele **chalampa** nós **chalampamos**
 P: mas isso é ... isso ...
 2055 I: podemos dizer assim né ... isso já seria uma gramática já seria o verbo conjugado a conjugação de um verbo
 P: mas no português ... aí o senhor já tá
 I: como português ?
 P: nós **chalampamos** ?
 2060 I: io **chalampo** tu **chalampas**
 P: ah tá ... espanhol então
 I: espanhol
 P: tá
 I: né então eu posso transformar em em ...
 2065 P: sim
 I: a palavra **chalampa**
 P: sim
 I: **chalampar**
 P: então ...
 2070 I: o qual qual é a raiz **chalampa** ? nada mais ela só trouxe **chalampa** ... ela não te trouxe mais nada porque tu transformaste ela ? quem te autorizou a transformar ?
 P: quem autorizou ?
 I: sim ... quem autorizou ?
 P: a necessidade
 2075 I: só a gramática
 P: a necessidade
 I: só a gramática ... eu refiro à gramática
 P: mas aí já é uma adaptação da língua
 I: ah ... pois é por isso que eu digo a raiz é essa ... todo tempo a raiz era essa ... **trecha trechar**
 2080 **trecha trecha** é (...)
 P: mas aí eu tô colocando a gramática do espanhol porque tá tá ...
 I: porque eu em árabe eu não sei como é que eles fariam ... eu vou **trechar** fulano eu não sei como é que seria transformar a palavra **trecha** veja bem ... ou a palavra **chalampa** eu não sei como seria em árabe ... só sei dizer que **chalampa** é roubar ... **trecha** é apanhar
 2085 P: quer dizer que então tão usando a gramática do espanhol **chalampear** tu **chalampas**
 I: ah transformou mas a raiz de onde vem ? do árabe

- P: quer dizer que o cha o o **chalampa** a palavra é árabe {**chalampa**}?
 I: {**chalampa**} **chalampear** é
 P: a palavra é árabe ?
 2090 I: porque em em hebraico é é *ganav*
 P: *ganav*
 I: *ganav*
 P: *gonev*
 I: sim é ... é *ganav*
 2095 P: então a **chalampa** é de árabe ?
 I: árabe
 P: então pelo que eu tô entendendo a gramática que tá usando é do ... espanhol
 I: espanhol
 P: mas {a hakitia não vem} ...
 2100 I: {porque} porque
 I: é espanhola ? porque ele espanholiza ... vamos vamos usar essa palavra ... porque que ele espanholiza ? porque ele tem necessidade de conversar por isso que a a a a
 P: hakitia
 I: a hakitia é conversar
 2105 P: hakitia ah ...
 I: não sei se você tá me entendendo aonde eu quero chegar (por isso ela é conversar)
 P: porque a a hakitia basicamente é é conversa
 I: conversa conversa mais nada
 P: é conversa
 2110 I: conversar
 P: {**hakitiar** é}
 I: {charlar} charlar charlar **hakitiar**
 P: é conversar
 I: já ... já transformado para o espanhol espanholado ... **rakitiar** ou **chakitiar rakitiar** e / ou
 2115 **chakitiar**
 P: quer dizer que no hakitia são vo na hakitia são vocábulos / agora os verbos foram usados {a adaptando para o espanhol}
 I: {adaptando para o espanhol} para o espanhol
 P: não existe verbo pra
 2120 I: muito bem ... é
 P: pra hakitia ... só vocábulos
 I: é ...gostei da sua inteligência .. é isso
 P: entendi
 I: você entendeu ? ... ela é linda ... só que se perdeu tá perdido
 2125 P: não ... nada tá perdido / olha o pesquisador aí / nada tá perdido
 I: vamos vamos ver o que que a gente pode fazer
 P: tá ... mas assim então assim o o senhor me fala assim é a hakitia então a explicação do nome hakitia é porque ? / repete / o senhor tinha me dito antes por causa de **Izaquito** ... mas fala novamente por favor
 2130 I: **haquito** ha **haquito** por exemplo pode vir de **haquito** tudo de aqui ito ito ito (...) vem da **hakitia**
 P: sei
 I: **hakitito jacobito** haki é ... **hakito** né
 P: tudo que tem som de ito no final é hakitia ?
 2135 I: tem esse ... isso eles dão a definição ... mas não tão bem satisfaz a expectativa

- P: sei mas aí ... mas assim ... qual a origem da do nome hakitia da hakitia o que qual a explicação mais assim ...
- I: perai ... deixa eu ... deixa eu ...
- P: mais interessante pra ... da onde veio esse nome hakitia ?
- 2140 I: dialeto judeu hispano-marroquino e integrado (...) quer dizer algumas palavras (...) esse dialeto ainda é falado por alguns judeus marroquinos e seus descendentes que em (...) ... bom ... essa hakitia tem o significado como conversar
- P: sim
- I: tem o significado como ... tem um outro aí eu não estou bem lembrado mas eu ... se você
- 2145 me der um tempo
- P: sim
- I: eu vou encontrar isto em alguma algum ...algum livro eu não sei se eu tenho em casa esse ...
- P: o senhor tem algum livro que o senhor tem hakitia ?
- [...]
- 2150 I: mas é coisa bonita isto aqui ... tem alguma coisa é conversar é ... averiguar parece se eu não me engano averiguar palavra averiguar
- P: o hakitia vem dessa palavra ?
- I: averiguar ... averiguação ... in interseção ... uma coisa assim
- P: tá ... e e aquela aquela versão do do Bentes que vem de **Isaquito** ... isso procede ?
- 2155 I: isso isso procede também procede sim procede
- P: tá
- I: procede porque eu já vi não sei aonde também eu vi isso ... não sei aonde que eu vi isso também ... pois meu nome é é Hernan
- P: Hernan
- 2160 I: sabe como me chamavam meus pais ? **Nanguito**
- P: como ?
- I: **Nanguito**
- P: **Nanguito**
- I: **Nanguito**
- 2165 P: é nome ?
- I: nome
- P: nome próprio ?
- I: nome ... transformado ... {carinhosamente}
- P: {ah} chamavam o senhor ?
- 2170 I: carinhosamente {**Nanguito**}
- P: {**Nanguito**}
- I: como fosse em hakitia também
- P: Jacozinho
- I: é
- 2175 P: uma coisa assim
- I: é ... **Nanguito**
- P: Hernan ... **Nanguito**
- I: Hernan **Nanguito**
- P: é carinhoso
- 2180 I: carinhoso
- P: **Nanguito**
- I: carinhoso ... **Nanguito**
- P: entendi ... eu ainda quero que o senhor me dê um histórico assim breve da formação da comunidade ... aqui de Belém ... o senhor saberia me dar uma informação ? quem ...
- 2185 I: como assim ? em que sentido ?

- P: como se formou a comunidade de Belém ?
 I: não aí
 P: não ?
 I: não
- 2190 P: com quem que / os primeiros judeus / ah ... é ... os primeiros ...
 I: não ... eu já lhe dei aqui só um pe uma coi (pessoal) eles vieram atrás de da borracha né quando eles chegaram aqui
 P: sei ... em que ano ?
 I: isso é que não sei
- 2195 P: não
 I: isso eu tenho que pesquisar né ... eu vou ter que ver
 [...]
 I: deixa eu terminar então isso aqui que ...
 P: tá
- 2200 I: aí vamos vamos já
 P: a fita já tá quase acabando e aí vou ter que mudar de lado ... han ... as rezas eram feitas em hebraico naquele ...
 I: han?
 P: as pessoas que falavam hakitia rezavam
- 2205 I: ah só hebraico
 P: só hebraico
 I: só hebraico
 P: rezavam em hebraico
 I: só hebraico
- 2210 P: e liam os caracteres ... quando elas liam hebraico
 I: han
 P: era hebraico mesmo ?
 I: hebraico mesmo
 P: os caracteres hebraicos mesmo?
- 2215 I: hebraicos ... quando saiam pra falar ... já conversar era outra coisa
 P: mas liam hebraico ?
 I: liam hebraico
 P: sei
 I: liam bem ... e muito bem por sinal
- 2220 P: mas a a os os
 I: e muito bem por sinal
 P: os os homens eles iam pra escola fora da comunidade ou não ?
 I: aonde aqui ?
 P: no Marrocos
- 2225 I: ah em Marrocos sim
 P: iam estudar fora
 I: iam estudar iam
 P: os homens ... e as mulheres ?
 I: bom ... as mulheres tinham os costumes delas ... ficavam em casa e tudo isso mas sabiam
- 2230 conheciam ... a mãe tinha obrigação de passar pra filha tudo
 P: mas elas não estudavam fora não ? as mulheres
 I: não não as eram mais as as
 P: caseiras ?
 I: as mais as ... bom ... caseiras justamente elas eram mais para para donas de casa
- 2235 P: os homens então estudavam fora ... as mulheres ...

- I: é ... as mulheres
P: poderiam
I: as mulheres não ... as mulheres não ... as mulheres são desobrigadas também né
P: sim
- 2240 I: as mulheres são desobrigadas
P: e os judeus no Marrocos eles escreviam ?
I: muito bem
P: escreviam muito bem ?
I: muito bem
- 2245 P: esses que vieram da Espanha escreviam falavam ...
I: escreviam falavam muito bem
P: o espanhol ?
I: espanhol ... espanhol era árabe espanhol hebraico eles falavam
P: escreviam e falavam
- 2250 I: escreviam e falavam
P: e as mulheres as ?
I: as mulheres também
P: escreviam ?
I: escreviam e falavam ... e e como elas faziam ... ah que bom ... que coisa linda
- 2255 P: quer dizer que ...
I: escreviam muito bem por sinal
P: as mulheres ?
I: é ... ah como eu dizia minha avó escrevia lá
P: é que nos tempos antigos a mulher / e eram poucos alfabetizados e estudados
- 2260 I: é mas escreviam
P: tá
I: escreviam ... escreviam não era uma letra (...) não
P: mas escreviam ?
I: não não era essa letra como a minha
- 2265 P: e as profissões dos judeus marroquinos ? a desses judeus que vieram ...
I: eram mais ourives ... eram
P: que vieram da Espanha ?
I: eram mais ourives comerciantes eram este ... é ... é artesãos
P: esses que vieram da Espanha ?
- 2270 I: Espanha
P: e os que vieram pra cá pra ... pra Belém ?
I: mais comerciantes
P: comerciantes
I: comerciantes ... é ... han ... vamos lá ... aqui já está ... **el Diós te acuda quando lo iames**
- 2275 P: el Di
I: quando chames el ... o Deus el Diós olha aquí espanhol aquí ... **el Diós te acuda quando le iames**
P: quando lhe
I: le iames ... le iames
- 2280 P: iames ...
I: iames
P: chamar
I: iames ... chamar
P: {é ia com i} ? com i ?
- 2285 I: {chamar}

- I: ya com y
P: y {yames}
I: {yames}
P: nao u usa l ...
- 2290 I: se usa muito ... em hakitia se usa se com se usa com
P: com y
I: i greca
P: i greca y
I: i greca
- 2295 P: yames
I: yames yames yames
P: yames
I: chamar chamar chamar ... **desquito del mar seas** ... desfeito do mar seja ... é uma outra frase ... **onde pongas la mano haies provecho**
- 2300 P: le pongas la mano ...
I: **la mano haies provecho**... encontres proveito ... tenhas proveito ... encontres proveito
tenhas proveito
P: sim
I: né ? ... **papá hechame la berachá**
- 2305 P: ah
I: quando eu saía quan quando saía de casa ... **papá hechame la berachá**
P: eu tenho uma ...
I: **para que clarée mi mazál** ... (risos)
P: me dá uma benção assim ?
- 2310 I: sim ... veja bem o significado eu vou lhe dizer ... **papá hechame la berachá para que clarée mi mazál** ... tira ... alcança a a benção dando dando a sua benção coloque uma ben benção para que o meu o meu **mazál** seja cheio de luzes cheio de é ... florescimento ... floresça ... é ... coisas lindas tenha ... uma sorte boa ... é isso ... **mazál** sorte
P: sorte
- 2315 I: é ... isso era muito bom também
P: eu
I: eu não tô dando uma de santo aqui eu não quero / é como eu disse eu sou inimigo disso ... essa aqui né **papá hechame la berachá para que aclarée mi mazál** não é ? **la berachá del rabino en la esnoga me abre caminos de shalom** ... entendeu ?
- 2320 P: la bera ... entendi
I: **la berachá del rabino en la esnoga me abre caminos de shalom**
P: me traga paz ... né ?
I: exatamente
P: a benção do rabino me traga paz
- 2325 I: traga paz ... isso aí ... bom ... **trecha de tu madre**
P: é surra
I: **trecha**
P: surra
I: **de tu madre** te cam é te cambió la vida ... **trecha de tu madre te cambiô la vida** ... toda
- 2330 vez que uma mãe (se rinhe ou rinhe né rinhe)
P: (brigar) ?
I: rinhe é ... como chama ?
P: para mim tem rinha de galo
I: não sei ... se aborrece
- 2335 P: sim

- I: por alguma coisa
P: sim
I: com o filho né ... a tendência é que o filho melhore de situação
P: entendi
2340 I: por isso que diz aqui ... **trecha de tu madre te cambiô la vida** ... porque cambia la vida te cambiô la vida
P: entendi ... a a a uma su uma surra
I: uma surra pode cambiar pode cambiar a vida pode ...
P: mudou
2345 I: exatamente ... muda ou cambia ou ou pode (ser) ou ter ou ter outro outro destino também ... isso é o sentido ... entendeu ? sempre uma surra é bom
P: é
I: essa é muito usada porque isso (...)
P: essa da surra é muito usada ? marca ela pra mim por favor
2350 I: **trecha**
P: essa aqui ?
I: essa aqui ... **trecha**
P: muito usada
I: muito usada entre os antigos ... entre os antigos é muito usada
2355 P: tá
I: né os pais (...) ... **se nos olviden las guezerot nunca mas ... se nos olviden**
P: esquecer ?
I: **las guezerot** ... que o mal nos esqueça que o mal que seja que nos esqueçam que o mal o mal não passe por
2360 P: por aqui
I: por pela gente
P: sim
I: que não não segure na gente ... é como (...) nem nada que passe direto
P: hum
2365 I: nunca mais nunca mais ... porque veja bem o que acontece com a gente sempre continuamente isso nunca vai deixar de existir eu acredito que sim ... sempre nós sofremos um problema
P: ah claro todo ser humano
I: mas os judeus são demais
2370 P: sofrer muito ?
I: (...) inquisição
P: nazismo
I: já passamos ... nazismo (...)
P: (...)
2375 I: pois é a mesma pessoa ... eu já sofri ... por isso por isso que eu digo aqui diz nunca mais
P: então repete a
I: nunca mais ... **se nos olviden las guezerot**
P: ah ... que se esqueçam as desgraças
I: esqueçam ... as desgraças se esqueçam da gente não venha porque
2380 P: deixem o judeu ... o judeu ele é sempre perseguido
I: sempre é perseguido (...) vaia ...vaia se daqui
P: no Marrocos os judeus eram perseguidos ?
I: Marrocos ?
P: é
2385 I: não ... não sei

- P: não ?
 I: não sei ... porque eu não ... (eu não ainda não) morei lá
 P: ah ... o senhor não tem idéia ?
 I: não ... não tenho assim ... não ... idéia tenho ... eu acho que não ... não houve não
 2390 P: perseguição ?
 I: perseguição
 P: porque eu ouvi dizer ...
 I: acho que não
 P: porque os judeus que vieram pra cá ...
 2395 I: eles eram muito queridos inclusive lá ... o rei o rei Hassan puxa
 P: gostava muito dos judeus
 I: gostava muito dos judeus lá
 P: mas porque que os judeus vieram pra cá pra Belém ... pra Amazônia ?
 I: ah eles (vieram mais) porque coitados lá eles viviam na pobreza muitos viviam assim ... não
 2400 tinham assim este é ... é uma vida boa uma vida condigna né podemos dizer assim
 P: mas esses que vieram pra cá são os da origem ...
 I: eram mais este ... hein ?
 P: esses que marroquinos que vieram pra cá são só da origem espanhola ou também os marroquinos nascidos no Marrocos também vieram ?
 2405 I: nascidos no Marrocos também
 P: todos ?
 I: a maior parte nascidos em Marrocos
 P: em Marrocos
 I: em Marrocos ... não teve nenhum parece que aqui nenhum que ... não não ... todos eram nascidos no Marrocos
 2410 P: quer dizer que independente de ter origem espanhola ...
 I: independente
 P: ou ou não ?
 I: todos eles já já não era já não tinham mais este ... nada
 2415 P: essa divisão
 I: já tinham já ... não já tinham morrido ... quando eles chegaram aqui já chegaram em mil e oito
 P: já eram marroquinos nascidos no Marrocos
 I: e oitocentos ... já no final do século do século 19 né
 2420 P: ah sim
 I: tá entendendo ? já não ...
 P: do ciclo da borracha né ?
 I: da borracha exato ... já e já não eram mais
 P: já era marroquino mesmo
 2425 I: já era marroquino (...) é ... bom ... **que Diós reciba nuestras tefilot e las mitzvot con chaim tovim a nosotros e a todos los hichos de Israel**
 P: ah essa é fácil ... essa é fácil
 I: tá ?
 P: essa eu tenho certeza ... se for
 2430 I: tá ? ... **achlás a hueno está** ... basta
 P: **achlás** ?
 I: **achlás ... achlás**
 P: **achlás**
 I: **a hueno está**
 2435 P: a bueno está

- I: **a hueno está**
 P: o que significa ?
 I: significa o seguinte... quando alguém está chateado alguém está meio meio incomodando também né ? aí você diz ... basta ... tá tudo bem ... basta tá tudo bem
- 2440 P: ah ... pra cortar a conversa por exemplo ?
 I: é ... **achlás** tá tudo bem
 P: **achlás** parece árabe
 I: tá tudo bem ... é isso ... ach **achlás**
 P: **achlás**
- 2445 I: porque aí é o seguinte às vezes os outros tão aqui discutindo brigando tal ai eu chego assim ... **achlás** ... tá tudo bem ou então ... é ... **achlás a hueno está** ... **achlás**
 P: **achlás** é basta ?
 I: **achlás** basta é basta basta basta ... **achlás a hueno está**
 P: **a hueno está**
- 2450 I: **a hueno está**
 P: como se (...)
 I: é separação
 P: separação
 I: (...) tudo está bem ... **a hueno está a hueno está** ... **para que para que este guet** ? quando a
- 2455 gente ...
 P: para que ... para que
 I: petulante petulante cheio de coisas de não sei o que (...) que isso ? **achlás** ... que isso ? não (...)
 P: para que este ?
- 2460 I: para que este ... para que este **amaiót** ? aliás ... não ... **para que este guet** ?
 P: **guet** ... com g ?
 I: com g {**guet**}
 P: {**guet**} **guet** quer dizer ...
 I: **guet guet** orgulho
- 2465 P: orgulho
 I: orgulho ... para que este orgulho
 P: para que este
 I: para que este orgulho
 P: pra tudo tem uma uma expressão ou várias né ?
- 2470 I: é
 P: pra tudo tem
 I: é ...pra tudo tem ... **pra que esse guet** ?
 P: não precisa da gramática mas se comunica em todos sentidos não é ?
 I: todos os sentidos exatamente ... é olha aqui ... **para que este guet** ? porque tem muitas
- 2475 pessoas que são orgulhosas sem necessidade
 P: sim
 I: nós principalmente ... tem uma uma boa quantidade que de nós não é bem característica nossa
 P: o senhor tá falando dos marroquinos ?
- 2480 I: marroquinos
 P: que é orgulhoso ?
 I: não ... marroquinos e outros mas e e pode ser até este ... *sefaradi ashkenazim* o que for ... ou pode ser também *gói* ...
 P: entendi
- 2485 I: qualquer pessoa ... orgulhosa ... qualquer pessoa ... sempre tem muita gente orgulhosa

- P: claro
 I: né tem demais ... vaidosos também ... aqui vem a pessoa vaidosa ... aqui também tem ...
para que este amaiót ?
 P: **este amaiót ?**
- 2490 I: **amaiót**
 P: este ama **amaiót**
 I: **amaiót** exagero
 P: **amaiót** é exagero ?
 I: exagero exagero exagero vaidade tal ... ah ... exagerado demais
- 2495 P: essa palavra parece hebraica
 I: **amaiót** é ...
 P: eu não conheço ela mas é pela ...
 I: pela pronúncia **amaiót** ... **guet** ... **guet** me parece que é árabe
 P: **guet**
- 2500 I: **guet** me parece que é árabe **guet** ... agora ... **endiamantado a** ... aqui é que é gozado essa aqui / essa foi transformada por mim
 P: transformada ?
 I: essa aqui é minha
 P: sua pessoal ?
- 2505 I: pessoal é
 P: o senhor deixa eu anotar aqui ... pessoal
 I: pessoal
 P: o senhor que fez ?
 I: é
- 2510 P: tá ... **endiamantado**
 I: **endiamantado la sachorá tiene su cuerpo**
 P: **endiamantado {la sachorá}**
 I: **{la sachorá} tiene su cuerpo**
 P: **endiamantado** é uma coisa boa
- 2515 I: boa
 P: diamante
 I: diamante ... atraente ... {atraente}
 P: {atraente}
 I: é ... **endiamantado** ... bonita ... **endiamantado** ... bonita também
- 2520 P: bonita
 I: exaltado também ... bonita
 P: mas a **sachorá** é a {*shachorá*}?
 I: {*shachorá*} é negra
 P: é negra mesmo ?
- 2525 I: negra ... tiene su cuerpo
 P: ah
 I: o corpo ... porque a negra sempre tem um corpo bonito
 P: não sei
 I: é difícil ...
- 2530 P: (risos) ... não sei ... (risos)
 I: mas eu já ouvi também essa palavra **endiamantado** é muito usada né
 P: é o rabino usou ... muito usada né ?
 I: muito usada essa aqui **endiamantado**
 P: o rabino usou na ... é
- 2535 I: palavra **sachorá** também

P: **sachorá**

I: **sachorá** também

P: mas **sachorá** é uma palavra normal ?

I: normal

2540 P: normal ... muito usada né ?

I: é muito usada

P: deixa eu marcar aqui

I: claro que ela é usada

P: muito usada

2545 I: usada

P: é realmente ... eu eu porque tava distraída não tinha percebido o que eles fala ...

I: olha minha filha ... com minha pouca colaboração

P: muita colaboração ...

I: eu acho que eu ...

2550 P: porque é é muito material ... a gente pega um pouco aqui um pouco ali

I: o que eu pude

P: e então nós

I: o que eu pude lhe ajudar eu com muita propriedade com muita satisfação eu estou fazendo isso ... com muita honra

2555 P: agora é eu agra é ... oficialmente nós estamos acabando a entrevista ...

Transcrição de gravação realizada em Belém no dia 22/08/05
 Informante 4: M. S. I., sexo F, 66 anos, zona urbana, 2º grau
 Pesquisadora: C. S.

- P: nome é Messody ?
 I: Messody M-e dois s
 P: d-i né ?
 I: d y
 5 P: ah é y ... aqui é tudo é y né ?
 I: (risos)
 P: Messsody
 I: Serruya
 P: Serruya com y não é ?
 10 I: também dois rr
 P: dois r u-y-a
 I: Israel
 P: é ... pessoas presentes ... Sigalit ... (risos)
 S: (risos)
 15 P: nora
 P: o Local de nascimento da senhora ?
 I: Belém
 P: Belém
 S: (...)
 20 P: idade
 I: 66
 P: profissão ?
 S: do lar
 P: do lar ... (risos)
 25 P: grau de escolaridade ?
 I: segundo grau
 P: bom ... agora nos nós vamos vamos falar dos pais ... a sua mãe onde ela nasceu ?
 I: em Belém
 P: Belém ... então a a língua dela de alfabetização foi português ?
 30 I: português
 P: e a língua falada no lar ?
 I: português
 P: português
 P: o pai onde ele nasceu ?
 35 I: Casablanca
 P: Casablanca
 P: e qual a língua que ele foi é ... alfabetizado ?
 I: olha eu não sei lhe dizer só sei que ele falava francês e até o fim da vida dele quando
 descrevia as coisas era tudo meio espanhol
 40 P: hum
 I: por causa do português ... calçón ... televisón ... onibús ... ele não dizia ônibus
 P: ele escrevia e falava ?
 I: falava assim
 P: ah sei ... e e a língua falada na casa do seu pai ?
 45 I: portu ah a
 P: do seu pai ?

- I: ah português
 S: mas no Marrocos ?
 I: no Marrocos ?
- 50 P: não o seu pai nasceu em Casablanca
 I: sim
 P: não é ? e a língua que ele foi criado alfabetizado a senhora não sabe ?
 I: não
 P: acha que ele falava francês e escrevia meio es
- 55 I: é quando veio pro Brasil português que ele escrevia já era assim né
 P: então assim ... a é ... ele falava em Casablanca em que língua ?
 I: eu acho que ele falava francês
 P: e aqui ?
 I: português né
- 60 P: português aqui ... bom ... agora eu vou falar dos avós é ... do lado da é ... o seu os avós do lado materno é ... a sua avó ela nasceu aonde ?
 S: a mãe da sua mãe
 P: a avó a avó materna
 I: é é parae brasileira
- 65 S: ela é brasileira ?
 I: é
 P: Belém ?
 I: é
 S: (...)
- 70 I: é
 P: então a língua materna a língua de al ...
 I: é
 P: de alfabetização é português
 I: agora o meu avô eu não sei onde ele nasceu (...)
- 75 P: {e a língua falada no lar ?}
 S: {não}
 P: português
 I: eles falavam português é
 P: bom ... agora o avô do lado da mãe
- 80 S: do pai
 P: é perai eu falei é o avô o avô do lado da mãe da mãe tá certo
 S: é então
 P: da mãe ... não sabe ?
 S: não
- 85 I: eu não sei
 P: não sabe nada
 I: não
 P: (...) ... bom ... é agora dos avós paternos ... a avó é do lado do pai onde ela nasceu ?
 I: eu acho que em Tânger né
- 90 P: Tânger
 I: vieram todos de lá
 S: hum
 P: então a língua que foi alfabetizada lá avó ?
 I: eu acho que a língua que o meu pai falava né francês a língua do lo do local né
- 95 S: é
 I: porque quando eu já era entendidinha eu já só conhecia a vovó viva a mãe do papai

- S: é ... a senhora não conheceu o pai do seu pai ?
 I: não ... já não existia
 P: então assim então a mãe do seu pai a senhora é ... diz que ela talvez ela falasse francês
 100 I: lá ... aqui ela falava português
 S: o e tipo espanhol igual seu pai ?
 I: sim era porque todos eles vieram de lá e depois que buscaram trouxeram os pais né
 S: sim mas todos falavam primeiro espanhol
 P: então aqui então é é vou a sua avo do lado paterno nasceu em Tânger a língua que ela devia
 105 falar é um francês no Marrocos e no português e português no Brasil
 I: é
 P: mas ela foi educada talvez no francês ?
 I: é ... acredito né
 P: talvez
 110 P: e a língua falada no lar na casa da sua avó do do da sua avó do lado paterno ?
 I: sim ... lá você diz ?
 P: lá e aqui
 I: ah lá era francês aqui quando eu conheci na casa do tio Davi quando eu vim de Manaus
 falava todo mundo português né
 115 S: mas aquele português tipo um espanhol
 I: só ela falava o português como papai papai falava o português
 S: tipo espanhol
 I: tinha palavras que ele dizia direito mas tudo que tinha por exemplo como eu disse onibus
 calção tinha certas coisas que ele não ... dizia direito
 120 P: então ela ela falava tipo espanhol
 I: é português com certas palavras
 S: tipo espanhol calçon
 I: é
 P: palavras espanholas
 125 P: agora é ... o avô do lado do pai do lado do pai o avô do lado paterno
 I: eu não conheci
 P: não conheceu
 I: pra ser sincera da minha irmã da minha mãe também não conheci que a minha mãe só casou
 depois que ele morreu quer dizer que eu nasci muito depois
 130 S: hummmm
 P: agora comente sobre a origem de sua família me conte me faça um resumo assim da sua
 família quando veio pro Brasil
 I: eu não sei não
 P: não sabe ?
 135 I: papai casou muito depois né
 S: é mas o Mossy não tem lá o ?
 I: o Mossy deve saber
 S: tem lá um negócio ...
 I: é que eu disse quem se interessava muito por isso é Mossy
 140 S: é tinha que trazer os documentos de lá de baixo daqui a pouco eu vou lá pegar
 P: mas ... eu chego ... então a senhora ... mas sobre a origem da sua família a senhora
 poderia contar alguma coisa ?
 I: como por exemplo ?
 P: ah quando eles vieram aqui ... é porque vieram...
 145 I: ah vieram de lá porque lá estava ruim
 P: do Marrocos

- I: é ... veio um irmão mais velho como nós já lhe contamos ai foi / arrumou trabalho aqui já a / chamou o outro irmão assim foi vindo um por um
- P: irmão de quem ? peraí
- 150 I: do meu pai eram muito irmãos
- P: ah peraí primeiro veio o irmão do pai
- I: o mais velho
- P: primeiro veio
- I: é
- 155 P: quem veio primeiro pro Brasil foi ...
- I: foi o mais velho
- P: irmão do seu pai ?
- I: é
- P: então peraí deixa eu (...) ... então o irmão do pai veio primeiro
- 160 I: primeiro ... depois foi chamando os irmãos um a um
- P: primeiro e depois foi chamando os outros irmãos
- I: é ... no fim trouxeram os pais que você viu que era / até o Mossy contou que tava em Cameté e o pessoal jogando bola e gol gol gol o meu avô veio fechou a janela
- P: ah
- 165 I: vocês vo ...
- P: mas é é quando chegaram aqui chegaram em Belém ?
- I: não
- P: já foram pro interior ?
- I: interior
- 170 P: então a sua família esse pessoal o seu o irmão do seu pai ele veio pro interior ?
- I: não ... ele veio pra cá pra Belém mas todos que chegavam
- P: hum
- I: já iam tudo pra lá parece que lá que era a fonte
- P: então é de Belém foi pra Cameté
- 175 I: é
- P: lembra exatamente ? ... e ai os outros parentes que vieram chegaram em Belém
- I: eles moraram lá um tempo
- P: mas ai chegaram em Belém e foram pra Cameté ?
- I: acho que sim não sei
- 180 P: tá ... é a senhora a senhora sempre morou aqui em Belém ?
- I: não ... eu nasci aqui passei 11 anos em Manaus
- P: ah só um minutinho ... morou 11 anos em Manaus
- I: e voltei pra cá
- P: bom ... educação a senhora já me disse segundo grau né ?
- 185 P: é ... em português né ?
- I: é
- P: a senhora conhece os caracteres *RASHI* ? ... não ... a senhora se comunica com alguém em *hakitia* ?
- I: em casa né
- 190 P: em casa com a família ?
- I: é
- P: só com a família ?
- I: só
- S: com a **sachená** também porque ela já entende ... (risos)
- 195 P: han ?
- S: com a **sachená** também porque ela já entende ... (risos)

- P: ah a **sachená** entende
 S: é ... (risos)
 I: já entende
 200 P: é a ...
 S: na verdade ela sabe ... (risos)
 P: pode colocar ?
 I: pode
 P: (...)
 205 S: é ... (risos)
 P: ela então ... mas aprende né ?
 S: é lógico
 I: aprende com a família
 S: (risos) ... com a convivência
 210 P: você tá ouvindo todo dia falando falando falando não tem mais não tem mais nada de escondido né
 S: não
 I: não
 S: não ... (risos)
 215 P: que outras línguas a senhora a senhora fala escreve lê ?
 I: só português
 P: só português ... bom ... então e qual a língua que a senhora tem maior facilidade de falar ?
 I: é o português
 P: português
 220 P: qual a língua que a senhora utilizou pra pra comunicar-se com a avó materna ... a materna a senhora conheceu né ?
 I: não ... só a paterna
 P: deixa eu ver aqui uma coisa ... a avó paterna ... (...) ah tá ... isso ... então com a só com a avó paterna que a senhora conversava
 225 I: é português
 P: português ... avó paterna é português ... com a avó materna não ... com a sua mãe ?
 I: português
 P: português ... com os irmãos ?
 I: não tenho irmãos
 230 P: não? a senhora não tem irmãos ?
 I: {sou filha única}
 P: {filha única ?} ... olha que porque ... é curioso ... (risos) ... porque geralmente as famílias são numerosas não é ?
 I: é ... mas eu sou filha única
 235 P: filha única ... é ... tias e tios ?
 I: tenho muitos
 P: mas em que língua que ?
 I: ah português
 P: tudo português ? ... com o marido ?
 240 I: português
 P: com os filhos ?
 I: português
 P: com os outros parentes ?
 I: tudo a mesma língua
 245 P: tudo ... tudo português
 P: os netos também conseqüentemente ...

P: com o rabino também ? então com todo mundo em português né ? ... com que outra pessoa a senhora o que a senhora sabe de hakitia com que outra pessoa a senhora poderia falar o hakitia o que a senhora sabe ?

250 I: eu eu falo hakitia no esporte é ... **sachená** ... **chalampeou**

P: **chalampeou**

S: com as suas amigas olha ela fala com as suas amigas

I: é ... com a *Miri Am*

S: com a *Miri Am* exatamente ela fala com pessoas

255 I: minha prima

S: as pessoas da idade dela

I: as que são amigas

S: que são amigas íntimas

I: juntas que a gente às vezes uma fala com a outra

260 S: com as primas dela

I: empregando as palavras né

S: empregando as palavras que a que todas conhecem

P: conhecem ... porque no fundo é o que eu cheguei a conclusão é que hakitia são vocábulos

S: isso

265 P: não são ...

I: frases

P: é ... não ... tem frases ...

I: sim

P: mas é uma mescla

270 I: é

S: isso

P: é uma mescla

S: isso ... exatamente

P: e às vezes as pessoas misturam português com

275 I: é

P: hakitia ...

I: é é

P: depende de quem fala ... a senhora conhece em hakitia / aquele dia eu onde eu pesquisei / diz aqui baladas eu não conheço pessoalmente eu até quero saber o que são as baladas isso é uma coisa a pesquisar ... provérbios ... a senhora não conhece provérbios em hakitia ? ... nenhum ?

280

I: nenhum

P: nossa ... existem milhões ... (risos)

I: (...)

285 P: poesias ? não ?

I: não ... é o que eu digo eu falo {palavras soltas}

S: {palavras soltas}

P: palavras soltas

S: entremeadas na própria no próprio português

290 I: é

P: mas nem orações nada ?

I: não

S: não nada nada... são só vocábulos assim

P: vocábulos só vocábulos

295 S: é

P: soltos né ?

- S: soltos é ... o que ela emprega é só isso
P: a a senhora por acaso conhece palavras de blasfêmia xingamentos insultos ou afrontosas em hakitia ?
- 300 I: é ... aquela palavra (..) como é ? ... às vezes a gente se esquece né
S: em hakitia ?
I: é
P: xingamento blasfêmia ... porque a língua é muito assim ...
S: a primeira coisa que a gente aprende ... (risos)
- 305 P: é isso aí ... (risos) ... que a língua a língua serve pra tudo tem parte amorosa
I: por exemplo a palavra **gol** é uma praga né
P: **gol**
I: **gol** é uma praga
P: do jeito que a gente fala **gol**
- 310 I: é
P: é praga ? a se é ... então pelo jeito assim em que língua a senhora pragueja xinga ou insulta então ...
I: ué não costumo fazer ...
S: (risos)
- 315 P: (risos) ... mas ... não é porque a lin a língua é de muita a língua é de muita maldição
I: é ...
P: então ... teve ...
I: não ... as únicas palavras que eu falo são essas **chalampon**
P: **chalampon**
- 320 I: é **sachená** ... {**macleá**} ...
S: {**macleá**} ... **boril** ...
I: **boril** ... essas coisas {mais que a gente não} ...
P: {**macleá** ... **boril**}... **macleá** ?
I: {**macleá**}
- 325 S : {**macleá**}
P: **macleá** ... que é comer ?
I: é
I: negócio de xingar e praga não
P: é porque o o hakitia mesmo tem umas expressões assim bem violentas bem é assim bem mal a a de maldição mesmo
- 330 I: credo
P: tem é ...
S: (risos)
P: (risos) ... tem ... não ... tem de todos os tipos
- 335 I: sim
P: tem de benção tem de de ironia tem de ... de maldição tem de todos tipos ... porque é uma língua bem ... tem de tudo tem pra tudo ... pra Deus também tem tudo ... e a e a senhora conhece outro nome pro hakitia ou sempre foi hakitia ?
I: sempre foi hakitia
- 340 P: sempre foi hakitia ... e a a maneira como a senhora escreveria hakitia seria ...
I: (...) ?
P: h-a-k-i-t-i-a
I: é
P: sem acento ... tem várias maneiras de escrever hakitia ... tem várias assim ... cada um ... é
- 345 então a senhora não conhece outros nomes pra língua ?
I: não

- P: sempre foi essa ... é ... bom essa não ... então pelo jeito aqui se a senhora é fluente a senhora não é só é ... o voca ... é então em todos os sentidos aqui a sua fala é mais inferior ... porque a senhora sabe só uns vocábulos
- 350 I: é
P: é ... a senhora acha que o hakitia é uma língua útil pra comunicação com outros judeus ? ... a gente pensa em língua mas vamos pensar na língua que nós sabemos que é usada né do jeito como ela é usada
I: (quando as pessoas são mais estranhas né)
- 355 S: é
I: quebra um galho né
S: (risos)
P: quebra um galho
I: não é ?
- 360 S: (risos) ... é verdade
P: mas assim ... quebra galho e pra pra ...
I: pra que não entenda né
P: não entenda
S: eu tô falan falando do **shofea shofea shofear**
- 365 I: **shofear**
S: é
P: o **shofea** sempre fala é esse ...
S: é ver é
P: é ver ...
- 370 S: é
P: **shofear** essa é bem comum ... então assim a uma situação específica onde a senhora fala a língua é ...
I: é em casa
P: em casa ... quando não precisa ... em casa ... mas e ... porque que a senhora usa em casa com a família qual o objetivo ?
- 375 I: por exemplo ... é ... quero saber se receberam o meu dinheiro pra não tá falando alto eu digo trouxe o (...) **flush**?
P: **flus** é é ...
I: é dinheiro
- 380 S: (risos)
P: ah então a senhora usa pra pra não entender ? ...
I: é
P: pra **sachená** não entender
I: é
- 385 S: é
P: ah tá ...essa é a situação ?
I: é ... mais por isso que eu emprego
P: sei ... mas mas pode ser também um hábito não ?
S: também
- 390 I: sim também um hábito
P: um hábito ... ah eu também falo as vezes eu também uso iídiche quando eu falo assim eu não quero falar alto eu também falo assim você pegou o gelt né
S: isso
P: gelt é ... eu falo quando é business eu falo guisheft
- 395 S: guisheft isso
P: né é a gente usa assim ...

- S: (...)
 P: se a gente se você falar muito já entende
 I: é
 400 P: não é ?
 I: é isso aí
 S: é tipo um codigozinho
 P: é um código que você só fala a palavra já resolve
 S: isso
 405 I: é
 P: às vezes você vê uma pessoa na rua assim meio estranha ...
 I: **shofea o sachen**
 S: (risos)
 P: **shofea o sachen** ... não ... a gente fala assim ... a gente fala ... é ... (...) é ... mas a gente usa
 410 mais é ... aquelas básicas como vocês ... e a senhora considera importante continuar a falar a
 língua e o seu conhecimento ?
 I: ah já é meu costume né
 P: já é o costume ... mas a senhora considera ?
 I: é
 415 P: mais alguma coisa a acrescentar aqui nessa ... não ?
 I: não
 P: é ... bom ... a senhora transmite a língua pra próxima geração mesmo de uma maneira
 limitada ? porque ?
 I: na minha casa sim né
 420 P: mas porque ?
 I: costume e assim os filhos aprendem né
 P: tem de ficar de olho se a fita não está ...
 S: {tá rodando}
 I: {tá rodando}
 425 P: tá rodando né ?
 S: tá
 P: tenho que ficar de olho pra não ...
 S: tá rodando
 P: bom então os seus filhos conhecem o hakitia mesmo que limitado né e a idade dos filhos ?
 430 I: é ... tenho que dar o nome de todos ?
 P: é pode me ... se a senhora não ... pode me dar só a idade não precisa dar o nome da pessoa
 I: não ... tem o de 46
 P: 46
 I: 45 {45}
 435 S: {45} 44 42
 I: 44 42
 P: ah tudo seguido 46 45 44 42 ... e ... bom ... os seus filhos eles entendem o hakitia mas não
 respondem na mesma língua ou eles respondem na mesma língua ?
 I: respondem
 440 P: respondem ... e aí quando eles respondem é em hakitia mesmo ?
 I: sim
 P: em hakitia mesmo ... o seu é ... bom o seu ... falar / aqui quando a gente usa o termo falar
 tudo a gente põe entre aspas porque não é bem falar mas é se comunicar né ... os seus netos
 falam o hakitia ?
 445 I: muito não
 S: não mas eles eles empregam alguns vocábulos

- P: eles ... eles empregam ?
 S: tipo **sachená**
 I: é
- 450 S: tipo **sachen** ... tipo é ... **shofear**
 I: é
 S: **boril**
 I: eles já estão aprendendo ...
 S: {eles empregam}
- 455 P: {algumas palavras}
 S: os mais velhos principalmente ... os meno
 P: os mais velhos
 S: os menores nem tanto
 P: porque os mais novos ainda tão ...
- 460 S: pequenos ... são pequenos
 P: porque depois né ... mas (...) o tá ... idade dos netos ?
 I: é ... tem de 19
 S: 16
 I: 16
- 465 S: dois de 16
 I: dois de 16
 P: 16 ... dois
 I: é ... 9
 S: 9 e sete
- 470 I: e sete
 P: e sete
 P: é ... o que que os seus filhos netos ou jovens sefarditas é ... que a senhora conhece sentem sobre falar hakitia ... o que que é ... ?
 I: olha eles eles gostam né
- 475 P: gostam ?
 S: gostam
 P: a senhora sabe se a sua família tem alguma procedência espanhola conhecida ?
 I: não sei
 P: não sabe ? ... bom ... o seu companheiro é sefardita ?
- 480 I: sim
 S: sim
 P: qual a importância do hakitia pra senhora ? ... pra senhora não é pra *Sigalit* ... (risos)
 S: (risos)
 I: eu acho boa né ... é uma língua que / os que vieram de lá quase todo mundo vai empregando
- 485 as palavras né
 P: mas é ... mas porque que a senhora acha importante ... a língua ... ou não acha importante ?
 I: não ... eu acho diferencia né quando a quando a gente quer falar alguma coisa né
 P: e a senhora considera importante as pesquisas e estudos relacionados ao hakitia ?
 I: é acho bonito
- 490 P: é a hakitia é feminino é a hakitia ... sim ?
 I: acho sim
 P: é a hakitia é a língua ... mas e porque que a senhora acha importante essas pesquisas ?
 I: porque é uma coisa que vai se aprofundando e vai esclarecendo mais né
 P: aí e essa pergunta assim ... se a senhora poderia citar algum dito algum provérbio alguma frase alguma expressão que a senhora considera interessante em hakitia ... a senhora já me disse uma ... uma ... uma frase aí essa daí famosa ... você mesmo disse ...

- S: um um **sachen** que tá **shofeando** ... (risos)
 I: **shofea o sachen** ?
 S: **shofea**
 500 P: **shofea shofea o sachen**
 I: o **sachen**
 P: é assim que fala **shofea o sachen** ?
 I: é
 S: é **shofea o sachen**
 505 P: aqui já tá havendo mistura do com o português porque **shofea o sachen** ... o seria el **sachen**
 S: é
 P: né ?
 S: é isso
 P: o **sachen** quer dizer já já misturou com português ... **shofea** ... mais alguma alguma coisa
 510 assim que vem na sua memória ?
 I: não
 P: não? ... agora tem uma / é ... a senhora gostaria de acrescentar alguma informação que
 considera interessante à pesquisa ?
 I: é bom pra não esquecer né senão fica esquecida ... acaba
 515 S: acaba a língua né ?
 I: acaba a língua
 P: agora eu tenho aqui é uma lista de palavras ... será que a senhora saberia alguma delas ?
 S: (você quer eu marco ?)
 P: é ...
 520 S: quer que eu escrevo ?
 P: deixa eu marcar e aí ...
 S: quer que eu (...) ?
 P: essa aqui é ... é uma lista eu tenho outra lista aqui
 I: mãe pai avó isso eu não sei ...
 525 P: que aí eu vou anotando ...
 S: não é **madre padre** não ? **la madre lo padre** ? ... (risos)
 I: **la madre que te pariô**
 S: {(risos) ... ela sabe ... ela sabe ...ela sabe ... ela sabe (...)}
 P: {(...) mas existe assim ...}
 530 S: {ela sabe ...}
 P: {mas é espanhol ... mas é ... né ?}
 S: {é hakitia}
 P: {né ?}
 S: {ela sabe sim ... ela sabe ... (risos) ... a Messody sabe ... (risos) ...}
 535 P: é a gente fala **la madre que te** ...
 I: **pariô**
 S: (risos)
 P: **que te pariô** né ...
 S : (risos)
 540 P: mas essa daqui inclusive tem na na na te na tese de doutorado do do Newton Sabbá
 S: é
 P: não sei se vocês conhecem o Newton Sabbá
 S: não ... assim
 I: de Manaus né?
 545 P: é ele é aqui do Norte mas ele mora em Paraná no Paraná
 I: sim

- P: e fez uma tese de doutorado ... e e essa aqui tá lá ... **la madre que te pariô**
 S: (risos)
 P: a senhora lembra só não vem na hora
 550 S: {não vem na hora é}
 I: {não vem na hora é}
 S: ela sabe sim
 P: eu tô fazendo as pessoas pensarem ... (risos)
 S: ela sabe ela sabe
 555 P: inclusive eu vou dar a lista aqui e aí é fica com essa enquanto eu vou anotando aqui ...
 S: aqui
 P: inclusive eu / o Bendayan falou que ... que isso foi / é fez ele ...
 S: {lembrar}
 P: {lembrar} ele tá escrevendo é
 560 S: mãe é **madre padre** (...) não lembra ?
 I: não
 P: a fita tá indo né ?
 S: tá ... tá correndo ... sapato ... cinto ... sinagoga não é **esnoga** não ? não ...
 I: não
 565 S: não ... rabino ... como se diz rabino? ... escola ... loja ... mercado ... a senhora não lembra ?
 I: não isso eu não sei
 S: não sabe ? médico não ? cemitério ...
 P: tem umas palavras que me disseram que elas não tem razão de tá na lista mas a lista eu peguei de uma pesquisadora de judeu-espanhol
 570 I: é ...
 S: é
 I: não ... isso essas palavras aqui não ...
 S: não ?
 I: não também
 575 S: sábado ... não tinha palavra especifica pra sábado ? (...) estudar ... trabalho ...
 I: é ...
 S: não ? sorte azar ... perigo ... não tem uma palavra específica para perigo ?
 I: não
 S: a senhora não conhece ?
 580 I: não
 S: não tá lembrada de ?
 I: essas nenhuma
 I: nenhuma palavra dessas ?
 P: então agora eu vou considerar oficialmente nossa vi nossa entrevista encerrada ... a senhora
 585 teria alguma coisa a acrescentar alguma coisa que a senhora gostaria ?
 I: não não
 P: não ? então encerramos a entrevista oficialmente ... muito obrigada
 I: de nada

Transcrição de gravação realizada em Belém no dia 22/08/05

Informante 5: B. S., sexo F, 20 anos, zona urbana, 3º grau incompleto

Pesquisadora: C. S.

P: bom ... nome é Beliza Serruya

I: isso

P: r-r-u-i-a

I: y-a

5 P: y-a ... tá ... local de nascimento ?

I: Belém mesmo

P: Belém ... idade ?

I: 20 anos

P: profissão ?

10 I: sou estudante ... universitário

P: é ... grau de escolaridade ?

I: universitária

P: é

I: sou universitária

15 P: é

I: 3º grau

E: (...)

P: é 3º ... mas ...

I: é

20 P: mas ... não é total

E: (...)

P: han ? ... tá gravando ... (risos) ... universitária tá ok ? ... bom ... seus pais né ... onde que a sua mãe nasceu ?

I: em Belém

25 P: Belém ... então naturalmente ela fala é português

I: português é

P: no lar também ?

I: hunhun

P: o seu pai onde ele nasceu ?

30 I: ele é gaúcho

P: gaúcho ... então a língua falada no lar e a língua dele de cria de alfabetização

I: é o gauchês né que a gente chama né

P: é português ... (risos)

I: português ... gauchês por causa do bah tchê sei lá ... do sotaque né

35 P: não ... é português

I: português

P: gauchês é coisa de gaúcho

I: (risos)

P: aqui ... agora os avós maternos né ... do lado da mãe

40 I: a minha / o meu avô ... a minha ... qual avó ?

P: do lado da sua mãe

I: é

P: onde que a sua avó nasceu ?

I: a minha avó nasceu em Mosqueiro

45 P: Mosqueiro

I: é

- P: onde fica Mosqueiro ?
 I: em Belém mesmo ... é um inte ... é um ... litoral
 P: é onde que tem a praia ?
 50 I: é
 P: nasceu em Mosqueiro mesmo ?
 I: é ... foi em Mosqueiro
 P: então a língua dela ?
 I: é português
 55 P: português ... língua falada no lar ?
 I: português também
 P: e o seu avô do lado materno ?
 I: é marroquino
 P: marroquino
 60 I: é
 P: a língua fala a língua que ele foi alfabetizado ?
 I: olha não sei ... (risos)
 P: não sabe ?
 I: não sei ... ele falava 5 línguas diferentes então ... eu não sei dizer
 65 P: e a língua falada no lar ... no na na no lar do seu avô materno ... você lembra ?
 I: acho que era português mesmo porque ... eu ... eu não cheguei né / era muito velhinho mas ele faleceu logo né
 P: ah tá ... não não se (...)
 I: não me lembro ... eu não ... é
 70 P: bom ... do os avós paternos do lado do pai
 P: aonde que a sua avó nasceu ?
 I: ela é gaúcha
 P: gaúcha
 I: do Rio Grande do Sul
 75 P: é ... então língua falada no lar e {(...) português} ?
 I: {era português} ... é
 P: é ... os os avós o o avô paterno do lado paterno ... onde ele nasceu ?
 I: ele é polonês
 P: polonês ?
 80 I: é
 P: ah ... então você ...
 I: eu sou uma misturada só ... (risos)
 P: é uma misturada ... (risos) ... ah ... polonês ... então a língua falada na casa do ... a língua é de de alfabetização do seu avô paterno ...
 85 I: eu acho que ele falava português né ... pra poder se entender lá com a vovô ... (risos)
 P: português ?
 I: eu acho
 P: mas ele nasceu na Polônia ...
 I: é
 90 P: ele foi alfabetizado em português ?
 I: aí depois ele veio pro pro Brasil e aqui ele já aprendeu a língua
 P: (então)
 I: agora ... porque é eu não cheguei a conhe a conhecê-lo devido ele morar lá no Rio Grande do Sul / então ele já faleceu também ... aí eu não cheguei a conhecer
 95 P: então você não ...
 I: não tenho certeza

- P: então eu vou eu vou colocar ... sem certeza
 I: isso
 P: você não sabe que língua que ele falava na casa dele ?
 100 I: não ... não sei ... não cheguei a conhecer ele
 P: não chegou a conhecer ... então me diz aqui ... me comenta sobre a origem da sua família ... assim em geral faz um um histórico assim breve sobre a {sua família}
 I: {bom} ...
 P: o que você tem assim de lembrança ... o que você escutou da sua família ...
 105 I: o que eu escutei é que o meu avô veio de de Marrocos pra Belém ... conheceu minha avó
 P: só um minuto ... avô veio de Marrocos e pra Belém
 I: é ... conheceu minha avó
 P: conheceu sua avó
 I: inclusive ele era ele é tio dela ... irmão do pai dela
 110 P: ele é tio {dela} ?
 I: {dela} ... é
 P: irmão do pai dela
 I: é
 P: o tio casou com a sobrinha ?
 115 I: foi isso
 P: esse é o avô ?
 I: materno
 P: materno
 I: é
 120 P: esse é o materno
 I: isso
 P: então ele casou ele ele casou / conheceu sua avó ele é tio dela
 I: é
 P: é ... irmão do pai dela
 125 I: isso ... aí os avós os avós paternos / meu avô era era militar
 P: os paternos ... o ... o avô era militar
 I: é ... e na realidade eu não sei o que a minha ... a minha avó acho que era dona de casa / naquela época acho que mulher ainda não trabalhava não
 P: esse do paterno ... esse daqui é nascido ?
 130 I: na Polônia
 P: na Polônia... ele era militar
 P: mas ... ele veio / ele era militar e veio pro Brasil ?
 I: foi
 P: então ele veio mais velho ?
 135 I: eu não sei mas ... (quando) ele ele na realidade ele faleceu ele faleceu novo né ... ele não faleceu acho que nem com 50 anos
 P: ah ...entendi
 I: agora ...
 P: você não tem assim ...
 140 I: acho que foi do coração
 P: vo ... é ... bom ... aqui fala você morou em que cidades e/ou países ?
 I: só aqui mesmo ... (risos) ... Belém mesmo
 P: é que isso tem mais ... é mais importância pra quando a pessoa é mais idosa
 I: hanhan
 145 P: porque morou no Marrocos
 I: é mais ido ... é

- P: então isso aqui ... a gente pula ... bom ... educação então você tá na universidade ?
 I: isso
 P: não é ? é ... aqui em Belém ?
 150 I: aqui em Belém mesmo
 P: qual a universidade ?
 I: UVA
 P: U ...
 I: UVA
 155 P: UVA ?
 I: é
 P: Universidade
 I: do Vale do Acaraú
 P: do Vale do Acaraú ... Universidade do Vale do Acaraú
 160 I: isso
 P: é particular ?
 I: é particular
 P: então você tá em que período ?
 I: 3º semestre
 165 P: 3º semestre ... bom ... (risos) ... essas perguntinhas aqui vão parecer meio estranhas mas ...
 você conhece *RASHI* ?
 I: *RASHI* ?
 P: é ... aquelas letras que parecem hebraico mas não são
 I: não ... não conheço
 170 P: não ?
 I: não
 P: você se comunica com alguém em hakitia ?
 I: com a minha mãe com meu pai (risos)
 P: mãe pai
 175 I: tios amigos ... com todo mundo ... (risos)
 P: tios amigos
 I: que são judeus né ... a gente ... costuma ...
 P: opa o pessoal já tá vindo ... não tá ?
 I: não não ... é a reza mesmo
 180 P: tá ... que outras línguas você fala escreve lê ?
 I: só português mesmo
 P: só ?
 I: é
 P: hebraico você não sabe ?
 185 I: não ... tenho muita vontade de aprender
 P: nunca aprendeu ?
 I: nunca
 P: é ... bom então ... que língua você tem maior facilidade facilidade de falar ler e escrever ?
 I: só português mesmo
 190 P: português
 I: é
 P: oi ... é ... bom ... qual a língua utilizada ao comunicar-se com a avó materna ?
 I: era o português
 P: era português
 195 I: é
 P: com a avó paterna ?

- I: também ... português
P: com a mãe ?
I: português
200 P: os irmãos ?
I: português
P: tias e tios ?
I: português
P: acho que é com todo mundo aqui é português
205 I: é português é ... a hakitia num num num significa língua não
P: não ... pra nós é ... mas pra vocês pelo que eu estou vendo aqui ...
I: não ... eu comunico
P: consideram dialeto
I: ah tá
210 P: mas assim pra comunicar ... é português ?
I: isso
P: mas a hakitia você usa ?
I: eu uso com a minha com a minha mãe com o meu pai com meus tios
P: com esses todos que eu já coloquei
215 I: é
P: com que outra pe com que outra pessoa você poderia falar o hakitia ... acho que você já ...
{citou} {todo mundo}
I: {hum} ... {todo mundo} é
P: você conhece / é ... o que que você conhece em de hakitia ? o que você conhece ? você
220 conhece oração conto música provérbio ?
I: não ... só palavras soltas mesmo
P: palavras soltas
I: é
P: você não conhece provérbio ?
225 I: não
P: xingamentos expressão frases ... não ?
I: não
P: é ... aí então você conhece palavras de xingamento ... bom ... blasfêmia xingamentos
insulto... assim afrontosa em hakitia ?
230 I: né é que eu falo assim ... de de por exemplo ... ‘tu es um **boril** tu é muito chato’ ... é como
se fosse um insulto né ... a gente ...
P: **boril**
I: muito chato é
P: e aí ... por exemplo você ... então quando você xinga insulta você usa ...
235 I: **boril bo bo boril** ... pode ser **sotê** que é doido ... (risos)
P: **sotê** ?
I: é ... doido
P: **sotê** ... que quer dizer doido ?
I: isso
240 P: **boril** ... mas você usa também português ?
I: uso
P: usa ... português também
I: hunhun
P: mas qual que você usa mais quando você ...
245 I: bom quando eu tô no meio da comunidade hebraica
P: hum

- I: aí a gente usa hakitia ... quando nós estamos com pessoas de outra religião que não têm conhecimento da língua eu uso português
P: entendi ... português ... bom ... você conhece o hakitia com outro nome ?
- 250 I: não ... só como hakitia
P: sempre hakitia ?
I: é
P: como é que você escreve o seu hakitia ? é assim h-a-k-i-t-i-a ? é assim ?
I: (é né)
- 255 P: tem várias maneiras de escrever ... cada um escreve à sua maneira ... bom ... você é tão fluente quanto seus avós ?
I: acho que ... (risos)
P: não ... não porque se você sabe só umas palavras
I: não ... eu acho que eles sabiam muito mais né até porque ve veio de lá
- 260 P: isso quanto seus pais ... você é mais fluente ... mas é como seus pais na fluência ?
I: não ... eu acho que eu sou igual aos meus pais
P: igual aos pais ?
I: é
P: mas a ao aos seus avós ?
- 265 I: não ... meus avós não
P: e porque que você acha que seria ... inferior vamos dizer assim ?
I: porque como ele veio de lá de Marrocos ele com certeza sabe mais coisas do que eu (risos)
P: bom ... você acha que o é ... a pronúncia sua é inferior a do seu pai ou da sua ... dos seus avós ?
- 270 I: não
P: a pronúncia
I: a pronúncia é igual
P: a pronúncia é igual
I: é
- 275 P: ah ... o vocabulário ?
I: pode ser que eu não sei eu não saiba uma palavra ou outra mas ... então não é igual né é ...
P: o vocabulário ?
I: é ... acho que não é igual ... pode ser que eu não saiba uma palavra não saiba outra
P: então é ...
- 280 I: que eles sabiam e eu não ... entendeu ?
P: então é inferior
I: é
P: inferior mas não quer dizer que ...
I: hanhan
- 285 P: inferior no sentido pesado ... é menos
I: é menos é
P: é in é inferior ... a gramática sintaxe / porque não existe ... não existe gramática sintaxe em hakitia
I: não
- 290 P: então eles pegaram do espanhol e ... bom ... habilidade pra expressar certas idéias desde que você sabe só palavras soltas ... eu acho que ...
I: eu consigo expressar (...)
P: você expressa ... consegue ? ... consegue expressar ... mas explique me explique me especifique essas idéias
- 295 I: não ... assim ... a gente tá na rua e vem ... vem um ladrão digamos (risos) ... aí a gente vira ‘mãe **shofea o chalampão**’

- P: ah
 I: olha o ladrão
 P: **shofea o chalampon**
 300 I: é é
 P: **sho** ... você fala **chalampão**
 I: é ... o **sachen**
 P: **chalampon**
 I: {o ladrão}
 305 P: {qual que é a outra} ? qual que é a outra ?
 I: ou o **sachen** que é o homem
 P: ou o **sachen**
 I: é
 P: **shofea** o o ... como é que você falou ?
 310 I: o **sachen**
 P: o **sachen**
 I: é
 P: mistura em português ?
 I: é
 315 P: **shofea o sachen** ... você usa essa palavra o **sachen** ?
 I: é ... a gente dá uma misturada só é ...
 P: o hakitia é ... é uma língua útil pra comunicação com outros judeus ?
 I: é
 P: é ? ... cite algumas situações assim específicas onde você fala a língua
 320 I: ah ... nós estamos ... digamos numa numa pizzeria
 P: hunhun
 I: aí chega uma pessoa que não é da comunidade / ela é muito chata / a gente fala 'lá vem aquele **boril** lá vem aquele aquele chato'
 P: de outro ... que não é da comunidade ?
 325 I: é ... que pra não entender o que a gente tá falando / porque quando a gente fala na realidade a gente só quer que as pessoas que saibam ... entendam o que a gente tá dizendo
 P: tem alguma outra situação ?
 I: não ... acho que ... tem várias né
 P: pode falar ... sou toda ouvidos
 330 I: (risos)
 P: onde você fala a língua ... lembra assim ... nas situações
 I: é só no meio da comunidade mesmo
 P: mas ... quando assim ?
 I: em casa
 335 P: em casa você usa também ?
 I: uso ... é ... ou então eu falo assim é ... é 'mãe eu quero **maclear**'
 P: ah ... **macleá** é comer
 I: é
 P: é comer ... peraí essa ... essa daí é uma ... é idéia peraí ... é é ... ma ... como é que é ?
 340 I: 'mãe eu quero **macleá**' (risos)
 P: 'mãe eu que é ...' ... você fala com muita ... peraí ...
 I: ah ... muita freqüência
 P: **macleá** ?
 I: **macleá**
 345 P: **maclear** ... com r no final ?
 I: é **macleá** ... não ... com a mesmo

- P: ah ... **macleá** ... comer
 I: isso
 P: é ... você considera importante continuar a falar a língua e o seu conhecimento ?
 350 I: acho sim
 P: porque ?
 I: porque é uma coisa diferente né ... nem todo mundo conhece
 P: (ei ei ei ... pssss pssss) ... nem todo mundo conhece ?
 I: é
 355 P: mais alguma coisa ?
 I: não
 P: não ? ... você transmi ... ah não ... não ... você não ... não é mãe ainda né ?
 I: né (risos) ... ainda não
 P: calma ... tem tempo ... não aqui ... aqui não é pra você ... então assim ... o que que o os
 360 jovens sefaraditas que você conhece sentem sobre falar o hakitia ?
 I: eu acho que é mais uma comunicação é de ... como é que posso falar ... mais uma
 comunicação nossa ... pra pra as outras pessoas não tarem entendendo o que a gente tá
 dizendo
 P: nossa ... dos judeus ?
 365 I: dos judeus é
 P: para os outros não entenderem ?
 I: é ... porque as pessoas escutam (risos) ... a gente tá falando ... ‘han o que foi ?’ ‘não ... não é
 nada ... aqui’
 P: a gente fala língua de ocultação
 370 I: é
 P: e aí os outros não entendem ... você sabe se a sua família tem alguma procedência
 espanhola conhecida ?
 I: olha ... eu não sei não
 P: não sabe ?
 375 I: não
 P: nunca ninguém comentou nada a respeito ?
 I: não
 P: bom ... aqui de ... companheiro ... qual a importância do hakitia ?
 I: acho que é mais uma uma ... continuar uma tradição que já foi ... como posso dizer ... de
 380 muitos anos atrás / não ser esquecida sempre tá lembrada
 P: não ser esquecido ... ser sempre lembrado ... (a bolinha a bolinha) ... você considera
 importante as pesquisas e estudos relacionados com hakitia ?
 I: com certeza
 P: porque ?
 385 I: bom ... pra mostrar um pouquinho né da ... da nossa cultura né
 P: você poderia dizer algum dito provérbio ou alguma frase ou expressão que você considera
 interessante em hakitia ?
 I: acho que não
 P: algum assim que te chama a atenção
 390 I: não ... deixa eu ver ...
 P: você lembra que você sabe ... só pensa que não sabe
 I: **inshear** né ... porque é ir embora
 P: chear ?
 I: **inshear**
 395 P: **inshear**
 I: é

- P: com ch ?
 I: acho que sim
 P: {**inshear**}
- 400 I: {**inshear**} é ... a escrita eu não ... não estou bem certa ... porque eu costumo apenas falar ... escrever ...
 P: in ... mas é **inshear** ?
 I: **inshear** é ... é **inshear**
 P: in en ? com e ?
- 405 I: é **inshear**
 P: tem hora que você fala i ... tem hora que você fala e
 I: não ... é ensh ... é **enshear**
 P: com e ?
 I: vamos **enshear** é
- 410 P: **enshear**
 I: é
 P: é tudo e ... **enshear**
 I: é
 P: é o quê mesmo ?
- 415 I: ir embora
 P: ir embora
 I: se quedar ... ficar
 P: você gostaria de acrescentar alguma informação que você considera interessante à pesquisa ?
- 420 I: não ... eu acho que eu não tenho nenhuma informação não
 P: não ? agora você vai ver se você conhece essas palavras aqui ... psss psss
 I: (...)
 P: tá quase acabando ... se você conhece algumas dessas aí você me fala
 I: engraçado ... só tem uma ... aqui (risos)
- 425 P: (risos) é ... mas não se preocupa não que (...) as pessoas não ... elas não sabem nunca
 I: elas não sabem né ?
 P: porque eu tirei de um livro ... duma pesquisadora ...
 I: han
 P: e pode ser que ... essa lista pra ... pra pesquisa que ela fez funcionou ... mas aqui ... num num / as pessoas têm a mesma reação ... elas olham assim ...
- 430 I: (risos)
 P: eu não conheço nada ... hein ?
 I: deixa eu ver ... bonito **bueno** ... que a gente fala
 P: bonito **gueno** ?
- 435 I: é
 P: com g ... bonito ... onde tá bonito ? aqui
 I: **bueno**
 P: **bueno** ... com e ... com b né ?
 I: é
- 440 P: porque tem gente que usa g
 I: é **bueno** ... feio ... acho que **feo** ah ... a minha mãe aqui ela ia ajudar muito ... aqui
 P: você podia ter ... você devia ter perguntado pra ela
 I: eu perguntei ... porque tem palavras que a gente sabe que acaba esquecendo ... sabe ?
 P: mas sabe o que vai acontecer ? depois que você vai pra casa ...
- 445 I: hunhun
 P: aí você vai ... vai dormir

- I: aí vai lembrar
 P: vai lembrar ... aí você começa a estimular lá dentro ... aí você vai lembrar ... tá quase acabando
- 450 I: olha ... tem coisas que não tem nesta lista ... **flush**
 P: que que é isso ?
 I: **flush** é dinheiro
 P: ah ... pode falar que ... as que você conhecer
 I: hanhan
- 455 P: pode me falar que eu vou acrescentar aqui
 I: **flush**
 P: **flush**
 I: é
 P: f-l-u
- 460 I: acho que
 P: **flush**
 I: é
 P: dinheiro
 I: dinheiro
- 465 P: pode falar que se (...)
 I: só olhando aqui ... aí eu tô me lembrando
 P: vai lembrando as palavras ... aí eu vou anotar
 I: é ... **se menear** ... tu não **te menea** ... me tu não **te menea** ... tu não te mexe ... tu não sai do lugar
- 470 P: perai ... tu ti ... perai
 I: **menear**
 P: perai
 I: **menear**
 P: repete aí ... perai
- 475 I: **menear**
 P: só falar ... (...) **menear** ?
 I: é ... tu queria (...) era isso ?
 P: perai ... quê que é **menear** ?
 I: **menear** é que não sai do lugar
- 480 P: não sair do lugar
 I: é ... te mexer
 P: te mexe
 I: é ... te mexer ... **te menea** ... te mexe
 P: ah ... te mexe ... {sai daí}
- 485 I: {é} ... te mexe é ... faz alguma coisa
 P: **te menea**
 I: é
 P: **menea** ou **meneia** ?
 I: **meneiar**
- 490 P: com i ?
 I: é
 P: ah ... {mene}
 I: {**meneia**}
 P: **te menea** ... se mexe ... é uma expressão
- 495 I: isso
 P: então ... mas o verbo é **menear** ?

- I: é ... **meneiar**
P: não é **meneiar** não ... com i
I: **meneiar** ... te meneiar ... é **te meneiar** ... é **meneiar**
500 P: **meneiar**
I: é
P: mas me te ... **te meneia** ?
I: **te meneiar** ... **te meneia** ... tá certo
P: mas o verbo ... será que eu ponho i no no verbo ?
505 I: acho que põe ... **te meneia**
P: ponho ... **meneia** ... não ... mas o **meneiar** ?
I: é a mesma coisa
P: **meneiar**
I: é ... **meneiar**
510 P: então tem o i ?
I: é
P: tá ... se você lembrar ... (...) porque já tá ... você lembrando / mas é bom que já tá no fim
I: hanhan ... é ... deixa eu ver ... **safonear** ... essas já foram ditas né naquela ...
P: não ... mas eu que quero que você diga porque ...
515 I: é diferente né
P: não ... porque de repente é ... pode dizer as que você / vêm assim na sua cabeça agora assim
pode falar
I: é é é ... **safonear** é
P: **safoneiar** ?
520 I: é
P: pe perai perai ... com i ... com i mesmo ?
I: ah
P: ah ... não tem problema não
I: é **safonear**
525 P: ne
I: **safonear**
P: não tem i não ?
I: não ... não
P: então perai ... **safonear**
530 I: isso
P: é ... é
I: near
P: será que é isso ?
I: (risos) é
535 P: (risos) isso aqui ...
I: é ... tem **chondon** que é bumbum
P: ah perai ... **chondon**
I: que é bumbum
P: igual projeto **chondon** ?
540 I: é (risos)
P: bumbum
I: isso ... deixa eu ver ... tem ... **sachen**
P: **sachen** é bem comum ... é ... é homem ?
I: é homem ... **sachená** mulher
545 P: **sachená** mulher
I: **zonear** ... transar ... fazer sexo

- P: **zonear** transar ? zone ... a gente fala iar ?
 I: {**zonear**}
 P: {**zoneiar**}
- 550 I: near
 P: near
 I: é
 P: transar ?
 I: é ... é ... deixa eu ver (..)
- 555 [...]
 P: ah ... quê que você lembrou ?
 I: olha ... **ponton**
 P: peraí ... **ponton** ?
 I: é
- 560 P: **ponton** ?
 I: é ... {**ponton**}
 P: {**ponton**} ... o quê que é **ponton** ?
 I: aquela pessoa meio pateta (risos)
 P: pessoa pateta ?
- 565 I: é
 P: **ponton** é pa ... pessoa pateta ?
 I: é
 P: hum ... quê mais ?
 I: é ... ai meu Deus / eu tava me lembrando aqui agorinha ... você já botou **macleá** ... não já ?
- 570 P: já ... **macleá** é comer
 I: é ... **chamora**
 P: **chamora**
 I: uma pessoa chata ... teimosa
 P: teimosa ?
- 575 I: é
 P: chata ?
 I: é
 P: tá
 I: é ... às vezes a gente fala as mesmas as palavras mas o significado é o mesmo / como eu
- 580 tava falando né ... **boril aborilar**
 P: **aborilar**
 I: é
 P: mas o verbo fica diferente
 I: mas é ... é ... é **aborilar** ... a gente fala / pra resumir assim ... não tem ... as abreviações ?
- 585 P: han
 I: tem **boril** ... de **aborilar** ... a gente fala **boril**
 P: entendi
 I: aí tem umas abreviações ... quando a gente quer dizer que é muito chata mesmo é **boril negro**
- 590 P: muito chata
 I: é
 P: é **boril negro**
 I: é
 P: muito cha ... **boril negro**
- 595 I: é ...
 P: é muito chato

- I: é ... é ... deixa eu ver ...
P: (...) (risos) ... não ... eu já tô terminando aqui ... é
I: **sotê** é doido
600 P: **soteá** ?
I: **sotê**
P: **sotê** é doido ?
I: é
P: **sotê**
605 I: **sotê** é doido
P: **sotê** doido
I: **mear** é mijar
P: **mear**
I: é {mijar}
610 P: {mijar} ... **mear** né ?
I: é **mear** ... **charear** é fazer cocô (risos)
P: chare ?
I: ar
P: você fala **mear** com r no final ?
615 I: **mear** ... é
P: **mear** ... com r no final
I: com r
P: e **charear** ... é com r ou com a ?
I: **charear** ... com r
620 P: r ... **charear** ... é o quê ?
I: fazer cocô
P: defecar
I: é (risos) ... fazer cocô
P: é ... a gente u ... a gente usa muito
625 I: (risos) ... deixa eu me lembrar
P: hum ? é
I: **intontado**
P: **intontado** ?
I: é ... claro que é ... **intontado** ... tu deixou a pessoa ... é não ... não é pateta ... deixou **inton**
630 ... eu **te intontei** eu te deixei assim ... sem entender ... tá fora do do do ar ... eu **te intontei** te
deixei confusa
P: então é assim ... **intontado** é a pessoa confusa ?
I: é ... te deixei confusa
P: e eu **te intontei** ... eu **te** ... **intontei**
635 I: eu te deixei atrapalhado é
P: te deixei atrapalhado ?
I: é
P: mas é confuso mesmo ?
I: é ... confuso é a mesma coisa
640 P: eu **te intontei** ... é ... te deixei atrapa atrapalhado ?
I: isso ... aí eu acho que ... que eu não tô me lembrando mais ... espera aí ... deixa eu ver ... ao
mesmo tempo ... até tu (...)
P: eu acho que eu vou ... encerrar então a entrevista / se você lembrar de mais alguma coisa
você me avisa
645 I: você anota ... tá ok ?
P: tá ?

I: tal ok

P: qual que é a pala

I: **manzia**

650 P: **manzia** ?

I: é ... pena

P: **manzi** ... com z ?

I: é pena

I: **lamargo** também é para pra dizer coitadinho ... **lamargo** é coitado

655 P: **lamargo** coitado

I: **lamargo**

P: **lamargo** ?

I: é ... coitado

P: tem r **lamargo** ?

660 I: é ... **lamargo**

P: **lamargo** é coitado ?

I: isso

Transcrição de gravação realizada em Belém no dia 23/08/05

Informante 6: T.O., sexo M, 20 anos, zona urbana, 3º grau incompleto

Pesquisadora: C. S.

P: Informante n.6 Thyago ?

I: Ohana

P: Ohana ... ah você é Ohana ... Olha só ... tá funcionando? tá ... Thyago Ohana ... eu conheci um Ohana ... será seu parente ... Sr. Leão ?

5 I: é sim ... ele é irmão do meu avô

P: é irmão do seu avo

P: é... bom ... onde você nasceu ?

I: Manaus

P: Manaus ... sua idade ?

10 I: 20

P: profissão ?

I: sou ... estudante

P: é ... bom ... é grau de escolaridade ...

I: superior incompleto

15 P: superior incompleto ... bom ... é agora eu vou falar dos pais ... a sua mãe onde ela nasceu ?

I: Manaus

P: então ela foi criada no português mesmo ?

I: isso

P: e na lín e na no lar se falava

20 I: também

P: português ... o pai

I: meu pai não é judeu / nunca o vi não tenho nenhum dado sobre ele

P: não tem dado

I: não tenho dados ... sobre ele

25 P: pai não é ... tá ... bom do os avós do lado da sua mãe ... é a sua avó ela nasceu aonde ?

I: Manicoré interior de ... do Amazonas

P: Mani

I: {coré}

P: {coré} ?

30 I: isso

P: Mani ... interior do Amazonas ?

I: isso

P: então a língua materna dela ...

I: era português também

35 P: português ... conseqüentemente se falava português no lar ?

I: isso

P: bom ... então o avô do lado materno ... onde que ele nasceu ?

I: meu avô aqui né

P: não

40 I: ah tá ... avô do lado materno

P: do lado materno materno

I: ele nasceu em Portugal ... em Lisboa

P: Portugal

I: em Lisboa Portugal

45 P: em Lisboa ... e a língua materna ... a língua que ele foi alfabetizado ?

I: foi com português

- P: e e qual língua que se falava no lar ?
 I: e ele falava no lar uma língua que eu desconheço o nome que era do pai dele que era marroquina
- 50 P: uma língua ?
 I: que eu desconheço
 P: que desconhece
 I: que era marroquina a língua
 P: que era marroquina
- 55 I: isso ... do pai dele
 P: do ... isso do pai dele ?
 I: isso do meu bisavô no caso
 P: então... peraí vamos voltar aqui ... o seu avô então ...
 I: ele nasceu em Portugal
- 60 P: Portugal ...
 I: só que o pai dele ...
 P: isso é do lado da sua mãe
 I: isso ... o pai dele ele é marroquino
 P: ah tá ... então
- 65 I: então dentro de casa eles falavam essa língua além do português que era a língua do país
 P: além do português ?
 I: isso
 P: então o pai do seu avô era marroquino ?
 I: isso
- 70 P: não é? o pai do avô era marroquino
 I: isso
 P: essa língua você não sabe dar o nome ?
 I: não sei ... talvez seja até da onde foi originário (...)
 P: bom ... eu tô eu tô te escutando eu não ...
- 75 I: eu imagino que seja da onde veio originário (...) eu imagino que seja (...) vindo do do Marrocos né
 P: bom ... precisa ver o seguinte ... se eles foram do Marrocos ...
 I: pra Portugal
 P: pra Portugal
- 80 I: isso
 P: porque geralmente poderia do ... / é acontecia é sair da Espanha ir pro pro pro pra Portugal inclusive o inverso pro Marrocos ... não do Marrocos pra Portugal
 I: não ... Marrocos pra Portugal
 P: pra Portugal
- 85 I: com certeza
 P: bom ... então dos avós paternos do lado do seu pai então você não vai ter informação
 I: não
 P: né ? não tem nem ... você não tem do pai não conseqüentemente não tem ... então comente sobre a origem da sua família assim ... dá um apanhado assim geral dessa parte marroquina ...
- 90 I: Olha o que eu sei que toda a minha família ... é sefaradi ... toda a minha família tem origem ... descendência portuguesa marroquina (é da onde eu sei)
 P: tem descendência portuguesa marroquina ?
 I: isso ... parte portuguesa e marroquina
 P: mas assim ... você tem uma ...
- 95 [...]

- P: mas assim então é ... tem descendência portuguesa e marroquina ... você tem noção de quando veio para o Brasil ? ... você tem alguma idéia de quando vieram pro Brasil ?
- I: olha ... meu avô ...
- P: pra onde vieram ?
- 100 I: olha ... eu sei que essa história que meu que meu bi era por / o pai do meu avô
- P: hum
- I: essa história de que o pai e a mãe do meu avô eram por eram marroquinos
- P: hum
- I: eu não sei se é ... é assim ... deixa eu te explicar
- 105 P: hum
- I: tenho minha mãe tá e tenho o meu avô e a minha avó né
- P: sim
- I: aí o meu avô os pais deles um era marroquino e o outro português eu não sei quem era se era o avô se era a avó ... você tá entendendo ?
- 110 P: sei
- I: por isso que eu tô te falando que um deles foi morar em Portugal por isso que eu tô te falando que você falou que geralmente vem de Portugal pro Marrocos
- P: isso
- I: no caso aqui foi o inverso de Marrocos pro Po pra Portugal
- 115 P: um deles foi ...
- I: eu acho que era o meu avô ... não sei se ele era viajante alguma coisa assim ... entendeu ? quer dizer o meu bisavô no caso
- P: bisavô
- I: que conheceu talvez a minha bisavó e trouxe ela pra morar em Portugal e tiveram lá o meu
- 120 ... o meu avô entendeu ?
- P: ah enten ...
- I: eu acho que mais ou menos por aí a história que (...) { me contam}
- P: {mas então eles} ... tá ... então ele foi às vezes ele foi pro Marrocos e conheceu lá
- I: conheceu e trouxe pra (...) morar ... aí depois eles foram é ... foi ... não sei qual foi o motivo
- 125 pelo qual eles vieram parar no Brasil ... aí quando eles vieram parar no Brasil eles vieram pra pra Manaus ... foi aonde ele conheceu já no caso o meu avô
- P: ah chegaram primeiro em Manaus ?
- I: em Manaus
- P: e depois ... continuaram
- 130 I: aí continuaram em Manaus ... foi aonde o meu avô depois ele veio pra Belém aí o meu avô chegou em Belém (...)
- P: ah
- I: mas eu nasci em Manaus ... porque a minha família toda (já foi pra lá)
- P: mas a família veio morar em Belém ?
- 135 I: isso
- P: você lembra em que a ... você sabe em que ano ?
- I: eu vim morar em Belém em 97
- P: mas a sua família ...
- I: todo mundo continua lá
- 140 P: tá ... posso ...
- [...]
- I: o que eu sei por exemplo
- P: hum
- I: aqui é ... aqui é a minha mãe aqui sou eu ... tá ? aí por exemplo ... o a minha avó ela nasceu
- 145 em Manaus

- P: Manaus
 I: entendeu ?
 P: tá
 I: o meu avô nasceu em Portugal
 150 P: isso
 I: agora porque o meu avô nasceu em Portugal ? porque ... os pais os como é é os pais dele
 P: sei
 I: os pais dele ... eu não sei qual dos dois ... se foi o a o meu bisavô se foi minha bisavó
 P: bisavó
 155 I: mas eu sei que um dos dois morava em Portugal e o outro morava no Marrocos
 P: isso
 I: e essa pessoa que morava no Marrocos foi pra Portugal morar com acho que foi deve ter sido a minha bisavó que foi morar com o meu bisavô ... aí foi morar em Portugal / e acabou que eles tiveram que sair de lá e vieram pra cá pro Brasil direto pro pro pro ...
 160 P: Manaus
 I: pro Manaus
 P: mas você sabe porque que eles vieram ... qual foi o objetivo de vir pra cá ?
 I: isso eu não sei
 P: o motivo
 165 I: (nenhuma idéia)
 [...]
 P: bom ... então ... continua a história
 I: ah isso que eu não sei ... eu não sei qual era o motivo deles virem para aqui
 P: nem o ano ... nem a época ...
 170 I: não tenho a mínima idéia
 P: nada ?
 I: nada
 P: então ... vamos ver ... educação você falou que você tem ... é superior incompleto né
 I: isso
 175 P: bom ... você conhece os caracteres *RASHI* ?
 I: conheço ... não sei não sei ... o que significa ... mas conheço
 P: mas de onde você conhece ?
 I: quando eu estudei na *Ieshivá* ... eu aprendi pelo *Chumash* ... a gente estudava ... em ... a gente inter inter interpretava as explicações da *Torá* em cima dos caracteres *RASHI*
 180 P: Mas espera aí ... é *Chumash* o que que é *Chumash* ? eu não me lembro
 I: *Chumash* é *Torá*
 P: é *Torá* ?
 I: é a parte (antiga) da *Tora Chumash* assim ó
 P: a gente fala *Chumash* ? tá ... escrevi diferente isso ... perai ... *Chumash Chumasch*
 185 I: isso
 P: com ... tá ... tá certo ... então você disse que você conhece ...
 I: isso
 P: mas você sabe ler ?
 I: sei ... sei ler mas não sei escrever
 190 P: ah ... não sabe ...
 I: não sei o que significa
 P: mas você lê ?
 I: leio
 P: é ... mas escreve ? não ? ... eu coloquei ...
 195 I: não

- P: não
 I: eu imagino até que seja a mesma coisa do ... tipo do que
 P: hebraico ?
 I: que hebraico ... eu acho eu acho que a forma eu acho que a forma é ...
 200 P: é parecida
 I: é muito parecida
 P: mas é difícil ... porque eu também aprendi *RASHI* eu esqueci eu achava difícil quando era criança ... mas es escrever então você diz que ... não né ?
 I: não
 205 P: tá ... você se comunica com alguém em *hakitia* ?
 I: sim ... quando eu quero ... contar alguma algum segredo alguma coisa assim que a pessoa não entende que eu vou eu tô entre algum judeu eu quero falar mal de alguém eu quero falar alguma coisa não quero que a outra pessoa entenda ... eu falo aí eu aí eu emendo palavras da *hakitia* entendeu mas ...
 210 P: você emenda ?
 I: é ... é ... eu não falo a língua entendeu / mas eu vou colocando a palavra ... sabe ... por exemplo sei lá se eu tô no meio de uma mesa assim no no com os amigos só tem um judeu aí eu falo assim é ... pera um minuto aí que eu vou **mear** ... entendeu ? eu não vou dizer que eu vou no banheiro fazer xixi
 215 P: ah
 I: eu vou **mear** ... entendeu ? ninguém / que tu vai fazer ? eu vou mear ... então o pessoal não entende o pessoal não sabe que eu tô saindo pra fazer ... só quem sabe só quem tá comigo que sabe entendeu ?
 P: sim
 220 I: mais ou menos isso
 P: quer dizer no caso a pessoa é ... quem tá do lado não ...
 I: não entende
 P: mas aí você conversa assim é com os amigos ?
 I: é ... com os meus amigos judeus
 225 P: amigos judeus
 I: ou então a gente tá assim no meio da rua ... sei lá a gente não quer falar uma palavra assim ... (sei lá) ‘olha que lindo esse menino só faz **chará**’ não sei o que **chará** só faz merda
 P: merda
 I: entendeu ? não quer falar merda quer falar ...
 230 P: é ... **chará**
 I: quer falar
 P: é aqui vocês falam o acento no final **chará**
 I: **chará**
 P: *cadshá*
 235 I: isso
 P: eu falo como chara
 I: **chara**
 P: eu boto o acento ...
 I: (...)
 240 P: é ... *codesh* ... não ... *codshá*
 I: ah
 P: é ... *Iehuda* {*Iehudá*}
 I: {*Iehudá*}
 P: é diferente
 245 I: é ... por causa da tua porque o teu o teu background é um background assim é ...

- P: *ashkenazi*
 I: *ashkenazi* né
 P: é diferente ... mas aí ... é você ... que outras línguas você fala?
 I: eu falo inglês espanhol
 250 P: espanhol
 I: e um pouco de francês ... pouquinho só
 P: pouco de francês ?
 I: é
 P: e hebraico ?
 255 I: hebraico eu leio escrevo e conheço poucas palavras mas ...
 P: você lê hebraico ?
 I: leio
 P: escreve hebraico ?
 I: escrevo
 260 P: mas não fala hebraico ?
 I: não ... eu não posso me comunicar ... só assim ... eu (...)
 P: não ?
 I: não
 P: mas você ... e e e que outras línguas você escreve além do hebraico ?
 265 I: to ... é espanhol
 P: todas essas?
 I: isso
 P: espanhol e um pouco de francês ?
 I: e o inglês também
 270 P: francês inglês
 I: hunhun
 P: e lê ?
 I: leio todas também
 P: todas também ... todas essas né?
 275 I: hanhan ... e leio também i italiano ... eu leio muito italiano porque
 P: italiano
 I: eu tenho tem uma uma proximidade assim com o espanhol
 P: tem
 I: pelo menos a nível a nível de compreensão você compreende o italiano
 280 [...]

P: então assim ... qual a língua que você tem maior facilidade de falar ler escrever ?
 I: inglês
 P: inglês ?
 I: (...) eu gosto de falar ... mais que português
 285 P: sério ? (risos) inglês
 I: eu sou péssimo na gramática portuguesa (risos)
 P: sério ... inglês ?
 I: sério
 P: eu posso botar ... falar ler escrever inglês ?
 290 I: sério
 P: você fala ... português melhor que inglês
 I: falo ... mas eu tenho uma ... a questão assim de saber se tá certo as coisas tá errado
 P: você tem mais certeza inglês ?
 I: em inglês ... eu não conheço nada de português ... a minha gramática em português / as
 295 minhas notas sempre eram muito baixas na escola

- P: sério ? bom ... eu vou colocar inglês ... você está dizendo
 I: põe português ... ambos
 P: inglês e português
 I: (...)
 300 P: mas ... sempre você vai ser melhor na sua língua do que ...
 I: é
 P: na sua língua ... sempre
 I: assim ... a língua gramatical eu te digo
 P: sei
 305 I: eu sei muito mais em {inglês}
 P: {inglês}
 I: (...)
 P: aí vem assim ... qual a língua utilizada prá comunicar-se com a avó materna ... você chegou a conhecer ?
 310 I: não
 P: sua avó materna assim ?
 I: não sei ... tudo era português
 P: agora você me falou ... tudo é português ?
 I: tudo é português
 315 P: então tudo tudo aqui que tem aqui ... rabino ... pai ... ah pai não né porque ...
 I: é ... pai não
 P: pai e paterno não
 I: não
 P: agora ...
 320 I: eu acho que ...
 P: a mãe ...
 I: olha irmão eu não tenho
 P: você não tem irmão
 I: filho também não tenho ... esposa eu não tenho
 325 P: não tem
 I: filho também não
 P: não tem
 I: olha ... o que falta que tu pode adicionar aqui é o inglês que eu falo com amigos
 P: com os amigos você fala inglês ?
 330 I: falo ... meu melhor amigo fala comigo em inglês
 P: e português ?
 I: é ... não ... só inglês ... ele é americano
 P: não ... mas os melhores amigos ?
 I: meu melhor amigo é americano
 335 P: mas você tem os melhores
 I: ah sim outros
 P: é ... então assim ... os você tem os brasileiros
 I: os outros é ...
 P: não é ?
 340 I: (...) ... e só
 P: o seu rabino ... {com com}
 I: {português} também
 P: o rabino Disraely ... português ?
 I: e com hakitia também
 345 P: hakitia ? é hakiti eu tenho que falar direito ... é hakiti

- I: a gente fala hakitia
 P: hakitia eu falo hakitia
 I: é
 P: hakitia ... hakitia ... então assim ... é não ... com a sua mãe ... você fala ...
 350 I: {português}
 P: {português} naturalmente mas você coloca algum hakitia alguma coisa ...
 I: às vezes / eu colocava muita hakitia pra falar com a minha avó ... minha avó **chadreiava** uma hakitia (...)
 P: peraí ... avó materna
 355 I: isso
 P: hakitia ... **chadreiava** né é com ela você falava ?
 I: com ela é porque tinha vezes que ela começava falar assim um monte de coisas eu / ela me esculhambava eu não entendia nada
 P: falava ... falava ...
 360 I: isso
 P: bom onde nós estávamos ? e então você me disse que você conversava mais com a sua avó materna em ...
 I: em hakitia
 P: em hakitia
 365 I: isso
 P: e com a sua mãe você ...
 I: pouco
 P: pouco
 I: pouco ... a mamãe algumas coisas que ela fala assim algumas expressões assim que ela (...)
 370 P: ela fala ?
 I: ela fala assim algumas expressões
 P: mas ... nós vamos chegar lá ... peraí
 I: ah tá
 P: agüenta que nós vamos chegar lá ... aí você / com que outras pessoas você poderia falar hakitia hakitia
 375 I: com que outras pessoas ... só com judeus mesmo
 P: só judeus
 I: judeus
 P: assim ... tá ... você conhece assim conhece em hakiti hakitia provérbios ?
 380 I: hum ... provérbios ... eu me lembro de ouvir provérbios
 P: hum
 I: mas eu não consigo me lembrar quais eram ... eu me lembro que tinha alguns provérbios que a minha mãe falava que eu me lembro eu até pensava que era espanhol quando eu era ... menor
 385 P: então você conhece mas ...
 I: não lembro
 P: tá ... poesias ?
 I: poesias ?
 P: é
 390 I: é se a minha avó fosse viva (tu irias amar) eu me lembro de uma poesia que ela sabe todinha em hakitia
 P: ela lia pra você poesia ?
 I: não ela não lia era uma poesia que ela se lembrava ... que ... ela tinha ouvido quando era criança mas com 90 anos ela contava essa ... era a única coisa que ela se lembrava de criança
 395 entendeu ?

- P: então ... mas ela falava com você
 I: falava
 P: você conhece
 I: mas eu não me lembro a poesia toda ... era uma coisa muito grande
 400 P: ms você lembra ... mas você conhece
 I: conheço
 P: porque existe então
 I: existe
 P: agora você já ouviu falar é em balada em balada em hakitia ? você já ouviu falar nisso ?
 405 I: o que é balada ?
 P: eu não sei também eu ... peguei ... eu não sei o que que é isso o que que é balada
 I: não
 P: eu acho que nem deve existir porque ...
 I: ninguém reconhece
 410 P: é
 P: ca músicas em hakitia ?
 I: não ... isso
 P: não
 I: eu não conheço
 415 P: contos populares ?
 I: não
 P: orações ?
 I: orações sim
 P: sim ... em hakitia mesmo ?
 420 I: sim hanhan
 P: você sabe se tem ... isso aqui é outra pergunta extra aqui ... você sabe se tem alguma coisa escrita de hakitia ... você já ouviu falar ?
 I: ó tem uma uma canção que a gente fala ... que eu não sei se é hakitia ela ela parece ser espanhol só que como a hakitia ela é muito parecida com espanhol né tem uma influência
 425 muito grande
 P: isso ... é um espanhol é uma mistura
 I: é um espanhol
 P: de espanhol com árabe
 I: eu acho que essa cantiga tá tendo escrita ... é uma canção que ela é é uma oração canção ... e
 430 o nome dela é
 P: em que língua ?
 I: o nome dela é bendigamos ... ela é mais ou menos assim “bendigamos al altissimo porque siempre nos atendó (...) que és bueno que para siempre su mercê”... é alguma coisa assim
 P: mas tá escrito em que caracter ?
 435 I: eu acho que é em português mesmo assim tipo com caracter latino
 P: caracter latinos
 I: latinos ... eu acho que quem deve ter isso é em casa é meu tio que isso era da minha avó ... é uma canção que a gente sempre canta ela em *Pessach* a gente sempre canta ela até hoje a gente canta mesmo (...)
 440 P: não tem nenhuma mistura de hebraico árabe ali não ?
 I: não ... nem lembro ... isso eu não sei ... eu não sei se ela é ... se a hakitia é isso (...)
 P: não porque tem que a hakitia a hakitia é uma mistura de ...
 I: de hebraico espanhol
 P: hebraico espanhol e ... e árabe
 445 I: e árabe

- P: é ... mas aí que tá a diferença que senão seria espanhol
 I: (...)
 P: você vê que é diferente pelas palavras
 I: (...) não tô me lembrando tem uma tem uma outra também
 450 P: hum
 I: que eu me lembro que a gente canta também é ... é ... tem uma agora que eu me lembrei a do cabrito ... uma canção que a gente canta
 P: hum
 I: un cabrito e un cabrito que mi padre (...) un cabrito e un cabrito ... é uma que a minha avó cantava / a gente sempre canta isso em *Pessach* também ... essa eu tenho essa eu tenho certeza que tem a coisa de hakitia tem (música)
 455 P: tem a letra ?
 I: (música) ... ela ela tem em português só que no meio dela tem umas expressões em hakitia
 P: você tem a letra ?
 460 I: eu acho que meu tio tem isso
 P: você vai fazer um favor prá mim vai conseguir e mandar por email prá mim
 I: tá ... eu vou ver se consigo
 P: pode ser ?
 I: vou dar um jeito ... eu não te... essa eu tenho certeza que tem hakitia comigo
 465 P: se você conseguir assim ... se for não for demais se você conseguir
 I: (...)
 P: se tem referência ... de quem é
 I: o nome das músicas é do cabrito e o bendigamos (...)
 P: do cabrito e bendigamos ... não mas tem que ter certeza que é hakitia né
 470 I: eu vou fazer o seguinte ... vou te mandar
 P: tá
 I: aí tu vê se tem alguma coisa realmente
 P: tá ... se você puder mandar assim ... da onde que você tirar
 I: tá
 475 P: se é de livro é de onde assim ?
 I: eu vou ver ... não sei ... meu tio tem em casa isto ... com certeza
 P: mas aí você me tra tiver referência
 I: tá
 P: data essas coisas
 480 I: tudinho eu lhe passo
 P: você me manda tá ?
 I: mando
 P: você tem meu email ? já dei pra você não dei ?
 I: já
 485 [...]
 P: tá ... bom ... você conhece palavras de blasfêmia xingamentos insultos ou afrontosas em hakitia ?
 I: não sei assim palavra ... xingamento não ... conheço algumas palavras assim ... tipo de ... de afronta assim
 490 P: afronta ?
 I: por exemplo a minha mãe a gente sempre faz isso por exemplo a gente entra no ônibus é ... e tem o o motorista tá dirigindo muito ... muito rápido ... **ô manzia negro** ... a gente chama assim **ô manzia negro**
 P: deixa eu anotar assim essa aqui ... **ô manzia** ...
 495 I: **manzia negro** que é

- P: **manzi** tem r no final ?
 I: **manzia negro manziá** acho que é **manziá manziá** ... é com acento **manziá negro**
 P: **manziá** ... mas não tem r não ?
 I: acho que ... não sei se
 500 P: **manziá** ?
 I: **manzia negro manzia** ... acho que é essa aí mesmo **manzia**
 P: **ô manziá**
 I: é
 P: com acento posso por acento ?
 505 I: **manzia manzia manzia negro**
 P: ah ... **manzia negro**
 I: **negro** ... **negro** é uma expressão que a gente dá pra
 P: é
 I: prá enfatizar
 510 P: é
 I: aí **manzia** é um é um ... como se fosse assim um ... filho da puta mesmo
 P: ah tá é ...
 I: um ... um ...
 P: vou botar ...
 515 I: escroto mais ou menos assim
 P: vou botar assim é ... isso é bem é forte é escroto ... vou botar aqui
 I: é como se fosse assim ... se a gente se às vezes ta fazendo alguma coisa por exemplo assim tu tá / minha mãe minha mãe fala isso assim todo dia ... se a gente chega assim numa numa fila de banco o cara vai atender com uma cara muito feia ... esse **manzia** aqui tá com a (...) /
 520 ele não tá a fim de ... de atender a gente va ...
 P: entendi
 I: não não não não te mete vai ... essa essa palavra **manzia** ela
 P: **ô manzia negro** ... então negro é pra ficar mais mais fortalecido
 I: é
 525 P: mais enfático né ... é ...
 I: então também tem uma outra
 P: mas esse ô aqui é português já misturou português né quer dizer **manzia negro**
 I: **ô man** é
 P: ô ô ô ... parece coisa ...
 530 I: é ... aí também **chamôr**
 P: **chamôr**
 I: **chamôr**
 P: **chamór**
 I: **chamôr chamôr chamôrito**
 535 P: você fala **chamôr**
 I: **chamôr chamôr chamorito**
 P: é que nem **chamór** burro ?
 I: é seria mais ou menos assim ... quando a gente fala **ô chamôr** pára de de ... é como se fosse o o / sei lá ... eu pelo menos
 540 P: hum
 I: uso **chamor** na minha no meu vocabulário
 P: pra quê ?
 I: eu uso no meu vocabulário com a minha mãe assim a gente fala assim ... é ... a gente chega assim ... aquele **chamôr** ... aquele ... escroto também aquele safado aquele **chamôr**
 545 P: safado

- I: ou também ‘ei **chamôr** vê se tu pára de ...’ é tipo como quem diz assim ... ô ... em vez de dizer assim o **chamôr** seria mais ou menos assim desculpe a expressão “ô caralho” tipo mais ou menos assim sabe
- P: ah sei
- 550 I: ‘ô **chamôr** pelo amor de Deus não me enche’
- P: cha ... então você fala **chamôr**
- I: é
- P: r no final ... **chamôr**
- I: é tem gente que fala ‘**chamôr** pára de me **burilar** pelo amor de Deus ô **chamorito**’ / o pessoal fala **chamorito**
- 555 P: **chamorito** é ... fica mais ...
- I: mais suave um pouco
- P: suave é porque é ... é ca é carinhoso mas ...
- I: (risos) mas ao mesmo tempo xinga
- 560 P: xingando
- I: é ... ‘ê **chamorito** pára de me **burilar** por favor’
- P: é mesma coisa mas mais delicado
- I: mais delicado
- P: vamos dizer ... você conhece outro nome prá há hakitia ?
- 565 I: outro nome ?
- P: existe algum outro nome que você conhece assim que alguém ...
- I: não ... a gente sempre chama de hakitia mesmo
- P: hakitia tá ... bom ... bom você é tão fluente quanto sua seus avós ?
- I: não ... com certeza não
- 570 P: e quanto a sua mãe ?
- I: não ... acho que não
- P: não
- I: minha mãe sabe um pouco mais
- P: não ... e porque que você acha que é no seu caso assim é mais inferior em que sentido no vocabulário na pronúncia ...
- 575 I: no vocabulário e na gramática ... a pronúncia é a mesma / que a gente aprendeu mas mas o que a gente aprendeu aqui
- P: é no vocabulário e na gramática é mais inferior ?
- I: é mais inferior / o que a gente aprendeu
- 580 P: hum
- I: a gente aprendeu certo a pronúncia entendeu ?
- P: tá a pronúncia é certa
- I: isso ... só que ... não teve muita coisa aqui (...) que meus filhos por exemplo já vão aprender menos os filhos dos meus filhos vão aprender cada vez vão aprender menos entendeu ? (...)
- 585 P: e você assim ... você tem habilidade pra e expressar certas idéias ?
- I: em hakitia ?
- P: é
- I: como tô te te falando por exemplo às vezes a gente comunica uma coisa que a gente uma idéia que a gente tem ... usando ... juntando expressões entendeu ? junto com ... por exemplo a gente chega no meio da rua se alguém me ouve falar ... se eu chego (por exemplo) tu tá andando no meio da rua eu falo pra ti ... olha cuidado pra ti não pisar na merda tu vai entender
- 590 P: é
- I: aí fala não ... ‘cuidado com a **chará**’ ... se eu vou falar o cara vai e pisa porque o cara não tá sabendo o que é **chará**
- 595 P: sim

- I: porque não sabe ... entendeu ? então é uma forma de expressar
 P: tá ... desligo ?
 [pausa]
 P: então você tá você tá explicando prá expressar certas idéias ... sim
- 600 I: tá
 P: você tem habilidade ... é especifique ... explique assim ...
 I: um exemplo tu queres ?
 P: não ... é especifique assim ... é ... dá um exemplo
 I: certas idéias é idéias coisas que a gente não quer que a pessoa entenda / a gente tenta ... é
- 605 passar uma idéia mais eufemista digamos assim de certas coisas que a gente quer falar
 P: hum
 I: a gente não vai chegar falar palavras às vezes muito bruscas na frente de certas pessoas a gente ...
 P: hum
- 610 I: acaba usando alguma coisa hakitia ou não quer que a pessoa entenda o que tá falando que às vezes tá falando com relação à ela entendeu como ... como eu te falei ô **ô manzia negro** entendeu ?
 P: e ninguém vai entender
 I: vai entender
- 615 P: não vai ofender
 I: e não vai ofender a pessoa
 P: você vai xingar
 I: e a gente vai xingar
 P: e vai ficar feliz (risos)
- 620 I: (risos)
 P: adorei ... na sua opinião o hakitia é uma língua útil prá comunicação com outros judeus ?
 I: sim ... nesse sentido sim
 P: é ... cite algumas situações específicas onde fala a língua ... mesma coisa ...
 I: (...)
- 625 P: é pra quando as pessoas não ... não precisam entender né ?
 I: é
 P: mas aí essas pessoas seriam as que não ... as não judias né ? porque judeus todos aqui mais ou menos entendem
 I: quase todos falam
- 630 P: é ... então assim ... quando as pessoas não per não precisam entender ... as não judias ... mais alguma situação assim de falar a língua ? alguma outra situação ?
 I: não
 P: no dia-a-dia você não fala ?
 I: no dia-a-dia às vezes a gente fala / tem gente até que pergunta ... que é isso que tu tá falando
- 635 não ... é uma expressão (da minha região)
 P: no dia-a-dia assim
 I: mas a gente fala sem querer ... tipo ... olha uma palavra que é muito forte pra mim é **boril** ... eu uso muito muito
 P: qual que é ?
- 640 I: **boril**
 P: ah **boril**
 I: **boril**
 P: mas **boril** é a mais ...
 I: que todo ... todo mundo fala
- 645 P: é a mais ..

- I: então às vezes eu tô assim falando com um amigo meu que não é judeu aí ... aí eu tô agoniado aqui esse menino não pára de me **burilar** ... o quê? 'vê se pára de me encher o saco aí' ... 'pára de me **burilar**'
- P: quer dizer que você mesmo com não-judeu você solta
- 650 I: às vezes sem querer
P: solta sem querer
I: acaba soltando
P: isso é uma situação perai ... às vezes solta sem querer ... com ... sem querer com não-judeus
- 655 I: isso
P: isso é interessante porque é uma coisa que já tá ... assim ... é arraigada entendeu em vocês assim ... naturalmente ela acontece
I: natural é
P: você nem pensa ... sai
- 660 I: a pessoa a pessoa não ... não entende às vezes / às vezes a gente tem que explicar
P: é mas você fala com naturalidade ... não é isso?
I: e às vezes por exemplo até até ... a expressão negro por exemplo prá dar ênfase eu uso com outras coisas que não é da hakitia entendeu?
P: sei
- 665 I: por exemplo ele é ... é ... sei lá deixa eu ver ... se a gente assim chega pra pessoa e tu diz pra alguém que a pessoa é o diabo ... diabo você diz é um ...
P: demônio
I: dia diabo negro entendeu? que é ... tô enfatizando usando o português
P: português
- 670 I: e usando o **negro** como uma forma (...) preto pra mim o preto a cor preta
P: é ... isso
I: a pessoa não entende que eu tô querendo dar ênfase às vezes ... a gente tem que explicar ... entendeu?
P: pois é ... então é ... é isso que eu que eu tô sentindo aqui nas entrevistas que as pessoas
- 675 falam assim naturalmente ... não ...
I: é verdade
P: a coisa flui ... não é?
I: é
P: aí você considera importante continuar a falar a língua e o seu conhecimento e porque?
- 680 I: ah ... na verdade assim é ... é interessante por uma questão da ... da gente poder ter essas fofquinhas mas ...
I: han
I: eu não vejo assim que seja uma coisa tão importante então porque é uma língua que já tá morta
- 685 P: você acha que a língua tá morta?
I: eu vejo que sim ... só um minutinho
[...]
P: você falou que ... é ... você acha que a língua está morta?
- I: é ... eu vejo que sim né porque uma língua morta é uma língua que não tem uso ... uma
- 690 língua que não que não tem uso né
P: (...) uma língua sem uso?
I: é ... pra gente ela tem uso mas muito ... muito pouco ... se a gente fosse pensar em falar só hakitia ninguém conseguiria falar só hakitia hoje em dia ... ninguém consegue falar só hakitia hoje em dia
- 695 P: você ...

- I: só os nossos ...
 P: han ?
 I: (...)
 700 P: esta não é pra você ... aqui já é pra pessoas casadas ... aqui é pra pessoas casadas ... ah ... o que você acha que os jovens sefaraditas que você conhece sentem sobre falar o hakitia ?
 I: olha ... o que eles sentem ?
 P: é
 I: eu acho que é a mesma coisa que eu sinto né são (risos) ... eu gosto de falar porque é uma coisa assim é uma questão é ... pra mim acaba sendo apesar de que não é uma coisa da minha
 705 religião
 P: hum
 I: mas acaba se tornando pras pessoas de fora da minha comunidade judaica como se fosse uma ... uma um objeto cultural do ... do judaísmo em si entendeu ?
 P: hum
 710 I: o que não é ... não é do judaísmo em si ... mas acabou se tornando entendeu ?
 P: um objeto cultural
 I: cultural {do judaísmo}
 P: {do judaísmo} ?
 I: então pras pessoas parece assim só (...)... esses os judeus tem até um um modo próprio de
 715 falar entendeu?
 P: hum
 I: então eu gosto de saber novas palavras pra que eu possa **chadrear** mais ainda com ... com eles entendeu ?
 P: com os judeus
 720 I: com os não judeus
 P: os não
 I: os não judeus pra eles saberem que eu tenho algo que pode {(...)}
 P: {ah} ... entendi ... você usar mas com não judeus pra mostrar pra eles que você sabe algo mais
 725 I: algo mais e que é da minha religião entendeu como se fosse isso uma um digamos um ... um tesouro cultural da minha religião entendeu ? também sei lá ... pra tentar elevar até o nome da minha religião / ah então tua religião tem uma coisa que tu fala que não é português (...)
 P: é
 I: entendeu ? minha religião tem até uma ... um dialeto próprio sabe (...) né ? enfatizar ... ah ...
 730 o povo ... que bacana minha religião
 P: então tá ... você sabe se sua família tem alguma procedência espanhola conhecida ? se tem ... de qual região da Espanha Marrocos eram seus antepassados ... você já me disse né ?
 I: hunhun
 P: mas de qual região do Marrocos ... você não sabe ?
 735 I: não tenho a mínima idéia
 P: você sabe de dessa procedência espanhola ? você tem alguma ...
 I: não
 P: algum conhecimento ?
 I: imagino que possa ter muita influência porque Portugal e Espanha eram super próximos né
 740 ?
 P: é Península Ibérica
 I: (...)
 P: mas assim ... conhecimento mesmo ?
 I: não
 745 P: não ?

- I: não
 P: bom ... isso aqui também não é pra você ... você não é ca ... você não é casado ... qual a importância do hakitia pra você ?
 I: importância ?
 750 P: é
 I: acho que é como se fosse uma herança cultural mesmo ... uma herança cultural da das nossas gerações passadas
 P: isso ... você considera importante pesquisas e estudos relacionados com hakitia ?
 I: ah ... acho importante
 755 P: porque ?
 I: ah eu acho muito importante esse tipo de estudo com relação a coisas ... é ... coisas que tipo / eu trabalho dentro da área assim da área de artes então a gente / acho que a história é importante / tudo que tenha tudo que um dia já passou aqui na terra tem que ser ... sabe ... tem que ser ... né ... registrado
 760 P: passou na terra tem que ser registrado ?
 I: é ver ... é eu acho ... eu penso assim ... porque faz parte do nosso passado da nossa nossa identidade cultural né ... se um dia eu não souber mais falar hakitia mas pelo menos eu vou poder dizer pros meus filhos que ... ah ... ‘você sabe na minha na nossa época falava um dialeto’ / eles vão dizer na época do pai do meu pai (risos)
 765 P: é
 I: então uma forma deles pelo menos eles saberem que algum dia já existia alguma coisa ... entendeu ?
 P: e aí ... você poderia citar algum dito provérbio alguma frase ou uma expressão que você considera interessante em hakitia ?
 770 I: eu ?
 P: eu sei que você sabe ... o problema é que é
 I: (...)
 P: é
 I: é falar uma frase ... pode ser uma frase meio baixa assim ?
 775 P: não ... fala fala
 I: tem uma expressão que eu dificilmente eu ouço falarem mas a minha avó e a minha mãe falam muito isso ... tipo assim se a minha avó queria alguma coisa por exemplo ... minha avó queria alguma coisa aí eu ...
 P: você poderia citar algum dito provérbio ou alguma frase expressão que considera interessante em hakitia ?
 780 I: olha ... que eu conheço é essa aqui
 P: pode falar
 I: **tiquito lo chondon**
 P: ti ...
 785 I: é como se fosse uma palavra só ... mas na verdade são duas ... **tiquito**
 P: mas eu ponho com k ?
 I: eu acho que é com k
 P: com k ou qu ?
 I: **tiquito** ... eu acho que é com k ... **tiquito lo chondon**
 790 P: então perai ... **tiquito** é uma palavra ?
 I: eu acho que são 3 palavras ... mas a gente fala tudo junto ... **tiquito lo chondon** (...) olha se tu não resolver isso pra mim ... **tiquito lo chondon**
 P: eu vou fazer em 3 aqui quer ver ... **chondon**
 I: **tiquito lo chondon**
 795 P: será que seria isso ?

- I: é ... seria isso
 P: **tiquito** uma palavra e **lo chondon**
 I: isso ... é como se eu te eu te daria um tapa na bunda ... é ... uma palmada na bunda
 P: uma palmada na bunda ?
 800 I: é uma forma de ... de dizer / a minha avó falava pra mim ‘ó **tiquito lo chondon**’
 P: você tinha usado uma outra ... expre ... é você falou de um jeito mais violento assim ...
 pode ser também ? você falou ...
 I: pode ser ... ‘ah se tu não fizer isso **tiquito lo chondon**’ mas é no sentido assim tipo ... não
 que ela vá fazer exatamente isso ... mas é como se fosse que tu vá receber alguma coisa em
 805 troca
 P: antes da palmada você tinha dito ... uma outra {palavra}
 I: {uma porrada}
 P: é
 I: pode ser pode ser
 810 P: pode ser ? uma porrada ? porque uma palmada é leve ... uma porrada é uma coisa mais
 violenta
 I: é
 P: pode ser as duas ?
 I: pode ser
 815 P: a idéia é essa ... tem alguma outra que você ... lembra?
 I: uma **tiquito lo chondon** ... tem ... olha o próprio a própria palavra **chadrear** como foi que
 falaram pra ti **chadrear** ? O que significa **chadreiar** ?
 P: **chadrear** é conversar ? é conversar ?
 I: é ... só que tem uma expressão que as pessoas falam ... não **chadreia** por exemplo assim
 820 pode ser
 P: não cha
 I: não **chadreia**
 P: não ... português
 I: não **chadreia**
 825 P: peraí ... deixa eu colocar essa ... não **chadreia** ... com h né ?
 I: por exemplo se eu tô te contando
 P: **chadreia**
 I: isso
 P: com i e a ?
 830 I: é **chadreia**
 P: **chadreia**
 I: se por exemplo ... a minha mãe vai ... por exemplo ela sempre fala isso ... por exemplo a
 minha mãe / a gente tá conversando minha mãe mora em Brasília ela vai me dando dando
 informações de de contas que eu tenho que pagar prá ela por por tel ela tá me dando as
 835 informações por telefone
 P: isso
 I: aí eu tô do lado da empregada lá de casa
 P: ah
 I: aí eu começo a falar ... mil e duzentos
 840 I: ‘Thyago **não chadreia**’
 P: ah entendi
 I: entendeu ?
 P: não fala
 I: não ... é tipo com sentido não dá não dá não dá de bandeja ... não não deixa aberto as coisas
 845 as coisa sabe ... não **chadreia** não ... eu não sei explicar

P: explica como você entende

I: eu entendo assim ... tipo assim se alguém chega pra ti olha eu fiquei sabendo que a fulana vai viajar e diz ... 'não vai contar não vai falar pra ninguém ... guarda contigo entendeu ?'

P: guarda contigo

850 I: é mais ou menos assim ... guarda contigo é é segura tenta ... não deixa transparecer o verdadeiro ... a verdadeira intenção da coisa ... como se fosse isso

P: peraí ... não deixa transparecer a

I: a verdadeira intenção da coisa

P: como a ... em que sentido ... peraí

855 I: quando eu falo pra ti por exemplo é ... tu me fala 'olha Thyago tô fazendo uma pesquisa sobre hakitia'

P: isso

I: mas não conta pra ninguém não te preocupa ah 'olha Thyago não **chadreia** por favor não **chadreia** que senão vão botar olho gordo' no meu vão colocar (*ainará*)

860 P: (...)

I: é tipo assim ... não vai **chadrear** senão vai colocar *ainará* no meu trabalho

P: entendi

I: entendeu ?

P: não dar mal olhado ... não conta

865 I: é não conta ... não leva ... não ...

P: não espalha

I: depende da (...) situação (...) entendeu ?

P: entendi

870 I: quando alguém fala não **chadreia** é porque que ela não quer que eu deixe entender que eu tô falando sobre aquele assunto com ela no telefone

P: sei

I: entendeu ? então se ela fala por exemplo mil e duzentos reais eu falo 12 reais aqui ... entendeu ?

P: ah entendi ... ela fala pra você não falar alto

875 I: isso

P: pra ...

I: não **chadrear** pra pessoa não não ficar sabendo (o que eu tô falando)

P: entendi e a sua mãe faz usa muito isso no telefone ?

I: isso

880 I: a gente tá no telefone às vezes eu eu tô quando eu to no meu trabalho ... não quero falar assunto pessoal dentro no trabalho ... começa lá ... ah Thyago porque tu tem que resolver

P: entendi ... então é comum usar no telefone ?

I: isso ... muito comum ... a gente usa muito eu e minha mãe ... é uma palavra comum que a gente se fala muito pelo telefone que ela mora em Brasília e eu aqui

885 [...]

P: mas assim ... bom ... se você lembrar de mais alguma outra pode falar ... você saberia é me dizer se você conhece essas palavras em hakitia ... algumas delas (...)

I: deixa eu ver ... eu posso até saber mas talvez não vou me lembrar agora

P: é quando você joga assim as pessoas não lembram mas depois a memória fica ativada

890 I: (...) deixa eu ver ... é então ... não conheço assim de ... assim de lembrança não vem nada

P: eu quando eu chego nessa lista / eu sinto as pessoas ficam meio assim

I: o pior é que eu sei que tem umas que eu sei

P: pois é mas quando chega ...

- 895 I: mas eu não lembro ... eu sei que por exemplo livro de orações eu sei que tem ... rabino sei que tem por exemplo é é ...deixa eu ver aqui (...) sorte eu sei que tem ... mas eu não tô me lembrando ... é ... não consigo me lembrar
P: (risos) ... interessante porque é uma lista de palavras simples né ?
I: é verdade
P: e as pessoas quando chegam aí elas pensam mesmo
- 900 I: é verdade
I: alguém já te falou alguma daqui ?
P: poucas
I: pouquíssimas
P: poucas ... todo mundo fala ... muito pouco
- 905 I: (...)
P: muito pouco
I: acontece que eu não lembro de ...
P: não ?
I: nenhuma daqui
- 910 P: então vamos lá ... vamos continuar ... então agora a última perguntinha ... você gostaria de acrescentar alguma informação que você considera interessante à pesquisa?
I: olha ... eu acho que uma informação assim que eu acho que já deve ter percebido que realmente hoje em dia ... a a atual comunidade / a gente tá perdendo nossa nossa essa essa essa herança digamos assim porque é uma questão ... é a tendência ... é uma tendência ... e os verdadeiros **chadreadores** de hakitia foram nossos avós bisavós
P: **chadreadores** ?
I: é
P: a gente fala **chadreiadores** ? ou **chadrea**
I: **chadreadores**
- 920 P: **chadreadores** ... foram nossos avós ?
I: foram nossos avós bisavós ... esse pessoal de mais velho assim com certeza sabem bastante / hoje em dia ... cada vez mais tá se perdendo ... acho que não tem informação que eu acho assim conveniente você colocar não (...) importante
P: tem alguma coisa que eu esqueci de te perguntar que você gostaria de acrescentar ?
- 925 I: não ... eu acho que não ... qualquer coisa assim depois assim lá casa eu tiver me lembrado de alguma coisa eu te mando por email tudinho
P: tá ... então eu vou ofici é ... encerrar nossa entrevista aqui agora ... tá ?
I: tá bom

Transcrição de gravação realizada em Belém no dia 23/08/05
 Informante 7: I. O., sexo M, 53 anos, zona urbana, 3º grau
 Pesquisadora: C. S.

- P: é nome ? é Inácio
 I: é Inácio Obadia
 P: Aba
 I: Oba Obadia ... *Ovadia*
 5 P: *Ovadia* {Inácio}
 I: {*Ovadia*} *beivrit*
 P: mas é ... escreve com d né ... com b né ?
 I: Obadia {Obadia}
 P: {Obadia} O ... porque eu falo Obádia mas é Obadia né ?
 10 I: mas em *ivrit* é *Ovadia* né
 P: *Ovadia* é ... é ... local de nascimento ?
 I: eu nasci aqui em Belém do {Pará}
 P: {Belém}
 I: no dia 20 de fevereiro de 1952
 15 P: portanto o senhor tem ... quantos
 I: 53 anos
 P: 53 ... é ... profissão ?
 I: eu sou professor
 P: professor ... então é {superior}
 20 I: {de língua} portuguesa
 P: de língua portuguesa
 I: é ... e literatura ... (risos)
 P: em qual fa faculdade que o senhor
 I: chama UVA
 25 P: UVA ?
 I: é
 P: é Universidade
 I: é
 P: de ?
 30 I: Vale do Acaraú
 P: ah... então eu sei / conheci uma uma moça que estuda lá pedagogia
 I: (...)
 P: é entao agora nós vamos falar dos seus pais ... a sua mãe onde que ela nasceu ?
 I: ah é meus pais são brasileiros sou segunda geração já
 35 P: ah seus pais a mãe e o pai são {brasileiros}
 I: {são brasileiros} ... meus avós que eram do Marrocos
 P: então
 I: sou segunda geração já
 P: então assim eles é falavam português
 40 I: normal normal
 P: foram criados em português
 I: foram criados em português
 P: tudo português
 I: tudo português
 45 P: tá ... então assim os avós maternos do lado da mãe é ... onde que a avó nasceu ?
 I: eles nasceram todos no interior né do ...

- P: mas assim ...
 I: minha avó já nasceu
 P: do lado da mãe
 50 I: no interior aqui do
 P: interior ...
 I: do estado do Pará né
 P: o senhor se saberia ...
 I: cidade de Cametá
 55 P: ah Cametá
 I: ja ouviu falar em Cametá cidade famosa foi um grande centro judaico aqui nes ...
 P: eu / tem Cametá Óbidos ... é ...
 I: mas Cametá a importância devido ao número de judeus ...
 Pausa na fita
 60 I: era... era bom muito bom
 P: e a cidade
 I: comparativamente a a a Belém né
 P: ah sim a cidade {assim}
 I: {a a a}
 65 P: é tão boa
 I: quer dizer o nível dos judeus que estavam lá
 P: então eles {tinham cultura}
 I: {não é} ... tinham cultura né ... isso atesta o cemitério já visitei o cemitério lá ... já
 pesquisei o cemitério lá / o livro conhece o livro *Eretz ... Eretz* Amazônia ?
 70 P: um vídeo
 I: do professor ...
 P: o vídeo
 I: ah o livro tem também
 P: tem livro também ?
 75 I: pro livro eu fui pesquisador do livro no interior e ... a gente vê pelos nomes que ... que tem a
 no cemitério lá tem pessoas que tinham um (...) quer dizer a minha família Obadia / quer
 dizer ninguém vinha pra capital todos vinham todos vinham já endereçados para trabalhar no
 interior
 P: vinham pra Belém
 80 I: é
 P: e iam pro
 I: é vinham logo se instalar né
 P: sei
 I: já vinham com tudo arrumado pra trabalhar no interior / quer dizer minha família teve
 85 início lá na cidade de ... de Cametá
 P: sim Cametá ... e esta cidade hoje em dia ela é ... uma boa cidade ? ou é interior mes
 I: não não ... é interior mesmo
 P: interior
 I: interior / ficou estacionado no tempo né ... economicamente não ... não avançou muito
 90 P: hum
 I: só houve uma concentração só na capital aqui
 P: então assim a avó do lado materno ela foi alfabetizada então em que língua ?
 I: tudo em português
 P: tudo português ?
 95 I: português
 P: então se falava português no lar ?

- I: é
 P: e do lado é ... materno o avô ... do lado materno
 I: eu acho que também ... também tudo em
 100 P: português
 I: português
 P: e nasceu aonde ?
 I: lá em Cametá também
 P: Cametá também / já do os avós do lado paterno {avós}
 105 I: {aí} são marroquinos
 P: marroquinos ? então assim a mãe a avó do lado paterno nasceu ...
 I: em Fez no Marrocos
 P: Fez no Marrocos / e a língua que ela foi alfabetizada ?
 I: ah ... eu acho que francês
 110 P: francês ... e a língua falada no lar ?
 I: na casa dela ?
 P: é
 I: português
 P: português
 115 I: português desculpe ... o o o hakitia na verdade
 P: hakitia
 I: todo mundo fala
 P: hakitia eu eu pronuncio com meu sotaque
 I: é ... com certeza
 120 P: hakitia ... então assim a língua falada no lar da avó do lado paterno foi hakitia
 I: hakitia
 P: algu alguma outra ?
 I: quer dizer ... essa hakitia com toda mistura que ela tem com palavras em castelhano em árabe em hebraico {não é}
 125 P: {uma coisa que}
 I: essa mistura toda aí quer dizer na verdade num ambiente plurilingüístico
 P: sim
 I: porque eles estavam ouvindo palavras que vinham de várias línguas
 P: agora me diz uma coisa eu faço essa mesma pergunta pra todo mundo pra ver se se se
 130 existe contradição ... é é francês fazia parte do hakitia ou não ?
 I: eu não reconheço assim palavras / do espanhol sim
 P: sim
 I: não ... é ... mas por exemplo no espanhol antigo sea a a expressão espano/castelhana hasta quando por exemplo
 135 P: sim
 I: vinha com a expressão lá do ladino lá do tempo da expulsão ainda **chata quando** ?
 P: **chata**
 I: quer dizer **chata quando** essa forma é uma é uma expressão medieval
 P: sei
 140 I: ainda do espanhol ... então do francês é eu não reconheço nenhuma
 P: não
 I: expressão
 P: é porque até agora assim
 I: porque eu acho que / sei lá / a maioria do pessoal que veio pra cá era de Tânger no
 145 Marrocos
 P: aqui

- I: ou de Casablanca
P: na comunidade ...
I: Tânger Casablanca mais do Marrocos a a espanhol tá ?
150 P: ah tá
I: influência espanhol ... então ... a base lingüística da hakitia local era do espanhol
P: quer dizer que essa comunidade aqui ela é a maioria dela é mais originária da parte
I: {espanhola}
P: {espanhola}
- 155 I: isso
P: e não aqueles judeus nascidos no {Marrocos}
I: {é} ... você vai pegar quem veio de Rabat Mogador das outras cidades
P: sei
I: foram minorias que terminaram se absorvendo tanto que o *nussach* a no *Beit Chacnesset* na
160 verdade é o *nussach* de Tânger
P: hum
I: que prevalecia prevaleceu o *nussach*
P: me diz assim a diferença qual que é o Marrocos é árabe e qual que é o francês as cidades
que compõe o o Marrocos árabe e o Marrocos francês
- 165 I: você tinha Tânger que era cidade internacional
P: sei
I: *benleumit* né mais importante do Marrocos tinha Casablanca pra cá ao lado do litoral
P: essa é a parte do
I: do {espanhol}
- 170 P: {espanhol}
I: não é ? porque você vinha ao sul da Península Ibérica tem Gibraltar atravessou tá ali no
Marrocos
P: isso
I: então a parte do litoral era a parte espanhola e você vai adentrando mais tem a parte
175 francesa
P: hum
I: não é ? a própria capital Fez Rabat Mogador daí já a parte francesa e é mais pro interior era
a parte árabe propriamente dita não é ? então tinha os judeus de três origens tinha os judeus
do interior
- 180 P: sei
I: de de influência árabe mesmo não é ? que não falavam as línguas internacionais tinham os
judeus da fala francesa e tinha a maioria que veio pra cá que eram os judeus é ...
P: de origem espanhola
I: de origem espanhola que eram os financeiramente melhor situados que né que tavam / se
185 colocavam aí
P: é agora é vol continuando aqui do lado dos avós paternos o avô do lado paterno on onde
que ele nasceu ?
I: é ... (risos) ... há muito tempo eu pensei que era ele tinha nascido em Gibraltar mas uma tia
minha me provou que não que não foi ... eu acho que foi Mogador que ele
- 190 P: Mogador
I: Mogador é que ele que ele nasceu
P: Marrocos e e a língua que ele foi alfabetizado o avô do lado paterno ?
I: sei lá eu acho que foi ... deve ter sido árabe eu acho
P: e a língua falada na casa no lar ?
- 195 I: é no lar era hakitia ele tinha uma um um um sotaque muito forte do do árabe não é

P: agora eu gostaria que o senhor fizesse uma um comentário sobre a origem de sua família assim um um comentário breve sobre a sua família quando veio pra cá porque veio pra cá em que ano se for possível

200 I: bom é ... eles vieram pra cá pelas mesmas razões de todos os judeus que vieram pra Amazônia né

P: porque motivo ?

I: pela pobre situação econômica a falta de perspectivas econômicas pros jovens marroquinos empurravam pra cá pro Brasil que era tido como um eldorado local que todo mundo aqui vinha ia se dar bem com o comércio com as especiarias com os produtos da terra a exportação
205 né / quer dizer primeiro os ingleses estavam aqui e os ingleses começaram a abandonar esse mercado não é / e os judeus co e os judeus e os árabes não é vieram pessoas do Líbano da Síria também quer dizer do Oriente Médio vieram pessoas

P: na mesma época ?

I: passaram na mesma época pra trabalhar nas mesmas coisas então ...

210 P: do Líbano da ...

I: é do Líbano do da Síria até do Egito mesmo

P: sei

I: eram famílias do Egito aqui que vieram também / eram chamados turcos né porque a Turquia era o grande império {o passaporte}

215 P: {por isso} que fala turco né ?

I: é turco é porque o passaporte era da Turquia era o grande império é {Otomano}

P: {Otomano}

I: né é essa questão então esse pessoal veio trabalhar no mesmo ramo nessa atividade econômica que já tinha os grandes capitães né as grandes firmas aviadoras centradas em
220 Belém com ramificações que iam de Belém até Iquitos no Peru todo o rio Amazonas em cada lugarejo em cada cidadezinha você tinha um judeu que tinha lá a lojinha dele né um empório

P: hum

I: ou bazar como se queira chamar na verdade as vezes era até uma palafita um negócio lá que ele aviava os produtos que os caboclos precisavam não é tudo desde agulha até querozene o
225 que que se imaginar de comida também

P: os

I: ele {cachaça}

P: {eles levavam} pro interior ?

I: é

230 P: de Belém pro interior ?

I: é ... todo / saía assim um batelão que era um um grande barco né

P: sei

I: é repleto de todos os produtos em cada porto ia deixando lá os suprimentos e ia ia até Iquitos na volta ele vinha recolhendo os produtos amazônicos que os caras trocavam

235 P: entendi

I: as vezes não havia compra e venda eram trocas

P: trocas

I: de produtos

P: escambo né

240 I: escambo

P: que eles falavam

I: é troca de produtos então peles de animais os óleos da dos produtos amazônicos copaíba andiroba pau-rosa

P: sei

245 I: não é ... pra pra aquele negócio que faz fixador de perfume cumarú e ... balata borracha

- P: que que é balata ?
- I: é uma uma assim uma uma uma assim uma um látex
- P: hum
- I: parecido com a borracha tem um um emprego que se faz é goma de mascar
- 250 P: ah
- I: goma chicle
- P: sei é é desse produto ?
- I: é desse produto que se faz
- P: esse chiclete que a gente mastiga ? é bala
- 255 I: não sei se é ... pode ser sintético hoje não é ... naquele tempo era
- P: sei
- I: era
- P: balata
- I: balata ... e ... quer dizer sempre o pau-rosa que é uma essência odorífera muito / os óleos
- 260 medicinais da Amazônia castanha não é a pele de animais as peles que eram exportadas em natura
- P: sei
- I: não é naquela época de onça de cobra ariranha toda essa bicharada né que eles pegaram ...
- 265 enfim uma variedade de produtos né que eram exportados por essa rede de aviadores que era de Belém né
- P: o senhor fala aviadores é é ... esse avi
- I: esse comércio de aviar
- P: aviar
- I: aviar aviar é é ... você ir na minha loja e eu avio assim {("olha que que a senhora quer dona
- 270 dona ?")}
- P: {avi aviar uma receita}
- I: aviar uma receita também ...
- P: sei
- I: eu vou vou vender pra senhora eu vou esses essa é / a casa aviadora a ca de Belém aqui as
- 275 grandes casas aviadores essas casas que faziam essa transação aqui comercial nessa troca
- P: mas o ...
- I: de produtos
- P: o senhor sabe assim é ... a sua família é quem chegou aqui foram os seus avós em que ano mais ou menos tem idéia ?
- 280 I: {(risos)}
- P: {(risos)} ... oi
- I: essas coisas
- P: eu tô eu tô forçando memória ... (risos)... mas é se não souber tudo bem não ...
- I: ah péra la ... meu avô morreu paterno morreu em 1960 com 90 anos ... 1870
- 285 P: 1870 ?
- I: é ... 1870 por aí
- P: que ele chegou aqui ?
- I: chegou no / quer dizer ele nasceu ele nasceu não ele nasceu ele nasceu em 1870 né então ...
- 290 ele deve ter chegado com 40 anos em 1910
- P: 1910
- I: por ai
- P: mais ou menos ?
- I: é é por ai
- P: então deve ter vindo no o avô o avô paterno
- 295 I: é

P: não é isso ? o paterno deve ter chegado por volta de 1910 é ?

I: é

P: é isso mesmo ? quer dizer que o único motivo que trazia os judeus pra cá pelo que eu estou escutando aqui seria a pobreza a vida difícil lá ?

300 I: falta de perspectivas pra juventude

P: (...)

I: não é porque eles estudavam / a senhora conhece a atuação da Aliança Israelita Universal

P: sei

305 I: no Marrocos não é que era muito forte eles preparavam realmente o jovem para sobreviver mas só que tem que não havia como sobreviver ... a atividade econômica no Marrocos não existia né / então eles já conheciam sabiam ler escrever essas coisas todas não é contabilidade essa coisa toda mas não tinha como então ...

P: esses judeus ...

I: tinham

310 P: esses judeus que vieram da Espanha quais eram as profissões deles ?

I: bom ... aqui eles chegaram na condição de comerciantes

P: aqui chegaram como comerciantes ?

I: comerciantes quer dizer para o a atividade é de comércio

P: sei ... mas assim esses que foram pro Marrocos da Espanha ... porque dizem que os

315 I: bom

P: judeus espanhóis tem um {mais}

I: {mas}

P: muito mais

I: mas o *guerush* né a expulsão

320 P: sim

I: 1492

P: isso

I: isso (risos) isso ... ah levou / nós távamos falando assim de 4 séculos depois do *guerush* não é ... então eu acredito que houve uma deterioração da da do nível de vida dos judeus espanhóis no Marrocos

325

P: no Marrocos

I: não é ... quer dizer os judeus que vieram do *guerush* tinham na Espanha realmente farta condição econômica creio que sim

P: {porque}

330 I: {porque} eu ouvi falar que a literatura registra

P: quer dizer ... tinham cultura

I: tinham muita cultura

P: médicos

I: então no meio marroquino eu acho que houve um empobrecimento né falta de instituições de ensino essa coisa toda então já não eram os judeus ... quer dizer ... / agora havia uma diferença muito grande entre os *megorashim* ... né é e os autóctones do Marrocos

335

P: sei

I: desnível cultural muito grande

P: {o desnível}

340 I: {realmente} ... desnível

P: o desnível

I: desnível cultural

P: os nascidos

- I: os nascidos lá os que já estavam porque você sabe que ah / no *Tanach* já fala em Marrocos
 345 né / então ... quer dizer a comunidade de Marrocos tá desde do tempo do da descrição do 1º templo nós já tínhamos judeus do Marrocos quer dizer uma comunidade judaica muito
 P: {antiga}
 I: {antiga} não é / agora os *megorashim* esse pessoal que foi expulso de Espanha não é eles
 350 trouxeram todo um cabedal cultural muito grande mas com o tempo foi perdendo o seu vigor
 o seu brilho
 P: {e eles}
 I: {não é}
 P: se davam bem será que eles se davam bem os espanhóis com ...
 I: o olha (risos)
 355 P: com os nascidos lá ?
 I: há há havia uma diferença entre os *megorashim* e os chamados **forasteros** que eram as
 pessoas mais {do do}
 P: {pelo que} eu entendo os espanhóis chamavam os
 I: outros de **forasteros**
 360 P: os árabes os nascidos no Marrocos de **forasteros**
 I: **forasteros** é
 P: deveria ser o contrário
 I: deveria ser o contrário
 P: deveria né ?
 365 I: é ... porque eles não falavam o espanhol não é então só falavam árabe e tinham um sotaque
 carregadíssimo não é
 P: sei
 I: do ... quando aprendiam a língua estrangeira com um sotaque árabe muito grande e a gente
 reconhecia por exemplo / tinha aquele negócio de dizer *Shabat Shalom* porque o árabe não
 370 tem diferença entre o *shin* e o *sin* não é
 P: o *shin* e o *sin*
 I: não tem
 P: não sei
 I: não tem não é
 375 P: o *sh* e *sa* é mesma coisa
 I: é mesma coisa
 P: mas pronuncia
 I: *Shabat Shalom* é **Sabat Salom**
 P: ah **Sabat Salom**
 380 I: então a o *Shir Chashirim Shir Chashirim asher lishlomo*
 P: **Sir Chassirim**
 I: é então **Sir Chassirim assir lislomo**
 P: {ah}
 I: {quer dizer} já se reconhecia
 385 P: eu sei do trocar o p o b o p pelo b
 I: hunhun
 P: não é isso é o árabe faz isso mesmo
 I: o árabe faz isso
 P: mas o s o chin eu não sabia não
 390 I: é não é um caráter distintivo no no árabe essa diferença como é no hebraico entre o *shin* e o
sin não é / então quer dizer eles não se davam bem né geralmente quando iam pra uma cidade
 um ia pra uma sinagoga e um ia pra outra né porque havia diferença de *nussach* né o ritual de

- um e o ritual do outro mas assim aqui a apesar de fundarem duas sinagogas não é prevaleceu o *nussach* de Tânger que era seria o *nussach* mais internacionalizado
- 395 P: sei
I: que é o de origem da da Espanha
P: {aqui as duas}
I: {não é}
P: sinagogas uma é de ... qual que era a ma que ... ou não ? é tem diferença ?
- 400 I: bom aqui aqui houve a diferença sócio econômica a dife a esnoga dos ricos
P: qual que era ? a *Shaar Chashamaim*
I: era a *Shaar Chashamaim*
P: sei
I: e era a sinagoga dos pobres que era
- 405 P: a *Eshel Abracham*
I: **Eshel Abracham**
P: hoje em dia é assim?
I: hoje não
P: não ?
- 410 I: não essa essa diferença assim sócio econômica depois se misturou um pouco o negócio hoje não existe mais pelo menos nós não reconhecemos assim pode ser até que tenha até que você tenha mais ricos lá na *Shaar Chashamaim* mas a gente não reconhece essa distinção perdeu perdeu essa força não é / porque todo mundo é a mesma coisa todo mundo aqui é profissional liberal
- 415 P: isso
I: não existe mais grandes comerciantes como havia outrora não é a atividade comercial ela é muito pequena a entre nós não é
P: aqueles que são assim descendentes daqueles que traba que eram grandes comerciantes daqueles tempos
- 420 I: não existe
P: não existe ?
I: todo mundo aderiu quer dizer a febre do bacharelismo né varreu o Brasil inteiro
P: sim
I: e todos nós / e era pegava mal aqui pra nós (risos)
- 425 P: ser ser comerciante ?
I: ser filho de comerciante não é havia um preconceito muito grande
P: mas ser comerciante ...
I: em continuar a a a profissão dos pais porque você sabe que é havia muito preconceito contra né os estrangeiros essa coisa esse pessoal que não falava português então os filhos quiseram ser normais
- 430 P: entendi
I: não quiseram entrar / sociologicamente havia um preconceito né contra o tipo do turco do estrangeiro aquele aquele protótipo do comerciante que vinha pra cá
P: ((eu não sei o estilo do comerciante daqui porque eu eu sou ashkenazita então eu sei do comerciante de lá que era eles falam que era vendedor de prestação))
- 435 I: ah aqui também
P: ((eu não sei se aqui é a mesma coisa))
I: o meu avô o meu avô também vendia nos cafés por exemplo aqueles grandes cafés que você vinha sentava
- 440 P: sei
I: e ia conversar quer dizer meu avô levava a maletinha dele também pra vender meia gravata essas coisas

- P: mas usa essa essa expressão que eu te falei ou não não ? isso é bem comum lá
- I: não não de prestação assim como ti conhece até no nordeste essa essa expressão mas aqui o
445 ambulante mesmo
- P: ambulante
- I: o vendedor ambulante que vai onde as pessoas se reúnem e vai lá e vende o negócio dele é cinto gravata lenço
- P: é
- 450 I: essas coisas assim quer dizer depois que a empresa lá do do do interior entrou em decadência total né todo o ciclo econômico tem um
- P: tem
- I: final
- P: tem da borracha teve é
- 455 I: todos eles tem né e eles vieram todos vieram pra cá né pra pode dar melhores condições / porque os filhos começaram a a crescer e no interior não tinha nenhuma perspectiva não havia escola se hoje
- P: sim
- I: a situação ainda é barra no interior da Amazônia realmente quanto mais é naquele tempo
460 então todo mundo se concentrou na na aqui em Belém e Manaus né nas duas grandes cidades e ...
- P: mas todos esses por exemplo esses que foram pra Manaus vieram pra Belém primeiro e foram pra Manaus ?
- I: não
- 465 P: ou já foram pra lá ?
- I: não exatamente
- P: não né ?
- I: lá de outras regiões
- P: sei
- 470 I: agora a / é claro que um cruzamento né
- P: é porque uns vão pra lá e outros vêm pra cá
- I: é ... muito cruzamento e depois os casamentos né um pá procura uma mulher aqui outra ali a
- P: tem que procurar onde onde tem porque ...
- 475 I: é essa coisa toda aí
- P: mas é bom / é mais alguma coisa assim pra comentar sobre a origem da sua família ou alguma coisa ...
- I: não eu só posso registrar que em casa assim hakitia se falava com ... com muita intensidade
- P: aqui no ... em Belém
- 480 P: aqui em Belém do Pará ... se falava com muita intensi
- P: com muita intensidade
- P: mas na sua na casa dos seus pais ?
- I: na casa do meu avô
- P: do avô é que
- 485 I: meu avô
- P: é que falava ... mas dos pais ?
- I: não não
- P: do avô é que que fa
- I: eu já lhe falei a primeira geração não tinha essa identificação com com a cultura ancestral
490 né ... eu digo que a primeira geração virou as costas pra cultura judaica
- P: o senhor diz aqueles
- I: é

- P: que nasceram aqui ? filhos desses marroquinos ?
 I: é os filhos da primeira / quer dizer se eu olho pros meus tios
 495 P: eles
 I: né eu olho pros meus tios que in off eu tô lhe dizendo isso aqui
 P: é
 I: quer dizer totalmente ignorante na cultura judaica
 P: mas como pode ser se eles são diretamente ...
 500 I: pois é / mas não tinham nenhum interesse né / eles não queriam ser aquilo que os pais foram
 então queriam ganhar dinheiro queriam fazer outras atividades / que então a cultura judaica de
 certa forma tava ligado à uma vida pobre algum negócio então eles não queriam sentir /
 então você vê a o declínio como é que o meu avô sabia tanto e os meus tios não sabiam coisa
 nenhuma quer dizer é um fosso cultural
 505 P: da cultura judaica
 I: da cultura judaica ... eu tô te falando um fosso muito grande / quando é que o meu avô
 podia / já conheci velho
 P: sim
 I: não é ...
 510 P: e e
 I: o meu avô passava o 16 horas por dia lendo não largava o livro da mão não é e e os meus
 tios não sabiam nada de hebraico
 P: mas que língua que ele lia ... o seu avô ?
 I: lia em hebraico
 515 P: hebraico
 I: meu avô falava e escrevia hebraico
 P: falava e escrevia hebraico
 I: hebraico
 P: porque até onde se sabe não tem nada escrito de hakitia em literatura
 520 I: não não ... não tem não tem não
 P: não é ? ... só tem é tem assim raro é ... algumas cartas
 I: isso
 P: não é isso ? a única coisa documento que se tem alguma coisa escrita são as cartas
 I: as cartas
 525 P: mais nada não tem literatura não tem mais nada não tem gramática
 I: não ... não tem gramática
 P: até onde eu estou {chegando}
 I: {não tem gramática}
 P: não tem a gramática porque tão dizendo que o hakitia é uma é são vocábulos soltos ... não
 530 é ?
 I: meu quer dizer quando é / pra nossa geração talvez já tenha batido nesse tipo de coisa
 né mas é um dialeto que se baseava na estrutura das línguas em que ela tinha ...
 P: o senhor considera um dialeto ou uma língua ?
 I: ah não uma língua não tem condição de ser uma língua
 535 P: porque não ?
 I: não tem estrutura própria
 P: porque que o senhor não acha que é que seja uma língua ?
 I: é que estrutura ela teria por exemplo qual é a forma as formas gramaticais não existe isso
 P: não seria do espanhol ?
 540 I: não ... ela se baseia no espanhol no e no que couber no hebraico e alguma coisa no árabe
 também
 P: mas

- I: não é ?
 I: se você pegar a palavra *leechol* em hebraico e e em hakitia é **machaleá**
- 545 P: **macha**
 I: **machaleá**
 P: **machaleá**
 I: **machaleá**
 P: uns falam **macleá**
- 550 I: **macleá** também é uma variante
 P: **macleá** é **machaleá**
 I: **machaleá macleá**
 P: **macleá**
 I: é uma variante também ... não é ... e por aí vai ... (risos) por isso que eu não acredito que seja uma língua eu acho mais que seja uma variante não é dessas línguas todas aí e que se utilizou de palavras ou vocabulário híbrido que ... na verdade é é uma variante não uma língua própria
 P: tá certo ... agora o senhor morou em que cidades e/ou países ?
 I: (risos)
- 560 P: (risos)
 I: bom primeiro eu morei em Israel
 P: Israel
 I: e Manaus
 P: Manaus
- 565 I: 10 anos em Manaus
 P: e bom isso aqui não ... bom ... universidade o senhor estudou foi aqui mesmo em Belém ?
 I: aqui em Belém
 P: é que universidade ?
 I: Universidade Federal do Pará
- 570 P: federal UF {PA}
 I: {PA}
 P: não se fala UFPA não é ... é U F P A né ?
 I: também ... pode usar
 P: é ... conhece os caracteres *RASHI* ?
- 575 I: conheço
 P: é de onde ?
 I: do *Tanach* / já fui *bachur ieshivá* em *Ierushalaim*
 P: ah ... lá em *Ierushalaim* ?
 I: *Ierushalaim*
- 580 P: é ...
 [...]
 P: é ... agora ... escreve em *RASHI* também ?
 I: escrevo leio escrevo em *RASHI*
 P: escreve tá ... é e naturalmente lê né ? se conhece lê né ?
- 585 I: (...)
 P: (risos) ... bom ... é o senhor se comunica com ...
 I: os comentários da *Torá* e do *Talmud* né só que em *RASHI*
 P: ((é eu aprendi mas era criança eu achava muito difícil hoje em dia eu não sei mais ler não))
 I: não ? (risos)
- 590 P: ((eu achava difícil / hoje em dia se me ensinassem novamente porque eu leio hebraico leio e tal))
 I: sei

- P: ((agora se me ensinar novamente eu aprendo ago / mas na época eu era criança na escola então eu achava difícil entender / a morá explicava eu achava ...))
- 595 I: agora a o *RASHI* era a língua da correspondência né eles se correspondiam difere em *RASHI* né
- P: os marroquinos ?
- I: marroquinos
- P: ah porque eu consegui um documento que eu achei interessante que é uma carta mas ela parece que tem uma mistura de línguas ela tem parece espanhol parece português é ... *RASHI* e hebraico / porque quando tem uma palavra que eu não entendo é *RASHI* porque se fosse hebraico eu lia
- 600 I: hum
- P: e tem um pouco de hebraico e tem português porque coração é português ou senão seria coración ... e é uma mistura de línguas uma coisa assim ... eu queria pegar como documento mas ...
- 605 I: o ladino geralmente vem escrito em *RASHI* também né
- P: o ladino ?
- I: nunca pegou um livro em ladino ?
- 610 P: não ... eu peguei a Bíblia de Ferrara
- P: ela é escrita
- I: hum
- P: em caracteres latinos
- I: ah ... ah nós temos muitos livros aqui que são escritos em *RASHI*
- 615 P: em *RASHI*
- I: o tempo todo ... mas é ladino {ladino}
- P: {é ... não}
- I: escrito em *RASHI*
- P: é ladino são {as traduções}
- 620 I: {escritos em *RASHI* o tempo todo}
- P: é é literais do hebraico pro espanhol
- I: é
- P: mas
- I: a gente pega a *Chagadá* de *Pessach* por exemplo tem várias e que estão em ladino não é
- 625 P: sei
- I: todas em ladino né
- P: quer dizer que
- I: em ladino
- P: que está escrito em *RASHI* e o senhor lê como se fosse
- 630 I: ladino
- P: ladino ... sim ... é ... você o senhor se comunica com alguém em *hakitia hakiti hakitia* ?
- I: ah (risos)
- P: não é não eu digo assim comunicar é ...
- I: com a minha irmã
- 635 P: irmã ?
- I: e com a minha mãe / quando eu tô na ca quando eu vou pro *Shabat* na casa delas daí a gente **chadreia** um pouco
- P: **chadreia**
- I: **chadreia** um pouco
- 640 P: um pouco é
- I: não é ... e mas só pra ... pra lembrar a nossa origem
- P: pois é esse comunica entre em aspas

- I: é
 P: porque não é uma ... é uma ...
- 645 I: a gente tá contando um caso daí um usa uma palavra aqui outra ali uma expressão aqui mas só pra lembrar não não é ...
 P: isso eu tenho notado que esse tipo de coisa é uma coisa assim ... ocorre naturalmente
 I: é
 P: assim já tá engajado já arraigado vamos dizer assim
- 650 I: é uma coisa mais de afetividade né com a língua com o passado
 P: é uma língua afetiva
 I: afetiva é
 P: como se diz carregada de de emoções em todos os sentidos (risos)
 I: todos os sentidos
- 655 P: bom então o senhor conversa com a irmã com a mãe com mais alguém ?
 P: é é o senhor ... fala que outras línguas ? francês ?
 I: bom falar eu não te digo que eu tô falando *meá achuz*
 P: hum
- I: mas eu estudei francês estudei inglês ... mas quando a gente passa tanto tempo sem falar
 660 essas línguas não é
 P: eu entendo ... francês principalmente
 I: é
 P: hebraico ?
 I: em hebraico é
- 665 P: escreve essas línguas?
 I: risos ... (...)
 P: mas o que eu digo ...
 I: escrevo ... eu ... eu vou / eu fui aprovado no mestrado este ano quer dizer então por exemplo inglês se eu falar primeira prova que derruba logo a metade é língua estrangeira / então inglês
 670 eu sei que eu tô bom agora francês não te digo se eu ainda posso escrever mas ... ahhh pode ser que eu escreva ainda
 P: e em hebraico ?
 I: hebraico certamente
 P: então as três
- 675 I: de das 3 as que as que melhor eu sei é hebraico
 P: hebraico ?
 I: é
 P: então lê as três também ?
 I: leio as três
- 680 P: qual a língua que tem maior facilidade de falar ler escrever ?
 I: a língua de ?
 P: é
 I: das estrangeiras ?
 P: foi / é porque ...
- 685 I: das estrangeiras pra mim é hebraico
 P: hebraico
 I: agora que eu sou tarado mesmo é por português
 P: ((português ... (risos) ... eu formei em inglês ... mas a minha minha área vai toda pra românicas porque eu gosto de línguas né ...)) então assim é eu tenho uma lista aqui de / qual a
 690 língua utilizada pra comunicar se com a avó materna avó paterna ...
 I: era tudo português não é
 P: avô materno pater

- I: agora eles que falavam o retorno não é que era ah / porque criança não não não entra nessa questão de falar diretamente se tiver acordado não sei o que
- 695 P: hum
- I: está / porque diz que é vai sair dali vai falar com outras pessoas nessa nessa coisa é meio (...) então eles falavam realmente a comunicação era feita em português
- P: com então assim com tios irmãos mãe
- I: é
- 700 P: pai tudo em português
- I: português
- P: esposa
- I: tudo é português
- P: filhos ... outros parentes
- 705 I: agora você vê por exemplo ... quando nós éramos jovens tinha um bar aqui na frente de casa em frente ao hotel Hilton
- P: sim
- I: chamado Bar do Parque ... então aqui era o centro / os judeus moravam as sinagogas aqui então aqui tinha um ...
- 710 P: aqui é um bairro do ... o reduto não é ?
- I: o chamava se o **melách** ...
- I: **melách**
- P: **melách**
- I: era como se dava o o bairro judaico
- 715 P: deixa eu ...
- I: no Marrocos era o **melách**
- P: **me melách**
- I: **melách**
- P: quer dizer o que?
- 720 I: é o ... o gueto o gueto
- P: gueto
- I: como inicialmente lá não é na Itália né o gueto onde moravam os judeus o nosso era o **melách** então essa região toda qui era o **melách** as sinagogas aqui todo mundo morava em torno das sinagogas
- 725 P: esse bairro aqui é Comércio né que chama ?
- I: é Comércio Campina
- P: Cam Comércio Campina
- I: ou em Campina né ... são os dois bairros
- P: Campina qual que é mais a região ?
- 730 I: este aqui onde a senhora está é Campina propriamente
- P: aqui ?
- I: começa um pouco mais pra lá é
- P: aqui é Campina
- I: Campina
- 735 P: essa parte mais pra lá onde tem as sinagogas é é Comércio ?
- I: pra cá Comércio ... hoje você / já não há uma diferença muito grande entre esses bairros um tá absorvendo o outro mas é ...
- P: isso
- P: é Campina e Comércio
- 740 I: Campina não é que nós (...) aqui boêmios da Campina logo dobrando bem aqui não é / então os judeus estavam todos aqui então a gente se reunia sempre aqui / você vê as vezes sábado a noite tinha 50 jovens judeus

- P: tudo isso?
 I: nesse nesse bar que tinha Bar do Parque né
 745 P: esse bar que tem no no dentro do parque ?
 I: é dentro ... não era assim era tudo o rez de chausseuer o rez do som né
 P: hum
 I: e ... não era assim como é hoje {então} ...
 P: {essa} palavrinha é francês rez de chausseur
 750 I: rez de chausseur
 P: eu não me lembro a tradução
 I: (...)
 P: é mas essa palavra não me é estranha não
 I: não é ... daí ficava todo mundo aí desde desse dia pra onde pra que festas pra que clube
 755 P: sim
 I: que a gente ia não é mas a reunião era aí então era tanto judeu e e se falava tanta expressão em haki hakitia que até os garçons não é ... não se podia mais **chadrear hualu** não é {**hualu**}
 P: {**chadrear**}
 I: quer dizer nada nada
 760 P: mas
 I: **hualu hualu**
 P: como é que escreve ? **hualu** ?
 I: é
 P: **hualu** ?
 765 I: é
 P: isso quer dizer nada ?
 I: nada **hualu**
 P: mas é h com h ?
 I: **hualu**
 770 P: **hualu**
 I: **hualu** com h aspirado
 P: **hualu hualu** tá
 I: porque os garçons já sabiam isso
 P: sim de tanto ..
 775 I: das coisas dessas coisas todas de tanto ouvir né aquela aquelas coisas mais batidas / então quer dizer essa minha geração naquela época década de 60
 P: década de 60
 I: década de 60 né
 P: pois então a comunidade era ativa
 780 I: é muito ativa muito ativa porque os velhos ainda estavam vivos
 P: sim
 I: mas os velhos vivos era uma garantia que a língua que a hakitia ainda era falada mas depois os velhos foram morrendo morrendo morrendo quer dizer os falantes naturais acabaram e tudo se acabou quer dizer hoje não tem nenhuma pessoa
 785 I: sim
 P: que seja marroquina em Belém
 P: marroquina marroquina ?
 I: é de nascimento marroquino
 P: não
 790 I: você não tem mais ninguém então não tem nenhum falante nativo de hakitia mais aqui
 P: não ... não tem nem ninguém mais
 I: não tem ninguém mais ... {ninguém}

- P: {mas} pode ter o filho de ma ah tem o filho de marroquino
 I: é
 795 [...]

P: mas voltando aqui então depois se o senhor lembrar de mais coisa pode acrescentar ... é com o seu rabino o senhor o senhor fala alguma coisa de hakitia ?
 I: eu não sou rabino não
 P: não o seu rabino
 800 I: quem ?
 P: com o seu rabino ?
 I: ah com o rabino (...)
 P: com o rabino (risos) o seu (risos) é o Almescany ou
 I: *lechol chaioter anachnu medabrim beivrit lechol chaioter*
 805 P: *ivrit*
 I: *lo iotzim mize*
 P: tá ... então é é hebraico
 I: no máximo em hebraico
 P: hebraico
 810 P: e com que outra pessoa poderia falar o hakitia ?
 I: no hai
 P: no hai ?
 I: (risos)
 P: não tem não há
 815 I: não tem não há ninguém
 P: conhece em hakitia / isso eu não sei eu não conheço eu peguei isso aqui do do esse questionário da Tracy Harris eu modifiquei um pouco
 I: ham
 P: mas eu não sei o que é são as baladas ela cita / o senhor conhece alguma ?
 820 I: as {baladas}
 P: {baladas}
 I: do cancionero né
 P: é
 I: do cancionero
 825 P: é
 I: dos romances
 P: conhece ?
 I: conheço
 P: sim ? o o senhor tem ?
 830 I: a senhora não foi outro dia na na apresentação lá ?
 P: fui ... da ...
 I: então ... da Fafá ... a primeira parte foi só baladas do romance... {(música)}
 P: {mas aquilo é haki mas aquilo é} hakitia?
 I: não ... aquilo é ladino
 835 P: ladino {porque}
 I: {tudo é ladino}
 P: é é religioso então
 I: (música) não ouviu essa aí ? ... (música)
 P: conheço mais é a Fortuna
 840 I: ah
 P: a Fortuna é ...
 I: a Fortuna também ... Fortuna é

- P: mas então mas então mas mas balada em hakitia mesmo
 I: em hakitia ?
- 845 P: é ... em hakitia
 I: pode ser que eu tenha umas fitas lá da
 P: pode ser ? e assim é proverbios ? ... refranes ?
 I: re
 P: refranes
- 850 I: refranes
 P: conhece ?
 I: pois é ... em ladino conheço
 P: ah é hakitia ...
 I: hakitia
- 855 P: e poesias ? cantigas ?
 I: não conosco
 P: contos populares ? orações ? ... ah {por sinal}
 I: {não sei}
- 860 P: eu consegui um documento que eu tenho que ver se é hakitia ele é *Pirkei Avot* eu acho é
Pirkei Avot escrito uma parte em hebraico e uma parte que é espanhol mas eu eu preciso
 averiguar se é espanhol mesmo ou se é alguma coisa de hakitia parecia espanhol
 I: pois é não sei se hakitia tivesse esse uma caráter de língua escrita eu acho que ela (...) a
 oralidade eu acho
 P: até onde eu cheguei é ágrafa
- 865 I: eu nunca vi nada escrito em hakitia
 P: nunca viu nada ? ... eu ah ...
 I: eu vi que há uma gramática já ouvi falar que há uma gramática o ge general me falava nisso
 P: ele fez
 I: a gramática
- 870 P: ele fez ... mas o senhor {tá dizendo}
 I: {eee}
 P: que ele não é não era lingüista ... ele fez
 I: ele não fez ele compilava a ...
 P: compilava então
- 875 I: é ... ele tem / ele viajava muito pra Marrocos
 P: sei
 I: e conheceu os irmãos Laredo aquele pessoal lá do Marrocos não é ... e ele pegava e trazia e
 passava pro português essa é a grande virtude do general não é então / mas eu nunca vi nada
 escrito ... hakitia a não ser essas cartas escritas que falam
- 880 P: cartas
 I: aí ... o *Iudá* publicou
 P: isso
 [...]
 P: é ... então assim orações o senhor não tem conhecimento ?
- 885 I: em hakitia não
 P: não ... é conhece palavras de basfêmia xingamentos insultos ou afrontosas em hakitia ?
 sim? é ...
 I: **é que te venga unas trechas**
- 890 P: ah um momento eu vou anotar aqui devagar é como é que ...
 I: **que te venga**
 P: **que te venga**
 I: **unas trechas**

- P: ah essa aí peraí essa eu aprendi **essa** {**trechas**}
- I: {**trechas**}
- 895 P: agora **trechas que te ven que te venga unas trechas trechas** é ... tem **trechas** e outra palavra parecida ... é ... que que é **trechas** mesmo ?
- I: uma praga uma porrada (risos) uma coisa que
- P: praga porrada
- I: ééé ...
- 900 P: uma coisa bem pesada
- I: pesada né
- P: é de como é que se diz é ... blasfêmia né ? o que mais o senhor ...
- I: essa essas da das *clalot* né as maldições
- P: hum
- 905 I: essas coisas assim ... sabia um bocado assim mas
- P: o senhor xinga ...
- I: não xingo mais ninguém não é ...
- P: (risos) ... insulta alguém em que língua?
- I: realmente eu uso árabe (...)
- 910 P: árabe ? é ?
- I: uso árabe ... (risos)
- P: pra o senhor xingar o senhor usa árabe ?
- I: é
- P: ah então senhor sabe ?
- 915 I: é meu pai ninguém me ...
- P: mas o senhor sabe árabe ?
- I: não ...mas em Israel (risos)
- P: ah
- I: em Israel Israel via Israel não é
- 920 P: não e saber árabe é saber os palavrinhas
- I: (...) ensinam em Israel
- P: as básicas ?
- I: é
- P: e porque em árabe ?
- 925 I: pra pessoa não perceber que esta sendo xingada ... (risos)
- P: o senhor conhece algum outro nome pra hakitia algum outro ou sempre conheceu como hakitia haki eu tenho que pronunciar hakitia né ?
- I: a nossa pronúncia
- P: é
- 930 I: fricativa aqui é ...
- P: pra mim ... certas pronúncias ...
- I: hakitia o general dá o étimo da palavra né ... língua dos **Hakitos**
- P: Isakito
- I: Isak **Isakinho**
- 935 P: **Isakito**
- I: essa coisa toda
- P: (...) tem outra versão que fala com (...)
- I: parece que esse nome foi colocado por alguém de fora né língua do Isaac do **Isaquito Haquito** ... essa coisa toda quer dizer parece é externa à língua não é ? esse nome hakitia ...
- 940 um caráter assim pejorativo ... mas eu só conheço isso que o general fala lá não ...
- P: esse essa pa palavra esse nome da língua então haki
- I: hakitia

- P: só ?
 I: no étimo dado conhecido pelo general
- 945 P: e e o senhor é tão fluente quanto seus avós ?
 I: ah *chaz veshalom*
 P: *chaz veshalom* ...
 I: não ... não tem condição não tem nada
 P: seus pais não
- 950 I: não nada nada nada não
 P: em que aspecto a sua fala é inferior na pronúncia na no vocabulário ...
 I: ah no vocabulário ... na pronúncia até que pelo conhecimento que eu tenho de outras línguas né até eu não teria dificuldade eu não tenho dificuldade de línguas não é mas ... é vocabulário e do uso língua é uso ne ... é o caráter pragmático da língua
- 955 P: na na gramática sintaxe mas ela não tinha uma gramática então acho que fica assim ...
 I: não
 P: agora o senhor tem é por exemplo / acha é nesse sentido de expressar idéias é inferior aos seus avós no sentido de expressar idéias ou é a mesma coisa ?
 I: em que em hakitia ?
- 960 P: é ... expressar alguma idéia falar alguma expressão
 I: ah ... que eu não tenho fluência
 P: sei
 I: se eu não tenho fluência a minha expressão de idéias tá prejudicada ou idéias ou sentimentos né ... tão prejudicadas não não há dúvida quanto a isso sou entendedor de
- 965 palavras soltas assim
 P: o senhor é entendedor de palavras soltas
 I: é
 P: mas uma palavra basta pra explicar muita coisa ne uma palavra já diz tudo não é ?
 I: pode dizer
- 970 P: é ... é na sua opinião o hakitia é uma língua útil pra comunicação com outros judeus ?
 I: eu acho que é um um elemento de identificação sobretudo né a gente se identifica como grupo como pertencendo a uma *edá* a uma congregação eu acho que como elemento identificador é muito legal e por isso que eu uso às vezes
 P: sei
- 975 I: quando eu tô no meio de judeus eu uso uma expressão e outra que é para todo mundo se lembrar de quem é não é porque a gente se esquece às vezes quem nós somos né então ...
 P: ou quase sempre
 I: ou então assim pra forjar uma identificação dá um
- 980 P: mas eu sinto assim pelo que eu pesquiso aqui todo mundo se identifica de jovem todo mundo emprega mesmo que pouquissimo mas to é natural empregar misturado com português ... cite uma situação específica onde o senhor fala a língua
 I: ah ... só só na casa da minha mãe mesmo
 P: considera importante continuar a falar a língua e o seu conhecimento porque ?
 I: bom pelo eu acho importantíssimo pela vinculação cultural que ela nos remete ... não é ... a cultura dos nossos antepassados que a gente não devia ter negligenciado tanto / quer dizer ela desapareceu por falta de falantes né ... é por isso
- 985 P: isso
 I: que acabou ... nós não nós
 P: quer dizer ...
- 990 I: nós não estudamos ... nós não pesquisamos quando
 P: aí
 I: quando os velhos tavam aí ... quando os informantes estavam todos aí

- P: mas a língua não não acabou ... ela tá em extinção quer dizer ...
 I: é mas se a gente / se a nossa geração tivesse mais responsabilidade histórica
- 995 P: sim
 I: a gente teria pesquisado não agora ... quando os velhos tavam vivos
 P: sim
 I: todos aí
 P: aproveitar o material
- 1000 I: aproveitar esse material ... acho que nós fomos negligentes
 P: mas aí ...
 I: irresponsáveis culturalmente falando né
 P: mas pode resgatar
 I: hun (...)
- 1005 P: enquanto houver falan enquanto houver pe pessoas
 I: pois é ... mas não temos mais os falantes ... esse é o nosso problema
 P: pois é ... mas alguém alguém ...
 I: houve uma ruptura muito grande ... não é ?
 P: é
- 1010 I: uma ruptura muito grande
 P: mas tem que catar o pouquinho que existe
 I: talvez se a gente fosse pra fora não é / como aconteceu com a questão do hebraico né que todo mundo que ... teve que aprender hebraico foi pra Israel pra poder aprender hebraico quer dizer ...
- 1015 P: (...)
 I: quer dizer que a fonte a a ponte já foi
 P: aqui da comunidade ?
 I: da comunidade
 P: mas aqui não se ensinava hebraico ? não ...
- 1020 I: não
 P: não tem escola ?
 I: não ... não tinha escola ... não tem escola ... tem o Beit Chabad aí mas ... o Beit Chabad é outra coisa
 [...]
- 1025 P: é é ... o senhor é transmite a lingua pra a próxima geração mesmo que de maneira limitada ... os filhos ?
 I: quase nada
 P: quase nada ?
 I: quase nada
- 1030 P: mas porque ... quase nada ? ainda tem ...
 I: hum
 P: alguma coisa (risos) ... mas porque {quase nada} ?
 I: {quase nada}
 P: eles não tem ...
- 1035 I: porque não há ... não há clima de se falar também / hoje a nossa língua é português a gente ...
 [...]
 P: mas ... bom ... os seus filhos falam ... conhecem o hakitia ? não conhecem ? umas palavrinhas nada ?
- 1040 I: uma palavrinha ou outra
 P: e qual é a idade ?
 I: a gente tá ... tá na rua com o meu filho eu quero mostrar uma coisa pra ele e digo ‘shofea’

- P: **shofea**
 I: (risos)
- 1045 P: essa **shofea**
 I: **shofea** de árabe shuf shuf shuf ... (risos)
 P: **shofea** é de árabe ?
 I: é ... **shofea** é de shuf né
 P: shuf ... **shofea** é o **sachen**
- 1050 I: é ... **shofea** o **sachen**
 P: é ... mas não fala el **sachen** as pessoas fala aqui o **sachen**
 I: o **sachen**
 P: a **sachenita**
 I: a **sachenita** é
- 1055 P: já misturou
 I: os artigos já entraram todos
 P: já misturou no {português}
 I: {no português} é
 P: qual que é a idade dos filhos ?
- 1060 I: eu tenho 15 e 13
 P: 15 e 13 ... é mas eles têm assim competência receptiva em hakitia ? eles entendem mas não respondem na mesma língua ?
 I: é ... eles entendem
 P: entendem ?
- 1065 I: entendem quando eu / não mas quando eu / depois eu explico o que é né quando eu uso uma palavra eu imediatamente explico
 P: mas aí eles respondem ...
 I: não ... não respondem
 P: não respondem
- 1070 I: não respondem ... até minha filha que já tá terminando o curso de inglês não me responde nada em inglês
 P: nada ?
 I: é uma vergonha
 P: não respondem
- 1075 I: não responde / eu digo ... tu tá estudando inglês ... ela tá no Secebel né
 P: é porque ela fica inibida
 I: ela vai terminar pro ano já e não quer responder nada ... às vezes eu falo inglês com ela
 P: (...)
 I: é ... porque é importante eu digo porque é importante poxa quando eu era jovem eu procurava por todos os meios falar ouvir rádio / hoje tu tens mil situações ...
- 1080 P: ah mas hoje tem internet ... quer coisa mais prática pra falar inglês
 I: é
 P: é ... o a internet
 I: é
- 1085 P: embora a gente escreva ... assim ... muito simplificado
 I: é
 P: mas o raciocínio é rápido assim ... pelo menos pra mim é / eu não sei pros jovens eu penso rápido eu penso em outra língua eu ...
- 1090 I: não ... mas é interessante ... outro dia ela até observou / entrou uma uma / eu tava no entrou uma amiga minha da Argentina não é ... daí começamos a conversar e ela percebeu que eu tinha mudado de língua eu tava falando espanhol já tava escrevendo ela disse 'égua o senhor tá falando espanhol assim com essa rapidez com ela' quer dizer é rápido o negócio

- P: é natural
 I: puxa a gente não é é um negócio que ...
- 1095 P: a gente vai começa a falar / eu falo no microfone com de repente com um eu tô falando em espanhol de com outro agente chega eu vou pro inglês eu danço ...
 P: é ... bom ... então assim ... o senhor disse que os seus filhos entendem hakitia mas não respondem
 I: não ... não entendem hakitia ... algumas palavras que
- 1100 P: é ... algumas palavras
 I: algumas palavrinhas só
 P: tá ... quando a gente fala entendem essas coisas é tudo é pouquinho né
 I: é tudo ...
 P: porque né a coisa não pode ser muito ... não é mas não respondem que o senhor falou
- 1105 I: não
 P: é en é então ... em que língua que eles respondem no caso ?
 I: ah sempre português
 P: português ... bom netos ... não é com o senhor ... é o que que o senhor a ... é o que os jovens sefarditas que o senhor conhece sentem sobre falar o hakitia a hakitia a hakitia ?
- 1110 I: o quê que eles sentem ?
 P: é ... pelo pelo que o senhor vê ... ou não sentem nada ?
 I: não ... eu acho que eles gostam de ouvir eu acho / ah uma vez em Manaus eu trabalhava em Manaus eu adaptei uma peça de *Purim* ... não é ... eu fiz a tradução da peça e recheei a peça com expressões em hakitia ... ô este rei está **sherbeado** (...) e comecei a colocar ...
- 1115 P: este
 I: quer dizer este
 P: este ? como é que é ?
 I: o rei o rei
 P: o rei
- 1120 I: está **sherbeado** tá
 P: **sherbeado**
 I: bebido bebido
 P: bêbado ?
 I: é bêbado
- 1125 P: **sherbeado**
 I: **sherbear** ... **sherbear** é beber
 P: beber
 I: é ... e ... quer dizer então no meio da peça vinham algumas falas né que eram hakitia / quer dizer o a reação da platéia foi fantástica né ... o o riso assim ... a cara de alegria que as pessoas faziam ouvir essas expressões em hakitia ... então isso me deu assim ah uma resposta não é ... que o público gostava realmente
- 1130 P: atitude positiva
 I: positiva
 P: da comunidade
- 1135 I: da comunidade em relação a essas palavras quer dizer / era uma comédia não é ... e e de repente vinha uma fala toda em hakitia uma frase inteira então era muito bacana né / e crianças e crianças falando isso não é ... era um negócio muito legal / foi ... foi uma experiência bacana que eu tive
 P: o senhor sabe que tem uma diferença pro judeu espanhol oriental ... que eles não têm essa
- 1140 atitude positiva como ... as pessoas falantes entre aspas
 I: hum
 P: do ... do hakitia tem

- I: hum
P: é uma diferença que ... que foi notada em pesquisas
- 1145 I: hunhun
P: bom ... é o senhor sabe se sua família tem alguma procedência espanhola conhecida ?
I: é espanhola ... o próprio nome *Ovadia*
P: o próprio nome
I: o próprio nome ... quer dizer é o meu nome tá na versão espanhola quer dizer em hebraico
- 1150 *O Ovadia* né ... Obadia tá na versão espanhola
P: espanhola
I: não é ... você sabe que ... a ... o pessoal francês já até traduziu pra Sefdiê ... não é Safdiê
P: ah
I: Safdiê
- 1155 P: a família Safdiê ?
I: é ... Sef Sefdiê ... Safdiê já é uma corruptela de Sefdiê
P: ah
I: não é ? que é Ovadia ...o que é Ovadia ? *eved* ia servo de Deus
P: *eved* ? pera aí
- 1160 I: ia
P: ia
I: ia
P: **Shir Chashem ?**
I: é *iud chei*
- 1165 P: isso
I: é o nome de Deus
P: ser servo de de ...
I: Deus
P: é ... escravo também né ... *eved* é servo escravo né ?
- 1170 I: é
P: de Deus
I: servo servo
P: ah isso aqui é *Ovadia*
I: *Ovadia*
- 1175 P: isso ... aí depois que tem a ver com Saf Saf ?
I: não ... você vê ... o meu nome tá no paradigma espanhol
P: sei
I: tá ? é hebraico *Ovadia* mas tá Obadia ... tá na versão espanhola
P: sim
- 1180 I: tá certo ? então o meu nome ainda tem é é contato com a origem é ... sefaradita
P: sim ... agora o senhor tá dizendo que por exemplo o Safdiê ... o nome foi mu mudado então
I: já foi mudado ... já foi traduzido né
P: mas ... mas toda vez ...
I: chegada da França
- 1185 P: que estrangeiro vem pra cá muda igual à família Alves né ... é Albaz
I: Albaz
P: não é ? e ficou Albaz é ahah ...
I: Bentes é ***Ruach***
P: Bentes ?
- 1190 I: Bentes é ***Ruach***
P: ***Ruach*** ?
I: é

- P: o nome dele ...
 I: é o nome do avô do do do Ramiro Bentes ... era **Ruach**
- 1195 P: mas o nome ou sobrenome ?
 I: **Rachamim Ruach** ... o nome do avô
 P: ah ... **Rachamim**
 I: **Rachamim** ... Ramiro **Rachamim**
 P: **Rachamim** é Ramiro ?
- 1200 I: Ramiro ... e **Ruach**
 P: **Ruach**
 I: **Ruach**
 P: sobrenome **Ruach** é espírito
 I: espírito ... vento ... não é ?
- 1205 P: sim ... vento
 I: daí ele ... na hora de traduzir colocou ... Bentes
 P: mas porque Bentes ?
 I: porque non hablaban português ... então Bentes ...
 P: mas isso ... o que é Bentes ?
- 1210 I: Bentes era uma forma do vento ... ventos ... {Bentes}
 P: {ah} ...
 I: não é ?
 P: Bentes ... ben ... {ventos}
 I: {ventos} ... ventos ... {Bentes}
- 1215 P: {ah ... Bentes} ... ventos
 I: que não ... ha {hablavam bien}
 P: {então} se muda muito ... o o nome
 I: se muda
 P: muda muito
- 1220 [...]
 P: agora continuando ... o seu compa ... a sua companheira é sefaradita ? não ?
 I: não
 P: é ... é ashkenazita ou não ?
 I: não é nem sefaradita nem ashkenazita
- 1225 P: não ...
 I: é goiazita ...(risos)
 P: (risos) ... eu não gosto muito dessa palavra ... acho essa palavra assim muito pesada ... o senhor não acha assim ? acho ela muito discriminadora assim ...
 I: é muito discriminadora
- 1230 P: góí goiá é assim ... eu falo brasileiro porque eu acho mais ... suave né ... acho muito pesado ... qual a importância do hakitia pro senhor ?
 I: a importância é que ela ainda representa vestígios de uma cultura que floresceu aqui nesta região
 P: vestígios de uma cultura
- 1235 I: são meros resquícios né ainda (...)
 P: considera importante as pesquisas e estudos relacionados ao hakitia ?
 I: totalmente ... agora valorizo quando o estudo é ... é levado a efeito de maneira científica não é
 P: de maneira científica né ... de maneira científica ... mas porque o senhor ?
- 1240 I: eu como sou da área não é ... eu valorizo ... os estudos feitos de forma sistemática organizada ... dentro dos referenciais teóricos da nossa época
 P: hum

- I: agora os leigos e ... que querem contribuir culturalmente ... que continuem fazendo isso
P: eu acho que ...
- 1245 I: eu não sou contra eles não
P: não ... não pode ser ... porque tudo acrescenta
I: só ... só na hora de lê-los eu levo em consideração não é ...
P: sei ... olha assim com ...
I: a formação deles
- 1250 P: sei ... já olha ... bom cada um tem a sua visão de ...
I: é ... claro
P: profissional ... é ... bom ... deixa eu ver ... é ... o senhor poderia citar algum dito provérbio alguma frase expressão que considera interessante em hakitia ?
I: hakitia ... pode virar um pouco o som ?
- 1255 P: pode o que ?
I: pra eu pensar um pouco
P: ah ... desligar ?
P: é ... **madre** ?
P: **madre padre**
- 1260 P: **padre** ... só um minuto ... sim
I: **abueta**
P: **abueta** ... com b ?
I: é
P: com b ... **abueta**
- 1265 I: **abueta**
P: **abueta** ... porque tem gente que me falou com g ... é ... aguelo
I: aguelo ? ... non conosco ... hicha hicho
P: hicha hicho
I: se bem que ... na verdade eles chamavam de **hijo** mesmo ... não hicho né
- 1270 P: ah ... j
I: com a pronúncia **hija hijo**
P: com som de jota
I: é **hijo**
P: jota
- 1275 I: tio é a mesma coisa ... **tio**
P: tia tio mesma coisa ? mas fala **tia** né ? **tia**
I: **tia** ... **tia tio**
I: vestido é **veste** né
P: **veste** ?
- 1280 I: **veste** é
P: mas com v ?
I: com v ... com v
P: v ... mas porque a pronúncia do espanhol é b né
I: é
- 1285 P: é som é vê ... mas tem um som de b
I: som de b
P: v ... veste
I: calça ... só sei em espanhol ... pantalones
P: pantalones é
- 1290 I: mas não é ... não é ... hakitia não era assim
P: não
I: tem sinagoga aqui que era ... **esnoga**

- P: **esnoga** com é ?
 I: é ... **esnogá** né
- 1295 P: tem acento ?
 I: povo esplendoroso né
 P: não ... mas **esnoga** ou **esnogá** ?
 I: não ... vem do *ivrit* es povo ... nogá esplendor né
 P: ah es
- 1300 I: a palavra esnoga vem de dessa vez do hebraico né
 P: ah tá
 [...]
 I: rabino ... acho que eles chamavam de de ... não era rabino ... rabino ... chamavam de **chacham** ... não é
- 1305 P: **chacham**
 I: **chacham** ... eu lembro era só de *Sidur* mesmo
 P: *Sidur*
 I: benção é *ivrit* **berachá**
 P: *brachá*
- 1310 I: essa a gente fala muito ... **berachá**
 P: **berachá** ou *brachá* ?
 I: **berachá**
 P: **berachá**
 I: bra *brachá* são vocês ashkenazim
- 1315 P: ah é né
 I: é ... nós {**berachá**}
 P: {**berachá**} ... **berachá**
 I: tem muitas expressões **berachá** e salud ... benção e saúde
 P: e saúde ?
- 1320 I: é ... salud
 P: sabe porque é interessante que o o acento aqui do dos *sefaradim* é *Iudá*
 I: é oxítone né
 P: é é ...
 I: por causa do alemão né ... que não tem oxítone
- 1325 P: mas quem fala mais é que eu falo é **Chevrá** ... eu falo *Chévra Cádisha*
 I: é **Chevrá Cadishá**
 P: *Iehuda* ... eu falo / é ... é diferente o acento aqui
 I: é ... mas é questão do dos ashkenazim com o ídiche né
 P: ídiche
- 1330 I: a influencia do ídiche no hebraico ... vocês pronunciam hebraico ... é ... com uma influência ídiche muito grande / isso foi problemático em Israel né
 P: não sei
 I: é problemático é
 P: porque problemático ?
- 1335 I: problemático porque ... a academia ao adotar a pronúncia ... adotou a pronúncia *sefaradi*
 P: ah
 I: só que tem que a língua ... *baal meá baal deá* ... tá escrito no *Talmud*
 P: *baal*
 I: *meá*
- 1340 P: {*meá*}
 I: {*meá*} *meá*
 P: é de cem

- I: cem ... quer dizer
P: *baal* é dono ?
- 1345 I: dono
P: (...)
I: o dono dos cem ... do dinheiro
P: sim
I: *baal deá* ... é o dono
- 1350 P: *baal deá* é idéia
I: idéia
P: é
I: então quem manda é quem tem o dinheiro ... na verdade
P: ah ...
- 1355 I: toda é essa
P: mas aqui ... a a a mídia funciona assim
I: a sociedade a é israelense ... ela é fundamentalmente ashkenazita do ponto-de-vista cultural
P: sei
I: o que prevaleceu / a valorização cultural de Israel foi a cultura *ashkenazi* ... não (...) apesar
- 1360 de ter sido a a maioria ... mas o dinheiro estava com vocês
P: hum
I: então a moda ... todas as coisas tudo passou pra na sua versão a ashkenazita ... então a academia ... ao escolher a a pronúncia *sefaradi* ... ela criou um conflito
P: sim
- 1365 I: porque a língua dos poderosos dos vencedores já era era os *ashkenazim* com o ídiche então eles ... provocaram naturalmente uma modificação de pronúncia... então você vê que pra nós no hebraico que 95% das pronúncias são ocítonas né ... daí os os *askenazim* começaram a tratar de forma paroxítona não é ... as palavras ... aí fica isso (nas pronúncias) **berachá**
P: pra mim eu não consigo falar assim é é
- 1370 I: é
P: *Iudá berachá* ... eu falo *Iehuda chévra* ... é {**chevrá**}
I: {Chevrá} Cadishá
P: mas em hebraico é **chevrá**
I: **chevrá**
- 1375 P: é **chevrá**
I: *Chévra Cádisha*
P: mas a gente não fala **Chevrá Cadishá** ... a gente fala *Cádisha* não é ?
I: é
P: já a aqui fala ... aqui fala muito também assim ... aqui já é de Belém ... Jaime {Jaime}
- 1380 I: {Jaime}
P: eu falo assim Jâime
I: Jâime
P: já é coisa de brasileiro
I: é
- 1385 I: feriado ... não sei ... Deus é **Dió** ... né
P: Deus é **Dió** ?
I: **Dió** ... **Dió te lo bendiga**
P: ah peraí ... isso é uma expressão
I: é
- 1390 P: **Dió** ...
I: **te lo bendiga**
P: **te lo bendiga** ?

- I: é
P: isso quer dizer ?
- 1395 I: que Deus te abençoe né
[...]
I: vendedor ... açougueiro ... eu não me lembro
P: isso é uma lista da do livro da Tracy Harris
I: porque eu podia te dizer todas aqui em castelhano mas ...
- 1400 P: não não
I: não tem validade
P: aqui é hakitia ... não ... castelhano não ... tem que ser hakitia autêntica
I: na verdade cemitério é *meará* que eles chamavam
P: isso ... ce cemitério ... deixa eu ver
- 1405 I: *meará*
P: *meará* ... que é caverna
I: caverna em *ivrit*
P: é
I: inteligente é ... como se diz inteligente ? inteligente (...) ... doente é **enfermo** mesmo
- 1410 P: **enfermo**
I: azarado ... triste **guachleado**
P: ah perai ... guach
P: triste **guachleado**
P: **guachleado** ... com g ?
- 1415 I: é
P: triste **guachleado** ... **guachleado** ... essa palavra eu não conheço
I: burro *chamor*
P: burro ... deixa eu ver onde tá o burro ... burro ... ah ... *chamor*
I: ler é **meldar**
- 1420 P: ler é **meldar**
I: **meldar** ... sorte é *mazál*
P: *mazál* ... a gente fala assim *mázal tov*
I: isso
P: *mazál tov*
- 1425 I: pois é ... especificamente as que eu sabia que tinha uma diferença em hakitia eram essas aí ... o resto ...
P: não ... se for espanhol não ...
I: era falado em espanhol ... não vem ... não vem ao caso né ?
P: agora o senhor gostaria de acrescentar alguma informação que conside que considera importante à pesquisa ? alguma coisa que não foi dita ... não ? ou foi tudo dito ?
- 1430 I: não ... o que eu sabia eu acho que foi ... tudo dito
P: não mas ... mas assim ... alguma alguma consideração ... algum comentário ?
I: não ... eu só ... só desejo que a pesquisadora tenha muito sucesso
P: obrigada ... (risos)
- 1435 I: na pesquisa

ANEXO 5

Documentação Complementar

Cópia de carta em hakitia

Primeira versão - ortográfica

con la transcripción que he adoptado para este libro y el precedente (*Las Nuzus*). La transcripción se funda sobre la lectura que me dio mi informante (que también es de Tetuán) y que tengo grabada sobre cinta.

Primera versión (fotográfica)

Tetuán 10 de Agosto 1878

Se Dn Anram Chocrón
Manaos, Brasil

Mi querido hijo de mi alma y corazón,
Recibi mi gueno tu deseada carta y la ensala (ayuda en dinero que los emigrados mandaban a su familia) que mos mandastes, me echas en el foyo por ese corason tuyo. Mi Señor te lo jálfee (pague, cambie) por cada chavo en años de vida larga.
Ferasmal tu padre fé a la Banca de Hassan y vino doblado con ese saquito de duros Hassani que vino a fuquearnos (ayudarnos) para el desposorio (compromiso de boda) y boda de Meriamita tu hermana, la sonajita como tu la llamas. Que sería de módotos sin esa ayuda derecha, estaríamos echados en la estera.
Te lo contaré todo, mi bueno, no me sea tu falta. Un día módotos sentados vino Hermano Mesahem el jotab (casamentero) y mos trucho (trajo) un mancebo de Elary que le gusto la niña y la pidió en cabello, ajar lo que queramos. A tu padre le pareció mucho gueno y de la ora dijo que sí, mandó el novio una sinia (bandeja) de alconfites (dulces) tapada con una meherma de seña, frascos de almíscle (perfume) y un anío de esmeralda vino con su madre y le pusimos un convite lundo, la bohalla (boba, tómba) de tu hermana se averguenzo, pero tu tía la dio dos cheenchleones y la vistió de rosa y el novio vestido de flamengo (a lo europeo) un jal (una prenda) se resmiraba en ella (chenchleones 'empujones').
Quería cazarse pronto. Boda y punto todo junto. Cuando pasaran las 3 semanas así que mos pusimos como el moro a los palos, uia, uia ella en la maquina tu padre fé a la Kaisería y mercó 2 piezas de Ruan y una de Cambray puntias y ella día y soche cuzziendo (cosiendo) mucho lo velo al candil la mesquina.
Y yo en la azorra (desperna) destilando aguardiente tu mano de redomas (botellas), bollas de letarinas (frutas y legumbres escarchados) de limon berenjena calabaza y asabar haciendo rosoli (liquor) me halquei (me agoté) mi gueno pero con gusto sarna con gusto no pica.

178

Tu padre compro el saco de jales (harina), pilones de arrocax y tinajas de aceite de argan encargo a Semuel el de la alhagaa, mazapanes caberzales marronchinos y almendrados (nombres de diferentes clases de dulces) todo de almendras y luzidos.

Y discues del Tabanit de se haga la vida de los moros empezo la boda blanqueimos la casa toda algorfas (dormitorios) morada (salón) portal (vestibulo) el contor (saloncito), y una lrechada de almagra (pintura de cal y almagra) en el patin (patio) y setuan (eserada exterior) con filo de ararcon (pintura azul), unos calicués (cortinas) nuevos esta la casa eshalendo (brillando) y cabe (al lado de) la cuerta (puerta) pumi una jansa (mano de cinco) para que no mos toque Ain Azi (mal de ojo) ni me quede para tal.

El jueves era la tufeta no sea tu falta mandó el novio la sinia de pasas y almendras y alconfites. El sabat de sataray (fiesta de despedida de la novia que se hace en su casa el sábado antes de la boda, por la tarde) fimos a ernoga (sinagoga) a tirar los alconfites y descuos vino la ziana (los miembros de la sinagoga) de Tefila (la sinagoga) se adularon la boca y dimos puño (puñado de dulces y confites que se da a los invitados a una fiesta antes de marcharse para que se lo lleven a casa) vino la familia a comer, me salió una orisa y una adafina de pata (platos tradicionales del sábado a mediodía) que todos dicheron (dijeron) que no se corten manos que guisaron esa comida y para asentar la voluntad (para postre) falana (sardía) dulce como tengas tu vida. Noche de Alhad (sábado por la noche) hitimos cobita (fiesta), con aguadin (músicos moros), Allal con la camancha (especie de guitarra) y el violon las niñas y los mancebos ballaron y dimos té y dulces y el novio que es de Laary tiene hada (tradición) de strelaj, alquillas caballos y sulhames (capas) blancos y se van amostados a vjitar a la farnia.

El alhad (domingo) la quetuba (contrato de matrimonio) en ca del novio mandimos el achuar (ajuar) cofres y baules llenos sahanas rodapiés, estorcimas de todo lo bueno, y el novio mandó con el Arrad (hombre encargado de hacer las invitaciones para las fiestas y de llevar los regalos) una arquita (cofre pequeño) llena de madejas de ayodar (perlas), aljotas (xarcillos), gargastrillas (pendientes), anios rollos de oto mucho bueno son gente de alto borde.

El lunes el labado (baño ritual de la novia) mandé un presente de pasteles de oja, gaina, caldo, rosquetes y pudin y vino la madre y hermanas y comieron aqui.

El martes la alheta mandaron den ca del novio chubaiquias (dulces moros hechos como unas rosas fritas y empapadas en miel) y queso blanco, y vinieron todas las niñas y se puzieron alheta despues se empasó la novia (se sentó con mucha ceremonia, engalanada y vestida con un traic tradi-

179

Segunda versión - transcripción

cional de gran lujo') Vino la machta ('mujer que viene a vestir y maquillar a la novia') y la pintó con alcohol y albayalde y se vistió con paños escarpines bordados la jialdeta el casot la punta las mangas y la cuchaca en la cintura ('diferentes partes del traje de paños o traje de berberisca'), en la cabeza crinches ('trenzas o cabello postizo') la oca y la esfifa y jemar ('piezas del tocado') estaba una luz del día mazal ('suerte') bueno tenga. Todos me decían no sea la falta de Amram vino la hebra ('sociedad de hermandad de la comunidad que se encarga de toda clase de funciones sociales - fiestas y funerales - y de beneficencia') con naoras y fnares ('linternas grandes y pequeñas') y con soja ('canto tradicional de boda') y albugualas ('gritos de regocijo') que se caía la judería, salió tu hermana en buena hora y besemantob ('voto de buena suerte')

Yo hizi el vestido del brocado que me mandates color de vino y con el pañuelo levado ('modo de ponerse y anudarse el pañuelo en la cabeza para las mujeres') y el alquisel ('mantón') estaba mucho haloza ('elegante') y tu padre compro un yalak ('traje tradicional largo de los hombres') blanco y un capote de uno que se vistió flamenco ('a lo europeo') le costó erjes ('barato') y estaba una hiba ('importancia, aspecto de respeto') parecía un malaj ('un rey') pero me suseo los huesos ('me dio la lata') con el gaste que se nos kadeaban ('terminaban') los chavos que vamos a empeñar hasta el saragüel ('pantalones anchos y recogidos, a lo turco, que llevan los hombres'), pero loores a mi Señor luzimos y mos sobró Artura lo tengas mi gueno, mejorado tu, el miercoles el sebah berajot ('las siete bendiciones que se dicen en la boda, y por extensión, la boda') una quetuba de maalá ('contrato de matrimonio de importancia') de hasta los de Castilla el dayan ('el juez') los cazó y la sehuda ('cena formal de la noche del casamiento') con todo lo bueno, letrea ('sopa de gallina con pastas'), lengua, meollos gaina rellena gaina fervidas la alfeha de boda ('mezcla de cebollas, almendras y miel frita'), almendras tostadas pudim y todo con mashia ('aguardiente') y vino que estaban todos secranim ('borrachos') cantando hasta el paipero ('canto de boda algo vulgar'), y modotras arriendo Ven mi bueno y alegamos con cazarte y gozarte.

Bueno ya te lo conti todo filo por aguja, tu padre se descariña ('le da pena') por no saber leer, la ley la melda como la agua pero la letra nafla ('nada') mi Señor se lo pague a mi madre que me mandó a la Alianza y en buen mundo estén Mr Abraham Ribby y que no me quedí ciega y hatta Meaham Loed meldí (meldar es 'leer en hebreo textos sagrados o tradicionales', Me'am Loed 'texto tradicional en ladino') con Rby Eliyau Bibas y así me alegre con tus nuevas

Tu padre te da sus bendiciones bezos y abrazos de tus hermanas
Recibe el corazón de tu madre que mucho te quiere y ver tu cara desea

Rahel Chocrón

Segunda Versión (transcripción)

Tetuán 10 agosto 1878

Mi querido hijo de mi alma y corazón

Recibí mi bueno tu deseada carta y la ersala que mos mandates, me echas en el foyo por ese corazón tuyo. Mi Señor te lo jalfee por cada chavo en año(s) de vida larga

Ferazmal tu padre fe a la Banca de Hassán y vino doblado con ese saquito de duros Hassani que vino a fuquearnos para el despozorío y boda de Meriamita tu hermana, la sonajita como tú la llamas. Que sería de moḥ otros sin esa ayuda derecha, estaríamos echados en la esterá. Te lo contaré todo mi bueno no me sea tu falta. Un día mootros sentados vino Hermano Menahem el hotab y mos truchó un mancebo de Elasry que le gustó la niña y la pidió en cabello, ajuar lo que queramos. A tu padre le pareció mucho bueno y en la hora dijo que sí. Mandó el novio una sinnía de alconfites tapada con una meherma de seda, frascos de almisce y un anfo de esmeralda. Vino con sumadre y le puñimos un convite luzido. La bajalía de tu hermana s'avergüenzaba, pero tu tía la dio dos chenḥleone(s) y la vistió de roza y el novio vestido de flemengo un jial, se dezmiraba en ella.

Quería cañarse pronto. Boda y punto todo junto. Cuando pasaran las tres semanas; así que mos pusimos como el moro a los palos, ewa ewa, ella con la máquina. Fe tu padre a la Kaisería y mercó dos piezas de Ruán y una de Cambray, puntías, y ella día y noche cuñiendo mucho lo veló al candil la mezquina.

Y yo en la aźoría destilando aguardiente tu mano de redomas, ollas de letuario(s) de limón, berenjena, calabaza y aźahar, hañiendo rosoli, me ḥalqueé mi bueno, pero con gusto, sarna con gusto no pica.

Tu padre compró el saco de jales, pilones de azucar y tinajas de aceite de argan, encargó a Semuel el de la alḥalua, mazapanes, khaberzales, marronchinos y almendrados, todo de almendras y luzidos.

Y discusé del Tahanit de se haga la vida de los moros empezó la boda, blanqueímos la caña toda, algorfas, morada, portai, el contor, y una lechada de almagra en el patín y setuán con filo de aźarcón, unos calicudes nuevos; está la caña ḥ'aleando y cabe la cuerda puñi una ḥamsa para que no mos toque el 'ainará ni me quede para tal.

El jueves era la tufera no sea tu falta, mandó el novio la sinnía de pasas y almendras y alconfites. El sabat de saftarray fimos a eznoga a tirar los alconfites y discusé vino la žiara de Tefilá, se adularon la boca y dimos puño, discusé vino la famía a comer, me salió una orisa y una adafina de pata que todos dichieron que no se corten manos que guñaron esa comida,

Fim da segunda versão e exemplos de conversações em hakitia

y para asentar la voluntad falansa dulce como tengas tu vida. Noche de Alħad hižimos enbita, con 'awadi, Allal con la camancha y el violón, la(s) niñas y los mancebos bailaron y dimos té y dulces y el novio que es de El'asry tiene 'ada de metkhal. Alquilaron caballos y sulħames blancos y se fueron amontado(s) a vijitar a la famia.

El alħad la ketubbá en ca del novio, mandimos el aħuar, cofred... y baules llenos, sabanáas, rodapiés, estormía(s), de todo lo bueno, y el novio mandó con el 'arrad una arquita llena de madečas de ajofar, aljorsas, gargantías, aníos, rollos de oro, mucho bueno, son gente de alto borde.

El lune(s) el lavado, mandé un prežente de pasteles de oja, gaina, caldo, rosquetes y pudim, y vino la madre y las...hermanas y comimos...aquí. El marte(s) la alfeña, mandaron den ca del novio ċhubaikiá(s) y quežžo blanco, y vinieron toda(s) las niñas y se pužieron alfeña; después se emparó la novia. Vino la maħta y la pintó con alcohol y albayaide y se vistió con paños, escarpines bordados, la ģaldeta, el khasot, la punta, las manga(s) y la kuchaka en la cintura. En la cabeza crinche(s), la okhaya y la esifa y ħemmal. Estaba una luz del día, maħal bueno tenga. Todos me dežían no sea la falta de lo bueno mío de Ambrán. Vino la ħebrá con naoras y fnares y con sojar y abarwalás que que se caía la judería, salió tu hermana en buenad...hora(s) y besemantob.

Yo hiži el vestido del brocado que me mandates color de vino y con el pañuelo levado y el alquisel estaba mucho haloža, y tu padre compró un yalak blanco y un capote de uno que se vistió flamenco, le salio erjes, y estaba una ħiba, parecía un malaj, pero me suseó los huesos con el gasto, que se nos va khadear los chavos, que vamos a empeñar hasta el saragtiel, pero loores...al Dio lužimos y mos sobró.

Hartara lo tengas mi bueno, mejorado tú, el miércoles el sib'a berajot, una ketubbá de ma'alá, de hasta los de Castilla, el dayán los cažó, y la se'udá con todo lo bueno, letrea, lengua, meollos, gaina rellenada, gaina(s) fervidas, la alfeña de boda, almendras tostadas, pudim y todo con maħiá y vino que estaban todos sekranim, cantando hasta el paipero, y mod otra(s) arriendo.

Ven mi bueno y alégramos con cažarte y gožarte. Bueno ya te lo contí todo filo por aguja. Tu padre se descariña por no saber leer, la ley la melda como la agua, pero la letra nafla. Mi Señor se lo pague a mi madre que me mandó a la Alianza y en buen mundo estén *Monsieur* Abraham Ribby, y que no me quedí ciega y hatta Me'am Loed meldí con Rebbi Eliyau Bibás, y así me alegro con tu(s) nuevas, que venga(s) y te vea tu cara de luz. Tu padre te da sus bendiciones, bežos y abrazos de tu(s) hermaná(s). Recibe el corazón de tu madre que mucho te quiere y ver tu cara desea.

Rahel Chocrón

182

Conversaciones

Tánger, 1984

El Soco

A vez no se puede salir al soco, porque siempre hay alguno detrás que te persigue, esos mallogrados que siempre están detrás de tu bolso, de tu cartera, los negros chiquitos; el otro día se fue Luna al soco, hizo la compra, de todo lo bueno compró, ni quedó pollo, ni quedó pescado; le dijo al morito, le diže, vaite, adelántate, coge un taxi que allá voy yo; fue a coger el taxi, dežapareció el morito, venga coza que le tigre, el mallogrado dežapareció con la compra y con todo, wa vay, wa eso. (tigreat 'hacer desaparecer, quitar del medio')

(R.A., Tánger)

Un grano de filosofía

—Alhota, alhota, todo se gasta
—Una mano, haremos woh por todo, una vez se vive, después nos estricamos, y ¿de qué aprestó alhotar?
¿Qué vamos...a lebar con možotros?

(una mano, haremos woh por todo 'que más da, no importa, no nos preocuparemos'; estricarse 'caerse, morirse'; aprestar 'servir'; alhotar 'economizar').

(L. M., Tánger)

Problemas domésticos

—¿Te vino la negra de la criada hoy por fin?
—Mandó a dežir que mañana vendrá
—La negra toda, ¿qué le vas...a dežir?
—¿y qué la voy a dežir, con esa cara de amargada con que me viene, que la voy a dežir? Que venga ukuán
—¿Sabes lo que es? Esta amarga no apresta de nada, que le vas a hažer, tirarla no puedes, ni lo pienses, porque es sobrina de Feražmal, wa selkea ukuán y el Dio que apiade.
(ukuán 'nada más'; selkear 'transigir, aceptar, resignarse')

(A.E., Tánger)

183

Fonte: Voces Jaquetiescas – Alegria B. de Bendelac, 1990:178-183.

Tradução de uma canção em aramaico da festa de *Pessach*
(esta foi mencionada pelo informante 6)

Un cabrito y un cabrito
que me compró mi padre por dos ochitos.
Vino el gato y comió el cabrito
que me compró mi padre por dos ochitos.

Un cabrito y un cabrito
que me compró mi padre por dos ochitos
y vino el perro
y mordió al gato
que comió al cabrito,
que me compró mi padre por dos ochitos.

.....

Un cabrito y un cabrito
que me compró mi padre por dos ochitos,
y vino el Santo Bendito Él
y mató al malaj hamavet [‘ángel de la muerte’]
que mató al sojet [‘matarife’]
que degolló al buey
que bebió el agua
que apagó el fuego
que quemó el palo
que pegó al perro
que mordió al gato
que mató al cabrito
que me compró mi padre por dos ochitos.

(Larrea, Rituales, 104)

Fonte: Los Sefardíes: Historia, Lengua y Cultura – Díaz-Mas, 1993: 163-164.